











UMA CONTISTA NA IMPRENSA HUMORÍSTICO-ILUSTRADA PORTUGUESA:

SÍLVIA DA VINHA NO SEMANÁRIO PONTOS E VÍRGULAS

FRANCISCO DAS NEVES ALVES ISABEL LOUSADA

UMA CONTISTA NA IMPRENSA HUMORÍSTICO-ILUSTRADA PORTUGUESA: SÍLVIA DA VINHA NO SEMANÁRIO *PONTOS E VÍRGULAS*





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves Isabel Lousada

UMA CONTISTA NA IMPRENSA HUMORÍSTICO-ILUSTRADA PORTUGUESA: SÍLVIA DA VINHA NO SEMANÁRIO *PONTOS E VÍRGULAS*



- 45-











Lisboa / Rio Grande 2021

Ficha Técnica

Título: Uma contista na imprensa humorístico-ilustrada portuguesa: Sílvia da Vinha no semanário *Pontos e Vírgulas*

Autores: Francisco das Neves Alves e Isabel Lousada

Coleção Documentos, 45

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Composição com gravuras do periódico *Pontos e virgulas*

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Julho de 2021

ISBN - 978-65-89557-14-2

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.

Isabel Lousada é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (1984), Mestre (1889) e Doutora (1999) em Estudos Comparados – Anglo Portugueses, pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). É Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da FCSH, Investigadora Integrada no CICS.NOVA e Investigadora colaboradora no CLEPUL (UL).

Trabalho concernente ao Estágio Pós-Doutoral de Isabel Lousada, com a supervisão de Francisco das Neves Alves, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Aferida à mulher, em geral, pela cocote do boulevard ou pela bailarina da ópera, o autor compraz-se em entornar por uma suja tela as sombrias tintas de uma pintura mentida, em espraiar-se por uma lógica aviesada, que vem, inconscientemente, servir os interesses daquelas que ousam respirar um pouco acima do pântano em que as convenções sociais atuais pretendem sufocar-lhes legítimas as aspirações de emancipação.

Sílvia da Vinha "A emancipação das mulheres" *Pontos e vírgulas*, 1º jun. 1895

ÍNDICE

Sílvia da Vinha: uma contista no hebdomadário <i>Pontos e vírgulas</i>	13
Os contos de Sílvia da Vinha	63

SÍLVIA DA VINHA: UMA CONTISTA NO HEBDOMADÁRIO *PONTOS E VÍRGULAS*

As inter-relações entre Literatura e imprensa ao longo dos Oitocentos foram significativamente íntimas, havendo normalmente algum espaço nas páginas dos jornais destinadas a algum tipo de matéria de natureza literária. Os grandes diários muitas vezes ostentavam em seus cabeçalhos inscrições que envolviam temas como noticioso, comercial, político e literário, revelando a intenção de demarcar essas interfaces. O literário era inserido em tais folhas com a presença de textos e prosa ou em verso, inclusos com periodicidade variável e dos folhetins, normalmente publicados de forma consecutiva ao pé da página, os quais viriam a cair no gosto dos leitores. Havia também as publicações destinadas especificamente à Literatura, deixando de lado o norte editorial informativo, para dedicar-se ao aprimoramento cultural e ao entretenimento. Mas outros gêneros jornalísticos também abriram seu veio editorial ao literário, como foi o caso da imprensa humorístico-ilustrada que, destinada essencialmente, à prática de um periodismo crítico-opinativo, calcado na ironia, na sátira e no humor, também reservavam suas colunas para a divulgação de temas literário-culturais.

Tal processo também ocorreria junto à imprensa portuguesa, que passava por uma fase de grande expansão, notadamente na segunda metade do século XIX, com jornais que cada vez mais se profissionalizavam, estruturando-se como empresas, aprimorando a qualidade gráfica, promovendo o incremento às tiragens e empreendendo constantes atualizações tecnológicas. Os periódicos

diários consolidavam-se, garantindo uma perenidade considerável e a afirmação no papel de convencimento da opinião pública. Além disso, havia uma significativa especialização do jornalismo luso, com a edição de folhas voltadas a um gênero jornalístico específico ou a uma representação de natureza político-ideológica ou socioeconômica. Nesse contexto, a imprensa humorístico-ilustrada ganhou terreno e caiu no gosto do público, interessado nos textos cáusticos e nas gravuras cômico-satíricas que traziam uma versão caricatural da realidade retratada. Este estudo destaca a inserção literária junto de um hebdomadário caricato lusitano, abordando mais especificamente a presença de uma contista nas páginas do *Pontos e Vírgulas*¹.

Este livro teve sua origem vinculada à pesquisa realizada no ano de 2015 acerca de imagens do feminino na imprensa caricata portuguesa. Nas páginas do periódico portuense *Pontos e Vírgulas* foi encontrada uma interessante matéria intitulada "A emancipação das mulheres" e, ainda mais peculiar, o texto era assinado por Sílvia da Vinha. Na ampla maioria do jornalismo de então, mormente aquele vinculado à caricatura, os responsáveis pela redação e os colaboradores estavam identificados com o sexo masculino e aquela presença de um nome feminino já era digna de atenção. Posteriormente, ocorreu uma varredura mais pormenorizada da folha caricata publicada no Porto, verificando-se que os textos com aquela assinatura se distribuíram por um período de aproximadamente um ano, de junho de 1894 a julho de 1895.

-

¹ Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves & LOUSADA, Isabel Maria da Cruz. Sílvia da Vinha: escrita feminina na imprensa caricata portuense. Lisboa: CLEPUL, 2019.

Desencadeou-se então uma nova pesquisa voltada a identificar e compilar todas as matérias assinadas ou ainda notas e textos de outra natureza que fizessem referência à Sílvia da Vinha. Simultaneamente intentou-se verificar qualquer possível evidência acerca da autora em obras com algum tipo de referência biobibliográfica no contexto lusitano e no seu âmbito jornalístico, nas quais não há qualquer informação². Sem tais rastos, permaneciam diversas dúvidas, notadamente quanto a uma possível identidade da escritora, ou até mesmo a respeito da confirmação da sua existência.

Sílvia da Vinha poderia constituir uma autora que atuou em um espaço/tempo bastante restrito, publicando em um meio não tão conceituado para a época como eram os jornais caricatos e que, portanto, não foi incorporada ao cânone literário português, como aconteceu com várias outras escritoras que

² Tais obras foram: ANDRADE, Adriano Guerra. *Pseudônimos de autores portugueses:* contribuição para um dicionário. Lisboa: [s.n.], 1985.; ANDRADE, Adriano Guerra. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.; ARANHA, Pedro W. de Brito. *Fatos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Liv. e Editora, 1907-1908. 3 tomos.; CHAGAS, Manoel Pinheiro. *Dicionário popular histórico, geográfico, mitológico, biográfico, artístico, bibliográfico e literário*. Lisboa: Lallemant Frères, 1876-1886. 16 vols.; CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941.; MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941.; PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal: dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Editor, 1904. 7 vols.; e SILVA, Inocêncio Francisco da & ARANHA, Pedro W. de Brito. *Dicionário bibliográfico português: estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 vols.

não aparecem nos "manuais" de uma história literária lusa. Mas aquele poderia ser também um pseudônimo utilizado por uma senhora que procurava não ser associada aos textos publicados no Pontos e Vírgulas, pois, por mais que este periódico buscasse mostrar-se como uma folha destinada a um público mais amplo, inclusive o feminino, sobre suas matérias e desenhos recaía um significativo preconceito. Como a maior parte da imprensa caricata de então, tal visão preconceituosa advinha dela não se tratar daquilo que se convencionava denominar de imprensa séria, por seu caráter essencialmente crítico-opinativo, ou ainda por algumas vezes chegar a ter seu conteúdo categorizado como pornográfico. Tais fatores criariam a tendência de uma senhora talvez não desejar associar o seu nome a essa modalidade editorial, recorrendo então à pseudonímia. Finalmente, Sílvia da Vinha poderia ser ainda o pseudônimo de um homem que visava a chamar atenção dos leitores pelo inusitado de uma mulher estar colaborando com o periodismo caricato, algo nada comum no horizonte das folhas caricaturais de então. Nesse sentido, a presença de tal escrito feminino serviria como um atrativo e um diferencial para o jornal, tão carente de assinantes ou compradores de números avulsos, como era típico entre os representantes da pequena imprensa de então.

A permanência dessas dúvidas/conjeturas quanto à identidade de Sílvia da Vinha poderia constituir um empecilho à continuidade da pesquisa. Entretanto, a opção foi pela permanência, levando-se em frente inclusive a possibilidade da publicação do material pesquisado. Tal divulgação traz consigo a possiblidade de uma amplitude maior para o conhecimento dos textos de

Sílvia da Vinha, que, se confirmado a identidade com a escrita feminina, não deixa de carregar consigo um certo aspecto precursor. Além disso, a publicação do material obtido somada à abordagem analítica, ainda que muitas vezes conjetural, podem propiciar que venham a surgir colaborações de toda a ordem que porventura sirvam para desvendar estas tantas obscuridades acerca da personagem em questão. O enfoque dos textos em si da lavra de Sílvia da Vinha são antecedidos por uma breve abordagem da conjuntura portuguesa e da evolução de sua imprensa à época da sua publicação.

Na última década dos Oitocentos, a sociedade portuguesa passava por uma grave crise conjuntural que a afetava em suas mais variadas esferas, predominando um espírito de saudosismo e de insatisfação. As saudades dos tempos de outrora traziam as recordações de Portugal como uma nação hegemônica que dominava mares e continentes, mas que, com o passar dos séculos, e dos rearranjos no cenário internacional, perdera espaço progressivamente, até tornar-se um Estado de parcos recursos, subjugado aos interesses de outras potências que alastravam seu poderio pelo mundo. Já os descontentamentos advinham da percepção de que toda aquela riqueza do passado esvaíra-se, resultando em um país empobrecido e com escassas condições de almejar os caminhos de progresso atingido por outras nações, além do fato das possibilidades de ascensão social serem quase nulas para a majoria dos seus cidadãos.

Tal crise se manifestava de forma ampla, aguda e estrutural. Em termos de política internacional, o quinhão restante do amplo império colonial

dilapidado ao longo do tempo, sofria constantes ameaças a partir da ação imperialista das potências europeias, mormente a Grã-Bretanha, cuja hegemonia sobre a nação lusa tornara-se inexorável ao longo das últimas centúrias. Havia também o infindável problema da dívida externa que acarretava uma instabilidade financeira cada vez mais contundente. As estruturas políticas internas se encontravam em frangalhos, num quadro pelo qual o modelo de rotatividade partidária entre os dois principais grupos políticos monárquicos fragmentava-se e ruía, com múltiplas acusações entre governistas e oposicionistas e pela formação de dissidências no seio das agremiações. A linha tênue de desenvolvimento das décadas anteriores trouxe um surto industrial que, por sua vez, multiplicou o operariado. Somava-se a isso um crescente êxodo rural, do qual se originava uma massa urbana prenhe em insatisfações. Diante de tão sinistro quadro, cresciam as forças políticas alavancadas pelo espírito de contestação e alicerçadas num heterogêneo movimento republicano e até em tendências políticas mais extremas, como o socialismo e o anarquismo.

Dessa maneira, essa foi uma época "extraordinariamente agitada para Portugal, na sua política interna e na sua vida de relações internacionais". Houve o "choque da expansão colonial na África com os planos do imperialismo inglês, até o ultimato de 1890". Deu-se "a crise financeira, com a bancarrota" e "as intermináveis negociações para a conversão da dívida externa, cortadas de peripécias humilhantes". Já "a política interna" foi "dominada pela delinquência e dissolução do sistema rotativo", em um quadro pelo qual, "os políticos

monárquicos tinham-se mutuamente desacreditado, atribuindo-se e exagerando culpas e responsabilidades". Além disso, as "questões de administração pública" que "andavam envenenadas de suspeições infamantes" e "os dois antigos Partidos Regenerador e Progressista desagregavam-se, desprestigiados e enfraquecidos pelas cisões". A "dinastia impopularizava-se", enquanto "a agitação republicana, incitada pela desagregação e descrédito dos partidos monárquicos", crescia e avolumava-se³.

Nessa linha, tal processo histórico esteve enquadrado "numa séria crise econômica e financeira, de âmbito internacional" que se propagara pela Europa e América, repercutindo "em Portugal como possivelmente nenhuma até então, sendo agravada pelo ambiente de pessimismo e de profunda descrença nos governantes, nos modos de governar e no próprio país", permeabilizando "as classes dirigentes e grande parte da opinião pública". Ocorreram "a depreciação da moeda, a falência de alguns bancos, o aumento da dívida pública e a contração nos investimentos", fenômenos acentuados "pela gravidade da boataria circulante, a agitação nas ruas e a momentânea instabilidade governativa". Tudo isso resultaria em "um longo período depressivo que persistiu durante quase toda a década de 1890"⁴.

_

³ GUEDES, Marques. Os últimos tempos da monarquia: 1890 a 1910. In: PERES, Damião (dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. v. 7. p. 412.

⁴ OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. A conjuntura. In: SERRÃO, Joel. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. (dir.). *Nova História de Portugal – Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. v. 10. p. 512.

A conjuntura de desagregação política aprofundava-se ainda tendo em vista que "a grande indústria, na segunda metade do século XIX", provocara "o aparecimento de problemas político-sociais de grave acuidade". Nesse quadro, às "massas de trabalhadores assalariados dos centros fabris vieram acumularse as dos trabalhadores rurais, que desertavam da lavoura, atraídos pelo constante pedido de braços para a indústria e a sedução da vida dos meios citadinos". Essas "aglomerações de homens desenraizados da terra e sem outros meios de vida além do seu salário, criaram outros tantos focos de agitação política e revolucionária". Desencadeava-se, assim, um "surto de uma classe média de pequenos e médios burgueses e um acréscimo de operariado que se sentiam oprimidos pela grande burguesia e a aristocracia dirigentes". Tais "grupos urbanos" viriam a constituir "novidade pelo número e a concentração atingidos" e "representavam o sedimento de base do republicanismo militante e a grande força de ataque ao rei, às instituições monárquicas e à Igreja ou, pelo menos, ao clero".

Um dos fatores que mais agravou a crise política portuguesa nos anos noventa foi o ultimato britânico estabelecido em janeiro de 1890. O projeto imperialista da Grã-Bretanha de dominar a África de norte a sul não levou em conta as velhas alianças com Portugal, cujos supostos direitos sobre terras localizadas em suas possessões entre Angola e Moçambique foram desconsiderados, sendo os lusitanos obrigados a abandonar tais pretensões. O

⁵ GUEDES, 1935, p. 413.

⁶ OLIVEIRA MARQUES, 2004, p. 512.

ato de ceder à pressão inglesa teria um altíssimo custo político em relação às autoridades públicas portuguesas, gerando ferrenhas explosões de contestação, acirrando-se os espíritos de reivindicação, inclusive com o espocar de uma revolta republicana na cidade do Porto. Perante o ultimato, "se desenharam na opinião portuguesa duas correntes opostas", ou seja, os "receosos das consequências" que "queriam pactuar desde a primeira hora" e aqueles que entenderam pelo "dever da resistência", de modo que "os britânicos só venceriam pela força", mas sem a "legitimidade do esbulho", que impuseram aos lusos. Com a revelação do acordo britânico-lusitano, houve "a explosão de uma indignação patriótica exaltada e fremente" e, "na imprensa e nas ruas, manifestou-se um sentimento de unanimidade de protesto e de ódio à Inglaterra, que, dentro em breve, atingia a monarquia e o rei". Estabelecia-se, desse modo, o agravamento da crise, com insistentes trocas de ministérios na constante busca por soluções.

Nesse contexto, "a intimação britânica lançou o país num estado de emotividade próximo da insurreição", no qual se "sucederam, com grande espontaneidade, os comícios, as conferências sobre as causas do conflito, os gestos simbólicos de desagravo e as iradas imputações de responsabilidades", vindo a ser "o ano de 1890 todo de um crescendo de motivos revolucionários". Assim, o ultimato "desencadeou um movimento de protesto que veio a estar na

⁷ GUEDES, 1935, p. 414, 417, 419 e 427-429.

⁸ HOMEM, Amadeu Carvalho. *A propaganda republicana (1870-1910)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990. p. 41 e 43.

base da intentona republicana de 31 de janeiro de 1891", no Porto. No bojo das motivações de tal movimento estiveram também os "condicionantes de média duração", como a "agudização dos conflitos interimperialistas", a "grande depressão internacional", a "crise financeira e política" caraterizada em Portugal "na contestação do livre-cambismo e do rotativismo constitucional e na defesa do chamado trabalho nacional". Entretanto, "a causa imediata" da insurreição foi "o choque da opinião pública perante a intimação do imperialismo britânico".

Desse modo, a partir do ultimato britânico, "republicanos e monárquicos convergiram num protesto veemente" que trazia em si "a válvula de escape de todos os descontentamentos contra a política que se tinha e a sociedade em que se vivia". Nessa época, não só os republicanos foram às ruas protestar, sendo acompanhados pelos regeneradores que faziam oposição ao gabinete progressista, levando à sua derrubada e a um acirramento ainda mais veemente das disputas entre os dois partidos monárquicos. Mas foi no seio do republicanismo que se desencadeou a maior agitação, uma vez que "o desprestígio da monarquia e dos seus governantes convenceu muitos republicanos de que chegara o momento de lhe por fim". Mas, na perspectiva da insurreição de 1891 no Porto, o Partido Republicano Português "concluiu que não existiam condições para uma revolução imediata com perspectivas de triunfo" de modo que "não bastava a agitação das ruas para garantir a proclamação de

-

⁹ CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal da formação ao 5 de outubro de 1910*. 2.ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2000. p. 114-115.

uma república". Assim, "foi sobretudo um grupo de sargentos do Porto, com poucos oficiais e alguns civis que alimentou a ideia da revolta", mas, "mal planeado o movimento só triunfaria por um bambúrrio da sorte, que não aconteceu" e, em seguida, "a repressão não se fez esperar"¹⁰.

Assim sobrevivia a monarquia constitucional em Portugal ao final do século XIX. Um novo rei subia a um trono ameaçado, mas que conseguiria ainda manter-se por duas décadas. A crise econômico-financeira assolava o país, afundando-o cada vez mais no endividamento externo. O crescimento de outros contingentes populacionais ameaçava o predomínio aristocrático. Os partidos políticos tradicionais enfraqueciam-se, denotando o derruir do sistema rotativo e abrindo espaço para outras forças políticas que levavam em frente o espírito reivindicatório e de contestação, como os republicanos, em maior escala, mas também socialistas e anarquistas. A voracidade imperialista colocava o império colonial luso na África em risco, e tal perigo se cristalizaria com o ultimato britânico, que traria consigo o recrudescimento das insatisfações para com o regime vigente.

Ainda que crises e dificuldades tenham caracterizado a existência de Portugal, mormente no século XIX, a nação lusa não deixou de contar com segmento cultural expressivo, a partir de um periodismo significativamente desenvolvido em patamares que envolveram alcances e limites, progressos e defasagens, escassez de recursos e aprimoramentos gráficos e editoriais, que a colocariam em condições de apresentar jornais compatíveis com o

¹⁰ OLIVEIRA MARQUES, 2004, p. 508 e 510-511.

desenvolvimento da imprensa em termos mundiais. De acordo com tal perspectiva, o jornalismo lusitano evoluiria calcado em modelos externos, mas não deixando de também apresentar determinadas peculiaridades em relação à realidade de outras nações. Essa característica advinha da existência de padrões "de comunicação intermutáveis entre os diferentes países ou áreas geográficas", levando em conta os momentos em que foi verificado "algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como em nível da técnica, da difusão ou de outras questões especificamente jornalísticas". Assim, "a especificidade de cada país ou área cultural ou linguística" viria também a estabelecer "algumas diferenças significativas na evolução da história do jornalismo desses países ou áreas", a partir de "traços comuns, certamente com 'empréstimos' de um país a outro, mas com uma especificidade intrínseca" em cada um deles¹¹.

Nesse sentido, o jornalismo luso, após as agitações bélicas e revolucionárias das primeiras décadas do século XIX iria se afirmar constantemente e, notadamente a partir da segunda metade de tal centúria, passaria por uma de suas etapas de maior progresso. Desse modo, a imprensa aparecia como "a representação tangível do raiar de uma instituição revolucionária nos domínios da inteligência, a qual viria concitar a atenção de todas as curiosidades e atrair e seduzir as penas de todos os escritores". Além disso, "com o rodar dos anos", ela se converteria "num instrumento novo de

⁻

¹¹ QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 11.

primacial importância no intercâmbio e na reciprocidade das relações do espírito, como nas de trato ou interesse meramente utilitário"¹². Assim, durante os Oitocentos, os jornais tiveram "um desenvolvimento assombroso", de maneira que "política, ciência, artes, questões sociais, tudo" eles invadiram, "tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial"¹³. A relevância dos periódicos vinha ao encontro da premissa pela qual "o jornal não matava a fome do leitor, porque a mantinha acesa para o número seguinte", além disso, "a sua duração não era como a dos livros", ou seja, "repousada, longa e sapiente", e sim existia "à desfilada, de dia para dia, aos saltos de povo para povo, de continente para continente, sem possibilidade de envelhecer", e, apesar das intempéries, escapando "às guerras, às pestes e aos sismos", e mantendo sua força viva junto à comunidade na qual circulava¹⁴.

De acordo com tal tendência de avanços, a imprensa portuguesa teria nos últimos decênios do século XIX uma etapa de vigor e expansão quantitativa e qualitativa. Ocorreria então um "movimento extraordinário" e um "desenvolvimento maravilhoso" no seio do periodismo lusitano e, apesar da população ser mais reduzida, se comparada a outras nações, e de Portugal ficar "atrás de muitos países no que se referia a vários outros elementos do progresso da civilização europeia", no que tange às atividades jornalísticas, poderia ser

¹² CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 23.

¹³ REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Atlântida, 1930. p. 545.

 $^{^{14}}$ MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 10.

colocado "ao nível das nações mais civilizadas da Europa"¹⁵. Havia então "uma verdadeira febre de jornais", pelos quais estavam "representados não só os grupos políticos" em que estava dividida a sociedade portuguesa, "do mais conservador, ao mais avançado e radical, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria", dos quais "em quase todas as cidades", havia "uma representação de destaque"¹⁶.

Os avanços do jornalismo luso nas décadas finais do século XIX foram além da própria expansão quantitativa, havendo também melhoramentos qualitativos, expressos tanto no aprimoramento tecnológico da impressão, como também através da qualidade gráfica das páginas impressas. Os progressos se davam também no campo editorial e redatorial, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos "grandes nomes" das letras e do pensamento lusitano colaboraram "assiduamente na imprensa periódica", fazendo com "que o nível geral do jornalismo" subisse "consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica", fossem "redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado" Constituía-se, assim, uma "nova fase da imprensa"

¹⁵ ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900. p. 5 e 47.

¹⁶ ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers).* Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

¹⁷ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 160.

que passou a contar "com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses", ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo¹⁸. Era uma época em que escrever em periódicos constituía "uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião", de maneira que, "escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras", ou ainda, "de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública"¹⁹.

Um fenômeno que marcou o jornalismo português e se acentuou nas décadas finais do século XIX foi o de uma crescente especialização, com a circulação de jornais especializados em determinadas temáticas e com formas de abordagem e padrões editoriais particulares. Nessa linha, com uma abordagem crítica e humorada, acrescida de um extraordinário atrativo – o uso da imagem –, em Portugal circularam diversos representantes da imprensa caricata²⁰. Nesses periódicos "a caricatura, como meio de provocar o contraste desejado", servia-se "do cômico para descobrir a possível 'verdade', ou seja, uma nova maneira de olhar o mundo" visando que o leitor despertasse e sentisse o que se passava em redor, uma vez que ela "não resignava, desafiava, provocava

-

¹⁸ RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 360.

¹⁹ PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

²⁰ RODRIGUES, Paulo Madeira. *Tesouro da caricatura portuguesa (1856-1926)*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1979.

o riso, quase instantaneamente, e a reflexão". Os semanários caricatos mantinham um constante trabalho de articulação discursiva entre o padrão escrito da imprensa que se somava à tradição oral do dia a dia das pessoas, resultando em uma ação cômica que multiplicava o poder de influência junto à opinião pública e, paralelamente, transmitiam uma perspectiva cotidiana, na qual "o espectador se sentia, invariavelmente, inserido", ou até mesmo, eventualmente, um protagonista. Nesse sentido, "apesar dos limites que impunha a taxa de analfabetismo, a partir da sistemática ilustração em periódicos, sobretudo da caricatura", criava-se "o impacto necessário" o qual conduzia "à atenção sobre o periódico, mesmo na condição de analfabeto". Com imagem e texto incisivos, as folhas caricatas, como representantes da pequena imprensa traziam "a tradução da crítica a um sistema degradado, levado aos limites do absurdo, ou seja, a sua troça e sua negação" representavam a subversão "da própria ordem social" e de específicas visões de mundo²¹.

A imagem expressa pela caricatura refletia sucessivamente a realidade exterior, a criação plástica e a realidade interior²², de modo que nos hebdomadários caricatos eram reproduzidos hábitos do cotidiano e do popular, como uma "língua afiada, pronta a criticar, a cobiçar, a por ao ridículo todos aqueles que fugiam à mediana, ou que punham em risco a passividade das suas vidas". Tais jornais surgiam "às carradas", mas eram, em geral "de curta

²¹ ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.p. 123 e-125 e 127-128.

²² HUYGHE, René. *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 33.

duração" e os motivos econômicos constituíam "a base dessas falências, já que representavam aventuras dos próprios jornalistas e desenhadores gráficos, sem capitalistas por detrás". Nesse quadro, "bastava uma reação lenta do público em aderir ao projeto, ou uma querela judicial, para destruir" a proposta e, "se a isso se juntava falta de qualidade gráfica e humorística, o público não comprava" e "mais depressa se extinguia"²³. Em alguns casos, entretanto, haveria maior êxito e tais folhas adquiririam sucesso entre os leitores, mantendo uma circulação regular por significativos períodos e garantindo uma excelente qualidade gráfica²⁴.

A imprensa portuguesa teve na capital Lisboa o seu grande centro irradiador. Tal preeminência foi secundada pela cidade do Porto, na qual os avanços quantitativos/qualitativos do periodismo também foram significativos. Um dos setores do jornalismo que apresentou ampla repercussão e atingiu considerável popularidade foi aquele ligado à imprensa caricata, de modo que a comunidade portuense foi bastante receptiva a uma série de folhas satírico-humorísticas de natureza ilustrada que circularam com evidência nas últimas décadas do século XIX. Dentre os vários títulos que se destacaram no contexto do periodismo portuense um deles foi o *Pontos e Vírgulas*, o qual circulou entre 1893 e 1895, sob a redação de Augusto Pinto e Teotônio Gonçalves. A mais

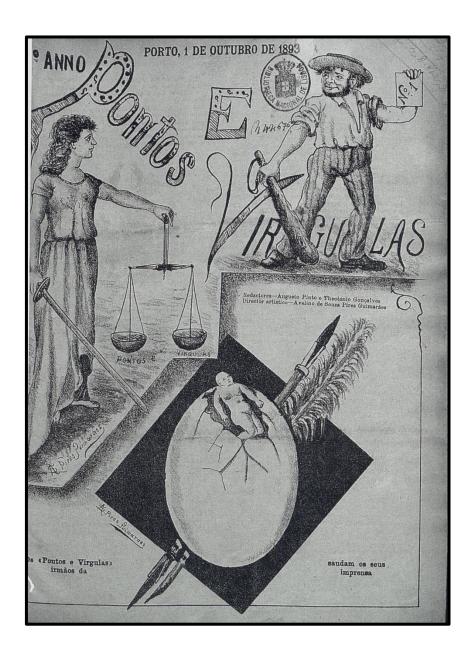
²³ SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910).* Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. v. 1. p. 14 e 202.

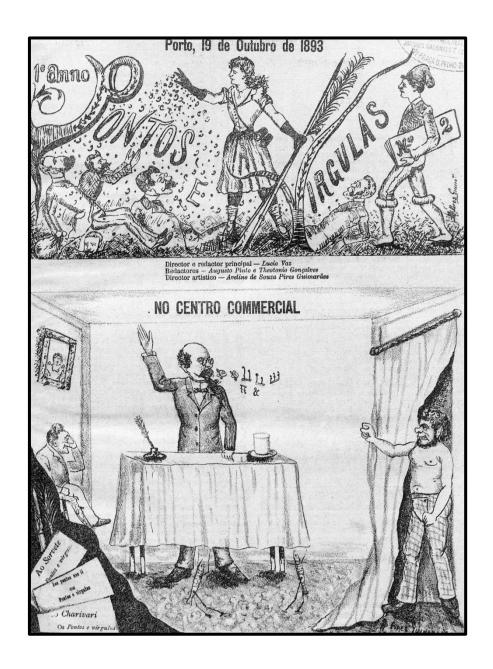
²⁴ Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa.* Rio Grande: Editora da FURG, 2017. v. 1.p. 31-39 e 61-69.

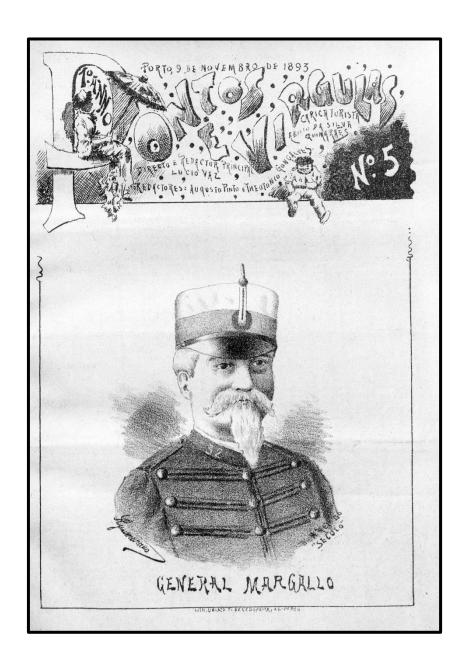
provável inspiração para o título deve ter sido o *Pontos nos ii*, denominação que, entre 1885 e 1891 substituiu *O Antônio Maria*, um dos mais importantes periódicos caricatos portugueses, editado por Rafael Bordalo Pinheiro. Mesmo no âmbito do Porto houve uma outra folha caricata também inspirada naquele, apresentando *Os Pontos* em seu cabeçalho, sendo publicada na virada do século, entre 1896 e 1905²⁵.

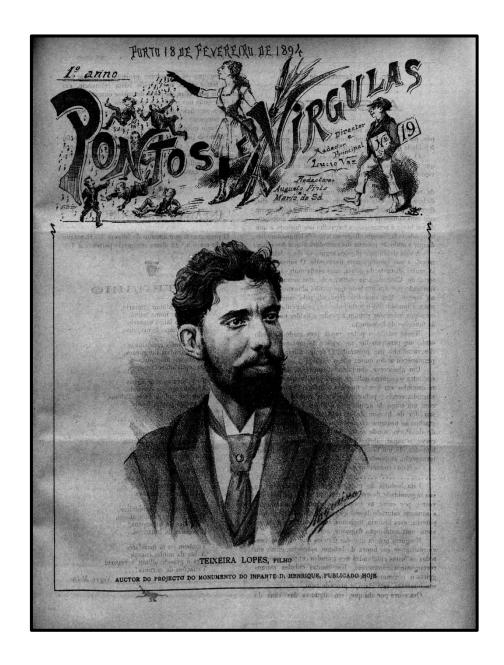
Pontos e vírgulas era um semanário que mantinha o formato tradicional das publicações de natureza caricata de então, contando com oito páginas, quatro delas com desenhos, a primeira, a quarta, a quinta e a oitava e as demais com textos. No que tange às matérias de cunho textual, o periódico mantinha a linha caricatural, dando preferência ao enfoque crítico, satírico e humorístico. Mas também apareciam colaborações de ordem variada, como contribuições literárias em prosa e verso e segmentos voltados ao entretenimento, com jogos de palavras e adivinhações. Como a maioria dos caricatos de então, os textos eram em geral mais leves e, muitas vezes, buscava-se uma proximidade maior com o leitor, fugindo-se das práticas mais sisudas e das redações mais extensas e complexas típicas da imprensa dita séria, ou seja, dos grandes jornais diários. A seguir aparecem algumas das primeiras páginas que foram estampadas pelo Pontos e vírgulas ao longo de sua existência.

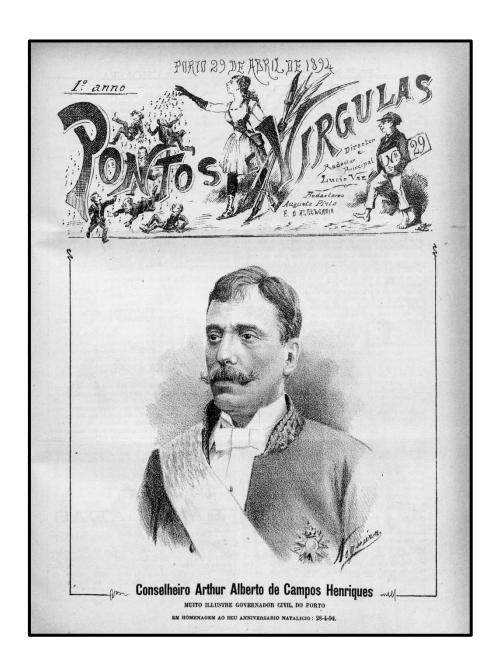
²⁵ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. v. 2. p. 179.

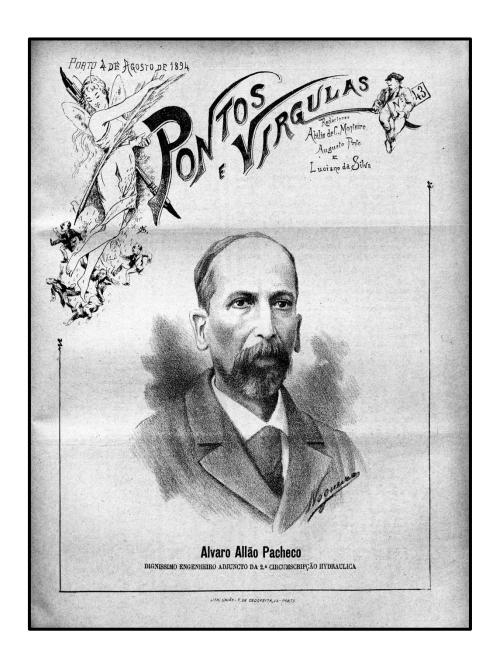


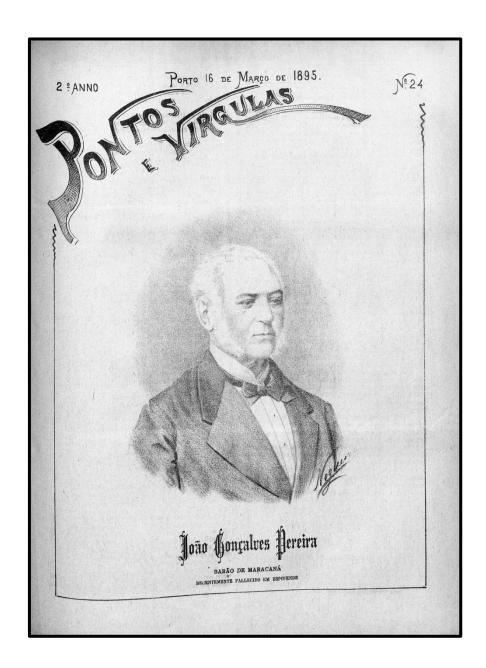














Ao surgir o *Pontos e Vírgulas* apresentava-se ao público com o editorial "A que vimos"²⁶. Na ocasião, a redação afirmava que encetava a partir de então a sua "carreira através dos escarcéus da imprensa", julgando que iria "prossegui-la ainda que mil e uma contrariedades" viessem a ombrear com os seus desejos mais preocupantes. Dizia a folha que pretendia avançar "sempre, pulverizando obstáculos, esmagando com valentia as estultas acusações" daqueles que quisessem "sair de frente". Referindo-se à competitividade em meio à imprensa lusa, afirmava que a "aparição de um novo jornal se por um lado" enfraquecia "os gordos proventos dos colegas", por outro dava "a perceber ao público ilustrado que a época" atravessada, "o século XIX", constituía a "época de letras".

O editorial declarava ainda que a empresa jornalística era "crispada de dificuldades", representando "um trabalho insano". Apesar de tais obstáculos, buscava garantir que o gosto com que foram colocadas "mãos à obra e o auxílio de alguns colaboradores amigos" viriam a substituir, "de algum modo, as primeiras necessidades" que viessem a surgir. Em linguagem mais incisiva como era comum às folhas de seu gênero, o periódico afirmava que se alguém não viesse a "concordar com os motivos expendidos e agoirar mal antecipadamente" da publicação, respondia dizendo que lembrava "perfeitamente de casos em que as mediocridades triunfam". Revelando as dificuldades na manutenção naquele tipo de folha, os redatores enfatizavam que nem tudo seriam rosas e, do contrário, a eles se iriam antepor "unicamente espinhos", de modo que deveriam ter "o bom senso e a prudência necessária" de

²⁶ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 1, 1° out. 1893, p. 2.

não laborar "por muito tempo" em "concepções fantásticas, sem objetiva nem subjetiva razão de ser".

Como era muito comum a vários dos jornais de então que diziam ser apolíticos, sem maior sucesso em se tratando dos caricatos, a redação do *Pontos e Vírgulas* visava a garantir que o periódico seria "sem sabor de política esturrada" e "sem cheiro de ferir parcialmente influências partidárias. Com humor ácido e crítico, a folha afirmava que iria desferir seu voo, esperando não ter "um sucesso igual ao Ícaro da fábula", manifestando a convicção de que "o estado atual das coisas é péssimo", bem como estando certa de que a sua "ideia não era desaproveitável de todo". No intento de não serem confundidos com a prática da pasquinagem, os redatores explicavam ainda que, mesmo que lhes faltasse uma "rijeza de pulso" e "uma linguagem persuasiva", confiavam "ao menos na boa vontade" com a qual pretendiam "satisfazer plenamente os leitores, apresentando-lhe um jornal expurgado de impropérios e de perjúrios, de recriminações falsas e de excrecências intolerantes".

Na mesma linha, o editorial buscava garantir que a "diretriz fixa" da publicação era "o decoro", de modo que não pretenderia "vascolejar reputações ilibadas nem alardear programas hiperbólicos", para não ser classificada como mentirosa. O periódico afirmava ainda estar firme "neste propósito", tendo "a circunspecção prudente" de não espalhar aquilo que lhe seria "impossível fazer". Pretendia também vincar "na frase despretensiosa e chã as personalidades numa cintilação de verve finíssima". Declarava ainda que sua meta era o riso, "com um rir tão fraco e tão vibrante que nem uma entorse nem um propósito".

mal sucedido" poderiam apoucar. Revelando sua intenção humorística, a folha garantia que faria "entreabrir aos nossos leitores os lábios em sorrisos não forçados". Finalmente os redatores do hebdomadário afiançavam que naquela proposta editorial havia um "pensamento grande" e um "fim justo", de modo que haveria todo o empenho para que o periódico fosse "perfeito o mais possível" e, no caso de "alguém por uma ou outra imperfeição o taxar de utopia de espíritos superficiais e insensatos", a eles era pedido que não apunhalassem "o novel Lázaro ao erquer-se do sepulcro da possibilidade à existência".

Ao completar seu aniversário, o *Pontos e Vírgulas* reiterava e até incrementava seu tom jocoso, divulgando a data comemorativa em seu editorial²⁷. Segundo a folha, haveria uma "festa íntima em casa", uma vez que "a criança caprichosa e doidivana, filho das horas de bom humor", entrava "no segundo ano de sua existência, animada pelo passado, contente com o presente e cheia de esperanças no futuro". Destacava ainda que "um ano, na vida de um jornal", seria "muito", e "quase tudo", comparando tal acontecimento aos "vinte e um na vida civil do jovem", que suspirava "por furtar-se à tutela" que lhe impedia "desposar a virgem de trança de oiro e fronte meiga". Nesse sentido, considerava que aquela data representava "a emancipação, a maioridade, uma espécie de reconhecimento estranho ao direito de expandir livremente" e de maneira "superabundante a vida, de dissipá-la em fruir o gozo, contemplar o belo, defender e palpitar apaixonadamente por tudo" quanto fosse "grande, alevantado e digno".

²⁷ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 1, 6 out. 1894, p. 2.

Mantendo a analogia, a redação da folha declarava que "a criança que com o presente número" entrava "no segundo ano da sua existência", passava a se preparar "toda garrida para a festa da virilidade, uma espécie de primeira comunhão, evocando o seu curto passado, recordando num rápido exame de consciência" o que fora dito e feito. Os redatores reconheciam que a publicação fora "travessa e brincalhona", dando "beliscões e piparotes", fazendo muitas vezes "xixi na caixa do rapé da respeitável matrona" reconhecida como "opinião pública". O editorial garantia que o periódico, "precisando entrar, com a consciência limpa" na vida, não sentia, "por mais esforços" que fizesse, "um arrependimento" ou "uma dor desmesurada e intensa" em relação aquilo que "os leitores escrupulosos" poderiam considerar como "faltas, ou quiçá pecados graves".

Visando à continuidade de seu norte editorial, o *Pontos e Vírgulas* destacava que assim nascera "a pobre criança" e, do mesmo modo, haveria "de viver". Garantindo a manutenção do espírito jocoso e satírico, a folha explicava que se buscassem murchar o seu "sorriso inocentemente zombeteiro", o qual lhe aflorava "aos lábios", ou mesmo "impedir-lhe as expansões jovialmente traquinas e inofensivamente agarotadas", seria o mesmo que lhe condenar "ao suicídio, ao abandono de uma vida que lhe foi dada assim e que dificultosamente" transformaria "na existência sonsa dos inúteis, na atitude, nem peixe nem carne, dos contemporizadores". Dirigindo-se diretamente aos "amigos leitores", o semanário pedia que estes atirassem os seus "beijos de

animação, de incitamento, à criança" que se transformara "em homem" prometendo em compensação "envidar esforços para ter mais graça".

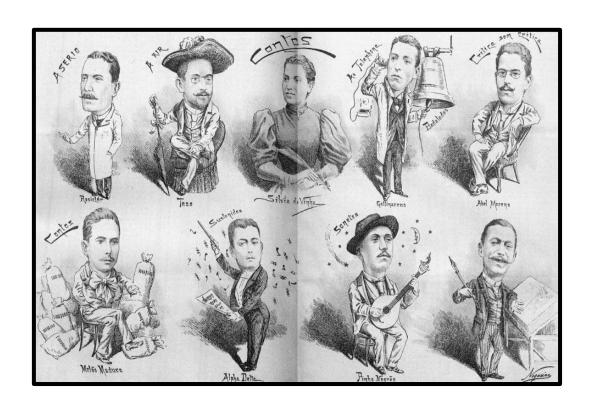
Pois nas páginas do *Pontos e Vírgulas*, ao longo de aproximadamente um ano, ou seja, praticamente a metade da existência do periódico, foram publicados textos assinados por Sílvia da Vinha. Ao longo desse período também apareceram outros indícios acerca da autora em vários segmentos do hebdomadário. Foi o caso de uma pequena nota intitulada "Ao Telefone"²⁸, a qual não foi assinada e fazia apreciações acerca de matérias publicadas pelos colaboradores da folha. Em relação à Sílvia da Vinha foi realizado um amplo elogio, categorizando "Quem a Deus busca" como "o melhor conto que brotou" da sua "pena de oiro". A pequena matéria dizia que a escritora fora "feliz com a produção" e manifestava a expectativa de que, para a semana seguinte, houvesse uma "composição da mesma têmpera", fazendo-se "votos para que na incube das Musas", Sílvia forjasse "outra do mesmo calibre". O texto finaliza com uma saudação elogiosa e agradecida: "Parabéns e muito obrigado".

Em uma outra edição, o semanário portuense fez questão de apresentar seu rol de redatores e colaboradores através da publicação de uma gravura estampando suas figuras²⁹. A representação não chegava a assumir um tom caricatural no que se refere aos rostos dos retratados, sem deixar o espírito jocoso notadamente em alguns dos atos ou dos trejeitos dos representados. Rosiclér, identificado com a coluna "A sério", normalmente enquadrada como a

²⁸ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 40, 14 jul. 1894, p. 7.

²⁹ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 48, 8 set. 1894, p. 4-5.

matéria editorial do periódico assumia um ar professoral. Teso, que redigia a crônica humorística "A Rir", assumia ares de bobo da corte, com um chapéu e um guarda-chuvas que destoavam do todo de sua indumentária. Gallinaceus era apresentado de forma literal, com um telefone em uma das mãos e manejando um sino com a outra, ao designar as seções "Ao Telefone" e "Badaladas". Abel Moreno aparecia confortável e com certa pasmaceira, sentada em uma cadeira, embora mantivesse um tom severo no olhar, designando a coluna "Crítica sem Crítica". Melão Maduro, autor de contos, era apresentado em uma analogia com os "contos de réis", aparecendo cercado de sacos de dinheiro, em alusão jocosa às impossibilidades de grandes ganhos para aqueles que enveredassem pelo caminho das letras. Alfa-Delta foi desenhado como um maestro que regia sua orquestra, em referência às matérias denominadas "Sustenidos", nome que tanto poderia se referir à música, quanto a uma bofetada, segundo expressão regional lusa, bem de acordo com o caráter inciso das folhas caricatas. A estampa referente a Pinho Negrão lembrava uma figura boêmia, inspirado em figuras noturnas, como a lua e as estrelas e tocando um instrumento de cordas para designar os "Sonetos" elaborados para o jornal. Finalmente, Nogueira era o desenhista em si, à beira de sua mesa de trabalho, onde criava com o crayon, instrumento fundamental para a arte litográfica e que se tornou praticamente um símbolo do caricaturista. Cada um deles trazia consigo a designação das várias práticas exercidas pelo jornal, fossem as de teor satírico-humorístico, fossem de natureza literária, as quais normalmente guardavam entre si o enfoque crítico, característico das publicações de cunho caricato da época.





No conjunto do desenho, Sílvia da Vinha aparecia em uma posição central na relação com os demais redatores e colaboradores. Tal posição poderia representar um destaque especial à autora, ou ainda uma menção respeitosa e cavalheiresca em relação a uma dama. O mesmo tom respeitoso poderia ser a justificativa para o fato dela ser a única figura mostrada apenas na forma de um busco, ou seja, da cintura para cima, ao passo que seus colegas apareciam de corpo inteiro, embora com as cabeças desproporcionais em tamanho ao próprio corpo. O mais provável, neste caso, fosse a tentativa de não chamar atenção para as formas femininas da retratada, evitando-se a exposição de seu corpo, assim como apresentava um vestido recatado, sem decotes e sem ao menos trazer algum volume na região dos seios. A identificação das matérias de sua lavra ficava demarcada na expressão "Contos", estampada em tamanho maior em relação aos demais indivíduos presentes na gravura. Finalmente, ela empunhava a pena, símbolo icônico dos escritores. Na imagem, Sílvia da Vinha deixava de ser apenas um nome escrito na assinatura das colunas jornalísticas e ganhava feições, embora também essas pudessem constituir uma criação aleatória. Havia também a intenção de demonstrar a integração da contista no meio redacional do periódico humorístico-ilustrado, o que viria a ser reforçado com as dedicatórias que a autora expressou em alguns dos seu texto, na maioria voltadas a homenagear os companheiros de redação.

Uma outra referência à Sílvia da Vinha no hebdomadário portuense foi o texto da lavra de Teso a ela ofertado, sob o título "Alta estratégia", que versava acerca de uma moça controlada por um austero pai, qual desenvolvia uma

estratégia para poder namorar³0. Quatro meses e meio após a estreia de Sílvia nas páginas do *Pontos e Vírgulas*, o redator Rosiclér dedicou um editorial à escritora, sob o título "A sério – Sílvia da Vinha"³¹. Mais do que apresentar a "contista" do periódico, cuja figura permaneceria nebulosa, o jornalista tratou de destacar o próprio semanário e enfatizar o papel da mulher na vida cultural. Inicialmente, o articulista informava que "pouco mais de um ano" era "passado, depois que este jornal começou a correr aventuras", confessando que a folha não tinha "motivos para dizer mal da vida". Segundo o jornalista, a assinatura do hebdomadário era "valiosa, não só pelo número mas mui principalmente pela qualidade", a qual iria "pouco e pouco, proporcionando recursos para uma vida mais desafogada".

Apesar do sucesso propalado, o redator afirmava que melhorias sempre deveriam ser bem-vindas, declarando que, "perante o crescente favor público" não haveria imobilização, nem mesmo os responsáveis pela folha se quedariam "indiferentes, dormitando a sombra dos louros colhidos", e "muito pelo contrário", procurariam "melhorar as condições materiais e literárias" do semanário, garantindo que tal "progresso" continuaria, "paralelamente, com o acolhimento benévolo dos leitores". O editorialista buscava também demarcar as razões do êxito, enfatizando que, a partir de um "exame de consciência", foram averiguados "os motivos da fortuna", chegando-se "à conclusão de que a popularidade" que favorecia a publicação se baseava, "fundamentalmente, na

³⁰ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 3, 20 out. 1894, p. 6.

³¹ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 4, 27 out. 1894, p. 2.

superioridade intelectual dos colaboradores" e "na incontestável beleza das suas produções".

De acordo com o jornalista, as páginas do periódico eram honradas por "nomes bafejados pela aura da fama, reputações consagradas", além de uma "plêiade de rapazes esperançosos que, na despreocupação da sua mocidade generosamente desinteressada", urdiam, "com os fios do talento e do amor, a delicada teia, a preciosa filigrana" que fazia "o encanto dos leitores". Diante de tal quadro, o colunista destacava que dentre aqueles haveria muitos para quem a vida reservaria "os sorrisos da fama e os amplexos da fortuna, tão caprichosa e tão esquiva". Buscando homenagear o grupo de colaboradores, o redator saudava os "queridos confrades que, nas aras da arte", faziam "o holocausto desinteressado e puro de algumas horas", que outros consagravam "às baixezas da realidade". Para eles, o editorialista enviava uma "saudação de irmãos", ou seja, "o ósculo da paz, espiritual e casto, como o dos cristãos dos primeiros tempos".

Após tal introdução laudatória, o editorial vinha a realizar a primeira referência à Sílvia da Vinha, chamando atenção para a perspectiva de que a sua presença contribuíram para uma aceitação ainda melhor do periódico. Nesse sentido, a redação pedia permissão a todos para que, seguindo um "impulso agradecido do coração", fosse dedicado "um *salve* especial àquela que, pelos primores do seu estilo, pela facúndia da sua inspiração, pela divina candidez do seu caráter", atraíra, "mais que ninguém, a popularidade para o semanário". Segundo o redator, só a presença de uma mulher entre os colaboradores já seria

algo representativo, pois, mesmo que a "especialização do saudar" e "a objetivação particular do reconhecimento" não a servissem para justificar os "motivos provindos da justiça", os cumprimentos poderiam ser fundamentados "cabalmente" diante da "consideração do sexo de Sílvia da Vinha".

Daí em diante a redação dos *Pontos e Vírgulas* passava a destacar o papel feminino na sociedade, ressaltando que fora "sempre a mulher a suprema carícia ao homem e o soberano encanto da vida". Considerava também que "por ela nimbaram-se nomes com as refulgências da glória e perderam-se almas nas escurezas do crime; bem como fora ela, "na história humana, na trágica epopeia humana, luz de imaculados resplendores, estrela de mágicos brilhos"; e ainda iluminara "espíritos", aquecera "corações" e ofuscara "talentos". De acordo com a folha caricata, sem a mulher "o movimentado drama humano" não seria explicado ou compreendido, uma vez que só ela daria "a razão do progresso", aclararia "o segredo das conquistas do homem" e desvendaria "o arcano das vitórias da civilização".

Seguindo a linha dos elogios ao sexo feminino, o redator do hebdomadário considerava acerca da mulher que fora, "certamente, fatalmente, o mel delicioso dos seus lábios, a harmonia dulcíssima das suas palavras, talvez o fulgor irresistível de um seu olhar" que fizera "baixar à alma do avô troglodita, do rude combatente das eras idas, um eternal reflexo da bondade", o qual lhe desbravara "as durezas do coração" e lhe incutira "os alentos para a tremenda luta". Ainda sobre a mulher, o periódico destacava que "poderosa na sua fraqueza, generosa apesar do pequeno quinhão que as passadas organizações sociais lhe

distribuíram", ela continuara "sempre, através dos séculos, a sua missão de sacrifício, o seu sacerdócio de afeto". Mais especificamente no campo cultural, a mulher era apontada pelo semanário caricato como aquela que dera "à arte a gracilidade do seu perfil, à poesia a fecunda inspiração do seu amor e, à humanidade, as pérolas da sua alma, o precioso escrínio da sua virtude".

Além disso, o editorial considerava que a mulher inspirara o "canto de mármore" chamado Vênus de Milo, além de ter sido "a visão paradisíaca do Dante" e "a alma gentil de Camões". Apontava ainda que a ação feminil levara à "consagração humana, para o universal amor", já que fora "aquela a quem as mães" exoravam "a vida dos pequeninos" e a quem se pedia pelos que andavam "sobre as águas do mar", pois fora "a Santíssima Virgem Maria". Comparava o aconchego feminino a uma "violeta, humilde, aveludada e perfumada", que deixara "crescer o homem", engrandecendo-se "aquele que era a sua obra, a obra do seu coração". Abnegação e resignação eram outros qualificativos atribuídos à mulher, mesmo diante das perspectivas mais libertárias, a partir da declaração de que ela continuara "sempre, bondosa e santa, sofrendo, resignada, a iníqua desigualdade", a que fora condenada pela "bruteza da superioridade física, até que, pouco e pouco, as amoráveis doutrinas da emancipação lhe foram aclarando o futuro".

O jornal previa um futuro de "dias melhores" para a humanidade, nos quais haveria "de chegar o reinado da paz", garantindo que, na chegada deste "momento augusto", a mulher, por ser "a materialização de todas as ideais sublimidades, a encarnação do amor", tomaria "o cetro do mundo". Explicava

que algum caminho já estaria sendo trilhado naquela direção, explicando que o sexo feminino vinha, "gradualmente, mas tenazmente", se "emancipando da iníqua tutela que secularmente" lhe ensombrara "os destinos". Diante disso, o semanário ressaltava que, "pela cultura intelectual" vinha franqueando a distância que separava a mulher do homem. Relacionamento o contexto internacional com o interno, a folha caricata garantia que que aqueles avanços femininos vinham atingindo "no estrangeiro enormes proporções", e que tal "movimento sagrado de redenção" que alentava "os filhos da esperança", começava a "iniciar-se e refletir-se" entre os portugueses. Já no encerramento do editorial, voltava a aparecer a figura da autora homenageada, explicitando o redator que "Sílvia da Vinha, a distintíssima colaboradora, na modesta meia luz", em que se ocultava, trazia muitas promessas de sucesso, de modo que "isto seria o bastante para merecer a consideração", justificando "o entusiasmo e orgulho" com que lhe eram enviadas saudações. Assim, apesar de um expressivo editorial, as dúvidas acerca de Sílvia da Vinha permaneciam até de modo proposital, ainda mais pelo sentido da expressão de que ela era uma colaboradora que se ocultava à meia luz.

Na seção "Crítica sem crítica", um dos integrantes do corpo redacional, Abel Moreno, utilizando-se de versos, publicava uma "Carta a Sílvia da Vinha"³². Em ritmo versejado, o jornalista apresentava um tom jocoso no formato de missiva dirigida à colaborada, elogiando-a e revelando detalhes acerca dos demais membros da redação. A respeito de Sílvia, entretanto, permanecia a

³² PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 6, 10 nov. 1894, p. 3 e 6

penumbra, uma vez que Moreno dizia nunca ter visto a escritora, sem saber se ela era velha ou nova, ainda que, acima de tudo, reconhecesse o seu talento. Além disso, ele reclamava que a redação do *Pontos e Vírgulas* era formada de telhudos, ou seja, apenas por homens cheios de manhas que passavam a discutir questões político-ideológicas. Nos versos acabaria por haver uma incursão ao reducionismo do feminino, pois o articulista sugeria que Sílvia viesse a constituir uma "mascote" em meio aquele conjunto de "redatores telhudos". Mesmo assim, Abel Moreno manifestava sua "eterna gratidão" e o desejo de que Sílvia da Vinha continuasse com sua talentosa participação que constituiria uma das razões do sucesso do hebdomadário e, consequentemente, da aceitação do público e das possibilidades de dividendos a partir da venda de exemplares e ampliação do número de favorecedores:

Excelentíssima senhora: Eu venho
Humildemente, hoje, a seus pés rojar-me,
E suplicar-lhe, com um grande empenho,
Que suporte a maçada de escutar-me.
Sei que é enorme o meu atrevimento,
Nunca a vi, e nem sei se é velha ou nova;
Sei simplesmente que possui talento
E que é bela, segundo o Casanova.
Por isso é grande a minha timidez,
Assim como a ousadia.
Mas Vocência desculpe-me, esta vez,
E ouça este admirador, D. Maria.

Não lhe venho falar sobre política, Que era tempo perdido, por meu mal.

Venho, sim, exercer a minha crítica Em coisas referentes ao jornal. A redação é toda de telhudos, E nela só eu sou um bom rapaz. O Galinhaço é doido furioso, E o Rosiclér também não fica atrás. E eu mesmo, que lhe escrevo, jubiloso, Conheço-me telhudo como os mais, Quando com eles vou, todo orgulhoso, Pagar bolos e vinho ali no Paes. E depois em política é bonito, É a coisa mais risível deste mundo. (...) É por isso, Senhora, que eu me zango, Derreto em pranto os pobres olhos mudos. E que a Redação anda com azango, Todos os redatores são telhudos. Mas diz o Zé Ricardo, o bom velhote, Que para azangos (e fala com ciência) É suficiente ter uma Mascote. Linda como Vocência. Seja Vocência pois nossa Mascote, Nunca abandone por quem é, Que era pior do que perder um dote, Se a Sílvia nos passasse agora o pé. Continue espalhando o seu talento Pelas colunas do nosso semanário. Por essa forma dando aprazimento Aos redatores e ao proprietário. Desta forma o jornal prosperará, Arranjará pecúlio não pequeno, E Vocência também obterá A eterna gratidão de

Abel Moreno

Alguns meses depois, o mesmo Abel Moreno, que vinha direcionando várias das edições da seção "Crítica sem crítica" a traçar alguns dos "Perfis da Casa", dedicou um número a Sílvia da Vinha³³. O jornalista mais uma vez recorria aos versos e fazia certas menções a aspectos físicos de Sílvia, descrevendo-a como morena, linda, de olhos negros e doces, penteado em tranças e mãos pequenas. Mais uma vez permanecia o enfoque penumbroso e enigmático, sem maiores revelações, que não fossem descrições vagas. Por outro lado, apareciam elogios rasgados à escritora, distinguindo-a por um talento genial que abrilhantava o conteúdo do periódico. Ao final do soneto, a jocosidade e a obscuridade se misturavam, com a sugestão de que "se ela fosse um homem" – expressão propositadamente alocada entre parêntesis –, Moreno iria cumprimentá-la com um abraço. Essa sugestão de masculinidade seria uma pista carregada de humor para decifrar a identidade de Sílvia; ou seria apenas uma pilhéria, para incrementar a curiosidade ao seu respeito; ou, finalmente, seria apenas uma alusão ao fato de que um abraço não seria o gesto de cumprimento a uma dama, sendo cabível apenas se fosse um outro cavalheiro, de acordo com os padrões morais de então:

> Morena. Basta isso para ser linda, Entendo eu, pois gosto de morenas. Os olhos negros, de doçura infinda. Trança um pouco anelada. Mãos pequenas.

³³ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 19, 9 fev. 1895, p. 3.

Escritora distinta, e talentosa. A sua pena é escrínio genial, De onde desprende um conto cor de rosa Sempre que escreve cá para o jornal.

Gosto tanto, meu Deus, da sua prosa, Que eu quisera que Ela, donairosa, Enchesse do jornal todo o espaço.

Por isso é que desejos me consomem (Se a encontrasse e Ela fosse um homem) De lhe dar um abraço!

Haveria ainda mais uma referência a Sílvia da Vinha nas páginas do *Pontos e Vírgulas*, já em época bem próxima de sua última colaboração publicada no periódico. Dessa vez era Teso, o integrante da redação que, sob o título de "Cá em casa..."³⁴, dedicava versos aos seus companheiros, por ocasião das festas juninas. Nesse sentido, ele passava a desejar felicidades e intentava conceder "desejos" aos redatores e colaboradores do seminário. No que tange à Sílvia, ele pedia um presente para um dos santos no momento comemorado, no sentido de que ela deixasse de ser assombrada por leitores inoportunos. Mas, revelando a visão reducionista predominante em boa parte dos jornais de então, com evidência dos caricatos, pela qual o maior interesse das mulheres era o de

³⁴ PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 38, 22 jun. 1895, p. 6.

arranjar um marido, Teso desejava que Sílvia recebesse um marido que a merecesse:

Temos festas; é boa ocasião
De termos juizinho na cabeça;
E se a sorte nos for um tanto avessa
Vamos todos rezar ao S. João
(...)
E ao Santo nós pedimos não se esqueça
De mandar para a Sílvia algum presente;
E que a livre de gente impertinente
E lhe dê um marido que a mereça.

As publicações caricatas portuguesas daquele final de século XIX, com inexorável inclusão das portuenses, refletiram a conjuntura histórica vivenciada por Portugal. As diversas manifestações da crise apareciam em toda a sua crueza nas páginas destes hebdomadários que, por meio de uma prática crítico-opinativa iconográfica e/ou textual bastante incisiva, expunham os males que afligiam a sociedade lusa. Nessa linha, tais hebdomadários ilustrados, figurativamente, davam cores à realidade portuguesa, traduzindo caricaturalmente as mazelas políticas, sociais e econômicas que afligiam os lusitanos. O *Pontos nos ii* não foi diferente e suas várias seções traziam reflexos diretos/indiretos sobre a situação vigente da nação.

Os textos de Sílvia da Vinha, de maneira mais velada ou aberta, também apresentavam indícios desse olhar crítico. Categorizados como contos pela

própria redação do jornal, tal produção textual mantinham certas características que corroboravam com a classificação, mormente no que tange à construção de personagens e ao desenvolvimento de um enredo. Uma das especialidades de Sílvia foram as viradas drásticas, buscando trazer certa surpresa, ao final de cada estória. Mas, além de breves contos, a autora também redigiu crônicas, reproduzindo algum tema mais corriqueiro e/ou momentoso. Como era comum aos jornais caricatos, os textos da lavra de Sílvia da Vinha não eram longos, ocupando graficamente, com algumas variáveis, algo em torno de uma coluna e meia. Outro hábito dos autores de então também se manifestava em tais escritos, com a presença de dedicatórias, normalmente destinadas a integrantes da redação da folha caricata portuense e mesmo a uma amiga.

Ao longo de sua atuação no *Pontos e Vírgulas*, Sílvia da vinha apresentou uma produção textual variada quanto à temática. Nessa linha, os contos e crônicas abordavam: assuntos sentimentais, como paixões ou incursões amorosas bem ou mal sucedidas, a ação das moças cocotes e dos rapazes conquistadores e as dores e desilusões causadas pelo amor; a dicotomia entre o casamento embasado no amor romântico e o matrimônio arranjado por interesse financeiro; as desigualdades entre as comunidades interioranas e rurais em relação à vida nas grandes cidades; o êxodo rural e a busca por sobrevivência e até de ascensão social do homem no campo no meio urbano. Ainda aparecia uma visão aguçada acerca das mazelas sociais, com ênfase ao sofrimento em torno da pobreza e das condições de vidas dos pobres e trabalhadores; e um enfoque crítico quanto à aristocracia, ao clero e até mesmo

à monarquia. Houve também incursões ao feminino, com comentários que iam desde aspectos estéticos em torno da beleza e da feiura, da moda e da aparência; passando por questões morais como as virtudes feminis, caso da manutenção da virgindade e a busca pelo casamento; até o debate acerca da emancipação da mulher.

No conjunto de suas produções Sílvia da Vinha mostrou-se bastante eclética nas formas de abordagem e temáticas. Como não poderia deixar de ser pelo gênero de periódico em que eram publicados, muitos dos textos estiveram ligados a um tom bem humorado, fosse um gracejo mais candente, fosse em uma moldura de humor negro. Mesmo que a predominância não fosse a jocosidade, ao menos da virada de cada um dos contos, acabava por aparecer alguma pitada de gracejo. À medida que os meses passavam, os novos contos e crônicas chegaram a mudar de enfoque, com uma variável multiplicidade que, além do anedótico, gravitava entre a dramaticidade, a tragicomédia, o mistério, o terror e até o fantástico. Além disso, alguns deixavam de lado as cores humoradas, para assumir uma candente crítica social, de antagonismo para com as desigualdades de cunho social. Já outros eram mais truncados e, bem diferentes dos demais, traziam uma linguagem mais cifrada, com a possibilidade de múltiplas interpretações. Já os textos finais, à exceção do último, descambavam para uma tristeza desmedida, optando pela melancolia tão comum às narrativas de então, mas, de certo modo, indo de encontro à tônica geral do jornal caricato.

Algumas das ideias da autora ficavam expressas ao longo dos textos, entretanto, a possibilidade de desvendar sua(s) identidade(s) permaneceu complexa. No conjunto dos textos, a escritora não aparecia sequer como narradora, de modo que a maioria das estórias apresentava um elenco de personagens dos quais a autora mantinha um reticente distanciamento. Apesar de algumas identificações com lugares e tempos, um certo anonimato da escritora continuava candente. Apenas em "A emancipação da mulher", o texto de certo modo assumia uma primeira pessoa do singular, mas as referências ao feminino nem sempre transmitiam necessariamente uma inclusão em meio a um "nós mulheres", a não ser na expressão – "reconheço a inferioridade física do meu sexo".

Conforme seu próprio título, jocosamente o *Pontos e Vírgulas*, de acordo com a pontuação que expressava, sugeria uma pausa no dia a dia para que os leitores pudessem usufruir de humor, divertimento e leitura leve, sem deixar de lado a reflexão sobre a conjuntura vivida, de acordo com um olhar crítico e caricatural. Sílvia da Vinha não fugiu a tais propostas, de modo que, como "contista" do periódico, ao longo de praticamente um ano trouxe ao público tanto o entretenimento quanto a possibilidade reflexiva. Este pequeno livro é apenas um primeiro e nada pretencioso passo para uma caminhada bem mais ampla em direção ao aprofundamento do estudo e a recepção de colaborações que tragam a possibilidade de uma resposta ao questionamento fundamental – afinal quem foi Sílvia da Vinha?

OS CONTOS DE SÍLVIA DA VINHA

Uma paixão impossivel

(A AUGUSTO PINTO) (IMITAÇÃO)

So o amor d'aquella mulher ideal, que elle nunca vira senão allumiada pelo melancolico astre da saudade, poderia restituir-lhe a tranquillidade perdida. Ella era todo o seu anhelo, a supréma aspiração da sua vida -

Nunca lhe fallara, nem mesmo a vira de perto. A phantasia ademais lh'a pintava seductora de belleza, radiante de encantos. Se pensava que ella podia não corresponder á sua paixão, soffria todas as torturas d'um condemnado desgraçadamente infeliz.

Passava-lhe todas as noites defronte da casa. Via-a invariavelmente por dentro das vidraças da varanda do primeiro andar, immovel, n'uma posição em que a luz interior da sala, frouxamente illuminada, permittia admirar lhe os contornos gentilissimos do seu perfil sympathico. Nunca elle ali passara

que a não vislumbrasse. E gastava horas infinitas n'uma ronda sem um resultado que o animasse deveras. Por diversas vezes the offecera uma carta em que lhe contava as amarguras da sua alma, em que lh'a offerecia assim repleta de illusões, de doçuras e d'affectos, em que lhe pintava ao vivo a eterna contrariedade dos corações excessivamente apaixonados.

Que ella devia ama-lo: só assim se comprehende que o esperasse todas as noites. Mas porque não acceitava essa carta, porque não descerrava- aquella janella para dar-lhe uma palavra que o salvasse ou o perdesse?!

Mysterio... Talvez um pae despotico... E então via muitas vezes, has idas e tornadas do assiduo passejo da cirte, que alguem, geralmente um vulto de mulher, rodeiando a cintura da sua amada, a levava a forca para dentro.

Pela centessima vez tentou saber o que aquillo significava. Repetiu ainda o offerecimento da carta. Respondeu-lhe a mesma, immobilidade, o mesmo silencio. Ao lusco fusco, o mesmo vulto veio arranca la da janella. O pobre rapaz reliren-se n'uma sobreexcitação medonha. A paixão acendrava-se-The no peito atrozmente.

N'essa noite de vigilia assentou as bases do seu futuro : ou ella o amava e na posse da sua mão dar-lhe-ia a suprema ventura que ambicionava ou subiria ao patibulo em que de-Viam ser sacrificadas as suas illusões fallazes. Dispoz-se a ir saber tudo o que dizia respeito à sua amada e foi. N'este proposito encaminhou-se para a rha onde estava a ianella magica que, como por encanto, o tinha ali horas esquecidas. Approximava se mais e muito de la Queria vel-a, mas o coração batia-lhe agitadissimo, como querendo saltar-lhe do peito em ar-

rancos violentos.

Estava no logar onde tantas vezes contemplara o ideal dos sens sonhos de esperança e não se atrevia quasi a levantar os olhos. Ergue por fim a cabeça, o olhar desvaira-se-lhe. leva ambas as mãos ao coração, solta um grito medonho, e cahe fulminado!

of it where recipies after, A mulher que elle sonhara ser a companheira de toda a sua vida, aquella creatura divinal por quem elle se apaixona--- ra doidamente, perdidamente, era um manequim em que a proprietaria d'um atelier de roupas brancas expunha os primores da sua thesoura irreprehensivel.

Silvia da Vinha.

O primeiro conto de Sílvia da Vinha no *Pontos e vírgulas* chamava-se "Uma paixão impossível" e era todo orientado no sentido de parecer com os tradicionais dramalhões envolvendo paixões arrasadoras, por alguma razão, não correspondidas. Praticamente toda a narrativa se prendia à descrição de como crescera o amor que um rapaz desenvolvera por uma desconhecida, vislumbrada apenas por uma janela. Ele buscara várias formas de aproximação, inclusive uma carta, sem resultados. A figura feminina era acometida de certo imobilismo e era deslocada seguidamente pela cintura por uma outra mulher. Mantendo a tradição desse tipo de conto, a culminância era trágica para o admirador, mas, só nas últimas linhas, era revelada a verdadeira face da mulher cobiçada, dando um tom jocoso à historieta, por tratar-se de um manequim. Poderia ser uma narrativa corriqueira então ou mesmo pode ter servido de inspiração, pois uma estória com o mesmo fim foi apresentada dois anos depois pelo periódico *Os Pontos* (Porto, a. 1, n. 26, 28 jun. 1896, p. 3 e 6), sob o título "A mulher de pau", assinado por Carlo Vah.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma paixão impossível

(A Augusto Pinto) (Imitação)

Só o amor daquela mulher ideal, que ele nunca vira senão alumiada pelo melancólico astro da saudade, poderia restituir-lhe a tranquilidade perdida. Ela era todo o seu anelo, a suprema aspiração da sua vida.

Nunca lhe falara, nem mesmo a vira de perto. A fantasia ademais lhe pintava sedutora de beleza, radiante de encantos. Se pensava que ela podia não corresponder à sua paixão, sofria todas as torturas de um condenado desgraçadamente infeliz.

Passava-lhe todas as noites defronte da casa. Via-a invariavelmente por dentro das vidraças da varanda do primeiro andar, imóvel, numa posição em que a luz interior da sala, frouxamente iluminada, permitia admirar-lhe os contornos gentilíssimos do seu perfil simpático. Nunca ele ali passara que a não vislumbrasse. E gastava horas infinitas numa ronda sem um resultado que o animasse deveras. Por diversas vezes lhe oferecera uma carta em que lhe contava as amarguras da sua alma, em que lhe oferecia assim repleta de ilusões, de doçuras e de afetos, em que lhe pintava ao vivo a eterna contrariedade dos corações excessivamente apaixonados.

Que ela devia amá-lo: só assim compreende que o esperasse todas as noites. Mas porque não aceitava essa carta, porque não descerrava aquela janela para dar-lhe uma palavra que o salvasse ou o perdesse?!

Mistério.... Talvez um pai despótico... E então via muitas vezes, nas idas e tornadas do assíduo passeio da *corte*, que alguém, geralmente um vulto de mulher, rodeando a cintura da sua amada, a levava à força para dentro.

Pela centésima vez tentou saber o que aquilo significava. Refletiu ainda o oferecimento da carta. Respondeu-lhe a mesma imobilidade, o mesmo silêncio. Ao lusco fusco, o mesmo vulto veio arrancá-la da janela. O pobre rapaz retirouse numa sobre-excitação medonha. A paixão acendrava-se-lhe no peito atrozmente.

Nessa noite de vigília assentou as bases do seu futuro: ou ela o amava e na posse da sua mão dar-lhe-ia a suprema ventura que ambicionava ou subiria ao patíbulo em que deviam ser sacrificadas as suas ilusões falazes. Dispôs-se a ir saber tudo o que dizia respeito à sua amada e foi. Neste propósito encaminhou-se para a rua onde estava a janela mágica que, como por encanto, o tinha ali horas esquecidas. Aproximava-se mais e muito de lá. Queria vê-la, mas o coração batia-lhe agitadíssimo, como querendo saltar-lhe do peito em arrancos violentos.

Estava no lugar onde tantas vezes contemplava o ideal dos seus sonhos de esperança e não se atrevia quase a levantar os olhos. Ergue por fim a cabeça, o olhar desvaira-se-lhe, leva ambas as mãos ao coração, solta um grito medonho, e cai fulminado!

A mulher que ele sonhara ser a companheira de toda a sua vida, aquela criatura divinal por quem ele se apaixonara doidamente, perdidamente, era um manequim em que a proprietária de um atelier de roupas brancas expunha os primores da sua tesoura irrepreensível.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 35, 10 jun. 1894, p. 2-3)

UM DRAMA NAS TREVAS

(Offerecido á illustradissima Redacção dos «Pontos e Virgulas)

O ceu, como um enorme lenço de seda, azul, ethereo, ia confundindo-se nos limites do horisonte com o Oceano, espelhado de mil brilhos que o sol fazia reflectir como myriades de diamantes facetados.

Era a hora em que o astro do dia vae a pino, em que as aves suspendem os seus cantos e os seus vôos, e em que o trabalhador recolhe a tomar a principal refeição do dia. Pelas ruas da Foz, rarissimos passeiantes. As casas, cuidadosamente fechadas, a preservarem-n'os dos ardores do sol.

Só no hotel Montanha uma das janellas se abre, deixando entrar a luz n'um deslumbramento, e a cabeça d'uma mulher gentilissima, irrequieta, assoma ao peitoril, prescrutando com o olhar todo o Passeio Alegre.

De curta duração foi a espera.

Dois rapazes elegantemente vestidos saltam com agilidade do americano. Um d'elles apressa o passo, cumprimenta galhardamente a joven e troca com ella pouquissimas palavras. Logo depois junta-se ao outro, emquanto ella se retirava após um gracioso cumprimento.

Noite alta. Extinguem-se os ultimos rumores da animação do dia. Fecham-se os cafés. As estrellas, aos bandos, crivam o ceu e o luar envolve as casarias em ondas de luz diaphana. O mar, com indolencia, vem beijar a praia, docemente... languidamente... n'uma caricia...

No hotel Montanha tudo dorme já. Tudo não, porque ainda se distinguem vozes n'um quarto.

- Doutor! Que é?
- Dá-me um phosphoro.
- Não tenho, deixa-me dormir.

Dormir!... Se eu pulesse fazer o mesmo!. não. Separam me apenas algumas lorras do momento ditos em que bei de vel a. Ao romper da aurora, disse-me ella com a sua voz de anjo, «quando todos estejam ainda recolhidos, estarás aqui no jardim». E eu sem luz para ao menos ver como no relogio os instantes, se passam lentamente! Vê, vê se tens um phosphoro.

- Não teuho, já disse. Olha, abre a janella. Se não me engano, a unica que vi, fica á esquerda. D'ahi poderás ver os primeiros alvores do dia.

-Tens razão. Mas, não a encontro. Ah! cá está! Custa a abrir.

- Pouco uso, talvez.

- Até que emfim. Que noite!... escura como um prégo.

Estingular, o ar parece que cheira a queijo — Oh! esquentado devanear de apaixonado! Pois tu já trocas os subtis aromas do jardim pelo substancial cheiro do queijo ?!

- E' extraordinario, é. E comtudo cheira. Ora, vem cá! - Meu amigo, eu não estou apaixonado, vou dormir. Boa noite.

- Tambem me deito. Ainda é cedo.

- E' melhor. Mas antes fecha a janella. Pelos vidros, vêse o dia.

- Tens razão.

- Doutor, doutor!
- -Que é, homem?
- Deve ser tarde, dormi tanto!...

- Vai ver e deixa-me em paz.

-Tudo escuro ainda. Que noite de horrivel agonia!... E comtudo eu sinto passos, parece que ludo está em movimen-to. E não vejo nada. Maldita janella que tanto custa a abrir! Nada, sempre as mesmas trevas impenetraveis. E o mesmo cheiro acre de ha bocado. O' doutor, ora vem ca!

-Não tenho mais que fazer.

-A noite está escura como um prego, o ar cheira a queij . . . Ah! Soccorro! Soccorro que me mataram! - Meu Deus! o que é isto? grita o doutor. Acudam, tra-

gam luzes!

Correm os creados a este appello desesperado e o dia entra a jorros pelo quarto dentro. Era uma hora da tarde. O meu heroe, ao debrucar-se, tinha aberto a cabeca n'um barril empinado no meio da dispensa para onde dizia a janella que er-

Silvia da Vinha.

"Um drama nas trevas" embasava-se na perspectiva de uma jura de amor e a angústia pela sua materialização. A estória se concentrava nos diálogos desencontrados entre o rapaz enamorado, cheio de ansiedade e insone, e o seu companheiro de quarto, um "doutor", cuja intenção principal era conseguir dormir. A narrativa se prendia em descrições ambientais e em percepções dos sentidos, notadamente entre o claro e o escuro. A conclusão do conto, com a virada final, trazia a perspectiva do risco de vida do rapaz apaixonado, por causa de um engano crasso por ele cometido, ficando tal fecho caracterizado a partir de um enfoque que beira o humor negro.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um drama nas trevas

(Oferecido à ilustradíssimas Redação dos Pontos e Vírgulas)

O céu, como um enorme lenço de seda, azul, etéreo, ia confundindo-se nos limites do horizonte com o oceano, espelhado de mil brilhos que o sol fazia refletir como miríades de diamantes facetados.

Era a hora em que o astro do dia vai a pino, em que as aves suspendem os seus cantos e os seus voos, e em que o trabalhador recolhe a tomar a principal refeição do dia. Pelas ruas da Foz, raríssimos passeantes. As casas, cuidadosamente fechadas, a preservarem-nos dos ardores do sol.

Só no hotel da montanha uma das janelas se abre, deixando entrar a luz num deslumbramento, e a cabeça de uma mulher gentilíssima, irrequieta, assoma ao peitoril, perscrutando com o olhar todo o Passeio Alegre.

De curta duração foi a espera.

Dois rapazes elegantemente vestidos saltam com agilidade do americano. Um deles apressa o passo, cumprimenta galhardamente a jovem e troca com ela pouquíssimas palavras. Logo depois junta-se ao outro, enquanto ela se retirava após um gracioso cumprimento.

Noite alta. Extinguem-se os últimos rumores da animação do dia. Fecham-se os cafés. As estrelas, aos bandos, crivam o céu e o luar envolve as casarias em ondas de luz diáfana. Om ar com indolência, vem beijar a praia, docemente... languidamente... numa carícia...

No Hotel Montanha tudo dorme já. Tudo não, porque ainda se distinguem vozes num quarto.

- Doutor!
- Que é?
- Dá-me um fósforo.
- Não tenho, deixa-me dormir.

- Dormir!... Se eu pudesse fazer o mesmo!... Mas não. Separam-me apenas algumas horas do momento ditoso em que hei de vê-la. Ao romper da aurora, disse-me ela com a sua voz de anjo, "quando todos estejam recolhidos, estarás aqui no jardim". E eu sem luz para ao menos ver como no relógio os instantes se passam lentamente! Vê, vê se tens um fósforo.
- Não tenho, já disse. Olha, abre a janela. Se não me engano, a única que vi, fica à esquerda. Daí poderás ver os primeiros alvores do dia.
 - Tens razão. Mas, não a encontro. Ah! cá está! Custa a abrir.
 - Pouco uso, talvez.
- Até que enfim. Que noite!... escura como um prego. É singular, o ar parece que cheira a queijo.
- Oh! esquentado devanear de apaixonado! Pois tu já trocas os sutis aromas do jardim pelo substancial cheiro do queijo?!
 - É extraordinário, é. E contudo cheira. Ora, vem cá!
 - Meu amigo, eu não estou apaixonado, vou dormir. Boa noite.
 - Também me deito. Ainda é cedo.
 - É melhor. Mas antes fecha a janela. Pelos vidros, vê-se o dia.
 - Tens razão.

- Doutor, doutor!

- Que é, homem?
- Deve ser tarde, dormi tanto!...
- Vai ver e deixa-me em paz.
- Tudo escuro ainda. Que noite horrível de agonia!... e contudo em sinto passos, parece que tudo está em movimento. E não vejo nada. Maldita janela que tanto custa a abrir! Nada, sempre as mesmas trevas impenetráveis. E o mesmo cheiro acre de há bocado. Ó doutor, ora vem cá!
 - Não tenho mais que fazer.
- A noite está escura como um prego, cheira a queij... Ah! Socorro! Socorro que me mataram!
 - Meu Deus! o que é isto? grita o doutor. Acudam, tragam luzes!

Correm os criados a este apelo desesperado e o dia entra a jorros pelo quarto dentro. Era uma hora da tarde. o meu herói, ao debruçar-se, tinha aberto a cabeça num barril empinado no meio da dispensa para onde dizia a janela que erradamente abrira.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 37, 24 jun. 1894, p. 3)

A NOITE DE SZJOÃO

· Nunca o commendador João Cactano da Silva festejara o Santo Percursor tão luzidamente como n'esse anuo.

Dos salões magnificentes vinham os echos do festim em ondas de harmonia, no tilintar sonoro dos crystaes e no rumor confuso das vozes dos convivas, após um opiparo banquete.

A animação redobrava nos jardios tão intensamente illuminados, que, ao primeiro golpe de vista, os olhos se cegavam ao scintillar de tantos lumes. N'um recanto, erguia se a cascala, ornada de pittorescas figurinhas, subindo e descendo por caprichosos arruamentos até à imagem perfeitissima do Santo. Aqui e além, em artistica disposição, viam-se as azenhas, os moinhos de movimento, os caste los e as casas de campo. Mais em baixo suspendia-se, por de sobre o lago, uma ponté primorosamente trabalhada e ao centro despenhava-se em cachões multicores uma quéda d'agua, que dava ao jardin um aspecto designibrante. Uma maravilha, uma verdadeira maravilha de riqueza e bom gosto.

O commendador andava radiante; nem parecia o mesmo. Era aquelle o seu dia, como elle affirmava n'uma expansão de intimo contentamento. Que o não convidassem para outras festas que elle no dia de S. João desforrava-se de toda essa abstenção de divertimentos, atirando com a sua habitual gravidade para detraz dos moinhos. Folgava e ria como se por sobre a sua existencia não tivesse já decorrido meio seculo, que elle disfarçava habilmente sob os mil artificios que se tên inventado para consolo dos parvos. Que, diga-se em honra da verdade, ninguem lhe daria mais de trinta e cinco annos à vista do sen rosto bem preparado, dos sens cabellos negros e luzidios e dos othes vivissimos em que agora se estampava a mais intensa das alegrias. O commendador sentia se grande, poderoso.

Dizia-se à bocca pequena que toda aquella ostentação tinha por fim o dar nas vistas de certa dama que frequentava a casa do brazileiro e por quem, accrescentava-se, elle andava. doido de amores. Todo isto com grave escandalo da mana do commendador que detestava a tal senhora e as folias em que: o irmão se mellia por causa d'ella, que por seu turno se não mostrava esquiva. Troçava com as amigas, é certo, da estupidez do brazileiro, da sua obesidade, do seu andar pachorrento e muitas vezes desesperava-o com as preferencias concedidas a qualquer dos mancebos que lhe fagiam a côrte. Más tudo isto não passava de ardilosa excitação as aspirações do seu grave apaixonado. N'aquella noile, por extenção, estava ella sendo d'uma amabilidade que o encantava.

Estava a festavio seu maior auge. Aguem lembrou que se accendessem fogifeiras. Foi approvada a ideia por unanimidade e começaram desde logo, no mejo d'uma algazarra infernal, as peripecias mais ou menos engraçadas que geralmente se dão com os saltos sobre as fogueiras.

O commendador para não darso seu braço a torcer, para attestar a sua agilidade, a sua leveza, dispoz-se a sallar tambam. Com um grande alarido de palmas, uns grandes recarcéos de vivacidade, formou o salto: Formou o e saltou mas no mesmo instante uma gargalhada interminavel, de esmagadora troca, estrugia por todos os ambitos do jardim. O commendador estendera-se litteralmente sobre a fogueira e fazia esprços desesperados para se levantar. Trataram de a apagar de o ajudar a erguer-se trocando os risos por solicitas indagações; Mas de repente uma nova gargalhada mais estrepitos; mais prolongada do que a primeira, estralleja nos ares. O pobre commendador, corrido, apupado, Java as mãos á cabeça e verifica com pavor que o seu bello chino negro, pendido ja sobre o hombro, era vorazmente tragado pelo fogo que se lhe ateiara na queda.

Payable Carry Uma narrativa minuciosa das ações comemorativas às festas joaninas, ao meio do ano, aparecia em "A noite de S. João",a qual trazia detalhes dos festejos, em clara busca pela identidade dos leitores para com realidades por eles vivenciadas. O protagonista era um comendador, grande admirador daquela festividade e que se mostrava ainda mais interessado, tendo em vista a busca por impressionar uma mulher. Entretanto, o tiro saía pela culatra, pois, ao invés empolgar a pretendida, o representante da elite terminava por ser ridicularizado, sendo apresentada sua traumática experiência, pelo prisma da chalaça, fazendo-o desiludir-se daquelas comemorações.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A noite de S. João

Nunca o comendador João Caetano da Silva festejara o Santo Precursor tão luzidamente como nesse ano.

Dos salões magnificentes vinham os ecos do festim em ondas de harmonia, ao tilintar sonoro dos cristais e no rumor confuso das vozes dos convivas, após um opíparo banquete.

A animação redobrava nos jardins tão intensamente iluminados, que, ao primeiro golpe de vista, os olhos se cegavam ao cintilar de tantos lumes. Num recanto, erguia-se a cascada, ornada de pitorescas figurinhas, subindo e descendo por caprichosos arruamentos até a imagem perfeitíssima do Santo. Aqui e além, em artística disposição, viam-se as azenhas, os moinhos de

movimento, os castelos e as casas de campo. Mais em baixo suspendia-se, por de sobre o lago, uma ponte primorosamente trabalhada e a centro despenhava-se em cachões multicores uma queda de água, que dava ao jardim um aspecto deslumbrante. Uma maravilha, uma verdadeira maravilha de riqueza e bom gosto.

O comendador andava radiante; nem parecia o mesmo. Era aquele o seu dia, como ele afirmava numa expansão de íntimo contentamento. Que o não convidassem para outras festas que ele no dia de S. João desforrava-se de toda essa abstenção de divertimentos, atirando com a sua habitual gravidade para detrás dos moinhos. Folgava e ria como se por sobre a sua existência não tivesse já decorrido meio século, que ele disfarçava habilmente sob os mil artifícios que se tem inventado para consolo dos parvos. Que, diga-se em honra da verdade, ninguém lhe daria mais de trinta e cinco anos à vista do seu rosto bem preparado, dos seus cabelos negros e luzidios e dos olhos vivíssimos em que agora se estampava a amis intensa das alegrias. O comendador sentia-se grande, poderoso.

Dizia-se à boca pequena que toda aquela ostentação tinha por fim o dar nas vistas de certa dama que frequentava a casa do brasileiro e por quem, acrescentava-se, ele andava doido de amores. Tudo isto com grave escândalo da mana do comendador, que detestava a tal senhora e as folias em que o irmão se metia por causa dela, que por seu turno se não mostrava esquiva. Troçava com as amigas, é certo, da estupidez do brasileiro, da sua obesidade, do seu andar pachorrento e muitas vezes desesperava-o com as preferências concedidas a

qualquer dos mancebos que lhe faziam a corte. Mas tudo isto não passava de ardilosa excitação às aspirações do seu grave apaixonado. Naquela noite, por exceção, estava ela sendo de uma amabilidade que o encantava.

Estava a festa no seu maior auge. Alguém lembrou que se acendessem fogueiras. Foi aprovada a ideia por unanimidade e começaram desde logo, no meio de uma algazarra infernal, as peripécias mais ou menos engraçadas que geralmente se dão com os saltos sobre as fogueiras.

O comendador para não dar o seu braço a torcer, para atestar a sua agilidade, a sua leveza, dispôs-se a saltar também. Com um grande alarido de palmas, uns grandes escarcéus de vivacidade, formou o salto. Formou-o e saltou, mas no mesmo instante uma gargalhada interminável, de esmagadora troça, estrugia por todos os âmbitos do jardim. O comendador estendera-se literalmente sobre a fogueira e fazia esforços desesperados para se levantar. Trataram de apagar e de o ajudar a erguer-se, trocando os risos por solícitas indagações. Mas de repente uma nova gargalhada, mais estrepitosa, mais prolongada do que a primeira, estraleja nos ares. O pobre comendador, corrido, apupado, leva as mãos à cabeça e verifica com pavor que os eu belo chinó negro, pendido já sobre o ombro, era vorazmente tragado pelo fogo que se ateara na queda.

*

E não me lembro que o comendador tornasse a festejar o S. João.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 38, 1º jul. 1894, p. 2-3)

Quem a Deus busca...

O corregedor andava desesperado. Reprehender o filho era prégar no deserto. Perdido e achado era ao pé d'ellas, das Achas, uma alcunha que lhes vinha já de familia.

Que ellas eram, realmente, as raparigas mais guapas e mais pretendidas d'aquelles arredores. E, então, a Annitas, a que o filho namorava, era mesmo uma belleza. Tinha uns cabellos loiros, encaracolados; uns olhos tão negros, tão brilhantes, que o intenso fulgor d'elles lhe crestara a pelle em volta: a bocca pequena, rosada, descerrava-se continuamente n'um sorriso que lhe illuminava a physionomia, harmonisando-se com a alegria que se lhe espelhava no olhar e lhe cantava na

Tudo isto reconhecia o corregedor, mas ella era uma aldeã, uma simples mulher do campo; e o seu Antoninho era quasi um doutor. Dois annos mais e estava formado.

Era preciso dissuadil-o d'aquella inclinação, evitar que aquelles amores se revigorassem. Era por isto que o corregedor detestava as férias. N'esse dia terminavam ellas e já elle estava morto que o filho partisse. Por algum tempo descancava de cuidados.

Até ao momento de o vêr partir não o havia de deixar só para evitar que elles se despedissem. Ja na vespera não déra um momento de liberdade ao filho, a pretexto da proxima separação, cortando todas as evasivas ao astucioso rapaz que não queria deixar a terra em que lhe ficava amarrado o coração, sem dizer o adeus de despedida á sua amada.

As horas apertavam-se-lhe. A mãe já lhe preparara as malas e as despedidas estavam todas feitas. Um ultimo abraço e o Antoninho sahiu de casa, mal reparando nas solicitas recommendações da mãe, nem nas furtivas lagrimas que lhe rolavam impetuosas pelas faces. O pae acompanhava o, como de costume, até à diligencia que devia trazel o ao Porto.

Passaram á porta das Achas, mas não viram ninguem. Mais adiante, porém, o Antoninho descortinou, ao voltar-se, a Annitas Acha, aconchegando-se as arvores para o corregedor a não descobrir, se se voltasse.

A presença d'ella foi o sufficiente para desannuviar a fronte ainda agora contrahida do astucioso rapaz. Começa de demorar o passo e como quem se convencesse d'uma verdade palpavel, exclama:

- Pois meu pae, agora que poucos momentos me restam da sua companhia, vou aproveital-os, dando-lhe uma noticia que por certo o alegrará: acabo de convencer-me de que a verdadeira felicidade consiste na paz intima da nossa consciencia e que essa só pode nascer da passiva obediencia a nossos paes. Os paes só nos guiam á ventura, os paes representam a Deus na terra e quem a Deus busca...

- A Deus acha! -- concluiu o corregedor, radiante, victo-

-Sim, meu pae. Adeus, Acha! repetiu elevando a voz o Antoninho e voltando-se para traz.

O corregedor sem comprehender o jogo de palavras do filho e sem reparar no tom em que elle as proferira, repetia convicto e cheio de alegria:

— É verdade, Antonio, quem a Deus busca...

- Adeus, Acha! Adeus, Acha!!!

E saltando para a diligencia dizia ainda, quasi gritando e n'um gesticular que o pae agora estranhou:

- Adeus, Acha!!

Volta-se então bruscamente o corregedor e vê a namorada do filho, acenando-lhe com o lenço. Comprehendendo o lôgro em que cahira, estende os punhos cerrados para a diligencia que se escondia ja n'uma volta da estrada. E os echos iam repetindo ainda de quebrada em quebrada:

Adeus... adeus, Acha!...

Silvia da Vinha

"Quem a Deus busca..." apresentava uma questão ainda muito em voga e que foi mostrada à extenuação pela imprensa de então, mormente a de natureza caricata, como no caso da portuense, voltada à dicotomia entre as relações embasadas em fundamentos românticos e as norteadas pelo interesse financeiro. O "corregedor", representante da cúpula burocrático-judicial pretendia arranjar um bom casamento para o filho Antoninho, que estudava para também vir a ser "doutor", de modo que o magistrado visava a garantir ao descendente um retorno financeiro compatível a partir do matrimônio. A moça que despertava a paixão do filho, Anitas, não era apresentada como não estando à altura de tais ambições paternas, tanto por razões econômicas, quanto pela perspectiva de pendores civilizatórios e de castas sociais, uma vez que se tratava de uma "simples mulher do campo". O texto ainda trazia consigo um conflito de gerações, tendo em vista que, apesar de todos os cuidados do pai para afastar o filho daquela tentação feminil, Antoninho acabava por ludibriá-lo, demonstrando não estar disposto a desistir da moça. Tal historieta de certo modo vai de encontro a uma realidade que parecia ainda predominante até àquela época, como a própria imprensa muitas vezes descrevia, revelando uma certa possibilidade da preeminência do amor-romântico sobre o casamento por interesse.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Quem a Deus busca...

O corregedor andava desesperado. Repreender o filho era pregar no deserto. Perdido e achado era ao pé delas, das Achas, uma alcunha que lhes vinha já de família.

Que elas eram, realmente, as raparigas mais guapas e mais pretendidas daqueles arredores. E, então, a Anitas, a que o filho namorava, era mesmo uma beleza. Tinha uns cabelos loiros, encaracolados; uns olhos tão negros, tão brilhantes, que o intenso fulgor deles lhe crestara a pele em volta; a boca pequena, rosada, descerrava-se continuamente num sorriso que lhe iluminava a fisionomia, harmonizando-se com a alegria que se lhe espelhava no olhar e lhe cantava na voz.

Tudo isto reconhecia o corregedor, mas ela era uma aldeã, uma simples mulher do campo; e o seu Antoninho era quase um doutor. Dois anos mais e estava formado.

Era preciso dissuadi-lo daquela inclinação, evitar que aqueles amores se revigorassem. Era por isto que o corregedor detestava as férias. Nesse dia terminavam elas e já ele estava morto que o filho partisse. Por algum tempo descansava de cuidados.

Até ao momento de o ver partir não o havia de deixar só para evitar que eles se despedissem. Já na véspera não dera um momento de liberdade ao filho, a pretexto da próxima separação, cortando todas as evasivas ao astucioso rapaz

que não queria deixar a terra em que lhe ficava amarrado o coração, sem dizer o adeus de despedida à sua amada.

As horas apertavam-se-lhe. A mãe já lhe preparara as malas e as despedidas estavam todas feitas. Um último abraço e o Antoninho saiu de casa, mal reparando nas solícitas recomendações da mãe, nem nas furtivas lágrimas que lhe rolavam impetuosas pelas faces. O pai acompanhava-o, como de costume, até a diligência que devia trazê-lo ao Porto.

Passaram à porta das Achas, mas não viram ninguém. Mais adiante, porém, o Antoninho descortinou, as voltar-se, a Anitas Acha, aconchegando-se às árvores para o corregedor a não descobrir, se se voltasse.

A presença dela foi o suficiente para desanuviar a fronte ainda agora contraída do astucioso rapaz. Começa de demorar o passo e como quem se convencesse de uma verdade palpável, exclama:

- Pois meu pai, agora que poucos momentos me restam da sua companhia, vou aproveitá-los, dando-lhe uma notícia que por certo o alegrará: acabo de convencer-me de que a verdadeira felicidade consiste na paz íntima da nossa consciência e que essa só pode nascer da passiva obediência a nossos pais. Os pais só nos guiam à ventura, os pais representam a Deus na terra e quem a Deus busca...
 - A Deus acha!- conclui o corregedor, radiante, vitorioso.
- Sim, meu pai. Adeus, Acha! repetiu elevando a voz o Antoninho e voltando-se para trás.

O corregedor sem compreender o jogo de palavras do filho e sem reparar no tom em que ele as proferira, repetia convicto e cheio de alegria:

- É verdade, Antônio, quem a Deus busca...
- Adeus, Acha! Adeus, Acha!!!

E saltando para a diligência dizia ainda, quase gritando e num gesticular que o pai agora estranhou:

- Adues, Acha!!

Volta-se então bruscamente o corregedor e vê a namorada do filho, acenando-lhe com o lenço. Compreendendo o logro em que caíra, estende os punhos cerrados para a diligência que se escondia já numa volta da estrada. E os ecos iam repetindo ainda de quebrada em quebrada:

Adeus... adeus, Acha!...

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 40, 14 jul. 1894, p. 3 e 6)

UM INCORRIGIVEL

Homem mais amavel, mais obsequiador do que o Simões é que não podia haver. Quem lhe prestasse homenagem á elevada posição onde o alcandorara a sua immensa riqueza, quem lhe incensasse a vaidade, podia estar certo de que lhe era credor de um nunca acabar de finezas, de um sem numero de attenções.

O que elle não queria, nem por sombras, era que ninguem lhe recordasse que, um dia, mal a aurora esgarçava o veu das trevas da noite, elle deixara a terra natal e viera (ha quantos annos!) para a cidade, trazendo por unica bagagemuns tamancos d'amieiro, enflados n'um pau de lodo e mil pro-

jectos de ambição a recheiarem lhe o cerebro.

A Fortuna, essa deusa excessivamente caprichosa, houve por bem coroar lhe de bom exito as ambições e o simples aldeão de hontem prosperou, produziu. fez-se homem, estimado entre os mais honestos, opulento entre os mais abastados. O Simoes era a nata dos burguezes que se elevam. Entre as suas boas qualidades, salientava-se como defeito, por exagerada, uma galanteria extrema, uma amabillidade quintessenciada, systematica.

Se uma pessoa do alto tom o visitava...

Ora, oiçam lá:

Era em occasião de eleições. O rico commerciante tinha influencia política, já pela sua posição, já pelas suas numerosas relações. Um candidato a deputado visita-o com o louvavel fim de puxar a braza para a sua sardinha. Ninguem como o Simõés podia prestar lhe o relevantissimo serviço que se atrevia a pedir lhe, pois que ninguem, como elle, gosava da consideração que tanto merecia. Tanta lisonja foi o sufficiente para que o Simões o não deixasse sahir sem haver-lhe promettido que envidaria todos os esforços para garantir ao deputado uma consideravel maioria de votos.

Despede-se o visitante, encantado da amabilidade do dono da casa e este dispõe-se a acompanhal-o até á carruagem. Que não, que se não incommodasse, pedia o primeiro. E o Simões insistia em fazer-lhe a companhia da praxe. O deputado já supplicava que não descesse e o commerciante, sempre amavel, teimava de continuo. N'este dize tu, direi eu, chegavam à ver, telinava de comporta. O visitante para impedir mais imcommodos, visto ter de transpor o jardim ainda, fecha violentamente a porta, aproveitando a casualidade de a chave estar collocada exteriormente. Tranquillo, atravessa a distancia que o separava do trem. Ao subir para elle, nota que já o seguia o Simões, caminhando com difficuldade mas sorrindo sempre. Lançara se da janella abaixo e torcera um pé só para acompanhar a visita.

Perdida de vista a carruagem, manda chamar o medico. Este não se demora. Ao retirar se insiste o Simões em acompanhal-o tambem. O medico protesta visto o estado em que o commerciante tinha o pé. Nem assim o conseguia. Já sem conconnecterante tuna o per son assim o conseguiar da son considerações, sahe do quarto, fecha a porta após de si e desce a escada a quatro e quatro. D'ahi a um instante o Simões chamava-o com insistencia e seguia-o como podia. O medico volta-se e vê-o pallido, com a mão direita escorrendo sangue: tinha-lhe entalado dois dedos ao fechar lhe a porta.

-Se V. Ex. a se désse ao incommodo de voltar a subir para vêr me estes dedos?

-Com a condição de não me acompanhar quando me despedir.

-N'esse caso dispenso-lhe os serviços, snr. doutor. E acompanhou-o cortezmente até ao trem, emquanto que os dedos esmigalhados lhe faziam padecer torturas de inquisi-

Silvia da Vinha.

O breve conto "Um incorrigível" visava a mostrar as possibilidades de ascensão social no contexto luso, trazendo o personagem Simões que, da pobreza do campo, partira em pleno êxodo rural, para encontrar a abundância na cidade, a partir das lides mercantis. Ainda que abastado e influenciador no cenário político, Simões mantinha certas nuances do campônio, as quais beiravam uma certa simploriedade, a qual era fortemente carregada nas tintas da historieta, dando um tom caricatural ao personagem.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um incorrigível

Homem mais amável, mais obsequiador do que o Simões é que não podia haver. Quem lhe prestasse homenagem à elevada posição onde o alcandorara a sua imensa riqueza, quem lhe incensasse a vaidade, podia estar certo de que lhe era credor de um nunca acabar de finezas, de um sem número de atenções.

O que ele não queria, nem por sombras, era que ninguém lhe recordasse que, um dia, mal a aurora esgarçava o véu das trevas da noite, ele deixara a terra natal e viera (há quantos anos!) para a cidade, trazendo por única bagagem uns tamancos de amieiro, enfiados num pau de lodo e mil projetos de ambição a rechearem-lhe o cérebro.

A Fortuna, essa deusa excessivamente caprichosa, houve por bem coroarlhe de bom êxito as ambições e o simles aldeão de ontem prosperou, produziu, fez-se homem, estimado entre os mais honestos, opulento entre os mais abastados. O Simões era a nata dos burgueses que se elevam. Entre as suas boas qualidades, salientava-se como defeito, por exagerada, uma galanteria extrema, uma amabilidade quinta-essenciada, sistemática.

Se uma pessoa do alto tom o visitava...

Ora, ouçam lá:

Era em ocasiões de eleições. O rico comerciante tinha influência política, já pela sua posição, já pelas suas numerosas relações. Um candidato a deputado visita-o com o louvável fim de puxar a brasa para a sua sardinha. Ninguém como o Simões podia prestar-lhe o relevantíssimo serviço que se atrevia pedir-lhe, pois que ninguém, como ele, gozava da consideração que tanto merecia. Tanta lisonja foi o suficiente para que o Simões o não deixasse sair sem haver-lhe prometido que envidaria todos os esforços para garantir ao deputado uma considerável maioria de votos.

Despede-se o visitante, encantado da amabilidade do dono da casa e este dispõe-se a acompanhá-lo até a carruagem. Que não, que se não incomodasse, pedia o primeiro. E o Simões insistia em fazer-lhe a companhia de praxe. O deputado já suplicava que não descesse e o comerciante, sempre amável, teimava de contínuo. Neste dize tu, direi eu, chegavam à porta. O visitante para impedir mais incômodos, visto ter de transpor o jardim ainda, fecha violentamente a porta, aproveitando a casualidade de a chave estar colocada exteriormente. Tranquilo, atravessa a distância que o separava do trem. Ao subir para ele, nota que já o seguia o Simões, caminhando com dificuldade mas

sorrindo sempre. Lançara-se da janela abaixo e torcera um pé só par acompanhar a visita.

Perdida de vista a carruagem, manda chamar o médico. Este não se demora. Ao retirar-se insiste o Simões em acompanhá-lo também. O médico protesta visto o estado em que o comerciante tinha o pé. Nem assim o conseguia. Já sem considerações, sai do quarto, fecha a porta após de si e desce a escada a quatro e quatro. Daí a um instante o Simões chamava-o com insistência e seguia-o como podia. O médico volta-se e o vê pálido, com a mão direita escorrendo sangue: tinha-lhe entalado dois dedos ao fechar-lhe a porta.

- Se V. Exa. se desse ao incômodo de voltar a subir para ver-me esses dedos?
 - Com a condição de não me acompanhar quando me despedir.
 - Nesse caso dispenso-lhe os serviços, senhor doutor.

E acompanhou-o cortesmente até ao trem, enquanto que os dedos esmigalhados lhe faziam padecer torturas de inquisição.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 41, 21 jul. 1894, p. 6)

UMA TRAGEDIA

A pobre rapariga contemplava com melancolia o disco da lua que vinha subindo, subindo mansamente, a pouco e poudo para o zenith, em toda a magnitude do seu brilho e rodeiada da sua corte — uma immensa poeirada de estrellas. Cá
em baixo, um silencio profundo, como se, adormecida a terra,
se deixasse embalar docemente pela brisa, n'um grande goso
d'aquella noite esplendorosa, sonbadora.

Só ella era triste. Aquella noite recordava lhe outra egualmente bella, mas de recordações terriveis: os remorsos espicaçavam-lhe o coração. E comtudo ninguem suspeitara nada do passado.

Depois d'aquelle momento fatal, nunca mais tivera socego. Aquelle espectro perseguia a sempre. Mas é que ella virase accusada injustamente, injustamente diffamada por causa d'elle. Guardou lhe odio profundo. O seu coração de pomba, a sua alma crystallina revoltaram-se contra as suspeitas de que fora alvo e jurou vingar-se.

N'aquella noite recolhera elle mais cedo. Vinha timido como que receiando o explodir da colera d'aquella a quem compromettera.

Ella não tivera mão em si, perdera a cabeça e uma lucta medonha se travou entre elles. Engalfinhados um no outro, arranhavam-se, até que ella, n'um impeto de desespero, o arremessou pela janella fóra, ouvindo logo o baque do corpo d'elle, cahindo como uma avalanche nas lageas do pateo.

Não tendo coraxem para presenciar a obra do seu desespero, fechara a janella e no dia seguinte, com grande espanto sem nem vestigios encontrar da tragedia da vespera, nem uma só palavra ouvin a tal respeito. Incomprehensivel.

Agora que reconstruia em espirito aquella scena, sentia um suor frio innundar-lhe as faces. Levantor-se da janella com sentido de deitar-se. No mesmo instante reparou que a luz da alcova tremia e ella receiou: tinha medo.

De repente sente um grande ruido e a luz apaga-se. A pobre rapariga, sem forças para mais perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, o Farruco, o gato favorito de sua ama, estava ali, ao seu lado, olhando-a humildemente como que pedindo lhe perdão do susto que lhe causara, entornando-lhe a lamparina do quarto ao passar por cima da commoda.

Ella, tão bondosa, afagou-o e perdoou-lhe tudo, tudo, á só ideia de que o Farruco estava ali e aquelle espectro deixaria de perseguil-a agora para sempre.

Porque ella julgara havel-o morto n'aquella noite terrivel porque elle lhe manchara a sua reputação illibada, roubandolhe os bifes para o almoço dos patrões.

Silvia da Vinha.

A estória "Uma tragédia" era apresentada como uma espécie de tragicomédia. Toda a introdução e o desenvolvimento da estória levavam a entender que a protagonista fora difamada quanto às suas virtudes, movendo um ódio violento para com aquele que provocara tal situação. Ficava implícito que se tratava de uma moça que perdera a virgindade e, após luta com o rapaz que lhe causara tal mal, acabara por temer tê-lo matado. A narrativa chegava a trazer algum suspense, mas a rápida reviravolta do desfecho mostrava que se tratava em verdade de uma criada que fora acusada de ter roubado comida na casa dos patrões, quando, na verdade, o malfeitor em questão, com o qual ela se engalfinhara, era o gato da família, desencadeando-se uma espécie de final feliz, com o perdão da "pobre rapariga" para com o bichano.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma tragédia

A pobre rapariga contemplava com melancolia o disco da lua que vinha subindo, subindo mansamente, a pouco e pouco para o zênite, em toda a magnitude do seu brilho e rodeada da sua corte – uma imensa poeirada de estrelas. Cá em baixo, um silêncio profundo, como se, adormecida a terra, se deixasse embalar docemente pela brisa, num grande gozo daquela noite esplendorosa, sonhadora.

Só ela triste. Aquela noite recordava-lhe outra igualmente bela, mas de recordações terríveis: os remorsos espicaçavam-lhe o coração. E contudo ninguém suspeitara nada do passado.

Depois daquele momento fatal, nunca mais tivera sossego. Aquele espectro perseguia-a sempre. Mas é que ela vira-se acusada injustamente, injustamente difamada por causa dele. Guardou-lhe ódio profundo. O seu coração de pomba, a sua alma cristalina revoltaram-se contra as suspeitas de que fora alvo e jurou vingar-se.

Naquela noite recolhera ele mais cedo. Vinha tímido como que receando o explodir da cólera daquela a quem comprometera.

Ela não tivera mão em si, perdera a cabeça e uma luta medonha se travou entre eles. Engalfinhados um no outro, arranhavam-se, até que ela, num ímpeto de desespero, o arremessou pela janela fora, ouvindo logo o baque do corpo dele, caindo como uma avalanche nas lajes do pátio.

Não tendo coragem para presenciar a obra do seu desespero, fechara a janela e no dia seguinte, com grande espanto sem nem vestígios encontrar da tragédia da véspera, nem uma só palavra ouviu a tal respeito. Incompreensível.

Agora que reconstruía em espírito aquela cena, sentia um suor frio inundar-lhe as faces. Levantou-se da janela com sentido de deitar-se. No mesmo instante reparou que a luz da alcova tremia e ela receou: tinha medo.

De repente sente um grande ruído e a luz apaga-se. A pobre rapariga, sem forças para mais perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, o Farruco, o gato favorito de sua ama, estava ali, ao seu lado, olhando-a humildemente como que lhe pedindo perdão do susto que lhe causara, entornando-lhe a lamparina do quarto ao passar por cima da cômoda.

Ela, tão bondosa, afagou-lhe e perdoou-lhe tudo, tudo, à só ideia de que o Farruco estava ali e aquele espectro deixaria de persegui-la agora para sempre.

Porque ela julgara havê-lo morto naquela noite terrível porque ele lhe manchara a sua reputação ilibada, roubando-lhe os bifes para o almoço dos patrões.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 42, 28 jul. 1894, p. 3)

A INGLEZA

A Ingleza passava por uma virtude romana. Entrara para a casa na qualidade de preceptora das meninas, duas traquinas encantadoras, e nunca nos seus habitos se notara a mais ligeira irregularidade, nem no seu aspecto austero a mais imperceptivel alteração. Havia por ella um respeito extraordinario que a severidade the impunha — graças à sua linha correctissima, impeccavel.

As creanças tinham-se-lhe affeiçoado, mais á força de a verem do que pelas caricias que ella lhes dispensasse: era um-

temperamento exquisito, quasi rispido.

E comtudo, diga-se em honra da verdade, a exotica miss era formosa. Nas faces osteniava o alvor da neve e os labios finos e quasi imperceptiveis eram feitos do carmim e da frescura das rosas. Nos rarissimos momentos em que um sorriso lh'os descerrava, os seus dentes alvissimos patenteavam-se brithantes, e unidos como uma preciosa rede de marfim. Nos cabellos que reprimia a custo, tinha reflexos d'oiro, no olhar havia a tranquilla transparencia d'um lago. O scintillar dos seus olhos era velado por aquella expressão de severidade fria que contrastava frisantemente com as perfeições de que era dotada. Ademais, era alta, elegante e vestia com esmero se bem que despretenciosamente.

Despretenciosamente até havia poucos dias. Agora não. Notava-se mesmo uma transformação profunda n'aquella creatura. Vestia com mais apuro e de vez em quando uma nuvem de rubor lhe subia ás faces, como se um pensamento estranho a agitasse toda.

Geralmente a Ingleza era pouco communicativa; agora, porém, mais exquisita se tornára. Desde que as suas attribuições estavam cumpridas, retirava-se para os aposentos que the eram destinados e já de lá não sahia.

A dona da casa aperas notara essa mudança de habitos, mas a creadagem, a eterna indagadora do que se passa de portas a dentro, promettera-se descobrir o que era que trazia a Inglexa tão pensativa, tão distrahida. N'aquella cruzada accentuadamente curiosa e um quasi nada escandalosa, apuraram que ella escrevia até altas horas, como que o fizesse a custo e a medo porque levava tempos infinitos sentada á sua elegante secretaria, encostada a face á mão alva e esguia, intersamente illuminada pelas unhas roseas e bem cuidadas.

O que não puderam descobrir foi o que e para quem ella escrevia.

Passaram-se alguns dias n'esta situação. Já quasi se tinham habituado ao novo modo de viver da excentrica preceptora.

Um dia, porém, o toque de sineta havia mais d'um quarto de hora que annunciara o jantar quando a Ingleza entrou na sala. Vinha visivelmente commovida. As suas faces de ordinario frias e impenetraveis, vinham incendidas de rubor. Todos os olhares se fitaram n'ella e em todos os rostos se pintou um grande espanto que degenerou em seguida n'uma gargalhada geral, saudando o guarda livros da casa que acabava de dar entrada na sala.

A penna que elle usava habitualmente atraz da orelha, tinha passado, não sei por que artes, para entre os cabellos fulvos da pudica miss!...

Silvia da Vinha.

A breve historieta intitulada "A inglesa" trazia em seu fundo uma espécie de inversão do contexto internacional em relação a um âmbito doméstico, pois, ao contrário da tradicional preeminência britânica sobre os negócios portugueses, desta vez era uma cidadã inglesa que trabalhava em um lar luso. O uso de tais profissionais revelava também a intenção das famílias mais abastadas de instruir seus filhos a partir dos ensinamentos de preceptoras oriundas dos centros "político-civilizatórios" de então. A narrativa apresentava também uma descrição modelar dos padrões de beleza feminina da época, também atrelados aos arquétipos da mulher normalmente originária da Europa centro-ocidental. O fulcro da estória estava vinculado a uma certa ruptura para com a fleuma britânica, tendo em vista que a sisuda preceptora britânica acabaria por ser surpreendida tendo um caso com um outro funcionário da família.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A inglesa

A inglesa passava por uma virtude romana. Entrara para a casa na qualidade de preceptora das meninas, duas traquinas encantadoras, e nunca nos seus hábitos se notara a mais ligeira irregularidade, nem no seu aspecto austero a mais imperceptível alteração. Havia por ela um respeito extraordinário que a severidade lhe impunha – graças à sua linha corretíssima, impecável.

As crianças tinham-se-lhe afeiçoado, mais à força de a verem do que pelas carícias que elas lhes dispensasse: era um temperamento esquisito, quase ríspido.

E contudo, diga-se em honra da verdade, a exótica miss era formosa. Nas faces ostentava o alvor da neve os lábios finos e quase imperceptíveis eram feitos do carmim e da frescura das rosas. Nos raríssimos momentos em que um sorriso lhes descerrava, os seus dentes alvíssimos patenteavam-se brilhantes e unidos como uma preciosa rede de marfim. Nos cabelos que reprimia a custo, tinha reflexos de oiro, no olhar havia a tranquila transparência de um lago. O cintilar dos seus olhos era velado por aquela expressão de severidade fria que contrastava frisantemente com as perfeições de que era dotada. Ademais, era alta, elegante e vestia com esmero se bem que despretensiosamente.

Despretensiosamente até havia poucos dias. Agora não. Notava-se mesmo uma transformação profunda naquela criatura. Vestia com mais apuro e de vez em quando uma nuvem de rubor lhe subia às faces, como se um pensamento estranho a agitasse toda.

Geralmente a inglesa era pouco comunicativa; agora porém, mais esquisita se tornara. Desde que as suas atribuições estavam cumpridas, retiravase para os aposentos que lhe eram destinados e já de lá não saía.

A dona da casa apenas notara essa mudança de hábitos, mas a criadagem, a eterna indagadora do que se passa de portas a dentro, prometerase descobrir o que era que trazia a inglesa tão pensativa, tão distraída. Naquela

cruzada acentuadamente curiosa e um quase nada escandalosa, apuraram que ela escrevia até altas horas, como que o fizesse a custo e a medo porque levava tempos infinitos sentada à sua elegante secretária, encostada a face à mão alva e esguia, intensamente iluminada pelas unhas róseas e bem cuidadas.

O que não puderam descobrir foi o que e para quem ela escrevia.

Passaram-se alguns dias nesta situação. Já quase tinham habituado ao novo modo de viver da excêntrica preceptora.

Um dia, porém, o toque de sineta havia mais de um quarto de hora que anunciara o jantar quando a inglesa entrou na sala. Vinha visivelmente comovida. As suas faces de ordinário frias e impenetráveis, vinham incendidas de rubor. Todos os olhares se fitaram nela e em todos os rostos se pintou um grande espanto que degenerou em seguida numa gargalhada geral, saudando o quarda livros da casa que acabava de dar entrada na sala.

A pena que ele usava habitualmente atrás da orelha, tinha passado, não sei por que artes, para entre os cabelos da pudica miss!...

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 43, 4 ago. 1894, p. 3)

DUAS ALMAS GEMEAS

Elles amara:u-se loucamente desde os primeiros diss se viram. Ella era o lume dos olhos d'elle. Elle era o

Aquella paixão cahiu como um raio na existencia de ambos, quando ainda mal a mocidade lhes assomava na vida.

Uma união venturosa ligou-lhes os destinos e firmou-lhes a felicidade em dias de incomparavel hemquerença. Nunca o azul d'aquelle viver fôra empanado pela mais ligeira nuvem. Viviam como principes, gastavam como nababos. Não sabiam o que eram os escolhos da vida, não experimentaram as agruras d'uma dissensão. Duas almas gemeas.

O tempo prateava-lhes já os cabellos e os seus sentimentos eram os mesmos. Só a opulencia era mais de apparencias: escurentava-se, ia-se delindo a pouco e pouco. A miseria avisinhava-se e um dia bateu-lhes á porta. Acolheram-n'a com uma resignação estoica. Nem por isso se queixaram: as loucuras tinham sido communs, as prodigalidades mutuas.

Resignaram-se, pois, e do luxo faustoso d'outr'ora decahiram n'uma parcimonia quasi miseravel. Os esbanjamentos loucos foram substituidos por economias mesquinhas. No entanto, o casal vivia sempre feliz, sempre sorridente, sempre de apparencias. Ninguem diria que vergonhosa decadencia se occultava sob aquelles ouropeis. Um dia ella recordou o seu brilhante iniciar na vida de casada e uma lagrima de saudade sumiu se-lhe nas faces como uma gotta de orvalho por entre a areia escandescente dos desertos. Elle viu-a e estremeceu.

A doença veio juntar-se à miseria e não puderam mais sustentar apparencias. Retiraram-se a um viver retrahido.

Nunca mais ninguem os viu sahir de casa.

Um dia a porta d'elles não se abriu. Era noite e um silencio lugubre reinava lá dentro. Os visinhos tremeram por uma desgraça e deram parte á policia. Arrombada a porta, um medico ali presente, constatou que tinham succumbido a doenca quasi identica.

Ella morrera da gôta e elle succumbira... á pinga.

Silvia da Vinha.

"Duas almas gêmeas" tratava-se de uma rápida estória que falava de uma relação amorosa que parecia não ter fim. Tudo indicava que o casal teria encontrado o caminho da felicidade plena na vida a dois. Até mesmo diante das dificuldades econômico-financeiras, os sentimentos pareciam permanecer inabaláveis, contradizendo de certo modo a maior parte das narrativas de então que normalmente condicionavam o sucesso conjugal à manutenção dos interesses materiais. O desfecho, entretanto, acabava por revelar tal preceito, uma vez que, diante da pobreza, o amor entre as "duas almas gêmeas" acabou por sucumbir à doença e ao alcoolismo.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Duas almas gêmeas

Eles amaram-se loucamente desde os primeiros dias que se viram. Ela era o lume dos olhos dele. Ele era o sol da vida dela.

Aquela paixão caiu como um raio na existência de ambos, quando ainda mal a mocidade lhes assomava na vida.

Uma união venturosa ligou-lhes os destinos e firmou-lhes a felicidade em dias de incomparável benquerença. Nunca o azul daquele viver fora empenado pela mais ligeira nuvem. Viviam como príncipes, gastavam como nababos. Não sabiam o que eram os escolhos da vida, não experimentaram as agruras de uma dissensão. Duas almas gêmeas.

O tempo prateava-lhes já os cabelos e os seus sentimentos eram os mesmos. só a opulência era mais de aparências: escurentava-se, ia-se delindo a pouco e pouco. A miséria avizinhava-se e um dia bateu-lhes à porta. Acolheramna com uma resignação estoica. Nem por isso se queixaram: as loucuras tinham sido comuns, as prodigalidades mútuas.

Resignaram-se, pois, e do luxo faustoso de outrora decaíram numa parcimônia quase miserável. Os esbanjamentos loucos foram substituídos por economias mesquinhas. No entanto, o casal vivia sempre feliz, sempre sorridente, sempre de aparências. Ninguém diria que vergonhosa decadência se ocultava sob aqueles ouropéis. Um dia ela recordou o seu brilhante iniciar na vida de casada e uma lágrima de saudade sumiu-se-lhe nas faces como uma gota de orvalho por entre a areia escandecente dos desertos. Ele viu-a e estremeceu.

A doença veio juntar-se à miséria e não puderam mais sustentar aparências. Retiraram-se a um viver retraído. Nunca mais ninguém os viu sair de casa.

Um dia a porta deles não se abriu. Era noite e um silêncio lúgubre reinava lá dentro. Os vizinhos tremeram por uma desgraça e deram parte à polícia. Arrombada a porta, um médico ali presente, constatou que tinham sucumbido à doença quase idêntica.

Ela morrera de gota e ele sucumbira... à pinga.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 45, 18 ago. 1894, p. 2-3)

UM RAPTO

Idade indecifravel. Alta, secca, de braços interminaveis e mãos espateladas. Cabellos negros e fartas sobrancelhas sobre uns olhos vesgos e microscopicos.

A bocca fazia lembrar a famigerada entrada do Averno: negruras, exhalações miasmaticas, defezas medonhas, agudos escarpes, tudo la bavia. A toilette tinha as côres do arco-iris e era feita pelos figurinos do seculo dezesete.

Elle, um mititar de rosto pallido como os heroes doentios das lendas medievaes, vira a de noite, tomara a nuvem por Juno e fizera-lhe a corte. Acceite, combinaram um rapto. Oh! um rapto!...

A falta de corda de seda, elle subiria até ao quarto d'ella por uma corda de guindar pedras que estava no predio do lado que n'essa occasião andava em construcção. Para contrabalançar ao peso d'elle a tresloucada amante foi prendendo, auxiliada por uma creada, uma velha mala na extremidade da corda. Depois ergueram-n'a custosamente até acima do peitoril da janella.

Entretanto elle preparava-se. Com um sacco de noite enliado no braço, segurou-se à corda com todo o instincto da sua conservação e esperon. Foi um momento tremendo. A mala, mais pesada do que elle, cahiu com fracasso sobre a calçada e elle foi elevado com a rapidez do raio até à altura do segundo andar. Mal reposto ainda do abalo, ia saltar pela janella quando uma oscillação da corda o fez olhar para baixo.

Espetam-se-lhe os raros cabellos, solta um grito pavoroso e zás! estilhaça as costellas na calçada.

Estava salva a moral. Mão incognita cortara a corda e um vulto desapparecia pela esquina proxima.

Silvia da Vinha.

"Um rapto" chamava a atenção para um ato bastante comum à época e recorrentemente descrito junto à produção literária e jornalística, tratando do rapto, pelo qual a donzela era roubada da casa de seus pais por seu pretendente, de modo a transformar a relação entre ambos em um caminho sem volta. Nessa narrativa, entretanto, o tom bem humorado era a tônica, desde a descrição da mulher, a qual coincidente plenamente com um estereótipo de feiura, até o tresloucado procedimento para levar em frente o rapto. O insucesso acabava por ser o inevitável resultado, ficando a ressalva de que, pelo menos, a "moral" estava salva, ou seja, a moça não teria sido corrompida em suas virtudes.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um rapto

Idade indecifrável. Alta, seca, de braços intermináveis e mãos espateladas. Cabelos negros e fartas sobrancelhas sobre uns olhos vesgos e microscópicos.

A boca fazia lembrar a famigerada entrada do Averno: negruras, exalações miasmáticas, defesas medonhas, agudos escarpes, tudo lá havia. A toalete tinha as cores do arco-íris e era feita pelos figurinos do século dezessete.

Ele, um militar de rosto pálido como os heróis doentios das lendas medievais, vira-a de noite, tomara a nuvem por Juno e fizera-lhe a corte. Aceite, combinaram um rapto. Oh! um rapto!...

À falta de corda de seda, ele subira até ao quarto dela por uma corda de guindar pedras que estava no prédio do lado que nessa ocasião andava em construção. Para contrabalançar ao peso dele a tresloucada amante foi prendendo, auxiliada por uma criada, uma velha mala na extremidade da corda. Depois ergueram-na custosamente até acima do peitoril da janela.

Entretanto ele preparava-se. Com um saco de noite enfiado no braço, segurou-se à corda com todo o instinto da sua conservação e esperou. Foi um momento tremendo. A mala, mais pesada do que ele, caiu com fracasso sobre a calçada e ele foi elevado com a rapidez do raio até a altura do segundo andar. Mal reposto ainda do abalo, ia saltar pela janela quando uma oscilação da corda o fez olhar para baixo.

Espetam-se-lhe os raros cabelos, solta um grito pavoroso e zás! Estilhaça as costelas na calçada.

*

Estava salva a moral. Mão incógnita cortara a corda e um vulto desaparecia pela esquina próxima.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 46, 25 ago. 1894, p. 3)

SALVA!

O pobre rapaz andava triste, sorumbatico a mais não poder ser. Pensar no futuro d'ella e seu era evocar no espirito horridas tempestades. E agora que a via definhar lentamente, que não podia acudir-lhe, sentia-se acabrunhar de desespero. Desde que a trouxera do Porto nunca mais ella fora a mesma.

Era um emmagrecer que o assustava, que lhe punha calefrios na espinha. Fitava-a por vezes durante longas horas e
aquella transparencia d'ella, aquelle seu afusilar não diminuia,
crescia sempre, sempre, destemidamente. Toda a therapeutica
era inutil. Nem a propria lympha do Dr. Koch seria bastante
para impedir a marcha progressiva e assustadora de tão galopante tysica. Exgotou todos os recursos: inutil tudo, tudo em
vão.

Um dia pensou definitivamente no caso. Resolveu-se a atalhar o mal por qualquer que fosse o modo, contanto que a

salvasse, que ella voltasse a ser a mesma, cheia, alegre, fazendo retinir a sua voz de oiro. Pensou, pensou e afinal resolveu em ultimatum casar se com uma lavradeira tão boçal como endinheirada.

Estava salva a pobre lysica, a sua bolsa de prata, que desde que elle a trouxera do Porto, nunca mais cantara de esterlinas e se mirrava tristemente entre o cotão dos bolsos!

Silvia da Vinha.

Em "Salva!", o intento era mais uma vez criar um cenário no qual um homem perdia sua amada para a pobreza, após a vinda para a cidade grande. Todas as indicações levavam a crer que se tratava de uma mulher que, pelas privações, estaria magérrima e entregue ao mal da tuberculose. A virada da estória acabava por revelar que, na verdade, a figura feminina era uma alusão à carteira do indivíduo, cada vez mais vazia durante sua estada no Porto. A única solução para vencer tão angustiosa situação foi o casamento com uma mulher endinheira, mas pouco inteligente, revelando o olhar crítico acerca dos casamentos por interesse ainda tão comuns à época.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Salva!

O pobre rapaz andava triste, sorumbático a mais não poder ser. Pensar no futuro dela e seu era evocar no espírito hórridas tempestades e agora que a via definhar lentamente, que não podia acudir-lhe, sentia-se acabrunhar de desespero. Desde que a trouxera do Porto nunca mais ela fora a mesma.

Era um emagrecer que o assustava, que lhe punha calafrios na espinha. Fitava-a por vez durante longas horas e aquela transparência dela, aquele seu afuzilar não diminuía, crescia sempre, sempre, destemidamente. Toda a terapêutica era inútil. Nem a própria linfa do Dr. Koch seria bastante para

impedir a marcha progressiva e assustadora de tão galopante tísica. Esgotou todos os recursos; inútil tudo, tudo em vão.

Um dia pensou definitivamente no caso. Resolveu-se a atalhar o mal por qualquer que fosse o modo, contanto que a salvasse, que ela voltasse a ser a mesma, cheia, alegre, fazendo retinir a sua voz de oiro. Pensou, pensou e afinal resolveu em ultimatum casar-se com uma lavradeira tão boçal como endinheirada.

Estava salva a pobre tísica, a sua bolsa de prata, que desde que ele a trouxera do Porto, nunca mais cantara de esterlinas e se mirrava tristemente entre o cotão dos bolsos!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 47, 1° set. 1894, p. 3)

O VESTIDO DE BAILE

Diante do espelho que a refletia toda, Regina acabaya de dar a ultima demão ao seu penteado. Estava realmente formosa. A côr ligeiramente morena do seu rosto, branqueava, descendo, e assim é que a garganta e os hombros de contornos frames correctos tinham surprehendentes tons na carnadura. Alvo mes correctos tinham surprehendentes tons na carnadura e torneado, o seu braço tentaria um esculptor, por exigente que fosse.

Faltam duas horas para o baile. Para passal-as vae vestindo o seu ligeiro vestido branco, todo vaporoso de gazes e rendas preciosas. Que bem lhe vae à côr do rosto! Como é discreto no desvendar do jaspe vivo do seu collo!

Depois de se haver mirado com orgulho, despe-o sophis collocal-o carinhosamente, com mil cuidados, sobre um sophis en iuma la legante indo em seguida sentar-se commodamente, esperando a hora do baile.

Ali, no remanso do seu quarto, Regina pensa na felicidade que d'ahi a momentos gosará. Carlos promettera-lhe que la tem a certeza porque lh'o diz o coração, que elle

ha de esperar com anciedade o momento de cingir-lhe a cintura flexivel e arrebatal a no redemoinhar vertiginoso da valsa. O seu Carlos ama a muito, muito!

Apenas pronuncidas estas palavras, uma gargalhada estridente, um rir de estacar os cabellos, accorda o silencio do gabinente. Regina, assustada, porque se julgava só, olha em volta de si e vê com espanto o seu vestido de baile, de pé, avançar para ella e com uma das mangas erguidas dizer-lhe ironicamente:

- Com que então, elle ama te muito, vaidosa? E quem l'o affirma?
- -Oh! Por Deus! elle mesmo m'o tem jurado mil vezes!
- —Elle!... continua o vestido com ironia Mas então não tens tu visto como elle se extasia a contemplar tua prima? E não é ella formosa, muito mais formosa do que tu?

E o vestido ria, ria, n'um gargalhar ironico, de demonio. Regina sentia já es soluços embargarem-lhe a vós quando lhe pousou no hombro a mão d'alguem que a chamava brandamente.

Ergueu a cabeça e viu sua mãe que lhe recordava que eram horas de vestir-se e a encontrara adormecida profundamente.

Regina esfregou os olhos e verificou que fôra um sonho, um pesadello modonho que lhe avassalara o espirito: O vestido, intacto, permanecia cuidadosamente estendido sobre o sophá.

Silvia da Vinha.

O texto denominado "O vestido de baile" refletia acerca de um condicionante social então vigente, no sentido da mulher buscar aformosear-se ao extremo, visando a agradar um marido em potencial. O mote era a preparação de Regina para o baile, com todos os cuidados quanto à aparência e à indumentária, buscando essencialmente o encontro com o amado Carlos. A estória acabava por assumir um tom de certo modo fantástico, com o vestido da moça ganhando vida e assombrando-a, mormente quanto à possibilidade da perda de seu alvo conjugal. Tudo acabaria por se revelar um sonho para a assustada e enciumada Regina, com a retomada do olhar reflexivo sobre a inexorável missão feminina de arranjar casamento.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O vestido de baile

Diante do espelho que a refletia toda, Regina acabava de dar a última demão ao seu penteado. Estava realmente formosa. A cor ligeiramente morena do seu rosto, branqueava, descendo, e assim é que a garganta e os ombros de contornos firmes corretos tinham surpreendentes tons na carnadura. Alvo e torneado, o seu braço tentaria um escultor, por exigente que fosse.

Faltam duas horas para o baile. Para passá-las vai vestindo o seu ligeiro vestido branco, todo vaporoso de gases e rendas preciosas. Que bem lhe vai a cor do rosto! Como é discreto no desvendar do jaspe vivo do seu colo!

Depois de se haver mirado com orgulho, despe-o e vai colocá-lo carinhosamente, com mil cuidados, sobre um sofá. Envia-lhe ainda um último olhar de íntima satisfação e envolve-se numa bata elegante indo em seguida sentar-se comodamente, esperando a hora do baile.

Ali, no remanso do seu quarto, Regina pensa na felicidade que daí a momentos gozará. Carlos prometera-lhe que ia também e ela tem a certeza porque lhe diz o coração, que ele há de esperar com ansiedade o momento de cingir-lhe a cintura flexível e arrebatá-la no redemoinhar vertiginoso da valsa. O seu Carlos ama-a muito, muito!

Apenas pronunciadas estas palavras, uma gargalhada estridente, um rir de estacar os cabelos, acorda o silêncio do gabinete. Regina, assustada, porque se julgava só, olha em volta de si e vê com espanto o seu vestido de baile, de pé, avançar para ela e com umas mangas erguidas dizer-lhe ironicamente:

- Com que então, ele ama-te muito, vaidosa? E quem o afirma?
- Oh! Por Deus! ele mesmo o tem jurado mil vezes!
- Ele!... continua o vestido com ironia. Mas então não tens tu visto como ele se extasia a contemplar tua prima? E não é ela formosa, muito mais formosa do que tu?

E o vestido ria, ria, num gargalhar irônico, de demônio.

Regina sentia já os soluços embargarem-lhe a vós quando lhe pousou no ombro a mão de alguém que a chamava brandamente.

Ergueu a cabeça e viu sua mãe que lhe recordava que eram horas de vestir-se e a encontrara adormecida profundamente.

Regina esfregou os olhos e verificou que fora um sonho, um pesadelo medonho que lhe avassalara o espírito: O vestido, intacto, permanecia cuidadosamente estendido sobre o sofá.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 48, 8 set. 1894, p. 2-3)

IR BUSCAR LA ...

O Ernesto era o rapaz mais espirituoso, mais engraçado que se pode imaginar. Para uma troça não havia outro. Ir ás vezes buscar circumstancias, pegava por coisas que não lembrariam ao proprio diabo.

Para ridicularisar qualquer pessoa era impagavel.

Sendo um rapaz bem apresentado tinha mesmo uns ares que, apreciado de longe, parecia um personagem distincto, na intimidade era um pobre diabo, mas a certa distancia era sempre rapaz de boa sociedade e, sobretudo, um bom cavaqueador. Tinha um fraco: era um conquistador temivel, ou se julgava, o que nem sempre é a mesma coisa. Gastava dias inteiros, tomava estafas formidolosas atraz de senhoras que via passar e que por acaso ofhavam e afinal para levar com uma janella

na cara, o que lhe succedia as mais das vezes.

Um dia, à porta do Suisso, vê passar uma senhora loira, formosissima: uma creatura ideal, em summa. O Ernesto perdeu logo a cabeça. Segue-a. Elía atravessa a Praça de D. Pedro, elle atravessa-a tambem. Sóbe pelos Clerigos, elle sóbe. Entra na Egreja, elle entra. Ajoetha, elle ajoetha. Sahe e desce outra vez os Clerigos, elle sahe e desce. Voita pela praça, elle volta. Toma pela rua de Sá da Bandeira, elle toma. Entra no armazem de musicas do Costa Mesquita (n'esse tempo) e elle entra tambem. A dama que desde o principio dera pela perseguição, fita-o mas ve lhe uma tal seriedade que não teve o menor ar de censura para elle. Ella dirige-se ao dono da casa, cumprimenta-o com intimidade e começam a fatlar sobre as ultimas novidades musicaes: O Ernesto, para se metter na conversa, pede musicas e começa a discutir, a fazer se muito entendido, muito enfronhado na materia, dando catanada bravia em varios auctores, accusando-os de plagiato, mas tudo isto com immensa graça, o que em parte lhe desculpava a thesoura. N'isto o Mesquita mostra-lhe uma valsa moderna, encarecendolhe o merito. Então é que o Ernesto botou a livraria abaixo, empregando todo o sen espirito, todos os recursos da sua dialectica só para lhe provar que a valsa era uma pepineira, uma verdadeira pepineira. Tão esthusiasmado estava que nem reparava que a sua interlocutora já não ria e o proprietario do estabelecimento la arrumando as musicas sem lhe dar attenção, nem sequer, othar para elle.

De repente, no mais acceso do discurso, a dama ruborisada, apopletica, despede-se do Mesquita e sahe pela porta fora sem mais saudação, deixando o Ernesto de bocca aberta, muito encavacado e sem força para o resto do discurso que promettia chegar até ao dia de juizo. Então, volta-se para o dono da casa e pede-lhe, a ser possivel, a razão da inesperada sahi-

da da dama.

O Mesquita, plangentemente:

— Essa senhora era a auctora da valsa que o snr. tão injustamente acaba de troçar.

O Ernesto, corrido, doido, fugiu sem olhar para traz com medo de a conhecer, de a ver ainda.

Fora buscar la e vinha deploravelmente tosquiado.

Silvia da Vinha.

Sob o olhar do humor "Ir buscar lã..." tecia comentários jocosos, utilizando-se da figura de Ernesto, um pândego e mulherengo que vivia das aparências. Tal personagem seria temível para os mais desavisados que se tornavam alvo de sua troça e para as mulheres em seu entorno, alvos recorrentes de seus pendores de conquistador. A estória se concentrava em uma dessas tentativas de Ernesto em praticar seus dotes de dom-joão e era nesse momento que ele se atrapalhava ao tentar utilizar-se de seus dons de jocosidade para levar em frente mais uma de suas tentativas de sedução, sem dar-se conta que a atingida pela graça era a mesma que despertara seu interesse. A moral da estória, já anunciada no título e, depois na frase de fechamento, apelando para o adágio popular, estava vinculada à imposição de limites às práticas humorísticas.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Ir buscar lã...

O Ernesto era o rapaz mais espirituoso, mais engraçado que se pode imaginar. Para uma troça não havia outro. Ir às vezes buscar circunstâncias, pegava por coisas que não lembrariam ao próprio diabo.

Para ridicularizar qualquer pessoa era impagável.

Sendo um rapaz bem apresentado, tinhas mesmo uns ares que, apreciado de longe, parecia um personagem distinto, na intimidade era um pobre diabo, mas a certa distância era sempre rapaz de boa sociedade e, sobretudo, um bom cavaqueador. Tinha um fraco: era um conquistador temível, ou se julgava, o que nem sempre é a mesma coisa. Gastava dias inteiros, tomava estafas formidolosas atrás de senhoras que via passar e que por acaso olhavam e afinal para levar com uma janela na cara, o que lhe sucedia as mais das vezes.

Um dia, à porta do Suíço, vê passar uma senhora loira, formosíssima: uma criatura ideal, em suma. Ernesto perdeu logo a cabeça. Segue-a. Ela atravessa a Praça de D. Pedro, ele atravessa-a também. Sobe pelos Clérigos, ele sobe. Entra na igreja, ele entra. Ajoelho, ele ajoelha. Sai e desce outra vez os Clérigos, ele sai e desce. Volta pela praça, ele volta. Toma pela rua de Sá da Bandeira, ele toma. Entra no armazém de músicas do Costa Mesquita (nesse tempo) e ele entra também. A dama que desde o princípio dera pela perseguição, fita-o mas vê-lhe uma tal seriedade que não teve o menor ar de censura para ele. Ela dirige-se ao dono da casa, cumprimenta-o com intimidade e começam a falar sobre as últimas novidades musicais. O Ernesto, para se meter na conversa, pede músicas e começa a discutir, a fazer-se muito entendido, muito enfronhado na matéria, dando catanada bravia em vários autores, acusando-os de plagiato, mas tudo isto com imensa graça, o que em parte lhe desculpava a tesoura. Nisto o Mesquita mostra-lhe uma valsa moderna, encarecendo-lhe o mérito. Então é que o Ernesto botou a livraria abaixo, empregando todo o seu espírito, todos os recursos da sua dialética só para lhe provar que a valsa era uma pepineira, uma verdadeira pepineira. Tão entusiasmado estava que nem reparava que a sua interlocutora já não ria e o proprietário do estabelecimento ia arrumando as músicas sem lhe dar atenção, nem sequer olhar para ele.

De repente, no mais aceso do discurso, a dama ruborizada, apoplética, despede-se do Mesquita e sai pela porta fora sem mais saudação, deixando o Ernesto de boca aberta, muito encavacado e sem força para o resto do discurso que prometia chegar até ao dia de juízo. Então, volta-se para o dono da casa e pede-lhe, a ser possível, a razão da inesperada saída da dama.

O Mesquita, plangentemente:

– Essa senhora era a autora da valsa que o senhor tão injustamente acaba de troçar.

O Ernesto, corrido, doido, fugiu sem olhar para trás com medo de a conhecer, de a ver ainda.

Fora buscar lã e vinha deploravelmente tosquiado.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 49, 15 set. 1894, p. 3)

A CORÇA

Toda a aldeia estava em festa.

A creada do snr. abhade via-se e desejava-se para arranjar o jantar. Ainda se tivesse ordem de metter alguem a ajudal-a... Mas era sósinha. Tambem, de desembaraçada, não queria que nenhuma mulher the botasse agua às mãos. la e vinha d'um lado para o outro quando, de repente, se lembra d'uma coisa: o snr. abbade não the tinha dito como queria a corça que caçara na vespera. Para assar?... e se elle a não queria? E logo n'aquelle dia que vinha tanta gente de fora e que tinha tanto desejo que elle andasse satisfeito! In! Jesus, Senhor! E se lh'o fosse perguntar? Mas áquella hora já a festa na Egreja estava principiada. Nada! guizava metade e a outra, forno com ella. E se elle a queria inteira?... E a pobre da mulher fazia-se de fel e vinagre.

Depois de seismar e rescismar, decidin-se. Botou se ao caminho. Ao entrar na Egreja teve um deslumbramento. La dentro, os lostres tinham scintillações igneas, os altares desappareceram debaixo de tufões de flores, as imagens parociam palpitar debaixo das tunicas de seda.

Já os canticos augustos se elevavam sonoros e nuvens de incenso se descondensavam na atmosphera suffocante da Egreja. O semblame do abbade, austero e grave, era realçado por uma expressão de justo orgulho, em presença da sua obra. Via o povo ali reunido e aquellas almas contrictas, juntando-se n'uma prece commum, afiguravam-se-lhe um bando de castas pombas, librando-se nos latos horisontes da fó.

A estarrecida creada por pouco que se esquecia da corça e do jantar. Passado um momento quiz entrar; mas não poude. Ademais, nem o snr. abbade agora lhe dava attenção. Rodeiou a Egreja e entrou por uma porta lateral. Automaticamente foi

subindo as escadas do côro. O mestre da musica, que era visinho e amigo do snr. abbade, logo que a viu, conjecturou que havia novidade. Fez-lhe signal de approximar-se. A pobre la foi calcando uns e atropellando outros e chegou-se até lá. Conton-lhe em voz baixa a sua atrapalhação.

 0 mestre que era simultaneamente o basso da orchestra disse he que esperasse um bocado.

No proximo psalmo, a sua voz profunda entoou gravemente, alatinando como ponde e encaixando na musica a martello:

— Signor abbade, vestra ancilla dice que no sabe como arranjatorum la corca?

E o abbade, ao pé da lettra:

- Assatoris com um recheius bem feitorum et in seecula, saeculorum.
- -Amen! concluiu o ajudante com a agua a crescer-lhe na becca.

Outra estória calcada no humor foi "A corça", a qual transformava as dúvidas de uma criada quanto à forma de cocção de uma caça em um pequeno drama. O texto trazia em si os esforços da empregada para agradar a um representante do corpo clerical, reproduzindo a preeminência da religião em meio à sociedade lusa. A transformação de algo comezinho em acontecimento relevante a ponto de influir na execução do ato litúrgico, revelava o espaço da jocosidade até mesmo para com pressupostos religiosos, apresentando consigo, ainda que de modo tênue, a manifestação de um pensamento anticlerical, tão comum em grande parte da imprensa caricata de então.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A corça

Toda a aldeia estava em festa.

A criada do senhor abade via-se e desejava-se para arranjar o jantar. Ainda se tivesse ordem de meter alguém a ajudá-la... Mas era sozinha. Também de desembaraçada, não queria que nenhuma mulher lhe botasse água às mãos. ia e vinha de um lado para o outro quando, de repente, se lembra de uma coisa: o senhor abade não lhe tinha dito como queria a corça que caçara na véspera. Para assar?... e se ele a não queria? E logo naquele dai que vinha tanta gente de fora e que tinha tanto desejo que ele andasse satisfeito! Ih! Jesus, Senhor! E se lhe fosse perguntar? Mas àquela hora já a festa na igreja estava principiada.

Nada! guisava metade e a outra, forno com ela. E se ele a queria inteira?... E a pobre da mulher fazia-se de fel e vinagre.

Depois de cismar e recismar, decidiu-se. Botou-se ao caminho. Ao entrar na igreja teve um deslumbramento. Lá dentro, os lustres tinham cintilações ígneas, os altares desapareceram debaixo de tufões de flores, as imagens pareciam palpitar debaixo das túnicas de seda.

Já os cânticos augustos se elevavam sonoros e nuvens de incenso se descondensavam na atmosfera sufocante da igreja. O semblante do abade, austero e grave, era realçado por uma expressão de justo orgulho, em presença da sua obra. Via o povo ali reunido e aquelas almas contritas, juntando-se numa prece comum, afiguravam-se-lhe um bando de castas pombas, librando-se nos latos horizontes da fé.

A estarrecida criada por pouco que se esquecia da corça e do jantar. Passado um momento quis entrar; mas não pode. Ademais, nem o senhor abade agora lhe dava atenção. Rodeou a igreja e entrou por uma porta lateral. Automaticamente foi subindo as escadas do coro. O mestre da música, que era vizinho e amigo do senhor abade, logo que a viu, conjecturou que havia novidade. Fez-lhe sinal de aproximar-se. A pobre lá foi calcando uns e atropelando outros e chegou-se até lá. Contou-lhe em voz baixa a sua atrapalhação.

O mestre que era simultaneamente o *basso* da orquestra disse-lhe que esperasse um bocado.

No próximo salmo, a sua voz profunda entoou gravemente, alatinando como pode e encaixando na música a martelo:

- Signor abbade, vestra ancila disse que no sabe como arranjatorum la corça?

E o abade, ao pé da letra:

- Assatoris com um recheius bem feitorum et in seecula, saeculorum.
- Amém! concluiu o ajudante com a água a crescer-lhe na boca.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 50, 22 set. 1894, p. 3 e 6)

UM CATACLISMO

A Brazileira n'esse dia andava alegre que nem umas paschoas. Ao contrario dos outros dias, estivera complacente com os creados que, geralmente, viam o diabo na figura da ama.

Esta orçava pelos trinta annos, era alta, corpulenta, morena e de feições duras; os cabellos caprichosamente ricados na frente, comiam-lhe as sobrancelbas que, por seu turno, eram dois accentos circumflexos sobre uns othos pretos e irrequietos. Sobre o labio inferior pousava-lhe um dente indiscreto que a tornava pevidosa e que, apesar de todas as boquinhas que a dona fizesse, era incapaz de guardar o incognito.

No entretanto, a estulta Brazileira julgava haver feito monopolio de todas as gracas da natureza e tinha ainda a celebreira de se julgar uma cantora de primo cartello. Se pilhava qualquer pessoa a geito, cantava-lhe logo uma das suas arias estopantes que só de ouvil-as merecia um pobre mortal ser ca-

nonisado em vida.

N'aquella noite reunia ella. Como de costume sentou-se ao piano e começou a desflar, n'uma somnolenta melopeia, as suas sandices musicaes. A principio deram-lhe alguma attenção,

depois conversava-se animadamente, até, com grande aggravo do marido da Brazileira que parecia a estatua da amolacão, junto da mulher. Por fim as conversas foram decahindo, esmorecendo, a ponto de se restabelecer o silencio. A pseudo-cantora animava-se, julgando impor se ao auditorio pela sua maestria. Ao chegar ao fim, dispondo de todas as suas forças, n'um arranco violento, dà a nota final com um estridor de galvanisar cadaveres.

O auditorio, accordado em sobresalto, transforma a sala, que ainda agora parecia o campo da morte, em feira da ladra. Espavoridos, sem saber porqué, começam a berrar desatinadamente por soccorro, chegando d'ali a momentos a bomba inunicipal, chamada por um dos convivas da Brazileira.

A pobre cantora fora atacada por um potentissimo ataque de nervos ao presenciar tal cataclismo.

"Um cataclismo" constituía um texto amplamente jocoso, carregando nas tintas caricaturais ao descrever uma representante da colônia brasileira residente em terras lusitanas. Como era então recorrente, havia um quê de exótico na construção da imagem da "brasileira", associado a uma visão anedótica quanto aos pendores da mesma no que tange à música. O humor se desenvolvia desde o início até o desfecho da estória, encerrada com uma inspiração algo tragicômica, misturando um acontecimento trivial com o desencadear de um desastre natural.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um cataclismo

A brasileira nesse dia andava alegre que nem umas páscoas. Ao contrário dos outros dias, estivera complacente com os criados que, geralmente, viam o diabo na figura da ama.

Esta orçava pelos trinta anos, era alta, corpulenta, morena e de feições duras; os cabelos caprichosamente riçados na frente, comiam-lhe as sobrancelhas que, por seu turno, eram dois acentos circunflexos sobre uns olhos pretos e irrequietos. Sobre o lábio inferior pousava-lhe um dente indiscreto que a tornava pevidosa e que, apesar de todas as boquinhas que a dona fizesse, era incapaz de guardar o incógnito.

No entretanto, a estulta brasileira julgava haver feito monopólio de todas as graças da natureza e tinha ainda a celebreira de se julgar uma cantora de *primo cartello*. Se pilhava qualquer pessoa a jeito, cantava-lhe logo uma das suas árias estopantes que só de ouvi-las merecia um pobre mortal ser canonizado em vida.

Naquela noite reunia ela. Como de costume sentou-se ao piano e começou a desfiar, numa sonolenta melopeia, as suas sandices musicais. A princípio deram-lhe alguma atenção, depois conversava-se animadamente, até, com grande agravo do marido da brasileira que parecia a estátua da *amolação*, junto da mulher. Por fim as conversas foram decaindo, esmorecendo, a ponto de se restabelecer o silêncio. A pseudo-cantora animava-se, julgando impor-se ao auditório pela sua maestria. Ao chegar ao fim, dispondo de todas as suas forças, num arranco violento, dá a nota final com um estridor de galvanizar cadáveres.

O auditório, acordado em sobressalto, transforma a sala, que ainda agora parecia o campo da morte, em feira da ladra. Espavoridos, sem saber porque, começam a berrar desatinadamente por socorro, chegando dali a momentos a bomba municipal, chamada por um dos convivas da brasileira.

A pobre cantora fora atacada por um potentíssimo ataque de nervos ao presenciar tal cataclismo.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 1, n. 51, 29 set. 1894, p. 3)

FUGIR DE SCYLLA...

Elle era baixinho, córadinho e de apresentação tão minuscula como distincta. Usava ordinariamente calça côr de ganga, collete côr de flòr d'alecrim e frak preto. O chapeu um nadinha cambado sobre a orelha direita e luvas côr de peito de rola. Um bijou, um bijousinho.

Agora andava elle taciturno. Uma endiabrada trocista por quem elle fizera da sua alma uma diaphana espiral de incenso, elevando-se, pura, até ella, desprezara-o, acalcanhara-lhe brutalmente as aspirações mais de alma, os seus sonhos mais queridos.

Uma das vezes em que, meditabundo, elle passeiava as suas maguas pela cidade, elevando os olhos ao céo, como a impetrar d'elle vingança para a traição recebida, ao baixal-os encontrou perto da terra, n'um primeiro andar, a figura gencial d'uma donzella que cravava n'elle o mais hypnotisante olhar. O gommeux perdeu logo as estribeiras. Adeus, ideias de vingança! adeus, paixão immorredoira!! adeus, tudo!!!

Como convinha a um ledo da sua estofa, cercou logo a praça. Subiu, desceu a rua; parou, continuou, emfim realisou todas as manobras do costume. Ao escurecer retirava-se entre

esperançado e receioso.

Assim, alguns dias, até que poude por fim cantar a aria da carta adorada. Recebera, como resposta á sua carta, uma, que, quando elle desejasse muito, não esperaria tanto. Pedia-lhe ella, porém, que se abstivesse n'esse dia de passeiar-lhe pela porta (a familia...) e que comparecesse apenas no da seguinte pelas 9 da noite. Depois de mil transportes de alegria e de impaciencia feroz, resolveu elle esperar. No dia seguinte, á hora marcada ell-o a caminho. A noite estava escurissima. Chegou e viu um vulto assomando recisso à janclia. Atravessou, julgando vér fazer-lhe signal, mas ao chegar debaixo da janella, levantando a cabeça e cumprimentando, ouvit uma voz mascula responder-lhe com mau modo:

- A outra porta, irmão.

Desnorteado, por ser tomado por mendigo, atravessou de novo e mettendo se n'um portal, dispoz-se a esperar pacientemente. Mas a tal cabeça é que não sahia da janella nem á mão de Deus Padre. Elle entretanto observava a casa com anciedade. De repente o tal homem recolheu-se mas no mesmo instante a porta da rua abria-se e o nosso heroe era violentamente agarrado por mão de ferro.

- -0 snr. que pretende? pergunta o Hercules.
- -E ao snr. que lhe importa?
- Muito, porque desconflo das suas intenções.
- Pois bem, confesso, a minha intensão é... amal-a!

- A mala! O sur, o disse e ai de si se se contradiz! Siga-me.
- E levou o ao primeiro posto de policia. O pobre apaixonado transpirava medo. Julgava-se em poder d'um doido. Entretanto chegavam.
- Este sur, acaba de confessar-me que rondava a minha casa com intento na minha mala, sur, commissario; na minha mala em que guardo o producto de tantos annos de trabalho.
 - Ó snr. pelo amor de Deus! Eu não disse tal!
- Não disse?! Homem, não me faça perder a cabeça!
 Pois se eu nem o conheço, nem sei de mala nenhuma que o sur, tenha, como quer que eu pretendesse roubar-lh a?
 - Não me disse então a minha intenção é a mala?
- -Sim, snr.! Amal-a, a ella, à sua filha, ou sua irmã, ou quer que é!
- Não se cance, que essa não péga. Eu sou só, homem de Deus, não tenho irmã, não tenho ninguem. Ó snr. commissario...
- Ú snr. escute-me! Então quem era aquella senhora que ante-hontem me entregou esta carta?
- Ah! agora comprehendo. Mil perdões, snr.; tem razão e en também a tenho. Desculpe-me. Houve apenas um mal entendido entre nós. O ludibriado foi o snr. Essa senhora, e familia d'ella... mudou! Móro na casa desde esta manhã, apenas.

O leão fora mais uma vez trahido. Fugira de Scylla e fora esbarrar em Caribydes!

"Fugir de Cila..." apresentava os encontros e desencontros de um homem que oscilava entre a decepção e a paixão em relação à figura feminina. As descrições mesclavam-se com diálogos carregados de gracejos, notadamente quanto aos desacertos entre os personagens e as confusões em torno das expressões "amá-la" e "a mala". A conclusão acabava por trazer ao protagonista mais uma decepção amorosa, tal e qual ele iniciara a estória, de modo que a mitologia servia para explicar sua situação, gravitando entre Cila e Caríbdis, ou seja, entre dois monstros marinhos, como designações para os desapontamentos oriundos da ação feminina.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Fugir de Cila...

Ele era baixinho, coradinho e de apresentação tão minúscula como distinta. Usava ordinariamente calça cor de ganga, colete cor de flor de alecrim e fraque preto. O chapéu um nadinha cambado sobre a orelha direita e luvas cor de peito de rola. Um biju, um bijuzinho.

Agora anda ele taciturno. Uma endiabrada trocista por quem ele fizera da sua alma uma diáfana espiral de incenso, elevando-se, pura, até ela, desprezara-o, acalcanhara-lhe brutalmente as aspirações mais de alma, os seus sonhos mais queridos.

Uma das vezes em que, meditabundo, ele passeava as suas mágoas pela cidade, elevando os olhos ao céu, como a impetrar dele vingança para a traição recebida, ao baixá-los encontrou perto da terra, num primeiro andar, a figura gentil de uma donzela que cravava nele o mais hipnotizante olhar. O *gommeux* perdeu logo as estribeiras. Adeus, ideias de vingança! adeus, paixão imorredoira!! adeus, tudo!!!

Como convinha a um *leão* da sua estofa, cercou logo a praça. Subiu, desceu a rua; parou, continuou, enfim realizou todas as manobras do costume. Ao escurecer retirava-se entre esperançado e receoso.

Assim, alguns dias, até que pode por fim cantar a ária da carta adorada. Recebera, como resposta à sua carta, uma, que, quando ele desejasse muito, não esperaria tanto. Pedia-lhe ela, porém, que se abstivesse nesse dia de passear-lhe pela porta (a família...) e que comparecesse apenas no dia seguinte pelas 9 da noite. Depois de mil transportes de alegria e de impaciência feroz, resolveu ele esperar. No dia seguinte, à hora marcada ei-lo a caminho. A noite estava escuríssima. Chegou e viu um vulto assomando receoso à janela. Atravessou, julgando ver fazer-lhe sinal, mas ao chegar debaixo da janela, levantando a cabeça e cumprimentando, ouviu uma voz máscula responder-lhe com mau modo:

A outra porta, irmão.

Desnorteado, por ser tomado por mendigo, atravessou de novo e metendose num portal, dispôs-se a esperar pacientemente. Mas a tal cabeça é que não saía da janela nem à mão de Deus Padre. Ele, entretanto, observava a casa com ansiedade. De repente o tal homem recolheu-se mas no mesmo instante a porta da rua abria-se e o nosso herói era violentamente agarrado por mão de ferro.

- O senhor que pretende? pergunta o Hércules.
- E ao senhor que lhe importa?
- Muito, porque desconfio das suas intenções.
- Pois bem, confesso, a minha intenção é... amá-la!
- A mala! O senhor o disse e ai de si se se contradiz! Siga-me.

E levou-o ao primeiro posto de polícia. O pobre apaixonado transpirava medo. Julgava-se em poder de um doido. Entretanto chegavam.

- Este senhor acaba de confessar-me que rondava a minha casa com intento na minha mala, senhor comissário; na minha mala em que guardo o produto de tantos anos de trabalho.
 - O senhor, pelo amor de Deus! Eu não disse tal!
 - Não disse?! Homem, não me faça perder a cabeça!
- Pois se eu nem o conheço, nem sei de mala nenhuma que o senhor tenha, como quer que eu pretendesse roubá-la?
 - Não me disse então a minha intenção é amá-la?
 - Sim, senhor! Amá-la, a ela, à sua filha, ou sua irmã, ou quer que é!

- Não se canse, que essa não pega. Eu sou só, homem de Deus, não tenho irmã, não tenho ninguém. Ó senhor comissário...
- Ó senhor escute-me! Então quem era aquela senhora que anteontem me entregou esta carta?
- Ah! agora compreendo. Mil perdões, senhor; tem razão e eu também a tenho. Desculpe-me. Houve apenas um mal entendido entre nós. O ludibriado foi o senhor. essa senhora, e família dela... mudou! Mora na casa desde esta manhã, apenas.

O *leão* mais uma vez traído. Fugira de Cila e fora esbarrar em Caríbdis!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 1, 6 out. 1894, p. 2-3)

UM SUSTA

Cahira a noite. Aquelles listrões de purpura do horisonte iam-se transformando n'umas sombras negras, como barras de ferro em braza que fossem a pouco e pouco arrefecendo.

Assim também na alma de Luiza se succedera ao suave calor da esperança o frio cortante d'uma desillusão crudelissima. Já as horas da entrevista iam ao longe e ella lá estava ainda, debruçada no muro, ao fundo do jardim, esperando, esperando sempre.

No seu espirito começava de erguer se um brando ciciar de queixas, um debil murmurio de recriminações que ella, pressurosa, abafava com a lembrança de que alguma coisa de importante, de imprevisto, lhe tinha impedido de comparecer, como promettera.

A noite avançava. As horas decorriam pesadamente, indo repercutir-se-lhe, instante a instante, no coração, tantalisado pelo soffrimento. Já a lua pompeiava, e n toda a altura, no azul do céo e ella sepultava se mais e muito no inferno d'um desespero cruciantissimo. E, comtudo, esperava, esperava sempre.

A suave tranquillidade da noite succedera um leve prenuncio de tempestade. Nuvens de chumbo começaram de rolar pelo firmamento, empanando o brilho da lua, até que uma escuridão densa envolveu a terra. No meio d'este silencio lugubre, Luiza ouviu distinctamente o cantar do plummeo despertador do homem de trabilho, annunciando que a noite ia em meio. Occorreú-lhe então fazer como as estrellas que ainda ha pouco perluziam no ceo - fugir. Mas um andar apressado que se avisinhava, fel a mudar de resolução. O que teria motivado tal demora? Ia por fim sabel-o.

Os passos sentiam-se mais perto ainda.

Um vulto dobra a esquina e já um braço musculoso rodeia a airosa cabeça de Luiza que solta um grito de espanto, de horror, desprendendo-se lestamente. Elle fita-a, balbucia uma desculpa emquanto que ella foge espavorida, indo refugiar-se no seu quarto. Ao passar por um espelho, Luiza repara que a alvura do seu pescoço de cysne fôra maculada por um laivo negro, de fuligem. Comprehendeu.

Fòra o limpa chaminés que a tomara pela creadita mais nova com quem andava de amores.

Em "Um susto" o tema era mais uma vez a desilusão amorosa. Sem especificar os motivos, o texto trazia uma Luiza meditabunda, sofrendo por uma decepção recente e quase que alimentando a esperança na volta de alguém para si. A narrativa em torno dos sentimentos mudava bruscamente para um enfoque que envolvia o medo, em meio a uma atmosfera aterrorizante. Passado o susto, vinha o desfecho, calcado em uma circunstância inusitada, mas nem um pouco apavorante, pois, como indicava o título, não passara de um susto.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um susto

Caíra a noite. Aqueles listrões de púrpura do horizonte iam se transformando numa sombras negras, como barras de ferro em brasa que fossem pouco a pouco arrefecendo.

Assim também na alma de Luiza se sucedera ao suave calor da esperança o frio cortante de uma desilusão crudelíssima. Já as horas da entrevista iam ao longe e ela lá estava ainda, debruçada no muro, ao fundo do jardim, esperando, esperando sempre.

No seu espírito começava de erguer-se um brando ciciar de queixas, um débil murmúrio de recriminações que ela, pressurosa, abafava com a lembrança de que alguma coisa de importante, de imprevisto, lhe tinha impedido de comparecer, como prometera.

A noite avançava. As horas decorriam pesadamente, indo repercutir-selhe, instante a instante, no coração tantalizado pelo sofrimento. Já a lua pompeava, em toda a altura, no azul do céu e ela sepultava-se mais e muito no inferno de um desespero cruciantíssimo. E, contudo, esperava, esperava sempre.

À suave tranquilidade da noite sucedera um leve prenúncio de tempestade. Nuvens de chumbo começaram de rolar pelo firmamento, empanando o brilho da lua, até que uma escuridão densa envolveu a terra. No meio deste silêncio lúgubre, Luiza ouviu distintamente o cantar do plúmeo despertador do homem de trabalho, anunciando que a noite ia em meio. Ocorreu-lhe então fazer como as estrelas que ainda há pouco perluziam no céu – fugir. Mas um andar apressado que se avizinhava, fê-la mudar de resolução. O que teria motivado tal demora? Ia por fim sabê-lo.

Os passos sentiam-se mais perto ainda.

Um vulto dobra a esquina e já um braço musculoso rodeia a airosa cabeça de Luiza que solta um grito de espanto, de horror, desprendendo-se lestamente. Ele fita-a, balbucia uma desculpa enquanto que ela foge espavorida, indo refugiar-se no seu quarto. Ao passar por um espelho, Luiza repara que a alvura do seu pescoço de cisne fora maculada por um laivo negro, de fuligem. Compreendeu.

Fora o limpa-chaminés que a tomara pela criadita mais nova com quem andava de amores.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 2, 13 out. 1894, p. 6)

DEBAIXO DA CAMA

A Joanna era uma galante creadita, fina, delicada, d'esses typos mignons que trazem à memoria a exquisita es gancia d'uma parisione gancia d'uma parisiense. A cintura esbelta e flexivel fazia-assemelhar a uma flor a contura esbelta e flexivel faziaassemelhar a uma flor que se balouça na haste. A cabega gante e hem poet gante e bem posta sobre os hombros de estatua, era d'uma belleza encantadora. belleza encantadora. A tez d'um moreno ardente, os olhos s gros e brilhantes. Caracteristica de la companya de gros e brilhantes, os cabellos egualmente negros e farlos, tando-se em negrosia. tando-se em pequeninos riços sobre a nuca e na tesla, cobrin do lhe, até, em parta como sobre a nuca e na tesla, cobrin do lhe, até, em parta como sobre a nuca e na tesla, cobrin de la como sobre a nuca e na tesla, cobrin de la como sobre a nuca e na tesla, cobrin de la como sobre a nuca e na tesla, cobrin de la como sobre a nuca e na tesla cobrin de la como sobre a nuca e na tesla cobrin de la cobrin de do-lhe, até, em parte, as orelhas minusculas e rosadas.

A Joanna era uma perfeição peregrina. Tinha um primo na guarda o que não é nenhun crime, nem coisa do ou mundo. Sentara ella vara mundo. Sentara elle praça por lhe parecer que o uniforme de via ir mal à sua continua processa de la continua de via ir mal à sua continua de via continua de devia ir mal a sua gordalhuda personalidade. Viera, pois, aldeia e procurava and aldeia e p aldeia e procurava a prima que encontrou mais interessado que nunca e que do que nunca e que, por seu turno, o achon o mais garrono de quantos rapazes lha sintenta de que nunca e que personante de quantos rapazes lha sintenta que encontrou mais interesa. de quantos rapazes lhe tinham arrastado a aza. As coisas n'este pé, caminhava a vida de ambos em plend

maré de selicidades. A Joanna tinha um coração de pomba. Nunca um dia se passou sem que ella o mimoseasse com o mais escolhido petisco da meza dos patrões. Elle pagava-lhe a attenção com os maiores requintes de fidelidade. Uma noite, foram os donos da casa ao theatro e a Joanna veio acompanbal-os ao trem. Mal este partiu, chegou o primo e ali estiveram à porta horas esquecidas. A' despedida a Joanna disse-lhe que esperasse um nadinha que voltava ja. Mas elle foi subindo, devagar. Estava no primeiro andar. Um luxo de aposentos!... D'aquelle lado era decerto o quarto dos patrões da Joanna. Apenas formuladas in mente estas supposições, para um trem à porta e sentem-se pela escada passos apressados. O patrão achara-se mal no theatro e voltava para casa. Sem tempo para retroceder nem para procurar melhor esconderijo, zaz! o militar mette-se debaixo da cama o que lhe não foi muito facil dado o seu exagerado corpanzil. Era tempo. O doente, amparado pela esposa, entrava no quarto. Deitaram n'o e logo chegou o medico. Uma pequena indisposição, nada de cuidado. Depois de receitar, retirou-se e todos se recolheram.

A Joanna que não vira o primo subir, botava-se pela janella fóra, a vôr se o avistava. Mas qual? Entretanto este nem sequer respirava debaixo da cama. Alta noite quiz mudar de posição mas tão desageitadamente se houve que o doente accordou ao ranger da cama. la já levantar-se para vôr o que era mas deiton se logo, como tendo encontrado a explicação do facto. Naturalmente o cão que ficara no quarto. E logo, em voz alta e botando o braço fora da roupa, sem voltar a cabeca:

-Tigre! aqui, Tigre!

O militar receioso de ser descoberto la foi dando pelo nome e lambendo a mão do patrão de Joanna que não tardou em adormecer tranquillamente. Assim foi passando a noite entre lambedellas e sustos até que a manha chegou e com ella a esperança de o militar se esgueirar por ali fora. Mal sentiu o andar de Joanna que descia a escada, poz-se de um pulo fora do quarto emquanto o doente repetia, assustado e botando o braço fora da roupa:

— Tigre! aqui, Tigre.

Mas o Tigre d'esta vez não the respondeu porque a essa hora ja tinha dado as de Villa Diogo, deixando a Joanna estupefacia no alto da escada, sem acreditar no que os seus olhos · viam.

Entretanto elle julgava ainda ouvir a voz fanhosa do velho:

Tigre! aqui, Tigre!

O texto "Debaixo da cama" trazia mais uma vez a descrição da beleza feminina. Nesse caso, o belo estava articulado à representante de um segmento social mais humilde, demonstrando que a formosura não tinha necessariamente de estar articulada à riqueza. O conto tinha Joana como protagonista, a qual namorava um primo que compunha a guarda. Este romance era um estereótipo, abordado à extenuação pela imprensa, notadamente a caricata, que recorrentemente mostrava empregadas namorando ou tendo casos com policiais ou membros da "municipal". Nesse quadro, a narrativa normalmente se centrava nos flagrantes impostos pelos patrões às criadas, surpreendendo-as com seus amantes/namorados. Tal circunstância era mais uma vez representada, havendo a opção pela jocosidade na abordagem.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Debaixo da cama

A Joana era uma galante criadita, fina, delicada, um desses tipos *mignons* que trazem à memória a esquisita elegância de uma parisiense. A cintura esbelta e flexível fazia-a assemelhar a uma flor que se balouça na haste. A cabeça elegante e bem posta sobre os ombros de estátua, era de uma beleza encantadora. A tez de um moreno ardente, os olhos negros e brilhantes, os cabelos igualmente negros e fartos, soltando-se em pequeninos riços sobre a nuca e na testa, cobrindo-lhe, até, em parte, as orelhas minúsculas e rosadas.

A Joana era uma perfeição peregrina. Tinha um primo na guarda o que não é nenhum crime, nem coisa do outro mundo. Sentara ele praça por lhe parecer que o uniforme não devia ir mal à sua gordalhuda personalidade. Viera, pois, da aldeia e procurava a prima que encontrou mais interessante do que nunca e que, por seu turno, o achou o mais garboso de quantos rapazes lhe tinham arrastado a asa.

As coisas neste pé, caminhava a vida de ambos em plena maré de felicidades. A Joana tinha um coração de pomba. Nunca um dia se passou sem que ela o mimoseasse com o mais escolhido petisco da mesa dos patrões. Ele pagava-lhe a atenção com os maiores requintes de fidelidade. Uma noite, foram os donos da casa ao teatro e a Joana veio acompanhá-los ao trem. Mal este partiu, chegou o primo e ali estiveram à porta horas esquecidas. À despedida, a Joana disse-lhe que esperasse um nadinha que voltava já. Mas ele foi subindo, devagar. Estava no primeiro andar. Um luxo de aposentos!... Daquele lado era decerto o quarto dos patrões da Joana. Apenas formuladas in mente estas suposições, para um trem à porta e sentem-se pela escada passos apressados. O patrão achara-se mal no teatro e voltava para casa. Sem tempo para retroceder nem para procurar melhor esconderijo, zás! o militar mete-se debaixo da cama o que lhe não foi muito fácil o seu exagerado corpanzil. Era tempo. O doente, amparado pela esposa, entrava no quarto. Deitaram-no e logo chegou o médico. Uma pequena indisposição, nada de cuidado. Depois de receitar, retirou-se e todos se recolheram.

A Joana que não vira o primo subir, botava-se pela janela fora, a ver se o avistava. Mas qual? entretanto este nem sequer respirava debaixo da cama. Alta noite quis mudar de posição mas tão desajeitadamente se houve que o doente acordou ao ranger da cama. Ia já levantar-se para ver o que era, mas deitou-se logo, como tendo encontrado a explicação do fato. Naturalmente o cão que ficara no quarto. E logo, em voz alta e botando o braço fora da roupa, sem voltar a cabeça:

- Tigre! aqui, Tigre!

O militar receoso de ser descoberto lá foi dando pelo nome e lambendo a mão do patrão de Joana que não tardou em adormecer tranquilamente. Assim foi passando a noite entre lambedelas e sustos até que a manhã chegou e com ela a esperança de o militar se esgueirar por ali fora. Mal sentiu o andar de Joana que descia a escada, pôs-se de um pulo fora do quarto, enquanto o doente repetia, assustado e botando o braço fora da roupa:

- Tigre! aqui, Tigre!

Mas o Tigre desta vez não lhe respondeu porque a essa hora já tinha dado às de Vila Diogo, deixando a Joana estupefato no alto da escada, sem acreditar no que os seus olhos viam.

Entretanto ele julgava ainda ouvir a voz fanhosa do velho:

- Tigre! aqui, Tigre!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 3, 20 out. 1894, p. 2-3)

UIXIA IDEIA

(OFFERECIDO A TESO)

Fora um casamento como muitos. Etle, um visconde a caminho da ruina e da velhice, pois contava uns cincoenta annos cheios de rabugices e de rheumatismo; ella, uma rapariga formosa, elegante, mas mal educada e vaidosa do título e do brilhantismo do nome do marido a quem reduzira a activa passividade d'uma machina. O pobre homem junto d'ella, tinha o valor d'um zero collocado a esquerda. Os caprichos da viscondessa eram ordens que se cumpriam fatalmente désse por onde

désse, apesar da avareza de velho que via a miseria avisinharse a passos de gigante.

Um dia queixon-se ella de que aquella casa lhe não agradava: um casarão enorme, delido e escurentado pelo tempo, resuando humidade por todos os cantos, escusos e lobregos. Decididamente não ficava n'ella e, portanto, ia tratar de procurar casa a seu gosto.

O visconde ouvin-a de cabeca baixa mas pouco decidido a satisfazer-lhe o capricho. Não lhe dava dinheiro e ella que se arranjasse. Depois do se haver preparado com a garridice habitual, a caprichosa senhora sahiu de casa, deixando o marido a ruminar sobre o modo de lhe tolher os capitulos.

Passado trez horas, eil-a de volta. Vinha radiante. Encontrara o que desejava: uma casa alegre, banhada, a jorros, de luz, com um grande quintal e n'uma das ruas mais centraes da cidade. Emfim, uma habitação luxuosa, perfeitamente à altura da sua elevada cathegoria. Um pouco cara, mas encantadora. Para que depois da sua visita o senhorio não dispuzesse d'elta, a viscondessa deixara-lhe cem mil reis de signal que, casualmenta, encontrara na carteira do marido. Estava certa de que elle lhe não quereria mal por isso pois que na sua nova morada poderia rodeial-o de todas as commodidades appetecíveis. O sorriso que, ao pronunciar estas palavras, the illuminava a phisionomia, teria conseguido abalar a disposição do visconde, se a maldita ideia de sua mulher ter dado cem mil reis de signat sobre a tal casa, lhe não tivesse tirado a vista.

Soube, pois, onde era a sua nova morada e deixou a mulher na doce fruição da sua vaidade satisfeita. Chegado, fallou com o senhorio. Achava a casa pequena, dizia. «Nada d'isso, mostrava-lhe o dono. E veja V. Ex.ª que a casa acaba de ser reformada. Tudo papel novo.»

- Pequeua, é pequena, teimava elle.

— Pois meu caro senhor, deviam lembrar-se de isso antes de dar-me o signal. Agora não tem remedio, a não ser que queira perder os cem mil reis que sua esposa me deixou.

Esta ideia poz camarinhas de suor no rosto do avaro visconde. Mas logo uma ideia genial lhe fusilou no cerebro.

—0 snr. tem razão, mas nem por isso a casa deixa de ser pequena para o meu negocio.

- Então o snr. ó negociante? Sua mulher não m'o tinha dito.

--Pois sou. Tenho um importantissimo deposito de queijos por atacado e bem ve que para os arrumar aqui...

—O que? Um deposito de queijos nas minhas salas?! O snr. esta doido. Eu não quero a minha casa estragada por preco nenhum.

—Pois, men amigo, devia ter sabido d'isso antes de acceitar o signal. Agora já não tem remedio: a sua casa pertence-me, tenha paciencia.

—Isso é que não! Eu dou-lhe cento e cincoenta mil reis e o snr. procura outra casa.

-Custa-me, custa-me, mas, emfim... seja!

Dez minutos depois o visconde voltava para casa com a alegria a tresbordar-lhe o coração por haver, pela primeira vez, derrubado um capricho de sua mulher.

A narrativa intitulada "Uma ideia" envolvia diversos aspectos abordados com recorrência junto ao jornalismo, principalmente o de cunho caricato, observando o casamento sob o prisma da crítica social e de costumes. No texto apareciam verdadeiros arquétipos dos motivos que levavam ao fracasso matrimonial, como o casamento por interesse, em detrimento das relações românticas e o himeneu entre pessoas de idades muito diferentes, mormente um homem bem mais velho com uma jovem. Também se fazia presente a figura da esposa interesseira, que acabava por atormentar a vida do marido. Ainda havia a referência ao aristocrata falido que intentava manter as aparências, embora a opulência tivesse se transformado em passado e a falência já estivesse batendo à porta.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma ideia

(Oferecido a Teso)

Fora um casamento como muitos. Ele, um visconde a caminho da ruína e da velhice, pois contava uns cinquenta anos cheios de rabugices e de reumatismo; ela, uma rapariga formosa, elegante, mas mal educada e vaidosa do título e do brilhantismo do nome do marido a quem reduzira à ativa passividade de uma máquina. O pobre homem junto dela, tinha o valor de um zero colocado à esquerda. Os caprichos da viscondessa eram ordens que se cumpriam

fatalmente desse por onde desse, apesar da avareza de velho que via a miséria avizinhar-se a passos de gigante.

Um dia queixou-se ela de que aquela casa lhe não agradava: um casarão enorme, delido e escurentado pelo tempo, ressuando umidade por todos os cantos, escusos e lôbregos. Decididamente não ficava nela e, portanto, ia tratar de procurar casa a seu gosto.

O visconde ouviu-a de cabeça baixa, mas pouco decidido a satisfazer-lhe o capricho. Não lhe dava dinheiro a ela que se arranjasse. Depois de se haver preparado com a garridice habitual, a caprichosa senhora saiu de casa, deixando o marido a ruminar sobre o modo de lhe tolher os capítulos.

Passado três horas, ei-la de volta. Vinha radiante. Encontrara o que desejava: uma casa alegre, banhada, a jorros, de luz, com um grande quintal e numa das ruas mais centrais da cidade. Enfim, uma habitação luxuosa, perfeitamente à altura da sua elevada categoria. Um pouco cara, mas encantadora. Para que depois da sua visita o senhorio não dispusesse dela, a viscondessa deixara-lhe cem mil réis de sinal, que *casualmente*, encontrara na carteira do marido. Estava certa de que ele lhe não quereria mal por isso pois que na sua nova morada poderia rodeá-lo de todas as comodidades apetecíveis. O sorriso que, ao pronunciar estas palavras, lhe iluminava a fisionomia, teria conseguido abalar a disposição do visconde, se a maldita ideia de sua mulher ter dado cem mil réis de sinal sobre a tal casa, lhe não tivesse tirado a vista.

Soube, pois, onde era a sua nova morada e deixou a mulher na doce fruição da sua vaidade satisfeita. Chegado, falou com o senhorio. Achava a casa pequena, dizia. "Nada disso, mostrava-lhe o dono. E veja que a casa acaba de ser reformada. Tudo papel novo."

- Pequena, é pequena, teimava ele.
- Pois meu caro senhor, deviam lembra-se de isso antes de dar-me o sinal. Agora n\u00e3o tem rem\u00e9dio, a n\u00e3o ser que queira perder os cem mil r\u00e9is que sua esposa me deixou.

Esta ideia pôs camarinhas de suor no rosto do avaro visconde. Mas logo uma ideia genial lhe fuzilu no cérebro.

- O senhor tem razão, mas nem por isso a casa deixa de ser pequena para o meu negócio.
 - Então o senhor é negociante? Sua mulher não me tinha dito.
- Pois sou. Tenho um importantíssimo depósito de queijos por atacado e bem vê que para os arrumar aqui...
- O quê? Um depósito de queijos nas minhas salas?! O senhor está doido.
 Eu não quero a minha casa estragada por preço nenhum.
- Pois, meu amigo, devia ter sabido disso antes de aceitar o sinal. Agora já não tem remédio: a sua casa pertence-me, tenha paciência.
- Isso é que não! Eu dou-lhe cento e cinquenta mil réis e o senhor procura outra casa.

- Custa-me, custa-me, mas, enfim... seja!

Dez minutos depois o visconde voltava para casa com a alegria a transbordar-lhe o coração por haver, pela primeira vez, derrubado um capricho de sua mulher.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 4, 27 out. 1894, p. 3)

RIVAES

Bons tempos aquellos em que o velho doutor sahia de casa com a aurora, bifurcado na Rabona, uma alimaria detestavel, d'um russo immundo, mas d'um chòto solido e regular, a visitar os seus doentes. Então sim, que se podia dizer que tanto os habitantes da freguezia como os das mais proximas, viviam e morriam pelo velho Esculapio. Reinava, pois, como senhor absoluto porque não tinha concorrentes e era de vêr com que magna satisfação e magestade impeccavel elle amanhecia por ahi fóra, o abdomem placidamente vascolejado pelo trotar da egoa subindo cerros e azinhagas, costeando as sinuosidades dos regatos, sempre prasenteiro de rosto e alegre de ditos para os camponios que appareciam a saudal-o com respeitosa attenção. Em toda a parte era elle recebido com exces-

sos de alegria. E então em parando a vér algum doente, que delirio para os rapazes!... Vinham logo de corrida: um deitava as mãos ás redeas da rabona, outro segurava-lhe o estribo e os outros ajudavam-n'o carinhosamente a descer. Ai! e que bom tempo era esse!

Mas agora que da ultima fornada sabida da Universidade, viera um novo dontor cabir como um raio na existencia d'elle, agora que se via despojado de toda a gloria, sentia se acoitado impiamente pelo tufão da desgraça!

O outro era um rapaz novo, affavel, de ideias lucidas, novas, emquanto que as d'elle (bem o conhecia) estavam a desabar de caruncho. Ah l decididamente o moço dontor era a sua chaga sempre viva, a sombra do seu sol, a agua do seu vinho. Era por isso que o não podia ver, que o contradizia em tudo. Se o outro lhe chamava — caro mestre — irritava-se por que lhe parecia descortinar n'esta expressão uma ironia amarga, pungentissima.

Um dia em que elle mais se enfronhava n'estas tristes considerações, a Rabona, vacillando como o proprio dono, tre-pidou um momento e sem forças para aguentar o cavalleiro, espojou-se no caminho. O decrepito doutor vinha tão pensativo, tão alheiado, que cabiu desastradamente, indo elle e o guarda-sol por uma costeira abaixo. Appareceu-lhe o rival que se approxima com solicitude, ajudando a erguer o collega e verificando com prazer que este não soffreu mais do que o susto:

— Don-the os parabens, caro mestre! Depois de tamanho tombo, chama-se a isto andar com felicidade.

— Parahens!... Felicidade! .. — redarguiu com mau modo — Voce chama a isto felicidade!?

E apontou-lhe para duas varetas partidas que tinha no guarda-sol.

O conto "Rivais" abordava a passagem do tempo, utilizando-se da figura de um médico, cujo mundo e as ações iam mudando à medida que o mesmo vai ficando mais velho. Havia também o confronto de gerações, entre o velho e novo, na contraposição entre os modos de agir do antigo médico e o recémformado, sem a aceitação daquele em relação a este. Como na maioria das vezes, o desfecho do texto trazia consigo uma saída jocosa, caricatural em relação àqueles contrapontos.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Rivais

Bons tempos aqueles em que o velho doutor saía de casa com a aurora, bifurcando na Rabona, uma alimária detestável, de um russo imundo, mas de um chôto sólido e regular, a visitar os seus doentes. Então sim, que se podia dizer que tanto os habitantes da freguesia como os das mais próximas, viviam e morriam pelo velho Esculápio. Reinava, pois, como senhor absoluto porque não tinha concorrentes e era de ver com que magna satisfação e majestade impecável ele amanhecia por aí fora, o abdômen placidamente vascolejado pelo trotar da égua subindo cerros e azinhagas, costeando as sinuosidades dos regatos, sempre prazenteiro de rosto e alegre de ditos para os campônios que apareciam a saudá-lo com respeitosa atenção. Em toda a parte era ele recebido com excessos de alegria. E então em parando a ver algum doente, que delírio para os rapazes!... Vinham logo de corrida: um deitava as mãos às rédeas da

rabona, outro segurava-lhe o estribo e os outros ajudavam-no carinhosamente a descer. Ai! e que bom tempo era esse!

Mas agora que da última fornada saída da Universidade, viera um novo doutro cair como um raio na existência dele, agora que se via despojado de toda a glória, sentia-se açoitado impiamente pelo tufão da desgraça!

O outro era um rapaz novo, afável, de ideias lúcidas, novas, enquanto que as dele (bem o conhecia) estavam a desabar de caruncho. Ah! decididamente o moço doutor era a sua chaga sempre viva, a sombra do seu sol, a água do seu vinho. Era por isso que o não podia ver, que o contradizia em tudo. Se o outro lhe chamava — caro mestre — irritava-se por que lhe parecia descortinar nesta expressão uma ironia amarga; pungentíssima.

Um dia em que ele mais se enfronhava nestas tristes considerações, a Rabona, vacilando como o próprio dono, trepidou um momento sem forças para aguentar o cavaleiro, espojou-se no caminho. O decrépito doutor vinha tão pensativo, tão alheado, que caiu desastradamente, indo ele e o guarda-sol por uma costeira abaixo. Apareceu-lhe o rival que se aproxima com solicitude, ajudando a erguer o colega e verificando com prazer que este não sofreu mais do que o susto:

- Dou-lhe os parabéns, caro mestre! Depois de tamanho tombo, chama-se a isto andar com felicidade.
- Parabéns!... Felicidade!... redarguiu com mau modo Você chama a isto felicidade!?

E apontou-lhe para duas varetas partidas que tinha no guarda-sol.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 5, 3 nov. 1894, p. 3 e 6)

O PORTO HEREJE

(A Rosiclér)

O Porto era a cidade dos seus sonhos. Os estreitos horizontes da sua ambição não podiam comportar as sumptuosidades d'uma capital, onde com certeza, seria esmagado como um simples grão de areia. Demais, no Porto que já uma vez visitara de fugida, havia muito que ver, muito que admirar. Que eram as miseras tabernas da sua remota aldeia, comparadas com os esplendidos cafés da Invicta, tão intensamente illuminados que o sol se envergonharia de vêl os?

Decididamente, ia ter uma extravagancia, d'estas que dão nome: ia passar oito dias ao Porto, para conhecer a vida da

orande cidade.

Annunciou, pois, a sua jornada como quem se dispõe a fazer uma viagem de exploração e talvez que Stanley ao partir para qualquer das suas famosas expedições, nunca fizesse tamanhos escarcéos de perigos como o nosso simplorio.

Decorrem tres dias e eil-o que volta, a fronte curvandose-lhe para a terra, uma expressão de tristeza profunda, um como que remorso a transparecer-lhe no desvairado do olhar. A velha mãe, correndo a abraçal-o, notou que elle se desprendia do amplexo amantissimo em que o cingira, como o réprobo que ja não merece a affeição dos simples e dos bons.

-Meu filho, que tens?... Acaso o Porto...

-0 Porto...o Porto!... Maldito, mil vezes maldito!...

E não quiz fallar mais da viagem.

A noite, reuniram-se os amigos em casa do nosso explo-

rador, a saber das novas, das impressões que elle trazia. Encontraram-n'o triste, meditabundo, apertando a cabeça entre as mãos, com receio, talvez, de que ella lhe estalasse.

Depois já arriscavam um dito de troça, a provocal-o, a vêr se elle desembuchava para ali o que vira que assim o ani-

quilara.

Assediado de perguntas, sem poder esquivar-se já à curiosidade de todos, o bom do laponio, levantando-se com ares de mysterio, foi ver se alguem o ouviria, além dos circumstantes. Depois, mais tranquillo, communicou-lhes em voz baixa alguma coisa de horrivelmente monstruoso porque um grito de indignado espanto se escapon dos labios de todos.

— Confessa te d'isso, filho, confessa te—aconselhou a mãe. Effectivamente, no outro dia, lá foi elle confessar-se, como se uma grande culpa lhe pezasse na consciencia. Λ volta vinha mais satisfeito e, comtudo, nunca mais fallou na jornada ao Porto.

No domingo seguinte, á missa conventual, o parocho da freguezia, um bom e justo pastor de almas, pedia um Padre-Nosso e uma Avé-Maria pela cidade do Porto, convertida em idolatra. Os seus theatros engalanavam-se de bandeiras e flóres, forravam-se de cobertores de damasco, para a festa de um commediante cujo retrato se vendia por cada logar, como se fora a vera efficia de qualquer martyr do christianismo.

— Misericordia, Senhor! gritou o povo aterrado. E rezou, fervorosamente, pelo Porto hereje.

"O Porto herege" apresentava um contraponto entre a vida nas cidades grandes e nas aldeias interioranas. O personagem central partia em missão exploratória pelo Porto, cheio de expectativas e acabava por voltar à sua pequena localidade estarrecido. O fulcro da trama se localizava na curiosidade em torno do que acontecera com o campônio que tanto o surpreendera e o desfecho servia para reforçar as discrepâncias entre os costumes da metrópole e os do interior.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O Porto herege

(A Rosiclér)

O Porto era a cidade dos seus sonhos. Os estreitos horizontes da sua ambição não podiam comportar as suntuosidades de uma capital, onde com certeza, seria esmagado como um simples grão de areia. Demais, no Porto que já uma vez visitara de fugida, havia muito que ver, muito que admirar. Que eram as míseras tabernas da sua remota aldeia, comparadas com os esplêndidos cafés da Invicta, tão intensamente iluminados que o sol se envergonharia de vêlos?

Decididamente, ia ter uma extravagância, destas que dão nome: ia passar oito dias ao Porto, para conhecer a vida da *grande cidade*.

Anunciou, pois, a sua jornada como quem se dispõe a fazer uma viagem de exploração e talvez que Stanley ao partir para qualquer das suas famosas expedições, nunca fizesse tamanhos escarcéus de perigos como o nosso simplório.

Decorrem três dias e ei-lo que volta, a fronte curvando-se-lhe para a terra, uma expressão de tristeza profunda, um como que remorso a transparecer-lhe no desvairado do olhar. A velha mãe, correndo a abraçá-lo, notou que ele se desprendia do amplexo amantíssimo em que o cingira, como o réprobo que já não merece a afeição dos simples e dos bons.

- Meu filho, que tens?... Acaso o Porto...
- O Porto... o Porto!... Maldito, mil vezes maldito!... Povo de hereges!

E não quis falar mais da viagem.

À noite, reuniram-se os amigos em casa do nosso explorador, a saber das novas, das impressões que ele trazia. Encontraram-no triste, meditabundo, aperando a cabeça entre as mãos, com receio, talvez, de que ela lhe estalasse.

Depois já arriscavam um dito de troça, a provocá-lo, a ver se ele desembuchava para ali o que vira que assim o aniquilara.

Assediado de perguntas, sem poder esquivar-se já à curiosidade de todos, o bom do lapônio, levantando-se com ares de mistério, foi ver se alguém o ouviria, além dos circunstantes. Depois, mais tranquilo, comunicou-lhes em voz baixa alguma coisa de horrivelmente monstruoso porque um grito de indignado espanto se escapou dos lábios de todos.

- Confessa-te disso, filho, confessa-te - aconselhou a mãe.

Efetivamente, no outro dia, lá foi ele confessar-se, como se uma grande culpa lhe pesasse na consciência. À volta vinha mais satisfeito e, contudo, nunca mais falou na jornada ao Porto.

No domingo seguinte, à missa conventual, o pároco da freguesia, um bom e justo pastor de almas, pedia um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pela cidade do Porto, convertida em idólatra. Os seus teatros engalanavam-se de bandeiras e flores, forravam-se de cobertores de damasco, para a festa de um comediante cujo retrato se vendia por cada lugar, como se fora a *vera efígie* de qualquer mártir do cristianismo.

- Misericórdia, Senhor! gritou o povo aterrado.

E rezou, fervorosamente, pelo Porto herege.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 6, 10 nov. 1894, p. 3)

UMA DISTRACCÃO

O Luiz confessara lhe que andava doido, completamente doido, allucinado de amor por ella. Mil vezes o seu pensamento, desertando da prosa esmagadora da vida, que passava no armazem de modas em que estava empregado, ia refugiarse na ideal recordação da sua amada, na cariciante meiguice do olhar d'ella, negro como o desespero d'aquella paixão que os ligava tanto mais quanto tentavam separal-os. Não se fallavam? a rispidez dos paes d'ella prohibia as ternas expansões das suas almas ardentissimas? Pois bem, as cartas seriam o seu premio de consolação n'aquella separação crudelissima.

Esta ideia fazia-lhes bem. Elle escrevia-lhe longamente, dando-lhe conta de todos os seus passos, dos córtes de vestido que despachara na vespera, dos sonhos que tivera, dos ultimos figurinos, vindos de Paris; tudo isto n'um melange encantador de simplicidade. Ora lhe fallava da sua paixão n'uma linguagem alto-sonante, bordada de madrigalescas phrases, ora descambava em pleno estylo de taboleta, mas sempre tão docemente e com tanto luxo de pormenores, que captivava, seduzia completamente a sua terna Amelia.

A quem não seduzia, nem captivava era ao patrão que o via constantemente a escrever, a oscrever umas contas que não appareciam e que eram a perdição, o desbaste de quanto papel elle tinha. Alem disso, o Luiz, descuidava grandemente as suas obrigações por causa da correspondencia, o que lhe valera mais d'uma reprehensão severa.

Certa manhã, depois da chegada do correio e aproveitando a ausencia do dono do estabelecimento, o Luiz poz-se a escrever. A sua Amelia participava-lhe que o pae sahia n'essa noite e que ella podia, illudindo a vigilancia da mão, conceder-lhe alguns momenlos. O apaixonado rapaz ficou louco de contentamento. Porém, como não ha felicidade completa n'este mundo, o patrão entrou, interrompendo-lhe a carta que elle já iniciara e perguntando-lhe por uma conta que lhe mandára tirar na vespera e que o freguez procuraria d'ahi a momentos.

— Estava precisamente a terminal-a — desculpou-se elle. E tirou-a atrapalhadamente, fechando-a em seguida n'um nvellope.

Momentos depois chega o freguez. Péga na conta, lô, relô, treslê e fica muito espantado e muito carrancudo a olhar para o dono da casa. Depois põe o chapéu e sahe sem dízer adeus, atirando com a conta para cima do balcão.

O patrão do Luiz, intrigadissimo, péga n'ella e, depois de a lêr, fica-se exactamente como o freguez, só com a differença de que em vez de sahir, despedia o attonitó catxeiro com pouco encomiasticos cognomes.

A conta era concebida n'estes termos :

O Ex.mo Snr. etc..., comprou em outubro de 94.

8 metros d'amor a 650 reis... 5:2 Um casaco, talho d'alfaiate apai-

Somma... 18:200 saudades.

O ten Luiz.

Uma paixão lancinante entre um caixeiro e uma jovem era o tema de "Uma distração", em meio ao qual aqueles personagens enfrentavam a oposição dos pais da moça, como empecilho ao aprofundamento da relação. Era uma estória sobre o namoro impossível de Luiz e Amélia, deixando implícito que a não aceitação paterna derivava da condição social do rapaz, um simples vendedor, que parecia não ter maior potencial para chegar a constituir o que se denominava de bom partido. Afastados fisicamente, os apaixonados tinham na troca de correspondências o lenitivo para o sofrimento, mas Luiz por diversas vezes vira seu emprego em risco, tendo em vista as constantes distrações motivadas pelo abundante sentimento. A culminância se dava exatamente com a demissão do caixeiro e o tom humorado se estabelecia na confusão que ele fazia entre a confecção de um documento de seu ofício e a resposta a uma carta à sua amada.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma distração

O Luiz confessara-lhe que andava doido, completamente doido, alucinado de amor por ela. Mil vezes o seu pensamento, desertando da prosa esmagadora da vida, que passava no armazém de modas em que estava empregado, ia refugiar-se na ideal recordação da sua amada, na acariciante meiguice do olhar dela, negro como o desespero daquela paixão que os ligava tanto mais quanto tentavam separá-los. Não se falavam? a rispidez dos pais dela proibia as ternas

expansões das suas almas ardentíssimas? Pois bem, as cartas seriam o seu prêmio de consolação naquela separação crudelíssima.

Esta ideia fazia-lhes bem. Ele escrevia-lhe longamente, dando-lhe conta de todos os seus passos, dos cortes de vestido que despachara na véspera, dos sonhos que tivera, dos últimos figurinos, vindos de Paris; tudo isto num *mélange* encantador de simplicidade. Ora lhe falava da sua paixão numa linguagem alto-sonante, bordada de madrigalescas frases, ora descambava em pleno estilo de tabuleta, mas sempre tão docemente e com tanto luxo de pormenores, que cativava, seduzia completamente a sua terna Amélia.

A quem não seduzia, nem cativava era ao patrão que o via constantemente a escrever, a escrever umas contas que não apareciam e que eram a perdição, o desbaste de quanto papel ele tinha. Além disso, o Luiz descuidava grandemente as suas obrigações por causa da correspondência, o que lhe valera mais de uma repreensão severa.

Certa manhã, depois da chegada do correio e aproveitando a ausência do dono do estabelecimento, o Luiz pôs-se a escrever. A sua Amélia participava-lhe que o pai saía nessa noite e que ela podia, iludindo a vigilância da mãe, conceder-lhe alguns momentos. O apaixonado rapaz ficou louco de contentamento. Porém, como não há felicidade completa neste mundo, o patrão entrou, interrompendo-lhe a carta que ele já iniciara e perguntando-lhe por uma conta que lhe mandara tirar na véspera e que o freguês procuraria daí a momentos.

- Estava precisamente a terminá-la - desculpou-se ele.

E tirou-a atrapalhadamente, fechando-a em seguida num envelope.

Momentos depois chega o freguês. Pega na conta, lê, relê, treslê e fica muito espantado a olha para o dono da casa. Depois põe o chapéu e sai sem dizer adeus, atriando com a conta para cima do balcão.

O patrão de Luiz, intrigadíssimo, pega nela e, depois de a ler, fica-se exatamente como o freguês, só com a diferença de que em vez de sair, despediu o atônito caixeiro com pouco encomiásticos cognomes.

A conta era concebida nestes termos:

O Exmo. Sr. etc..., comprou em outubro de 94.

8 metros de amor a 650 réis 5:200

Um casaco, talho de alfaiate apaixonado ... 13:000

Soma 18:200 saudades

0 teu

Luiz.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 7, 17 nov. 1894, p. 3)

D'UM ARGUEIRO...

Helena era um anjo da candura. A sua alma vestalina, um precioso manancial de meiguice, casta como a graça, terna como um osculo de amor. A vida decorria lhe serena como um crystallino regato que se espraia sobre um/leito de areias doiradas. No céo da sua existência não appareciam mais do que pêqueninas nuvens brancas, como azas de anjos dispersos:—os poucos caprichos que não podiam satisfazer-lhe. No entretanto, nem esses the traziam desventura porque os desejos das pessoas felizes teem muita semelhança com as ondas do mar: avançam e recuam, voltam ainda, mas dissipam-se logo para sempre.

O seu espirito, feito de luz, era como que uma bandeira de seda, adejando pelos paramos da phantasia, pelas regiões poeticas do ideal. Alma de sensitiva, apenas sahida da adolescencia, amou com um amor celestial, um amor que era o primeiro resplendor da sua vida, o primeiro murmurio da sua alma, a primeira harmonia do seu coração. Comprehendida e feliz, o dia do seu noivado amanheceu em festa. A natureza ostentava as primicias da primavera, o sol appareceu mais radiante, o azul do céo mais puro, a brisa mais embalsamada, as flores mais exuberantes de perfumes e brilho.

E Helena era raioha entre tantos explendores. Um momento depois de concluida a sua esmerada toilette de noiva, o eleito da sua alma apparece e queda-se absorto, extatico, orgulhoso da preciosa posse de tão ideal belleza, de tão irresistiveis seduccões.

Se a Virgem houvesse, descido à terra e, se tivesse coberto com o explendido vestido branco, bordado a flores de larangeira, que tanto fazia realçar la sublime formosura da joven, não seria mais bella do que llelena. Os seus olhos eram dois diamantes negros, delicados, os pés tão minusculos, que parece que a natureza os fizera de um só bejo.

Helena vendo-se assim contemplada, sentiu apressar-se-lhe extraordinariamente o palpitar do coração e um vivo rubor lhe incendiou as mimosas faces. Depois, acercando-se timidamente do enamorado noivo, eleva para elle os bellos olhos e pede-lhe um momento de attenção para uma confidencia que lhe custava muito fazer mas que não podia retardar por mais tempo. «Uma confidencia de que dependia a sua felicidade futura, accrescentou, baixando os olhos.»

- Assustas-me, querida Helena.

— Hontem quiz dizer t'o; depois lembrou-me conflar da Mamã...

Uma ideia negra perpassou como um relampago pelo espirito d'elle. Empallideceu, fixou na joven un olhar acerado e ficou mudo, tremulo, ancioso. Ella corou, baixou mais os olhos, desprendeu a mão que elle captivara entre as suas e ficou-se tristemente surprehendida da attitude d'elle, a ponto de uma lagrima se lhe desprender, como uma perola, dos olhos apaixonados.

— Helena, exijo que me digas o que assim te perturba. Ella fremeu como a flòr sacudida por uma forte lufada de vento.

- Não, oh! não quero. Tenho medo...

— Ah! Helena, tu queres endoidecer-me. Exijo, ouve bem! exijo que me digas o teu segredo e depois... depois que Deus vele por nós!

A meiga noiva, então, a tremer, toma lhe da mão e leva-o ao pé de uma meza sobre a qual estava uma grande caixa que abriu com mil cautelas, dizendo-lhe em seguida algumas palavras.

Elle soltou uma longa gargalhada e ajoelhando, beijou as mãos da sua adorada mysteriosa.

Fizera d'um argueiro um cavalleiro.

A sua noiva pedia-lhe, em segredo, que lhe deixasse levar, junto com o enxoval, na custosa corbeille de prendas que recebera, uma grande boneca que conservava da sua infancia, e que estava, como ella, vestida de noiva.

Silvia da Vinha.

O texto "De um argueiro..." construía a imagem de Helena como a personificação da perfeição física, mental, moral e comportamental, de acordo com os padrões esperados para a moça casadoira de então. A historieta se referia exatamente aos preparativos para o casamento, quando as ditas qualidades de Helena pareciam se potencializar ainda mais. O fulcro do enredo se dava no diálogo entre ela e o noivo, surgindo algum suspense quanto a algo que ela precisava dizer-lhe. As aparências indicavam que o segredo poderia estar relacionado a algo considerado negativo, levando ao pânico do noivo, permanecendo implícito algum possível prejuízo em relação às virtudes da moça. O final, entretanto, revelava que Helena mantinha sua pureza de acordo com os padrões de então, pois o segredo não passava de um desejo que demonstrava as reminiscências da infância da menina que se preparava para transformar-se em mulher (ou, ao menos, esposa).

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

De um argueiro...

Helena era um anjo de candura. A sua alma vestalina, um precioso manancial de meiguice, casta como a graça, terna como um ósculo de amor. a vida decorria-lhe serena como um cristalino regato que se espraia sobre um leito de areias doiradas. No céu da sua existência não apareciam mais do que pequeninas nuvens brancas, como asas de anjos dispersos: — os poucos caprichos que não podiam satisfazer-lhe. No entretanto, nem esses lhe traziam

desventura porque os desejos das pessoas felizes têm muita semelhança com as ondas do mar: avançam e recuam, voltam ainda, mas dissipam-se logo para sempre.

O seu espírito, feito de luz, era como que uma bandeira de seda, adejando pelos páramos da fantasia, pelas regiões poéticas do ideal. Alma de sensitiva, apenas saída da adolescência, amou com um amor celestial, um amor que era o primeiro resplendor da sua vida, o primeiro murmúrio da sua alma, a primeira harmonia do seu coração. Compreendida e feliz, o dia do seu noivado amanheceu em festa. A natureza ostentava as primícias da primavera, o sol apareceu mais radiante, o azul do céu mais puro, a brisa mais embalsamada, as flores mais exuberantes de perfume e brilho.

E Helena era rainha entre tantos esplendores. Um momento depois de concluída a sua esmerada toalete de noiva, o eleito da sua alma aparece e queda-se absorto, estático, orgulhoso da preciosa posse de tão ideal beleza, de tão irresistíveis seduções.

Se a Virgem houvesse descido à terra e, se tivesse coberto com o esplêndido vestido branco, bordado a flores de laranjeira, que tanta fazia realçar a sublime formosura da jovem, não seria mais bela do que Helena. Os seus olhos eram dois diamantes negros, delicados, os pés tão minúsculos, que parece que a natureza os fizera de um só bejo.

Helena vendo-se assim contemplada, sentiu apressar-se-lhe extraordinariamente o palpitar do coração e um vivo rubor lhe incendiou as

mimosas faces. Depois, acercando-se timidamente do enamorado noivo, eleva para ele os belos olhos e pede-lhe um momento de atenção para uma confidência que lhe custava muito fazer, mas que não podia retardar por mais tempo. "Uma confidência de que dependia a sua felicidade futura, acrescentou, baixando os olhos."

- Assustas-me, querida Helena.
- Ontem quis dizer-te; depois lembrou-me confiar da Mamã...

Um ideia negra perpassou como um relâmpago pelo espírito dele. Empalideceu, fixou na jovem um olhar acelerado e ficou mudo, trêmulo, ansioso. Ela corou, baixou mais os olhos, desprendeu a mão que ele cativara entre as suas e ficou-se tristemente surpreendida da atitude dele, a ponto de uma lágrima se lhe desprender, como uma pérola, dos olhos apaixonados.

– Helena, exijo que me digas o que assim te perturba.

Ela tremeu como a flor sacudida por uma forte lufada de vento.

- Não, oh! não quero. Tenho medo...
- Ah! Helena, tu queres endoidecer-me. Exijo, ouve bem! Exijo que me digas o teu segredo e depois... depois que Deus vele por nós!

A meiga noiva, então, a tremer, toma-lhe da mão e leva-o ao pé de uma mesa sobre a qual estava uma grande caixa que abriu com mil cautelas, dizendo-lhe em seguida algumas palavras.

Ele soltou uma longa gargalhada e ajoelhando, beijou as mãos da sua adorada misteriosa.

Fizera de um argueiro um cavaleiro.

A sua noiva pedia-lhe, em segredo, que lhe deixasse levar, junto com o enxoval, na custosa *corbeille* de prendas que recebera, uma grande boneca que conservava da sua infância, e que estava, como ela, vestida de noiva.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 8, 24 nov. 1894, p. 6)

ADULTERA?

Deus fadara aquella rapariga d'uma alegria inalteravel. Vivia com uma tia, uma velha rabugenta, que fizera d'ella um instrumento em que la ferindo as arias da tyrannia, tangendo apparencias de piedade e commiseração. Ciosa dos encantos da joven, cujas perfeições contrastavam com o humilde do vestuario, trazia-a quasi esfarrapada. No entanto, nem assim lograva o seu intento; tudo conspirava para a tornar mais formosa. Aquella saia curta e grosseira mais fazia salientar a brancura da setinea pelle do pé arqueado e seductoramente tentador. A manga, arregaçada até acima do cotovello, deixava admirar um braço rolico e bem torneado. A bocca, pequena e perfumada, parecia aberta a estylete de tão vermelha, de tão fresca que era.

A tia fazia d'ella uma especie de creada a quem humi-

lhava constantemente, sem comtudo fazer murchar o sorriso que de continuo lhe enflorava os labios.

Nos campos, trabalhava e cantava como quem tinha no espirito só flores e alegrias como aquellas que a primavera tão deliciosamente espanejava por alli fóra.

Como não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe, a sorte da rapariga mudou de phase. Um velho brazileiro, captivo das graças d'ella, propoz lhe casamento. Ella acceitou, mais para se vêr livre da tia do que por ambição pelo oiro do decrepito celibatario.

Assim, foi tão feliz quanto o podia ser na companhia d'um d'estes visionarios a quem tudo roubam, sem nada lhe tirarem. Todas as noites passava uma minuciosa busca em volta e dentro da casa, vendo em cada canto um ladrão, um seductor da joven esposa.

.....no capote que tinha pendurado n'uma das pyramides da cama, um velho teito antigo, alto, sobre a qual poisara o chapeu, à sahida.

Silvia da Vinha.

Em "Adúltera?" havia muitas reminiscências do conto infantil "A gata borralheira", pois apresentava a vida de uma bela jovem órfã, criada por uma tia, a qual faz o papel da "madrasta má", trazendo a vida da moça em penúria e tratando-a como uma criada. A alternativa ao sofrimento, sempre passado com abnegação foi o casamento, só que, ao invés de um "príncipe encantando", surgira um "velho brasileiro", trazendo à tona um tema recorrente no jornalismo de então, com ênfase ao caricato, envolvendo as diferenças de idade no matrimônio. Além disso, ficava evidenciado que o enlace só servira como uma alternativa às misérias por ela vivenciadas. Tratava-se de um "decrépito celibatário", cheio de manias comportamentais, como a da eterna vigilância. Em uma dessas vigílias, buscou surpreender a jovem esposa em ato de suposto adultério, culminando a narrativa com a indicação de que se tratara de um simples engano, ficando garantida a fidelidade conjugal.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Adúltera?

Deus fadara aquela rapariga de uma alegria inalterável. Vivia com uma tia, uma velha rabugenta, que fizera dela um instrumento em que ia ferindo as raias da tirania, tangendo aparências de piedade e comiseração. Ciosa dos encantos da jovem, cujas perfeições contrastavam com o humilde do vestuário, trazia-a quase esfarrapada. No entanto, nem assim lograva o seu intento; tudo conspirava para a tornar mais formosa. Aquela saia curta e grosseira mais fazia

salientar a brancura da cetínia pele do pé arqueado e sedutoramente tentador. A manga, arregaçada até acima do cotovelo, deixava admirar um braço roliço e bem torneado. A boca, pequena e perfumada, parecia aberta a estilete de tão vermelha, de tão fresca que era.

A tia fazia dela uma espécie de criada a quem humilhava constantemente, sem contudo fazer murchar o sorriso que de contínuo lhe enflorava os lábios.

Nos campos, trabalhava e cantava como quem tinha no espírito só flores e alegrias como aquelas que a primavera tão deliciosamente espaneja por ali fora.

Como não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe, a sorte da rapariga mudou de fase. Um belho brasileiro, cativo das graças dela, propôs-lhe casamento. Ela aceitou, mais para se ver livre da tia do que por ambição pelo oiro do decrépito celibatário.

Assim, foi tão feliz quanto podia ser na companhia de um destes visionários a quem tudo roubam, sem nada lhe tirarem. Todas as noites passava uma minuciosa busca em volta e dentro da casa, vendo em cada canto um ladrão, um sedutor da jovem esposa.

De uma das suas rondas noturnas voltava ele á tranquilo quando, prestes a entrar na própria alcova, viu, através das cortinas de cassa da porta envidraçada, um vulto com um chapéu desabado na cabeça. Estava de costas para a porta. O velho distinguiu um brando murmúrio de palavras. Aplicou o ouvido. Não havia dúvida, era a voz da esposa. uma imprecação horrível sai-lhe

do peito em brasa ao mesmo tempo que, investindo para dentro da alcova, vai cravar a navalha... meu Deus, que susto! ela parou de rezar... no capote que tinha pendurado numa das pirâmides da cama, um velho leito antigo, alto, sobre a qual pousara o chapéu, à saída.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 9, 1º dez. 1894, p. 3-4)

UMA DESILLUSÃO

Era um perfeito gentleman aquelle rapaz. Alto, elegante, vestia sempre com extraordinario esmero e distincção.

Tinha sympathisado com ella naturalmente. Tão naturalmente como o ouvido sympathisa com a musica, como a vista se compraz em saciar-se pelo avelludado da relva que na primavera tapeta as campidas. Ella era formosa se bem que um pouco coquette, julgando-se muito mais bonita do que era na realidade. Fallava pouco e com emphase e vestia com um gosto um quasi nada exagerado.

Talvez por demasiado presumida, tivera poucos pretendentes. Tanto que, quando o tal rapaz appareceu a rondar-lhe a porta, toda a rua veio á janella. Depois foram-se habituando e ao fim d'uma semana contava-se já com elle, como se conta com a noite depois do escurecer.

Gonston logo que era rico e que se occupava no jornalismo. Gomo litterato, nos primeiros dias desafogon aquella ternura que lhe germinava no peito, em artigos primorosos, recheiados de maviosas allusões, que ella lhe agradecia sem enthusiasmos, como se fosse pouco e merceesse muito mais.

Elle, cego d'amor, a principio não reparou n'aquella fricza. Depois, aquella alegria doida começou de arrefecer-lhe no espirito e o apaixonado rapaz tornou-se pensativo.

Os seus artigos sahiam lhe agora pesados, monotonos, sem a feição de ventura que a principio lhes imprimira e um bello dia desappareceu da rua da sua amada.

Quando os amigos lhe perguntavam por ella, mudava de conversa, unito enfadado, como se lhe fora penosa a lembrança da mulher que tanto requestara. Um companheiro, intimo amigo, perquirin com mais interesse da desagradavel impressão que aquella rapariga, uma sereia, havia produzido no espirito d'elle.

— Que queres? eu procurei-a para allivio do meu mal e ella padecia do mesmo que eu. A principio, a sua estonteante belleza inspirou-me. Disse-lhe muita coisa no primeiro dia, no segundo, no terceiro e ao quarto ainda tinha corda para mais. Mas agora, sem ter conseguido arrancar-lhe mais do que monosyllabos, convenci-me de que padecemos do mesmo mal—falta de assumpto!

Silvia da Vinha.

O texto "Uma desilusão" descrevia um outro arquétipo, este o da perfeição masculina, apresentando um homem com vários qualificativos positivos na aparência e no comportamento. Ele acabava por enamorar-se de uma moça, também bela, mas com a ressalva de ser excessivamente namoradeira. A narrativa revelava que o rapaz, além das qualidades citadas logo ao início, era também rico e tinha pendores para as letras, como jornalista e literato. Apesar de uma ardente paixão inicial, a relação logo vai esfriando, levando à separação, de modo que o toque final estava vinculado às razões que levaram a tal desilusão amorosa, revelando que ambos não haviam se conectado suficientemente, mormente no campo intelectual.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma desilusão

Era um perfeito *gentleman* aquele rapaz. Alto, elegante, vestia sempre com extraordinário esmero e distinção.

Tinha simpatizado com ela naturalmente. Tão naturalmente como o ouvido simpatizava com a música, como a vista se compraz em saciar-se pelo aveludado da relva que na primavera tapeta as campinas. Ela era formosa se bem que um pouco coquete, julgando-se muito mais bonita do que era na realidade. Falava pouco e com ênfase e vestia com um gosto um quase nada exagerado.

Talvez por demasiado presumida, tivera poucos pretendentes. Tanto que, quando o tal rapaz apareceu a rondar-lhe a porta, toda a rua veio à janela. Depois foram-se habituando e ao fim de uma semana contava-se já com ele, como se conta com a noite depois do escurecer.

Constou logo que era rico e que se ocupava no jornalismo. Como literato, nos primeiros dias desafogou aquela ternura que lhe germinava no peito, em artigos primorosos, recheados de maviosas alusões, que ela lhe agradecia sem entusiasmos, como se fosse pouco e merecesse muito mais.

Ele, cego de amor, a princípio, não reparou naquela frieza. Depois, aquela alegria doida começou de arrefecer-lhe no espírito e o apaixonado rapaz tornouse pensativo.

Os seus artigos saíam-lhe agora pesados, monótonos, sem a feição de ventura que a princípio lhes imprimira e um belo dia desapareceu da rua da sua amada.

Quando os amigos lhe perguntavam por ela, mudava de conversa, muito enfadado, como se lhe fora penosa a lembrança da mulher que tanto requestara. Um companheiro, íntimo amigo, perquiriu com mais interesse da desagradável impressão que aquela rapariga, uma sereia, havia produzido no espírito dele.

– Que queres? eu procurei-a para alívio do meu mal e ela padecia do mesmo que eu. A princípio, a sua estonteante beleza inspirou-me. Disse-lhe muita coisa no primeiro dia, no segundo, no terceiro e ao quarto dia ainda tinha corda para mais. Mas agora, sem ter conseguido arrancar-lhe mais do que monossílabos, convenci-me de que padecemos do mesmo mal – falta de assunto!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 11, 15 dez. 1894, p. 3 e 6)

METEMPSYCOSE

(A Abel Moreno)

Ali, a sos com elle, no seu boudoir, Sarah sentia uma emoção profunda, como se na sua alma, em chaos, se houvera-

-operado um phenomeno tão imponente como a propria tempestade. O que elle the ensinava, aquelles horisontes largos -que lhe descobria, aquelle mundo superior de Crenças que lhe apresentava, surprehendiam-n'a e n'essa surpreza havia muito de horror, um como que remorso do passado.

Elle apresentava-ihe, em delicada amphora, o nectar da ventura e Sarah sorvia-lhe as palavras, repetia-lhe os versos n'um arroubamento indefinido, espiritual, ascetico, como se estivera fazendo uma doce aprendizagem d'aquellas theorias santas

Foi então que comprehendeu o erro em que, como muitas outras, laborava ha muito. Othou para o seu coração e recuou. Casada; com tantos elementos de felicidade, não fora nunca
feliz. Vencia-a o spleen no meio da sumptuosidade em que
vivia. O marido, a força que tão bem poderia harmonisar-se
com a sua gentileza, o amor ardente, infinito, que com as mil
subtilezas d'um coração amantissimo procurara captivar-lhe o
seu, descongelar-lh'o com os seus beijos cálidos, não encontrára mais do que uma estatua fria como se fôra uma reprodueção, em marmore de Carrara, da Virgem de Murillo.

Tudo isto elle lhe fez comprehender, agora que o marido estava ausente. E Sarah, a gélida Sarah, querendo dessedentar-se n'aquelles caudaes de ternura approximou-se d'elle, n'uma fascinação inexplicavel como a attracção do abysmo, como a impenetrabilidade do infinito. Commovida, n'um extasis ineffavel, ardente, amoroso, deixou que no seu espirito avultassem aquellas crenças até agora em embryão, sentiu que a alma, gradualmente e n'um encantamento se he elevava como se fosse ascendendo, por uma vereda de flores, até penetrar n'um céu de venturas, de embriaguez, de delirio. Accordára para a vida do amor. Operou-se a metempsycose. Tão alheia se encontrava que estremeceu ao sentir na fronte o osculo que o marido, acabado de chegar, depuzera alli ternamente.

Sarah então com os olhos humidos de felicidade mostrou ao seu esposo o sen enlevo, o seu duas vezes salvador: aquelle que lhe denunciara no sentir a existencia da mulher e da esposa. Mostrou-lhe o que fora seu delicto, seu inseparavel companheiro das horas de soledade—o primeiro Livro de Versos de Abilio de Campos Monteiro, o inspiradissimo Arco-lris.

Silvia da Vinha.

Em "Metempsicose", toda a narrativa se encaminhava para a abordagem de uma temática profunda e transcendental no que tange ao espírito humano. A personagem central era Sarah, que buscava no campo espiritual a superação de seus problemas matrimoniais. Ficava implícita uma aproximação da mulher com o seu guru, beirando a possibilidade da traição aos votos conjugais. Mas tal infidelidade não se confirmava, havendo a reconciliação com o esposo e, com bom humor, ficava revelado que a transcendência da alma atingida não se devera a questões espirituais e sim à leitura de um livro de poesias da autoria de um dos próprios colaboradores dos *Pontos e Vírgulas*.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Metempsicose

(A Abel Moreno)

Ali, a sós com ele, no seu *boudoir*, Sarah sentia uma emoção profunda, como se na sua alma, em caos, se houvera operado um fenômeno tão imponente como a própria tempestade. O que ele lhe ensinava, aqueles horizontes largos que lhe descobria, aquele mundo superior de crenças que lhe apresentava, surpreendiam-na e nessa surpresa havia muito de horror, um como que remorso do passado.

Ele apresentava-lhe, em delicada ânfora, o néctar da ventura e Sarah sorvia-lhe as palavras, repetia-lhe os versos num arroubamento indefinido,

espiritual, ascético, como se estivera fazendo uma doce aprendizagem daquelas teorias santas.

Foi então que compreendeu o erro em que, como muitas outras, laborava há muito. Olhou para o seu coração e recuou. Casada; com tantos elementos de felicidade, não fora nunca feliz. Vencia-a o *splenn* no meio da suntuosidade em que vivia. O marido, a força que tão bem poderia harmonizar-se com a sua gentileza, o amor ardente, infinito, que com as mil sutilezas de um coração amantíssimo procurara cativar-lhe o seu, descongelar-lhe com os seus beijos cálidos, não encontrara mais do que uma estátua fria como se fora uma reprodução, em mármore de Carrara, da Virgem de Murilo.

Tudo isto ele lhe fez compreender, agora que o marido estava ausente. E Sarah, a gélida Sarah, querendo dessedentar-se naqueles caudais de ternura aproximou-se dele, numa fascinação inexplicável como a atração do abismo, como a impenetrabilidade do infinito. Comovida, num êxtase inefável, ardente, amoroso, deixou que no seu espírito avultassem aquelas crenças até agora em embrião, sentiu que a alma, gradualmente e num encantamento se lhe elevava como se fosse ascendendo, por uma vereda de flores, até penetrar num céu de venturas, de embriaguez, de delírio. Acordara para a vida do amor. operou-se a metempsicose. Tão alheia se encontrava que estremeceu ao sentir na fronte o ósculo que o marido, acabado de chegar, depusera ali ternamente.

Sarah então com os olhos úmidos de felicidade mostrou ao seu esposo o seu enlevo, o seu duas vezes salvador: aquele que lhe denunciara no sentir a existência da mulher e da esposa. mostrou-lhe o que fora seu delito, seu

inseparável companheiro das horas de soledade — o primeiro Livro de Versos de Abílio de Campos Monteiro, o inspiradíssimo Arco-Íris.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 12, 22 dez. 1894, p. 2-3)

UMA TENTAÇÃO

Decididamente aquillo era uma tentação. A Rosita n'esse dia nem quiz olhar para elle. Passou muito depressa sem sequer se voltar, com receio de que elle tornasse a tental-a e ella não tivesse forças de resistir-lhe. Não tinha direito de pensar n'elle. A mãe e os irmãositos careciam do pouco que ella ranhava. E demais era lão nova para pensar n'essas coisas!... Tinha apenas treze annos. A sorte fora-lhe pouco benigna.

Andava a servir desde que o pae lhe morrera, esfalfado de trabalho, de um trabalho estupido e mal remunerado que lhe ceifara a vida no melhor dos seus annos, deixando no mais deploravel abandono a vinva e os filhos, todos tão debeis e tão pequeninos. A Rosita era a mais robusta. Resignara-se a deixar, o lar porque, apesar de muito novinha, comprehendera que em casa só podía servir de estorvo á Mãe, emquanto que, fora, sempre bavia de ganhar para de vez em quando trazer algum mimo com que consolasse os pequenitos.

N'aquelle dia lembrara-se muito d'elles. Era dia de Natal, o dia em que, na vida do pae, tanta alegria reinava no lar. Ainda assim não se lamentava. Sentia-se até muito orgulhosa porque ia levar, com o fructo do seu trabalho, a ventura aquella casa tão sem confortos. É por isso que ella entrara no Mercado, sorridente como uma alvorada de abril, desenvolta parando aqui e acolá, como uma borboleta que adejasse em torno de flores, procurando os melhores minos, os regalos com que queria presentear a mãe, coitada! que a esperava decerto com anciedade.

E acotovellando aquella multidão heterogenea que ia e vinha em todas as direcções, a Rosita ia philosophando, muito satisfeita de si, por se vér elevada a amparo da familia. Parecia-lhe que valia muito mais do que aquellas grandes damas que de entre os confortos dos seus palacios, espalham o oiro as mãos cheias e cujos creados ajoujados de compras, gastam no superfluo o que faz falta a tanto pobresinho, a tanta desgraça immerecida. E por isso a Rosita se orgulhava dos seus treze annos tão proveitosos emquanto que as meninas ricas passeiam o seu tédio em foras carruagens, dissimulando debaixo de caros velludos e de espelhentas sedas a sua nullidade, os seus defeitos, a sua parvoice, quiçã.

E emquanto no seu cerebro se forjavam estas consideracões, ia accumulando no cestinho de que se munira, o pão, o leite, os ovos, o mel, as fructas de inverno e alguns doces para os pequenitos, todo isto com influita solicitude, com um brio santo, como se fora uma dona de casa, em miniatura. Antegozava ja da alegria que la causar as pobres creanças e a mãe, coitada!

Verdade é que ficava sem real. Mas que lhe importava? Fizera o seu dever: E dellando a correr em direcção a casa da mãe; esqueceu se alé do que tanto a tentara, d'aquelle explendido lençe de seda, que ha tanto tempo era a sua tentação, o sem supremo sonho d'oiro.

Silvia da Vinha.

O conto "Uma tentação" era carregado nas tintas da crítica social, apresentando as incongruências da sociedade, personificadas em Rosita, uma menina órfã que trouxera para si a responsabilidade de trabalhar para ajudar no sustento da mãe viúva e dos irmãos. As precárias condições de vida dos trabalhadores também eram denunciadas na descrição da figura paterna, cuja morte adveio do excesso de trabalho. Rosita se mostrava abnegada, resignada e até certo modo feliz, dentro das possibilidades, por constituir uma espécie de arrimo de família. A censura às condições vigentes aparecia também na comparação do valor daquela praticante do trabalho infantil e da futilidade das meninas ricas. A "tentação" explícita no título, na abertura e no fechamento do texto, se referia a um lenço, uma vez que a menina, que se transformara em adulta pela força do destino, já estava se tornando uma jovem, entretanto, não sucumbia ao desejo da bela peça da indumentária feminina, preferindo garantir os compromissos familiares.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma tentação

Decididamente aquilo era uma tentação. A Rosita nesse dai nem quis olhar para ele. Passou muito depressa sem sequer se voltar, com receio de que ele tornasse a tentá-la e ela não tivesse forças de resistir-lhe. Não tinha direito de pensar nele. A mãe e os irmãozitos careciam do pouco que ela ganhava. E

demais era tão nova para pensar nessas coisas!... Tinha apenas treze anos. A sorte fora-lhe pouco benigna.

Andava a servir desde que o pai lhe morrera, esfalfado de trabalho, de um trabalho estúpido e mal remunerado que lhe ceifara a vida no melhor dos seus anos, deixando no mais deplorável abandono a viúva e os filhos, todos tão débeis e tão pequeninos. A Rosita era a mais robusta. Resignara-se a deixar o lar porque, apesar de muito novinha, compreendera que em casa só podia servir de estorvo à mãe, enquanto que, fora, sempre havia de ganhar para de vez em quando trazer algum mimo com que consolasse os pequeninos.

Naquele dai lembrara-se muito deles. Era dia de Natal, o dia em que, na vida do pai, tanta alegria reinava no lar. ainda assim não se lamentava. Sentia-se até muito orgulhosa porque ia levar, com o fruto do seu trabalho, a ventura àquela casa tão sem confortos. É por isso que ela entrara no Mercado, sorridente como uma alvorada de abril, desenvolta parando aqui e acolá, como uma borboleta que adejasse em torno de flores, procurando os melhores mimos, os regalos com que queria presentear a mãe, coitada! que a esperava decerto com ansiedade.

E acotovelando aquela multidão heterogênea que ia e vinha em todas as direções, a Rosita ia filosofando, muito satisfeita de si, por se ver elevado a amparo da família. Parecia-lhe que valia muito mais do que aquelas grandes damas que de entre os confortos dos seus palácios, espalham o oiro às mãos cheias e cujos criados ajoujados de compras, gastam no supérfluo o que faz falta a tanto pobrezinho, a tanta desgraça imerecida. E por isso a Rosita se orgulhava

dos seus treze anos tão proveitosos enquanto as meninas ricas passeiam o seu tédio em fofas carruagens, dissimulando debaixo de caros veludos e de espelhentas sedas a sua nulidade, os seus defeitos, a sua parvoíce, quiçá.

E enquanto no seu cérebro se forjavam estas considerações, ia acumulando no cestinho de que se munira, o pão, o leite, os ovos, o mel, as frutas de inverno e alguns doces para os pequenitos, tudo isto com infinita solicitude, com um brio santo, como se fora uma dona de casa, em miniatura. Antegozava já da alegria que ia causar às pobres crianças e à mãe, coitada!

Verdade é que ficava sem real, mas que lhe importava? Fizera o seu dever. E deitando a correr em direção à casa da mãe, esqueceu-se até do que tanto a tentara, daquele esplêndido lenço de seda, que há tanto tempo era a sua tentação, o seu supremo sonho de oiro.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 14, 5 jan. 1895, p. 3)

PELA PHANTASIA

Como é massador viajar em caminho de ferro, lembrei-me de fazer uma excursão a meu modo: sem descarrillamentos, mas com muitas peripecias, muitos obstaculos, muitos assaltos—uma verdadeira viagem à Julio Verne.

Feitas as malas, carteira no bolso, la vou eu, Phantasia fora, a cata de impressões fortes, como dizia alguem. A meio caminho, porém, o sol mergulha no occidente e, a breve trecho, o sudario da noite envolve a terra nas suas lugubres prégas. Quiz voltar para traz, fugir, mas não vi por onde. No ceu, nem uma estrella; na terra, nem uma luz que me pharolisasse

um albergue onde eu pudesse acoitar-me.

Com uma placidez d'animo que depois me maravilhou, não me arreciei de nada. Caminhei, ao acaso, até que tropecei com uma mole de granito, que crescia para o atalho por que eu antes seguira desassombradamente. Sentei-me e quando os meus olhos se habituaram um pouco a escuridão, reparei no quadro que altas penedias eccaixilhavam. Montanhas trepando por montanhas, morros enormes assentando sobre toscos rochedos, agulhas de pedra avultando para o ar. No alto, a topetar com as nuvens e confundindo se com a cor carregada da atmosphera, ergue-se uma amalgama de ruinas por de sobre um pedestal quasi esboroado.

Pareceu-me que, pelos frestões meio derrocados d'aquelle casarão, sahiam labaredas esverdeadas que me fizeram tremerde medo.

Attrahida, porém, mais do que illuminada por aquellas chammas, fui tacteando o terreno escabroso da montanha e por fim, subindo a uma rocha, pude lobrigar o interior do horrivet cástello. Conheci então até onde me levara a minha ousadia.

Ali dentro fabricava-se a morte para o mundo: rumorejavam as insidias, forjavam-se as calumnias, cachoavam as tempestades, estrondeiavam os cataclismos!

A vista d'aquellas pavorosas fogueiras, o estridor das gargalhadas satanicas que chegavam aos meus ouvidos, fizeramme vacillar a coragem e perder os sentidos.

Já tarde, ia o sol a toda a altura, accordei a um contacto asqueroso. A sinistra habitante do castello, colleando vagarosamente por entre os penedos, afastava-se. Senti uma dor agunda no coração. A serpente verde da Inveja infiltrara-me n'elle o seu lethal veneno: senti ciumes.

Silvia da Vinha.

O texto "Pela fantasia", iniciado como uma possível narrativa nos moldes de uma literatura de viagem, logo dava uma guinada em outra direção, optando por uma abordagem fantástica, carregada das cores do terror. O ambiente asfixiante e perigoso da noite, revelava uma viajante que pretendia realizar uma empreitada aventureira e acabava por sucumbir perante o medo. O simulacro fantasioso tinha a sua culminância com o enfretamento contra o mal e a finitude da existência.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Pela fantasia

Como é maçador viajar em caminho de ferro, lembrei-me de fazer uma excursão a meu modo: sem descarrilamentos, mas com muitas peripécias, muitos obstáculos, muitos assaltos – uma verdadeira viagem à Júlio Verne.

Feitas as malas, carteira ao bolso, lá vou eu, fantasia fora, à cata de impressões fortes, como dizia alguém. A meio caminho, porém, o sol mergulha no ocidente e, a breve trecho, o sudário da noite envolve a terra nas suas lúgubres pregas. Quis voltar para trás, fugir, mas não vi por onde. No céu, nem uma estrela; na terra, nem uma luz que me farolizasse um albergue onde eu pudesse acoitar-me.

Com uma placidez de ânimo que depois me maravilhou, não me arreceei de nada. caminhei, ao acaso, até que tropecei com uma mole de granito, que crescia para o atalho por que eu antes seguira desassombradamente. Sentei-me e quando os meus olhos se habituaram um pouco à escuridão, reparei no quadro que altas penedias encaixilhavam. Montanhas trepando por montanhas, morros enormes assentando sobre toscos rochedos, agulhas de pedra avultando para o ar. No alto, a topetar com as nuvens e confundindo-se com a cor carregada da atmosfera, ergue-se uma amálgama de ruínas por de sobre um pedestal quase esboroado.

Pareceu-me que, pelos frestões meio derrocados daquele casarão, saíam labaredas esverdeadas que me fizeram tremer de medo.

Atraída, porém, mais do que iluminada por aquelas chamas, fui tateando o terreno escabroso da montanha e por fim, subindo a uma rocha, pude lobrigar o interior do horrível castelo. Conheci então até onde me levara a minha ousadia.

Ali dentro fabricava-se a morte para o mundo: rumorejavam as insídias, forjavam-se as calúnias, cachoavam as tempestades, estrondeavam os cataclismos!

A vista daquelas pavorosas fogueiras, o estridor das gargalhadas satânicas que chegava aos meus ouvidos, fez-me vacilar a coragem e perder os sentidos.

Já tarde, ia o sol a toda a altura, acordei a um contato asqueroso. A sinistra habitante do castelo, coletando vagarosamente por entre os penedos,

afastava-se. Senti uma dor aguda no coração. A serpente verde da inveja infiltrara-me nele o seu letal veneno: senti ciúmes.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 15, 12 jan. 1895, p. 6)

A MENDIGA

Olos, ver y florar es vuestro oficio. P. L. DE LARATE.

Ninguem sabia quem ella era, nom de oude viera. Um dia appareceu na ableia, pobremente vestida, e alugara uma casita em ruina onde passava os dias e as noites a chorar, a gemer d'um modo que cortava os flos d'alma. Por mais esforços que a curiosidade das visinhas empregasse, não havia arrancar-lhe uma palavra. Que era uma desgraçadinha, diziam as velhas com ar solemne. E accrescentavam umas para as outras que decerto ella fóra alguma grande dama que se fluava de dor por vér-se n'aquella miseria. Ou, se seriam maguas do coração!... quem sabe!...

Outras diziam que ella era meio doida. Altas horas da noite, sahia de casa e ia. sósinha, a suspirar, por aquelles caminhos fóra, como se as suas dolorosas recordações não coubessem dentro do humilde tugurio que habitava. Ao cerio, nada se sabia. A mendiga era um misterio vivo. A principio, trabalhara para fóra. Depois as forças abandonaram n'a e começou, entre mil soluços, a estender a mão á caridade dos bons. Sentava-se á porta da egreja e alli se deixava estar, muito reconcentrada, tempos esquecidos.

E, comtudo, debaixo dos miseros andrajos que a cobriam, um observador teria adivinhado fórmas esculpturaes. A mão, d'uma coupe irreprehensivel, alva e esguia, faria a inveja de uma duqueza. Os cabellos longos e descuidados eram negros como as entranhas d'um abysmo. Os olhos, da mesma cór, eram largamente fendidos e tão tristes que a sua dona parecia vér o mundo atravez d'um prisma tão negro como elles.

Era n'um domingo. Acabava de amanhecer. Uma neblina argentea cobria a terra e desfazia-se em gottas d'agua que iam crystallisar-se nos ramos das arvores que a ventania do inverno despira de folhas. Toca para a missa. Começam de apparecer as moças aos pares, aos bandos, risonhas, as faces coloridas pelo frescor intenso do tempo, perolas de orvalho a perluzir-lhes pelos cabellos, pelos fatos. As velhas caminham, fazendo passar por entre os dedos os gastos rosarios; outras baco mastigando as rezas matinaes.

A mendiga sauda a todos e vae recebendo tristemente o que a caridade lhe concede. A esmola humilhava-a.

Ao fim da estrada apparece agora uma senhora nova pelo braço d'um garboso rapaz. Vem vestida de preto. No rosto, peregrinamente bello, a amargura cava-lhe uma rura profunda. O marido, evidentemente o mancebo que a acompanha, brinca distrahidamente com uma flòr que colhera ao sahir de casa e que vae desfolhando sem para ella olhar.

Ao passarem junto da mendiga, esta levanta os olhos e ia dirigir se ao gentil par, quando, toda sacudida por uma convulsão, reprimiu o movimento. A senhora condoída, approxima-se d'ella e pergunta-lhe carinhosamente:

-Que tem, pobre mulher?

— Nada, minha boa senhora. E' o frio da manha que me faz tremer. Obrizada! Deus lhe pague e que a felicidade seja tão assidua junto de V. Ex.ª quanto a desgraça o tem sido junto de mim.

E beijou-lhe as mãos emquanto que a joven senhora deixava tambem deslisar uma lagrima ardente pelas faces mimosas

Quem sabe se a mesma desventura abraçava aquellas duas mulheres!...

Entretanto o mancebo, sorrindo cynicamente, lança um olhar desdenhoso para a mendiga e atira para a estrada a flor que machucara entre os dedos...

A' sahida da missa ninguem viu a pobre mulher. Procuraram-n'a em casa. A porta da misera habitação estava escancarada. Dentro reinava um silencio-lugubre. A mendiga tinha desapparecido.

Silvia da Vinha.

A crítica às mazelas sociais era o tema predominante em "A mendiga", havendo um questionamento pleno quanto às razões que levavam uma pessoa à condição de precariedade social. A narrativa também optava por manter um fio condutor constantemente prenhe em mistério, notadamente no que tange às razões que levaram aquela mulher à mendicância. A denúncia dos horrores que cercavam a pobreza também constituía um tom marcante. As dúvidas quanto à personagem, entretanto, ficavam em aberto para a interpretação do público leitor.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A mendiga

Ojos, ver y llorar es vuestro oficio. P. L. de Larate

Ninguém sabia quem ela era, nem de onde viera. Um dia apareceu na aldeia, pobremente vestida, e alugara uma casita em ruína onde passava os dias e as noites a chorar, a gemer de um modo que cortava os fios da alma. Por mais esforços que a curiosidade das vizinhas empregasse, não havia arrancar-lhe uma palavra. Que era uma desgraçadinha, diziam as velhas com ar solene. E acrescentavam umas para as outras que decerto ela fora grande dama que se finava de dor por ver-se naquela miséria. Ou, se seriam mágoas do coração!... quem sabe!...

Outras diziam que ela era meio doida. Altas horas da noite, saía de casa e ia, sozinha, a suspirar, por aqueles caminhos fora, como se as suas dolorosas recordações não coubessem dentro do humilde tugúrio que habitava. Ao certo, nada se sabia. A mendiga era um mistério vivo. A princípio, trabalhara para fora. Depois as forças abandonaram-na e começou, entre mil soluços, a estender a mão à caridade dos bons. Sentava-se à porta da igreja e ali se deixava estar, muito reconcentrada, tempos esquecidos.

E, contudo, debaixo dos míseros andrajos que a cobriam, um observador teria adivinhado formas esculturais. A mão, de uma *coupe* irrepreensível, alva e esguia, faria a inveja de uma duquesa. Os cabelos longos e descuidados eram negros como as entranhas de um abismo. Os olhos, da mesma cor, eram largamente fendidos e tão tristes que a sua dona parecia ver o mundo através de um prisma tão negro como eles.

Era num domingo. Acabava de amanhecer. Uma neblina argêntea cobria a terra e desfazia-se em gotas de água que iam cristalizar-se nos ramos das árvores que a ventania do inverno despira de folhas. Toca para a missa. Começam de aparecer as moças aos pares, aos bandos, risonhas, as faces coloridas pelo frescor intenso do tempo, pérolas de orvalho a perluzir-lhes pelos cabelos, pelos fatos. As velhas caminham, fazendo passar por entre os dedos os gastos rosários; outras vão mastigando as rezas matinais.

A mendiga saúda a todos e vai recebendo tristemente o que a caridade lhe concede. A esmola humilhava-a.

Ao fim da estrada aparece agora uma senhora nova pelo braço de um garboso rapaz. Vem vestida de preto. No rosto, peregrinamente belo, a amargura cava-lhe uma ruga profunda. O marido, evidentemente o mancebo que a acompanha, brinca distraidamente com uma flor que colhera ao sair de casa e que vai desfolhando sem para ela olhar.

Ao passarem junto da mendiga, esta levanta os olhos e ia dirigir-se ao gentil par, quando, toda sacudida por uma convulsão, reprimiu o movimento. A senhora condoída, aproxima-se dela e pergunta-lhe carinhosamente:

- Que tem, pobre mulher?
- Nada, minha boa senhora. É o frio da manhã que me faz tremer.
 Obrigada! Deus lhe pague e que a felicidade seja tão assídua junto de V. Exa.
 quanto a desgraça o tem sido junto de mim.

E beijou-lhe as mãos enquanto que a jovem senhora deixava também deslizar uma lágrima ardente pelas faces mimosas.

Quem sabe se a mesma desventura abraçava aquelas duas mulheres!...

Entretanto, o mancebo, sorrindo cinicamente, lança um olhar desdenhoso para a mendiga e atira para a estrada a flor que machucara com os dedos...

À saída da missa ninguém viu a pobre mulher. Procuraram-na em casa. A porta da mísera habitação estava escancarada. Dentro reinava um silêncio lúgubre. A mendiga tinha desaparecido.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 16, 19 jan. 1895, p. 2-3)

OFIDALGO

(À minha, dilecta amiga, D. Maria do Carmo)

Anacleto de Cardo Beirim era o ultimo descendente d'uma antiquissima familia da Guarda. A par de immensos cabedaes, herdara elle a soberba, insolvida e insolente altivez de seus avos. Riquissimo mas extraordinariamente estupido, passava a vida entre uma cohorte de creados e poucos amigos que o adulavam por saberem ser esse meio a estrada real para a confiança do fidalgo.

Era alto de estatura e d'elle se poderia dizer, com cabimento, como dos grandes edificios: que, por desproporção de commodas e exiquidade de mobiliario, lhe ficara vasio o ultimo andar e nas aguas furtadas só lhe cresciam as teias d'áranha ou, quando muito, arrumava os macaquinhos...

Bra por setembro. Uns vizinhos de Cardo Beirim tinham vindo de Lisboa, a férias. Eram uns rapazes jovialissimos, além de possuirem uma cultura de espirito muito notavel e esmeradissima educação. Como nas terras pequenas todo o mundo se conhece, o Cardo Beirim foi visitado pelos estudantes a quem recebeu com gélido enthusiasmo mas com cortezia de fidalgo empergaminhado. Propuzeram desde logo umas partidas de caça e uns passeios pelos arrabaldes, distrações que o Beirim commandaria, como conhecedor do terreno. Assim se passou o tempo.

Expiravam as ferias. Os estudantes, ao despedir-se, convenceram o fidalgo a acompanhal-os a Lisbóa, onde a vida não devia desagradar-lhe. Queriam retribuir-lhe as attenções recebidas, fazendo lhe as honras da capital. Mesmo, eram horas de se divertir um pouco fora do meio acanhado da provincia. Em idade, ia então o fidalgo de trinta e cinco para quarenta annos. Era solteiro. O limitadissimo do seu encephalo nunca encontrar na mulher attractivos que o levassem a dar o «errado passo» como elle dizia. E ria alarvemente quando ouvia aos estudantes que a mulher era mais bella, a mais pura, a mais sublime metade da humanidade.

Depois de o terem levado a ver o que de mais notavel tem Lisboa, apresentaram-no um dia em casa de umas primas, seductoras raparigas, cheias de espirito, que o receberam benevolamente, apesar da antipathia que resaltava do todo do fidalgo, apesar da sua arrogancia, d'aquella *gaucherie* que as punha ás vezes n'uma situação difficil, não sabendo que dizer a quem nada dizia junto d'ellas.

Distinguia-se, entre todas, Carlinda, que realisava um typo encantador pela agudeza e vivacidade do seu espirito e pelo insinuantissimo da sua presença. A sua conversação brithante captava todas as sympathias. Alem de tocar piano e cantar admiravelmente.

Depois de algumas horas passadas o mais agrada velmente possível, retiraram-se os estudantes e com elles o Beirim que se contentara com estar todo o tempo commodamente refestelado n'um sophá.

Os rapazes quizeram prescrutar as impressões do fidalgo. Fallaram de Carlinda com sentidissima admiração, com delirante enthusiasmado. E, como elle nada disse, interrogaram:

- Não concorda?

— Eu lhes digo... Sua prima terá todas as virtudes, todas as prendas, é realmente muito bonita; é, como en não julguei que bouvesse mulheres. Cheguei, em presença d'ella, a lembrar me de que era solteiro.

Mas, um erro que lhe encontrei, desfez todas as boas impressões que en tinha.

- Ora essa! fizeram os primos muito formalisados.

— B' a verdade, meus amigos. A sua prima seria um anjo, se não tivesse o maldito sestro de tocar piano!

Silvia da Vinha,

O tom um tanto anedótico retornava em "O fidalgo", sem deixar de lado a crítica social, notadamente na descrição de um membro da oligarquia lusa. O fidalgo habitava uma região interiorana e, apesar de extremamente rico, era também tremendamente obtuso. A narrativa trazia ainda consigo o encontro entre a tradição do interior e as mudanças comportamentais das grandes cidades, circunstância reproduzida na aproximação entre o fidalgo e um grupo de estudantes de Lisboa. O nobre Anacleto mostrava-se refratário ao casamento e mesmo diante das moças casadoiras da capital, manteve-se firme em sua convicção, ao mesmo tempo em que o texto refletia sobre as qualidades femininas desejáveis para o matrimônio.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O fidalgo

(À minha dileta amiga, D. Maria do Carmo)

Anacleto de Cardo Beirim era o último descendente de uma antiquíssima família da Guarda. A par de imensos cabedais, herdara ele a soberba, insofrida e insolente altivez de seus avós. Riquíssimo mas extraordinariamente estúpido, passava a vida entre uma coorte de criados e poucos amigos que o adulavam por saberem ser esse meio a estrada real par a confiança do fidalgo.

Era alto de estatura e dele se poderia dizer, com cabimento, como dos grandes edifícios: que, por desproporção de cômodas e exiguidade de mobiliário, lhe ficara vazio o último andar e nas águas-furtadas só lhe cresciam as teias de aranha ou, quando muito, arrumava os macaquinhos...

Era por setembro. Uns vizinhos de Cardo Beirim tinham vindo de Lisboa, a férias, Eram uns rapazes jovialíssimos, além de possuírem uma cultura de espírito muito notável e esmeradíssima educação. Como nas terras pequenas todo o mundo se conhece, o Cardo Beirim foi visitado pelos estudantes a quem recebeu com gélido entusiasmo mas com cortesia de fidalgo empergaminhado. Propuseram desde logo umas partidas de caça e uns passeios pelos arrabaldes, distrações que o Beirim comandaria, como conhecedor do terreno. Assim se passou o tempo.

Expiravam as férias. Os estudantes, ao despedir-se, convenceram o fidalgo a acompanhá-los a Lisboa, onde a vida não devia desagradar-lhe. Queriam retribuir-lhe as atenções recebidas, fazendo-lhe as honras da capital. Mesmo, eram horas de se divertir um pouco fora do meio acanhado da província. Em idade, ia então o fidalgo de trinta e cinco para quarenta nos. Era solteiro. O limitadíssimo do seu encéfalo nunca encontrara na mulher atrativos que o levassem a dar o "errado passo" como ele dizia. E ria alarvemente quando ouvia aos estudantes que a mulher era mais bela, a mais pura, a mais sublime metade da humanidade.

Depois de o terem levado a ver o que de mais notável tem Lisboa, apresentaram-no um dia em casa de umas primas, sedutoras raparigas, cheias de espírito, que o receberam benevolamente, apesar da antipatia que ressaltava do todo do fidalgo, apesar da sua arrogância, daquela *gaucherie* que as punha às vezes numa situação difícil, não sabendo que dizer a quem nada dizia junto delas.

Distinguia-se, entre todas, Carlinda, que realizava um tipo encantador pela agudeza e vivacidade do seu espírito e pelo insinuantíssimo da sua presença. A sua conversação brilhante captava todas as simpatias. Além de tocar piano e antar admiravelmente.

Depois de algumas horas passadas o mais agradavelmente possível, retiraram-se os estudantes e como eles o Beirim que se contentara com estar todo o tempo comodamente refestelado num sofá.

Os rapazes quiseram perscrutar as impressões do fidalgo. Falaram de Carlinda com sentidíssima admiração, com delirante entusiasmo. E, como ele nada disse, interrogaram:

- Não concorda?
- Eu lhes digo... Sua prima terá todas as virtudes, todas as prendas, é realmente muito bonita; é como eu não julguei que houvesse mulheres. Cheguei, em presença dela, a lembrar-me de que era solteiro.

Mas, um erro que lhe encontrei, desfez todas as boas impressões que eu tinha.

- Ora essa! fizeram os primos muito formalizados.
- É a verdade, meus amigos. A sua prima seria um anjo, se não tivesse o maldito sestro de tocar piano!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 17, 26 jan. 1895, p. 6)

EM FLAGRANTE

Soam as nove da noite. Em volta de uma pequena meza está a familia toda - tres pessoas. O dono da casa um velhute baixo, magro, desapparece sob um amplo chaile manta que viera até elle de avò em avò, como se descesse por uma interminavel escada. E, pelo meticuloso cuidado com que era usado, promettia estender-se até à quinta geração: era um chaile prehistorico.

A esposa, digno e perfeito pendant do marido, conta cin-coenta annos, é baixa, magra, methodica como elle. Parece que n'aquella casa tudo estava infallivelmente pautado, tudo se fazia em porções dosimetricas. Nada altera o rigido programma d'aquette viver em que se sentem riminiscencias patriarchaes, em que se aspira um perfume intenso de virtude. Todos os dias, ás mesmas horas se fazem as mesmas coisas.

Aquella correcção de estatuas parecia estender-se até á filha, encantadora joven que apenas dezoito vezes assistira ao regresso das andorinhas. Havia no seu todo um tanto ou quanto da mystica serenidade das sántas. O sou bello olhar azul, quasi constantemente velado pelos longos cilios, raro se er-

Reina profundo silencio na sala, apenas brandamante interrompido pelo trabalhar das duas senhoras. A mãe faz um quadrado de coberta, em crochet. A filha borda um barrete para o papa.

No entanto aquelle silencio, aquella mudez a que parecem ter se condemnado os trez personagens, tem alguma coisa de

De vez em vez, o velhote interrompe a leitura do jornal, ergue a cabeça e escuta attentamente os ruidos exteriores. Havia quinze dias que a inquietação tinha assentado ar-

raiaes no seu espirito e a sua vigilancia era inquebrantavel. Havia quinze dias que surprebendera que um sujeito the patrulhara a rua com vistas na filha ou quem sabe, na riqueza que a fama lhe emprestava.

E' por isso que ao mais subitil ruido a sua cabeça se le-E' por isso que ao mais suitil ruido a sua caheça se levanta inquieta, mas, cravando acerado olhar na joven e vendo a seraphica compostura do seu rosto; continuava a leitura. E que perigo havia de ser desacatada a sua auctoridade de pae, se ella alli estava? No entanto, o velhote, recordando a altivez da filha quando a surprehendera; correspondendo-se uma hella manhā, por mimica, com o tal sujeito, sentia uns calefrios percorrer-lhe a espinha. A docilidade d'aquella pomba desapparecera. Revoltàra-se contra a severidade paterna como se empina um animal de puro sangue. E o pae adivinhara n'acequella rapariga scismadora, um temperamento indocavado indocavadora. empira um annua de puto sangue. no para automata na quella rapariga scismadora, um temperamento indomavel, um temperamento cálido e poetico que fazia vencer o seu amor custasse o que custasse. Usara até da violencia para a chamar custasse o que custasse. Usára até da violencia para a chamar á obediencia e a joven parecera acatar a sua auctoridáde por ter reconhecido que, ali, o mais forte era o pae. Comtudo, não se illudia, o bom velhote. A serenidade da filha tinha muito da quietude do mar: calmo muitas vezes na apparencia, as tempestades cachoam-lhe terriveis, nas entranhas.

Batem as dez da noite. Ouve-se um ruido surdo no andar inferior. O pae sobresalta-se. A joven empallidoce mortalmente e, no entanto, continua a bordar. Já nada se ouve. Ell-a de novo fria como uma pia de agua benta, sob o sereno olhar dos naes. Azora sente-se um abafado murmurio de vozes. O velho.

paes. Agora sente-se um abafado murmurio de vozes. O velho, levanta-se e desce mansamente a escada. Ao entrar na sala ja a soltar um grito de raiva, mas contém-se e approxima-se da

janella, sem ser presentido.

—Dize à menina que espero resposta, ámanhã, pelo correio.

O rapaz (um creadito) de cima, guindando a preciosa missiva por uma linha:

- La l'ho digo. E ia soltar do cordel a rendilhada missiva quando, oh! terror dos terrores! o encolerisado patrão, perdendo a impec-

cavel linha do seu serio, lhe da alli logo a resposta não pelo correio mas, mais rapido, pela posta interna da bota direita...

"Em flagrante", narrativa, trabalhada em minuciosos detalhes ambientais e comportamentais, trazia a estória de uma família formada pelo pai, a mãe e a filha. A principal característica do grupo familiar era um certo imobilismo, revelando uma imutável rotina. Tal ritmo acabaria por ser quebrado com o surgimento de um pretendente para a moça, havendo a aquiescência da parte dela, mas a repressão da autoridade paterna. O velho pai passou a tomar todos os cuidados para a manutenção das virtudes da filha e o desfecho vinha exatamente com um golpe certeiro impingido ao pretenso conquistador.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Em flagrante

Soam as nove da noite. Em volta de uma pequena mesa está a família toda – três pessoas. O dono da casa um velhote baixo, magro, desaparece sob um amplo xaile manta que viera até ele de avô em avô, como se descesse por uma interminável escada. E, pelo meticuloso cuidado com que era usado, prometia estender-se até a quinta geração: era um xaile pré-histórico.

A esposa, digno e perfeito *pendant* do marido, conta cinquenta anos, é baixa, magra, metódica como ele. Parece que naquela casa tudo estava infalivelmente pautado, tudo se fazia em proporções dosimétricas. Nada altera o rígido programa daquele viver em que se sentem reminiscências patriarcais, em que se aspira um perfume intenso de virtude. Todos os dias, às mesmas horas se fazem as mesmas coisas.

Aquela correção de estátuas parecia estender-se até a filha, encantadora jovem que apenas dezoito vezes assistira ao regresso das andorinhas. Havia no seu todo um tanto ou quanto da mística serenidade das santas. O seu belo olhar azul, quase constantemente velado pelos longos cílios, raro se erguia.

Reina profundo silêncio na sala, apenas brandamente interrompido pelo trabalhar das duas senhoras. A mãe faz um quadrado de coberta, em crochê. A filha borda um barrete para o papá.

No entanto aquele silêncio, aquela mudez a quem parecem ter-se condenado os três personagens, tem alguma coisa de lúgubre.

De vez em vez, o velhote interrompe a leitura do jornal, ergue a cabeça e escuta atentamente os ruídos exteriores.

Havia quinze dias que a inquietação tinha assentado arraiais no seu espírito e a sua vigilância era inquebrantável. Havia quinze dias que surpreendera que um sujeito lhe patrulhara a rua com vistas na filha ou quem sabe, na riqueza que a fama lhe emprestava.

É por isso que ao mais sutil ruído a sua cabeça se levanta inquieta, mas, cravando acerado olhar na jovem e vendo a seráfica compostura do seu rosto, continuava a leitura. E que perigo havia de ser desacatada a sua autoridade de pai, se ele ali estava? No entanto, o velhote, recordando a altivez da filha quando a surpreendera, correspondendo-se uma bela manhã, por mímica, com o tal sujeito, sentia uns calafrios percorrendo-lhe a espinha. A docilidade daquela pomba desaparecera. Revoltara-se contra a severidade paterna como se empina um animal de puro sangue. E o pai adivinhara naquela rapariga cismadora, um

temperamento indomável, um temperamento cálido e poético que fazia vencer o seu amor custasse o que custasse. Usara até da violência para a chamar à obediência e a jovem parecera acatar a sua autoridade por ter reconhecido que, ali, o mais forte era o pai. Contudo, não se iludia, o bom velhote. A serenidade da filha tinha muito da quietude do mar: calmo muitas vezes na aparência, as tempestades cachoam-lhe terríveis, nas entranhas.

Batem as dez da noite. Ouve-se um ruído surdo no andar inferior. O pai sobressalta-se. A jovem empalidece mortalmente e, no entanto, continua a bordar. Já nada se ouve. Ei-la de novo fria como uma pia de água benta, sob o sereno olhar dos pais. Agora sente-se um abafado murmúrio de vozes. O velho levanta-se e desce mansamente a escada. Ao entrar na sala ia a soltar um grito de raiva, mas contém-se e aproxima-se da janela, sem ser pressentido.

- Dize à menina que espero resposta, amanhã, pelo correio.

O rapaz (um criadito) de cima, guindando a preciosa missiva por uma linha:

– Lá lhe digo.

E ia soltar do cordel a rendilhada missiva quando, oh! terror dos terrores! o encolerizado patrão, perdendo a impecável linha do seu sério, lhe dá ali logo a resposta não pelo correio, mas, mais rápido, *pela posta interna da bota direita...*

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 18, 2 fev. 1895, p. 3 e 6)

OCARNAVAL

Em casa do Conselheiro dava-se uma son de masquee que era, em toda a ostentação do luxo, a ultima, a suprema palavra da elegancia. As fórmas mais esculpturaes, deixavam-se advinhar sob os pouco pesados trajes de carnaval; cobriam-se de gazes vaporosas, de sedas deslumbrantes, tomavam costumes de todas as éras, faziam reviver todas as épocas, no que ellas tiveram de mais ridiculo ou de mais gracioso. Admiravase, ali, desde o anonymo domino até ao indiscreto travesti. O prazer empunhava o seu sceptro. A caduca pragmatica fugira espavorida e a seriedade fora-lhe no encalço. O gozo, em todas as suas manifestações, desenrolava-se como as plantas sob os climas tropicaes.

Entre as mais gentis, destacava se uma azougada rapariga, em costume de maravilhosa, á roda da qual volitavam os adoradores como um bando de borboletas, attrahidos pelo magnetico brilho dos seus olhos. E como ella conseguira distinguir-se entre tão surprehendentes e irresistiveis graças assim também entre a sua côrte se distinguia um mancebo, vestido á Luiz xv, que era o satellite d'aquelle astro.

la no mais animado a festa, quando a Maravilhosa, lançando uma capa de velludo sobre os hombros, sahiu do salão de baile. Após ella, sahe o seu primeiro admirador, ancioso por desfechar-lhe a declaração que lhe estoirava dos labios. Ella caminhava depressa e de repente perde-se nas trevas d'uma sala completamente as escuras. Elle segue a, guiado pelo frou-

frou do seu vestido de seda. Quando lhe pareceu que ella parara, facteou nas trevas e estremeceu a um contacto macio e tépido. A capa com que ella se cobrira, imaginou. E approximou-se manso e manso, começando a tal declaração que trazia atravessada na garganta. Depois, erguendo os braços para o ar, na attitude tragica de um barytono que chama o ceu para testemunha das suas juras, rematou:

- Amo-te! amo-te! Salva-me ou perde-me!

E abaixando os braços cingiu lhe o corpo flexivel que estremecia brandamente, sentiu os tépidos efluvios que sahiam d'aquella pelle macia que offegava sobre o seu peito.

Ia repetir lhe que a amava, la sellar com um osculo fervoroso a sentida jurá do seu amor, quando, d'um salto imprevisto, o corpo se lhe esgueira dos braços amantissimos.

Vivamente excitado, accende um phosphoro para procurar a sua amada. Mas no mesmo instante da um grito e foge, cheio de nojo, lembrando-se do passado. Abraçára o macaco do Conselheiro cuio pello macio tomara pela capa de velludo da Maravilhosa.

As folias carnavalescas eram o tema de "O carnaval", com destaque para o clima de certa liberalidade que reinaria na época de tais festividades. Nesse sentido, o texto enfatizava que aquele constituía um período de banimento da "pragmática" e da "seriedade", restando um ambiente dominado pelo "gozo", no qual a alegria chegava a se confundir com a libidinagem. Os corpos, normalmente mais escondidos, eram mostrados e o comportamento, rigidamente controlado por princípios da pudicícia, ganhava certas liberdades. A estória tratava da busca pela conquista de uma "maravilhosa" mulher por parte de um dos carnavalescos, havendo mais uma vez um espaço de mistério, quando ambos se encontravam no escuro e, após juras de amor, ao final, se dava o inusitado, com a descambação para o anedótico.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O carnaval

Em casa do conselheiro dava-se uma *soirée masquée* que era, em toda a ostentação do luxo, a última, a suprema palavra da elegância. As formas mais esculturais, deixavam-se adivinhar sob os pouco pesados trajes de carnaval; cobriam-se de gazes vaporosas, de sedas deslumbrantes, tomavam costumes de todas as eras, faziam reviver todas as épocas, no que elas tiveram de mais ridículo ou de mais gracioso. Admirava-se, ali, desde o anônimo dominó até ao indiscreto *travesti*. O prazer empunhava o seu cetro. A caduca pragmática fugira

espavorida e a seriedade fora-lhe no encalço. O gozo, em todas as suas manifestações, desenrolava-se como as plantas sob os climas tropicais.

Entre as mais gentis, destacava-se uma azougada rapariga, em costume de maravilhosa, à roda da qual volitavam os adoradores como um bando de borboletas, atraídos pelo magnético brilho dos seus olhos. e como ela conseguira distinguir-se entre tão surpreendentes e irresistíveis graças assim também entre a sua corte se distinguia um mancebo, vestido à Luiz XV, que era o satélite daquele astro.

Ia no mais animado a festa, quando a maravilhosa, lançando uma capa de veludo sobre os ombros, saiu do salão de baile. Após ela, sai o seu primeiro admirador, ansioso por desfechar-lhe a declaração que lhe estoirava dos lábios. Ela caminhava depressa e de repente perde-se nas trevas de uma sala completamente às escuras. Ele segue-a, guiado pelo *frou-frou* do seu vestido de seda. Quando lhe pareceu que ela parara, tateou nas trevas e estremeceu a um contato macio e tépido. A capa com que ela se cobrira, imaginou. E aproximouse manso e manso, começando a tal declaração que trazia atravessada na garganta. Depois, erguendo os braços para o ar, na atitude trágica de um barítono que chama o céu para testemunha das suas juras, rematou:

- Amo-te! amo-te! Salva-me ou perde-me!

E abaixando os braços cingiu-lhe o corpo flexível que estremecia brandamente, sentiu os tépidos eflúvios que saíam daquela pele macia que ofegava sobre o seu peito.

Ia repetir-lhe que a amava, ia selar com um ósculo fervoroso a sentida jura do seu amor, quando, de um salto imprevisto, o corpo se lhe esgueira dos braços amantíssimos.

Vivamente excitado, acende um fósforo para procurar a sua amada. Mas no mesmo instante dá um grito e foge, cheio de nojo, lembrando-se do passado. abraçara o macaco do conselheiro cujo pelo macio tomara pela capa de veludo da maravilhosa.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 19, 9 fev. 1895, p. 6)

COMEDIA ETERNA

A chegada do morgado assumira as proporções d'um acontecimento extraordinario na familia. Sendo considerado como um dos mais opulentos lavradores e proprietarios do Alto-Douro, accrescia que, se bem que excedesse os quarenta annos, era um homem de presença agradavel e insinuante e, sobretudo, de maneiras excessivamente delicadas. Tanto não era preciso para que as mães lhe mettessem as filhas á cara, vendo n'elle um bom partido. Não faltaram odios, nem rivalidades entre as meninas casadoiras das relações da familia do morgado. Todas se julgavam preferidas e, afinal, elle não se decidia por nenhuma: tantas attenções dispensava a umas como a outras. E ria-se intimamente do effeito que produzia, apreciando com muito bom senso a gente com quem tratava e os calculos mascarados de amabilidades com que o assediavam.

Ora, entre as candidatas que se propunham á sua mão, havia duas que se detestavam o mais cordialmente d'este

mundo.

Eram a D. Aniceta velha megera com pretenções a menina, e a Lili, uma impertigada loira com fumaças a senhora elegante. A estulticie da primeira só era comparavel á impertiencia com que a segunda assestava o lorgnon sobre os homens que a contemplavam. E era de ver a politica da D. Aniceta.

Sempre que pilhava o morgado a geito, não poupava as rivaes. Que eram umas doidivanas, que passavam o dia ao espelho, commentava ella, sem lembrar-se da- horas que gastava a estucar o rosto com carmim e drogas congeneres.

No entretanto, o morgado fizera ja a sua escolha. Virginia, a candida violeta do canteiro que se lhe offerecia à vista, tinha-o captivado completamente por isso mesmo que nunca tentára por se em evidencia. N'ella havia a delicadeza, a docura, a modestia—supremos attractivos da mulher. Era alta, graciosa sem vaidade, gentil sem affectação, nem artificios.

O morgado em tudo isto reparou e amou-a como se ama aos quarenta annos. Mais d'uma vez tentára dizer-lh'o, mas a sua edade retivera-o, e, ademais sentía que a perda d'aquella esperança lhe seria em extremo sensivel. Aos vinte annos ha tempo de ver desfazerem-se as nuvens no horisonte: esquecese e ama-se ainda. Mas, aos quarenta, as paixões dissecam o coração.

O morgado reconhecia-o e por isso se sentia timido junto de Virginia de quem a dignidade e a modestia o tinham encantado desde o primeiro dia em que a vira. Elle, requestado por tanta mulher interesseira, vacillava em declarar os seus sentimentos à juen. Chegou, porém, um momento em que as suas esperanças se avigoraram.

Contemplando a escolhida do seu coração reparou que ella se rubo escia intensamente sobre o influxo do olhar d'elle. Sem esperar por mais, procurou fallar-lhe, longe de ouvidos indiscreptos. D'essa conferencia vem o morgado radiante e a

joven conhecia-se que era feliz tambem.

Ninguem se apercebera do passado. Momentos depois annunciava elle ás pessoas presentes, que voltava á provincia por aquelles dias, ten lo, porém, pouca demora porque resolvera assentar residencia na cidade.

Houve um sobresalto entre as mulheres. Casar-se-hia, o

morgado?

No dia da despedida, choveram os presentes.

A Lili bordara à pressa um descanso de relogio, a missanga. A D Aniceta offereceu-lhe mais substancial regalo: um par de patos, talvez na louvavel intenção de fazer do morgado, homonymo dos palmipedes offertados... Breve reconheceu o seu erro. A sobremeza annunciou elle solemnemente o seu proximo casamento com Virginia. A D. Aniceta, fula, apopletica, remexeu-se na cadeira. A Lili, por pouco tinha um ataque de nervos. Mas, reconhecendo ambas o ridiculo em que incorriam com o seu despeito foram dar os parabens e depór dois beijos muito repenicados nas faces puras e radiantes da feliz noiva.

O texto "Comédia eterna" versava sobre acontecimentos em torno de um grande proprietário de terras que, extremamente rico, despertava o interesse de várias pretendentes. O fio condutor da narrativa era, portanto, o casamento por interesse, tendo em vista que a maioria das candidatas ao casório com o rico morgado, viam nele acima de tudo a posição social. As duas principais pretendentes, Aniceta e Lili, representavam respectivamente os estereótipos da mulher de mais idade que ainda sustentava a esperança no casamento e da jovem que movia montanhas para obter um matrimônio. O "opulento lavrador e proprietário" tinha, entretanto, uma outra opção, Virgínia, arquétipo da mulher ideal, por meio de predicados como beleza, dignidade e modéstia, e, além disso, não se mostrava interesseira como as demais. À conclusão da estória se dava com o anúncio do casamento entre o morgado e Virgínia, para o despeito das outras pretendentes que, ainda assim, não deixaram de cumprimentar a rival, revelando um olhar crítico acerca do mundo de aparências ao qual se reduzia as vivências da aristocracia lusa de então, referência à "comédia eterna", expressa no título.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Comédia eterna

A chegada do morgado assumira as proporções de um acontecimento extraordinário na família. Sendo considerado como um dos mais opulentos lavradores e proprietários do Alto-Douro, acrescia que, se bem que excedesse os quarenta anos, era um homem de presença agradável e insinuante e, sobretudo, de maneiras

excessivamente delicadas. Tanto não era preciso para que as mães lhe metessem as filhas à cara, vendo nele um bom partido. Não faltaram ódios, nem rivalidade entre as meninas casadoiras das relações da família do morgado. Todas se julgavam preferidas e, afinal, ele não se decidia por nenhuma: tantas atenções dispensava a umas como a outras. E ria-se intimamente do efeito que produzia, apreciando com muito bom senso a gente com quem tratava e os cálculos mascarados de amabilidades com que o assediavam.

Ora, entre as candidatas que se propunham à sua mão, havia duas que se detestavam o mais cordialmente deste mundo.

Eram a D. Aniceta, velha megera com pretensões a menina, e a Lili, uma empertigada loira com fumaças a senhora elegante. A estultice da primeira só era comparável à impertinência com que a segunda assestava o *lorgnon* sobre os homens que a contemplavam. E era de ver a política da D. Aniceta. Sempre que pilhava o morgado a jeito, não poupava as rivais. Que eram umas doidivanas, que passavam o dia ao espelho, comentava ela, sem lembrar-se das horas que gastava a estucar o rosto com carmim e drogas congêneres.

No entretanto, o morgado fizera já a sua escolha, Virgínia, a candidata violeta do canteiro que se lhe oferecia à vista, tinha o cativado completamente, por isso mesmo que nunca tentara pôr-se em evidência. Nela havia a delicadeza, a doçura, a modéstia – supremos atrativos da mulher. Era alta, graciosa sem vaidade, gentil sem afetação, nem artifícios.

O morgado em tudo isto reparou e amou como se ama aos quarenta anos. Mais de uma vez tentara dizer-lhe, mas a sua idade retirava-o, e, ademais sentia que a perda daquela esperança lhe seria em extremo sensível. Aos vinte anos há tempo de ver desfazerem-se as nuvens no horizonte: esquece-se e ama-se ainda. Mas, aos quarenta, as paixões dissecam o coração.

O morado reconhecia-o e por isso se sentia tímido junto de Virgínia de quem a dignidade e a modéstia tinham encantado desde o primeiro dia em que a vira. Ele, requestado por tanta mulher interesseira, vacilava em declarar os seus sentimentos à jovem. Chegou, porém, um momento em que as suas esperanças se avigoraram.

Contemplando a escolhida do seu coração reparou que ela se ruborescia intensamente sobre o influxo do olhar dele. Sem esperar por mais, procurou falar-lhe longe de ouvidos indiscretos. Dessa conferência vem o morgado radiante e a jovem conhecia-se que era feliz também.

Ninguém se apercebera do passado. Momentos depois anunciava ele às pessoas presentes, que voltava à província por aqueles dias, tendo, porém, pouca demora porque resolvera assentar residência na cidade.

Houve um sobressalto entre as mulheres. Casar-se-ia, o morgado?

No dia da despedida, choveram os presentes.

A Lili bordara à pressa um descanso de relógio, a missanga. A D. Aniceta ofereceu-lhe mias substancial regalo: um par de patos, talvez na louvável intenção de fazer do morgado, homônimo dos palmípedes ofertados... Breve reconheceu o seu erro. À sobremesa, anunciou ele solenemente o seu próximo casamento com Virgínia. A D. Aniceta, fula, apoplética, remexeu-se na cadeira. A Lili, por pouco tinha um ataque de nervos. Mas, reconhecendo ambas o ridículo em que incorriam com o seu despeito foram dar os parabéns e depor dois beijos muito repenicados nas faces puras e radiantes da feliz noiva.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 20, 16 fev. 1895, p. 3 e 6)

BALLADA

Como se no sen espirito se houvessem desencadeiado horriveis tempestades, como se a flór virente dos sens dezesele annos tivesso sido violentamente machucada pela garra implacavel do destino, o Alvaro andava triste, triste, a meditar no grande problema da sua felicidade...

- --- No grande problema da sua felicidade que o trazia triste, triste, a meditar... Eram longas as noites e elle passava as em elaro, fatizando a imaginação com mil ideias, ora carregadas como uma noite sem lua, nem estrellas, ora roseas como um alvorecer d'abril. E n'este labutar do seu espirito, vinha a madrugada surprehendêl-o e elle notava com espando que a sereia do somo fugira espavorida de junto do seu leito...
- -- De junto do seu leito, fugira espavorida a sercia do sonno e elle estava mais pallido, os olhos negros mais cavados, mais melancolicos, mais desfallecidos e o seu espirito não he havia suggerido nenhuma ideia salvadora, nenhuma ideia que the fosse garantia de ver realisados os seus sonhos d'oiro... N'esta conjunctura penson em sua mãe,
- Foi em sua máe que elle pensou. Ella, tão meiga, tão carinhosa, não deixaria de accolher as suas confidencias e valer-lhe. Forçando, pois, o rosto a um sorriso, foi ter com ella e contou-lhe tudo, tudo. A mãe ouvin-o e quiz dissuadil-o d'aquella ideia que não era mais do que um capricho passageiro.
- Mais do que um capricho passageiro, não era aquella ideia, na sua opinião... E como elle, todo em lagrimas, lhe repetisse os seus rogos, lhe supplicasse que fosse a sua medianeira junto do pae, tão severo, ella prometteu-lhe que assim faia e que, juntos, resolveriam do assumpto. Mas queria antes que elle se entregasse aos seus estudos porque a havia do esquecer.
- Esquecêl-a?!... Não, não! Queria-a, estavam n'ella flxas todas as suas ideias, havia de possuil-a! Quantas vezes, estando perto d'ella, tivera tentações de a ronbar, de fugir com ella para muito longe!... E a mão não havia de querer que elle commettesse uma má acção. Que fallasse com o pac, supplicava-lhe...
- Supplicava-lhe que fallasse com o pae, que fosse a sua advogada. Isto quando a hondosa senhora, já exgotados todos os seus recursos de oratoria, desistira de demover o filho. E foi-se fallar com o mari-lo emquanto que o Alvaro ia para o seu quarto aguardar a decisão dos paes...
- A decisão dos pues que se demorava e por que ello já tremia quando a voz da mae, chamando-o serenamente, lho den o sim para os sens sonhos, o adoravel sim das suas aspirações, dos sens supremes desejos! Disse-lhe que fosse ter com o pae a quem movera a restituir a alegria ao Alvaro, concedendo-lhe o dinheiro para α passuir, à tao almejada bicycleta dos seus sonhos!

A narrativa "Balada" era sobre um rapaz que passava as noites insone e em desespero tendo em vista algo que tanto almejava, mas parecia não conseguir obter. Para amainar tais desalentos, Álvaro recorria à mãe para que intercedesse junto ao pai, visando a atingir seu intento. O texto utilizava como recurso para dar ênfase a algumas expressões, a repetição, notadamente no parágrafo seguinte, antecedido de um travessão. Toda a indicação levava a crer que a meta do jovem era uma namorada, mormente tendo em vista o grifo em itálico em todas as expressões que se referiam a *ela*. Entretanto, a virada conclusiva trazia mais uma vez uma das estratégias tão utilizadas naquele conjunto de composições, quer seja, encaminhar todo o texto em um sentido, e, ao fechamento, dar uma guinada em direção diferente, confirmando-se que o objeto de desejo de Álvaro não era uma moça e sim uma bicicleta.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Balada

Como se no seu espírito se houvessem desencadeado horríveis tempestades, como se a flor virente dos seus dezesse anos tivesse sido violentamente machucada pela garra implacável do destino, o Álvaro andava triste, triste, a meditar no grande problema da sua felicidade...

 No grande problema da sua felicidade que o trazia triste, triste, a meditar... Eram longas as noites e ele passava-as em claro, fatigando a imaginação com mil ideias, ora carregadas como uma noite sem lua, nem estrelas, ora róseas como um alvorecer de abril. E neste labutar do seu espírito, vinha a madrugada surpreendê-lo e ele notava com espanto que a sereia do sono fugira espavorida de junto do seu leito.

- De junto do seu leito, fugira espavorida a sereia do sono e ele estava muito pálido, os olhos negros mais cavados, mais melancólicos, mais desfalecidos e o seu espírito não lhe havia sugerido nenhuma ideia salvadora, nenhuma ideia que lhe fosse garantia de ver realizados os seus sonhos de oiro... Nesta conjuntura pensou em sua mãe.
- Foi em sua mãe que ele pensou. Ela, tão meiga, tão carinhosa, não deixaria de acolher as suas confidências e valer-lhe. Forçando, pois, o rosto a um sorriso, foi ter com ela e contou-lhe tudo, tudo. A mãe ouviu-o e quis dissuadi-lo daquela ideia que não era mais do que um capricho passageiro.
- Mais do que um capricho passageiro, não era aquela ideia, na sua opinião... E como ele, todo em lágrimas, lhe repetisse os seus rogos, lhe suplicasse que fosse a sua medianeira junto do pai, tão severo, ela prometeu-lhe que assim faria e que, juntos, resolveriam do assunto. Mas queria antes que ele se entregasse aos seus estudos porque *a* havia de esquecer.
- Esquecê-la?!... Não, não! Queria-*a*, estavam *nela* fixas todas as suas ideias, havia de possuí-*la*! Quantas vezes, estando perto dela, tivera tentações de *a* roubar, de fugir com *ela* para muito longe!... E a mãe não havia de querer que ele cometesse uma má ação. Que falasse com o pai, suplicava-lhe...

- Suplicava-lhe que falasse com o pai, que fosse a sua advogada. Isto quando a bondosa senhora, já esgotados todos os seus recursos de oratória, desistira de demover o filho. E foi-se falar com o marido, enquanto o Álvaro ia para o seu quarto aguardar a decisão dos pais...
- A decisão dos pais que se demorava e por que ele já tremia quando a voz da mãe, chamando-o serenamente, lhe deu o sim para os seus sonhos, o adorável sim das suas aspirações, dos seus supremos desejos! Disse-lhe que fosse ter com o pai a quem movera a restituir a alegria do Álvaro, concedendolhe o dinheiro para a possuir, a tão almejada bicicleta dos seus sonhos!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 21, 23 fev. 1895, p. 3)

POR TERPSICHORE!

(An ex. mo sr. Proprietario e Redactores dos Pontos e Virgulas)

Por Terpsichore! — viva a dança! era o grito de guerra, o grito que fazia vibrar a alma juvenil, grito que galvanisava decadencias flagrantes, grito que evocava sandosas recordações de prazer.

Por Terpsichore! eis o brado ante o qual surgiam legiões de combatentes derrotados, n'uma suprema vibração de delirio, (pois estava-se no ultimo dia do carnaval) n'um rapto extraordinario de enthusiasmo. Era o combate pela alegria, era o derrotar do desespero, era o vencer da dôr!

Foi assim que o comprehendeu o Narcizo e foi isso que o tentou a alistar-se no grande exercito dos felizes, ainda mesmo que estivesse intimamente convencido de que aquella felicidade, para moitos, tinha a mesma realidade que tem a imagem da lua nas aguas... No emtanto, deixou-se ir n'uma onda alegre e ruidosa que se encaminhava para o Palacio.

Uma vez alli, antes de entrar no salão, teve um momento em que hesitou. Lembrou-se da mulhor — uma furia. Porém, não estava no seu animo o fugir áquella musica harmoniosa, áquelles sons deliciosissimos que vinham até elle. De espaço a espaço faziam-se ouvir distinctamente, depois esmoreciam, acceleravam-se já, prolongavam-se e cessavam completamente para recomeçarem depois ora vivos e alegres, ora voluptuosos como os movimentos da propria valsa.

O Narcizo quizera fugir, não ouvir mais aquelles murmurios de festa, subtrahir-se à fascinação que o empolgava, mas o mesmo grito, por Terpsichorel que ha tres dias relinia por todos os ambitos da cidade, suflocou-lhe os ultimos escrupulos e o Narcizo entrou na grande nave do Palacio de Crystal.

Quando aquella atmosphera suflocante lhe bafejou o rosto, uma visão medonha lhe avassalou o espirito. Viu a mulher, irritada, colerica, atirando-lhe às faces o seu procedimento inqualificavel. Sabir de casa sem uma explicação! sem uma só palavra!...

Oh! quanto pezava ao Narcizo a perda da sua liberdade, quanto lhe pezava! Como justificação aos proprios delictos, vinha-lhe à ideia o prolongado sacrificio da sua mocidade, toda em viço, ás ideias carunchosamente retardatarias da mulher. Ella, infelizmente para o pobre, não inventára a alegria, nem mesmo a paz domestica. Seduzira-o pela riqueza, prendera-o com as aureas cadeias da sua colossal fortuna; mas nem por isso eram menos pezados os grilhões para o Marcizo.

Sentia necessidade de desforrar-se d'aquella escravidão. Demais, uma infidelidadesinha n'um homem novo e gentil, como elle era, chegava a ser elegante, a dar até um certo tom que de modo nenhum lhe desagradava.

De subito e em meio do alheiamento em que estas ideias o haviam immerso, o Narcixo foi bruscamente interrompido pelo choque de uma pesada mão que lhe cahiu sobre o hombro. Voltou-se vivamente, julgando-se alvo das brincadeiras de qualquer mascarado mas no mesmo instante tremeu como um tenro arbusto ante e incendido othar da esposa. Fechou os olhos, e por de sobre os sonhos cor de rosa do seu espirito viú passar uma fatal esponja embebida no negrume das recriminações que já antevia por parte da mulher. O pobre homem sentia-se na quarta-feira de cinzas das suas meigas illusões antes de ter gosado das delicias da terça de entrudo.

Vexado, corrido, sem forças para arcar com a ira da mulher, o Narcizo sentia-se morrer ante aquelle silencio que julgava prenhe de ameaças quando ella appoiando-se lhe ternamente no braco, gritou enthusiasmada:

- Por Terpsichore! Viva a valsa!

E perderam-se ambos n'aquelle oceano humano em que naufragavam fatalmente todos os resentimentos, todas as penas.

Inspirado na musa da dança, "Por Terpsícore", tinha em tal atividade o núcleo da narrativa. Havia uma ampla valorização da arte da dança e, além do próprio título vinculado à Terpsícore, o protagonista chamava-se Narciso, também com base em uma inspiração mitológica da antiguidade clássica. Da mitologia, a estória voltava-se à concretude das festas carnavalescas contemporâneas, mas o fio condutor continuava a ser a dança. As referências ao ambiente de liberdades do carnaval eram atenuadas pela presença da esposa de Narciso, a qual intenta, inicialmente, impor limites às manifestações de alegria do marido. Entretanto, o furor carnavalesco predominava e o casal acabava por entregar-se definitivamente às inspirações de Terpsícore.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Por Terpsicore

(Ao Exmo. Sr. Proprietário e redatores dos *Pontos e Vírgulas*)

Por Terpsícore! – viva a dança! Era o grito de guerra, o grito que fazia vibrar a alma juvenil, grito que galvanizava decadências flagrantes, grito que evocava saudosas recordações de prazer.

Por Terpsícore! eis o brado ante o qual surgiam legiões de combatentes derrotados, numa suprema vibração de delírio, (pois estava-se no último dia do carnaval) num rapto extraordinário de entusiasmo. Era o combate pela alegria, era o derrotar do desespero, era o vencer da dor!

Foi assim que o compreendeu o Narciso e foi isso que o tentou a alistar-se no grande exército dos felizes, ainda mesmo que estivesse intimamente convencido de que aquela felicidade, para muitos, tinha a mesma realidade que tem a imagem da lua nas águas... No entanto, deixou-se ir numa onda alegre e ruidosa que se encaminhava para o palácio.

Uma vez ali, antes de entrar no salão, teve um momento em que hesitou. Lembrou-se da mulher – uma fúria. Porém, não estava no seu ânimo o fugir àquela música harmoniosa, àqueles sons deliciosíssimos que vinham até ele. De espaço a espaço faziam-se ouvir distintamente, depois esmoreciam, aceleravam-se já, prolongavam-se e cessavam completamente para recomeçarem depois ora vivos e alegres, ora voluptuosos como os movimentos da própria valsa.

O Narciso quisera fugir, não ouvir mais aqueles murmúrios de festa, subtrair-se à fascinação que o empolgava, mas o mesmo grito, por Terpsícore! que há três dias retinia por todos os âmbitos da cidade, sufocou-lhe os últimos escrúpulos e o Narciso entrou na grande nave do Palácio de Cristal.

Quando aquela atmosfera sufocante lhe bafejou o rosto, uma visão medonha lhe avassalou o espírito. Viu a mulher, irritada, colérica, atirando-lhe às faces o seu procedimento inqualificável. Sair de casa sem uma explicação! sem uma só palavra!...

Oh! quanto prezava ao Narciso a perda da sua liberdade, quanto lhe pesava! Com justificação aos próprio s delitos, vinha-lhe à ideia o prolongado

sacrifício da sua mocidade, toda em viço, às ideias carunchosamente retardatárias da mulher. Ela, infelizmente para o pobre, não inventara a alegria, nem mesmo a paz doméstica. Seduzira-o pela riqueza, prendera-o com as áureas cadeias da sua colossal fortuna; mas nem por isso eram menos pesados os grilhões para o Narciso.

Sentia a necessidade de desforrar-se daquela escravidão. Demais, uma infidelidadezinha num homem novo e gentil, como ele era, chegava a ser elegante, a dar até um certo tom que de modo nenhum lhe desagradava.

De súbito e em meio do alheamento em que estas ideias o haviam imerso, o Narciso foi bruscamente interrompido pelo choque de uma pesada mão que lhe caiu sobre o ombro. Voltou-se vivamente, julgando-se alvo das brincadeiras de qualquer mascarado, mas no mesmo instante tremeu como um tenro arbusto ante o incendido olhar da esposa. Fechou os olhos e por de sobre os sonhos cor de rosa do seu espírito viu passar uma fatal esponja embebida no negrume das recriminações que já antevia por parte da mulher. O pobre homem sentia-se na quarta-feira de cinzas das suas meigas ilusões antes de ter gozado das delícias da terça de entrudo.

Vexado, corrido, sem forças para arcar com a ira da mulher, o Narciso sentia-se morrer ante aquele silêncio que julgava prenhe de ameaças, quando ela, apoiando-se-lhe ternamente no braço, gritou entusiasta:

- Por Terpsícore! Viva a valsa!

E perderam-se ambos naquele oceano humano em que naufragavam fatalmente todos os ressentimentos, todas as penas.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 22, 2 mar. 1895, p. 6)

UM FUTURO DIPLOMATA

A formosa Melpomene dos seus sonhos era línda como um sonho de poeta, casta como a Virgem que o filho de Deus escolheu para incarnar. A sua tez era mate como só se encon-tra no Oriente; os seus bellos cabellos loiros, um pouco escuros,

sta no Oriente; os seus bellos cabellos iotros, um pouco escuros, tinham relexos acimentados, parecendo por vezes salpicados pela geada; os olhos, largamente fendidos, eram d'um azul pusissimo e humido como o ceu d'uma limpida madrugada. Bra assim que a sua imaginação lh'a havia feito sonhar; era assim que o acaso, a Providencia, Deus, indulia velmente, lh'a deparara n'aquella casa onde entrara indifferente para satir com o acaso, acumelamente cantino. No entanto, ella não de la composição completamente cantino. No entanto, ella não de la composição completamente cantino. No entanto, ella não

era assim que o acaso, a Providencia, Deus, indubitavelmente, th'a deparara n'aquella caso onde entrara indifferente para sabir com o coração completamente captivo. No entanto, ella não dizera a menor menção de o acceitar para galan. As suas declarações encontravam-n'a invariavelmente fria e impassivel.

Be constituição debit mas de espírito exclusivamente exaldo, o mancebo a quem a vida não custava porque pertencia a familia feliz, entregava-se sem treguas a leituras perniciosas que hie exacerbavam as ja promunciadissimas tendencias para o romanticismo. Mit vezes hie lembrara fazer reviver o tempo das cavalterias andantes em que os heroes, cantados nas baldadas petos trovadores antigos, corriam o mundo, cooquistavam corõas de gloria e filhas de reis à ponta da espada.

Era assim que, dando largas à sua fogosa imaginação, consideron facil tarefa o fazer-se amar pela donzella. Mas encoutrou os seus espínhos que um primo, tao infeliz nas suas predepões come elle, personificava. Um primo galanteador como muitos e estupido como poucos. A principio quiz desafal-o mas o outro, dando-lhe uma gargalhada em pleuas faces, voltou-lhe as costas, desdemhosamente. Mudou, pois, de tactica.

D'ali em diante, sem nunca esqueere os requintes de amabilidade que um homem de educação deve a uma senhora, foi contudo muito outro do que tinha sido até ali para com a joven. Foi o más despereoccupado de quantos o rodeavam. Pareia ter esquecido os antigos enthusiasmos e contava-lhe a mitido as suas aventuras galantes com uma grande volubilidade, fallando depressa e quasi sem reparar n'ella que tinha por vezes no rosto uma accentuada expressão de desgosto ante aquella franqueza que a incommodava.

Conbecia que outras a haviam succedido no coração do

por vezes no rosto uma accentuada expressão de desgosto ante aquella franqueza que a incommodava.

Conhecia que outras a haviam succedido no coração do macebo e isto irritava-a, punha-a oervosa, triste, sem que ella mesmo soubesse explicar a causa do seu resentimento.

Um dia em que elle, muito prolixo, lhe contava a historia d'uns amores que trazia em vista, ella leyantou se do lado d'elle e não quiz ouvir mais. No dia seguinte, o mancebo chamando-a para o vão d'uma janella, pediu-lhe desculpa do facto que se dera na vespera e supplicou-lhe que fosse a sua confidente, que lhe desse a sua opinião sobre o que ia contar-lhe. Ella floon, muito a custo.

denie, que lhe desse a sua opinio.
Ella ficou, muito a custo.

Que amaya muito, como era impossivel que houvesse amor egual, começou elle fitando-a tenazmente. Que a escolhida do seu coração era uma creatura divinal como jamais sonbara encontrar. Ferida em pleno peito, a joven baixou os olhos è empallidecen.

E elle, sobre o thema encetado, ia bordando as mais en-thusiasticas: considerações, guzando do embaraço da donzella que fora o seu primeiro sonho d'amor e vendo satisfeita toda a sua valdade de homem. Blla, ja sem coragem para ouvir mais, deixou deslizar duas lagrimas pelas faces ruborisadas em-quanto que elle indemnisado das amarguras sofiridas só com o Presenciar d'aquelle pranto sincero, se calou de subito e a com-demplou por um instante com enlevo.

demplou por um instante com enlevo.

Depois foi ciciar-lhe brandamente ao ouvido:

repois foi ciciar-lhe brandamente ao ouvido:
— Pois não sentes que é a ti que eu adoro? Poderei agora
espera que seja amado como eu amo, como um amor infindo,
incommensuravel, com um amor de todos os momentes?
Ella, no auge da surpreza e da ventura, ergueu para elle
os meigos olhos e não poude mais do que chorar. E com cer-

teza que mais eloquente resposta não desejava o habil diplomata que com tanta pericia se soubera haver na conquista do coração da mulher amada.

"Um futuro diplomata" constituía uma estória acerca de um rapaz profundamente apaixonado pela sua musa, a qual era descrita como a perfeição da beleza entre as mulheres. O mancebo, romântico e imaginativo, não poupava esforços para conquistar a moça, mas suas investidas tendiam a constantes e consecutivos fracassos. Diante de tantos insucessos, ele resolvia mudar de estratégia, e, em seus encontros com ela, passava a vangloriar-se de suas conquistas amorosas. A donzela acabava por ser afetada e entristecer-se com a desistência do rapaz. O desfecho, entretanto, tendia a constituir um final-feliz, quando ele revelava o seu ardil e, como um "diplomata do amor", conquistava-a definitivamente.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um futuro diplomata

A formosa Melpômene dos seus sonhos era linda como um sonho de poeta, casta como a Virgem que o filho de Deus escolheu para incarnar. A sua tez era mate como só se encontra no Oriente; o seus belos cabelos loiros, um pouco escuros, tinham reflexos acinzentados, parecendo por vezes salpicados pela geada; os olhos, largamente fendidos, eram de um azul puríssimo e húmido como o céu de uma límpida madrugada.

Era assim que a sua imaginação lhe havia feito sonhar; era assim que o acaso, a providência, Deus, indubitavelmente, lhe deparara naquela casa onde entrara indiferente para sair com o coração completamente cativo. No entanto, ela não fizera a menor menção de o aceitar para galã. As suas declarações encontravam-na invariavelmente fria e impassível.

De constituição débil, mas de espírito exclusivamente exaltado, o mancebo a quem a vida não custava porque pertencia à família feliz, entregavase sem tréguas a leituras perniciosas que lhe exacerbavam as já pronunciadíssimas tendências para o romanticismo. Mil vezes lhe lembrara fazer reviver o tempo das cavalarias andantes em que os heróis, cantados nas baladas pelos trovadores antigos, corriam o mundo, conquistavam coroas de glória e filhas de reis à ponta da espada.

Era assim que, dando largas à sua fogosa imaginação, considerou fácil tarefa o fazer-se amar pela donzela. Mas encontrou os seus espinhos que um primo, tão infeliz nas suas pretensões como ele, personificava. Um primo galanteador como muitos e estúpido como poucos. A princípio quis desafiá-lo, mas o outro, dando-lhe uma gargalhada em plenas faces, voltou-lhe as costas, desdenhosamente. Mudou, pois, de tática.

Dali em diante, sem nunca esquecer os requintes de amabilidade que um homem de educação deve a uma senhora, foi, contudo, muito outro do que tinha sido até ali para com a jovem. Foi o mais despreocupado de quantos o rodeavam. Parecia ter esquecido os antigos entusiasmos e contava-lhe a miúdo as suas aventuras galantes com uma grande volubilidade, falando depressa e quase sem

reparar nela que tinha por vezes no rosto uma acentuada expressão de desgosto ante aquela franqueza que a incomodava.

Conhecia que outras a haviam sucedido no coração do mancebo e isto irritava-a, punha-a nervosa, triste, sem que ela mesmo soubesse explicar a causa do seu ressentimento.

Um dia em que ele, muito prolixo, lhe contava a história de uns amores que trazia em vista, ela levantou-se do lado dele e não quis ouvir mais. No dia seguinte, o mancebo chamando-a para o vão de uma janela, pediu-lhe desculpa do fato que se dera na véspera e suplicou-lhe que fosse a sua confidente, que lhe desse a sua opinião sobre o que ia contar-lhe. Ela ficou, muito a custo.

Que amava muito, como era impossível eu houvesse amor igual, começou ele fitando-a tenazmente. Que a escolhida do seu coração era uma criatura divinal como jamais sonhara encontrar. Ferida em pleno peito, a jovem baixou os olhos e empalideceu.

E ele, sobre o tema encetado, ia bordando as mais entusiásticas considerações, gozando do embaraço da donzela que fora o seu primeiro sonho de amor e vendo satisfeita toda a sua vaidade de homem. Ela, já sem coragem para ouvir mais, deixou deslizar duas lágrimas pelas faces ruborizadas enquanto que ele indenizado das amarguras sofridas só com o presenciar daquele pranto sincero, se calou de súbito e a contemplou por uns instante com enlevo.

Depois foi ciciar-lhe brandamente ao ouvido:

– Pois não sentes que é a ti que eu adoro? Poderei agora esperar que seja amado como eu amo, como um amor infindo, incomensurável, com um amor de todos os momentos?

Ela, no auge da surpresa e da ventura, ergueu para ele os meigos olhos e não pode mais do que chorar. E com certeza que mais eloquente resposta não desejava o hábil diplomata que com tanta perícia se soubera haver na conquista do coração da mulher amada.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 23, 9 mar. 1895, p. 3)

DUPLA DECEPÇÃO

— Oh! — monologava a D. Liberata, forcejando por apertar o corpo do vestido cujas costuras esgaçavam destemidamente a cada nova tentativa. — Esse gentil mancebo dos meus sonhos, o pagem da realeza da minha formosura — e approximou-se mais do espelho para vêr se era possível convencer se do inaudito arrojo da sua linguagem — deve ser o que já mil vezes tenho visio contemplar, com desvanccimento, esta casa, como se ella fora a aurea gaiola que encerrasse a sua amada. E que importa que eu não tenha deixado precisamente agora a infancia? que importa que o arrebol da minha existencia tenha passado, se é agora que eu sinto no peito o primeiro vagido do meu coração, se me encontro em pleno dia da vida- e da elegancia?!

- São trindades, minha tia, são trindades, desculpe...
- Ah! és tu, menina? vieste interromper-me. E. já agora, hoje que me encontro em excellente disposição de espirito, perdôo-te o gracejo, que considero inoffensivo, e vou fazer-te confidencias.
 - Como, micha tia? Pois está apaixonada?
- Quasi, quasi. E não te rias, minha trocista, se te disser que son correspondida.
- Longe de mim tal intento. Mas... poderá saber-se quem é o eleito da sua alma?...
- Porque não? Não é elle gentil entre os gentis, garboso entre os mais donairosos? Se não posso dizer-te o seu nome, porque o não sei, posso comtudo designal-o aos teus olhos surprehendidos.
- Oh 1 depressa, depressa, minha tia! Quero conhecer esse heroe.
- Eil-o! fez a D. Liberata, designando, com largo gesto, um militar que passeiava em frente.
 - Elle!!! Justos ceus!
- E depois, substituindo a tragica entoação d'estas palavras por um tom levemente ironico, a sobrinha continuou:
- Não se enganará, minha senhora? Não a terão illudido idiotas pretenções? Acha que seja duvidosa a escolha entre mim e a senhora? E se eu lhe dissesse que é a mim que esse homem faz a côrte, se eu lhe disser que se dirigirá a mim na primeira occasião propicia?
- Oh! não, não pode ser. Se assim fosse, seria imperdoavel a desfaçatez com que continua passeiando, vendo-nos ambas com a attenção fixa n'elle.
- E, comtudo, pode crél-o. Senão, retire-se a senhora e verá como elle se dirige a mam, logo que me veja só.
- Seja! annuiu a D. Merata, acocorando-se por detraz da sobrinha, prompta para ouvir os protestos do traidor.
- Eil-o que já airavessa murmura a outra triumphante e por entre dentes — Mas... porque não otha elle para cima?... Oh! meu Dens, meu Deus!... Console-se, minha tia! Enganamo-nos ambas. Veja!
- E as duas que à semelhança de Icaro da fabula tinham abusado das azas de cera que a vaidade lhe emprestára, sentiram que ellas se derretiam ao sol da felicidade da creada de sala que se revia com orgulho na presença do tão pretendido militar.

A estória "Dupla decepção" trazia um verdadeiro conflito de gerações entre uma tia e uma sobrinha que, à janela pretendiam contar com a atenção de um militar que passava à rua. Ficava implícita a discussão da idade da mulher perante o casamento, em uma época na qual a juventude era a chave para a aquisição de um parceiro. Não deixava de ser sintomático que a conversa fosse travada entre tia e sobrinha, para enfatizar a perspectiva da expressão "ficar para titia", tão comum na designação das mulheres que não conseguiam envolver-se nos laços do himeneu. Como sempre, o fecho da estória buscava surpreender, uma vez que o interesse do cobiçado militar não se direcionava para nenhuma das duas e sim para uma empregada, incorrendo em outro dos estereótipos de então, vinculado a romances entre empregadas e policiais. Atônitas, para as duas parentes só restara a "dupla decepção" do título.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Dupla decepção

Oh! – monologava a D. Liberata, forcejando por apertar o corpo do vestido cujas costuras esgaçavam destemidamente a cada nova tentativa. –
Esse gentil mancebo dos meus sonhos, o pajem da realeza da minha formosura – e aproximou-se mais do espelho para ver se era possível convencer se do inaudito arrojo da sua linguagem – deve ser o que já mil vezes tenho visto contemplar, com desvanecimento, esta casa, como se ela fora a áurea gaiola que encerrasse a sua amada. E que importa que eu não tenha deixado precisamente

agora a infância? que importa que o arrebol da minha existência tenha passado, se é agora que eu sinto no peito o primeiro vagido do meu coração, se me encontro em pleno dia da vida e da elegância?!

- São trindades, minha tia, são trindades, desculpe...
- Ah! és tu, menina? vieste interromper-me. E, já agora, hoje que me encontro em excelente disposição de espírito, perdoo-te o gracejo, que considero inofensivo, e vou fazer-te confidências.
 - Como, minha tia? Pois está apaixonada?
- Quase, quase. E não te rias, minha trocista, se te disser que sou correspondida.
- Longe de mim tal intento. Mas... poderá saber-se quem é o eleito da sua alma?...
- Porque não? Não é ele gentil entre os gentis, garboso entre os mais donairosos? Se não posso dizer-te o seu nome, porque o não sei, posso, contudo, designá-lo aos teus olhos surpreendidos.
 - Oh! depressa, depressa, minha tia! Quero conhecer esse herói.
- Ei-lo! fez a D. Liberata, designando, com largo gesto, um militar que passeava em frente.
 - Ele!!! Justos céus!

E depois, substituindo a trágica entoação destas palavras por um tom levemente irônico, a sobrinha continuou:

- Não se enganará, minha senhora? Não a terão iludido idiotas pretensões? Acha que seja duvidosa a escolha entre mim e a senhora? E eu lhe dissesse que é a mim que esse homem faz corte, se eu lhe disser que se dirigirá a mim na primeira ocasião propícia?
- Oh! não, não pode ser. Se assim fosse, seria imperdoável com a desfaçatez com que continua passeando, vendo-nos ambas com a atenção fixa nele.
- E, contudo, ode crê-lo. Senão, retire-se a senhora e verá como ele se dirige a mim, logo que me veja só.
- Seja! anuiu a D. Liberata, acocorando-se por detrás da sobrinha, pronta para ouvir os protestos do traidor.
- Ei-lo que já atravessa murmura a outra triunfante e por entre dentes mas... porque não olha ele para cima?... Oh! meu Deus, meu Deus!... Console-se, minha tia! Enganamo-nos ambas. Veja!

E as duas, que à semelhança de Ícaro da fábula tinham abusado das asas de cera que a vaidade lhes emprestara, sentiram que elas se derretiam ao sol da felicidade da criada de sala que se revia com orgulho na presença do tão pretendido militar.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 24, 16 mar. 1895, p. 2-3)

CHERCHEZ LA FEMME

O Antonio do Seixo lembrava-se tanto do que poderia oc-Casionar a desharmonia dos filhos, como se recordaria da festa das lanternas em Pekin.

O que elle sabia, do que não podia duvidar, era de que a efficacia dos seus conselhos fora, pela primeira voz na sua vida, considerada nulla listo desgostava-o profundamente por que o Antonio do Seixo era o homem de mais credito, de mais acceitação em toda a freguezia. Desde os mais simples assum-Plos ruraes até aos mais intímos negocios de familia, para tudo era pedido o seu conselho. E o que elle dissesse era uma es-Criptura. Até d'esta popularidade he resultara a alcunha de Juiz, alcunha de que elle se ufanava e que fazia por justificar, usando sempre e em todos os casos da major imparcialidade.

Sentia se portanto intimamente vexado por não saber destrinçar a causa da mudança dos rapazes. E verdade que elles nuica tinham sido muito bem casados. Isso, porém, attribuia-o o pae à grande différença de genios.

Os dois irmãos eram a perfeita antithese um do outro. Um era o sol, outro a sombra; u n o riso, ontro o pranto; um o allegro, outro o penseroso. Um primo que andava nos estudos, chamava-lhes Jean qui pleure et Jean qui rit e o medico da freguezia denominava-os Il-raclito e Democrito.

Assente, pois, que a melancolia havia de espelhar-se perfeitamente nos olhos tristes de Pedro e que o João encarnava a mais turbulenta alegria, a aldeia em pôso cahiu das nuvens quando viu que os dois irmãos, depois de uma briga seriissima, se transformaram' radicalmente.

O Pedro parece que trazia uma alma nova. Os olhos limpidos tinham a mendo uns lampejos de prazer que nunca se haviam denunciado n'aquelle rapaz triste, de espirito tão profundamente sonhador. E o João, sem poder fitar o irmão, sahia de casa e andava como doido, perdendo-se pelos campos. Chegou mesmo a manifestar ao pae o desejo de embarcar.

. Ora o bom velhote que não percebia nada do que se pas- . sava, só entendia de si para comsigo que quando as pegas gagueiam, em alguma parte teem o ninho. Traton, pois, de procural-o. Custoù-the muito trabalho, muita vigia infructifera. Desanimara quasi, quando uma tarde, estendendo o sen passeio um pouco mais do que habitualmente, foi encontrar à porta do regedor a explicação por que tanto anciava e que ha tanto tempo o trazia sériamente embaraçado. la soltar uma exclamacão de espanto, mas suffocou a e, occultando-se, certificou-se da causa das desavenças dos dois rapazes.

O Pedro, sentado aos pés da filha do regedor, ia-lhe queimando com a ponta do cigarro o flo do crochet, emquanto que ella reprehendendo-o docemente, lhe sorria e se mirava com orgulho nos olhos enamorados do rapaz.

O Antonio do Seixo comprehendeu tudo e mais certo ficou da veracidade das suas conjecturas quando, voltando-se, reparou no outro filho que cerrava os punhos, comendo-se de raiva ante a selicidade do irmão.

A' vista d'isto o juiz decidiu do caso: tratou de impôr o João para o Brazil.

Alguns detalhes da vida aldeã lusitana apareciam em "Cherchez la femme", abordando um ambiente em que as relações humanas ainda pareciam bastante simples, tanto que o personagem central Antônio do Seixo atuava como um conselheiro no povoado, a ponto de ficar conhecido pela alcunha de juiz. Antônio, entretanto, enfrentava uma difícil situação, exatamente no seio de sua família, na qual os sobrinhos João e Pedro passavam por profundas mudanças de comportamento e conviviam em profunda desarmonia. Pensando que perdera a mão, o "juiz" acabava por descobrir a causa da cizânia fraterna, oriunda dos ciúmes na corte a uma moça, ou seja, a razão para o problema entre dois homens deveria invariavelmente ser procurada em meio às mulheres.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Cherchez la femme

O Antônio do Seixo lembrava-se tanto do que poderia ocasionar a desarmonia dos filhos, como se recordaria da festa das lanternas em Pequim.

O que ele sabia, do que não podia duvidar, era de que a eficácia dos seus conselhos fora, pela primeira vez na sua vida, considerada nula. Isto desgostava-o profundamente por que o Antônio do Seixo era o homem de mais crédito, de mais aceitação em toda a freguesia. Desde os mais simples assuntos rurais até aos mais íntimos negócios de família, para tudo era pedido o seu conselho. E o que ele dissesse era uma escritura. Até desta popularidade lhe

resultara a alcunha de juiz, alcunha de que ele se ufanava e que fazia por justificar, usando sempre e em todos os casos da maior imparcialidade.

Sentia-se, portanto, intimamente vexado por não saber destrinçar a causa da mudança dos rapazes. É verdade que eles nunca tinham sido muito bem casados. Isso, porém, atribuía-o o pai à grande diferença de gênios.

Os dois irmãos eram a perfeita antítese um do outro. Um era o sol, outro a sombra; um o riso, outro o pranto; um o *alegro*, outro o *penseroso*. Um primo que andava nos estudos, chamava-lhes *Jean qui pleure et Jean qui rit* e o médico da freguesia denominava-os Heráclito e Demócrito.

Assente, pois, que a melancolia havia de espelhar-se perfeitamente nos olhos tristes de Pedro e que o João encarnava a mais turbulenta alegria, a aleia em peso caiu das nuvens quando viu que os irmãos, depois de uma briga seríssima, se transformaram radicalmente.

O Pedro parece que trazia uma alva nova. Os olhos límpidos tinham a miúdo uns lampejos de prazer que nunca se haviam denunciado naquele rapaz triste, de espírito tão profundamente sonhador. E o João, sem poder fitar o irmão, saía de casa e andava como doido, perdendo-se pelos campos. Chegou mesmo a manifestar ao pai o desejo de embarcar.

Ora o bom velhote que não percebia nada do que se passava, só entendia de si para consigo que quando as pegas gaguejam, em alguma parte têm o ninho. Tratou, pois, de procurá-lo. Custou-lhe muito trabalho, muita vigia infrutífera. Desanimara quase, quando uma tarde, estendendo o seu passeio um

pouco mais do que habitualmente, foi encontrar à porta do regedor a explicação por que tanto ansiava e que há tanto tempo o trazia, seriamente embaraçado. Ia soltar uma exclamação de espanto, mas sufocou-a e, ocultando-se, certificou-se da causa das desavenças dos dois rapazes.

O Pedro, sentado aos pés da filha do regedor, ia-lhe queimando com a ponta do cigarro o fio do crochê, enquanto que ela repreendendo-o docemente, lhe sorria e se mirava com orgulho nos olhos enamorados do rapaz.

O Antônio do Seixo compreendeu tudo e mais certo ficou da veracidade das suas conjeturas quando, voltando-se, reparou no outro filho que cerrava os punhos, comendo-se de raiva ante a felicidade do irmão.

À vista disto o juiz decidiu do caso: tratou de impor o João para o Brasil.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 25, 23 mar. 1895, p. 3)

MAMÃ! PAPÁ!

A sua vida de casada fora um prolongado gemido, um tormento de insuportaveis agonias, um martyrio de atrocissimo penar.

Extremamente joven, e sem quasi the darem tempo de consultar o coração nem vir a si da surpreza que the causára o ouvir palavras d'amor, entregaram-n'a nos braços d'um homem arrogante e ousado, para quem não tinham valor delicadezas de sentimentos, e que não punha duvida em calcar as coisas mais santas para a realisação d'um capricho. Tudo n'elte resfolegava soberba, crueza e imperiosidade. Pela mais somenos frioteira que the espicaçasse a arrogancia, commettia verdadeiros excessos de barbarie. As lagrimas da mulher, a heroica dedicação com que ella esquecia as injúrias e affrontas com que elle the açoitava a existencia, nada d'isso ecoava no peito d'aquelle homem.

Um dia Deus amerceiou-se da pobre e puniu o algoz, privando-o da vida, dois mezes depois de o haver feito pae. Não quiz Elle, em sua infinita misericordia, que o tyranno da mãe pudesse mais tarde empanar o brilho de innocente felicidade que rutila no olhar candido das creanças.

Foi assim que teve uma morte cruel, uma agonia de condemnado. Não parecia senão que o terrivel anjo da vingança lhe disputava a alma ennegrecida por tanta má acção para o sobraçar nas suas terriveis azas.

sobraçar has shas terrivels azas.

Como a malaventurada Ruth, voltou a pobre senhora a patria dos seus amores viuva e pobre. Nos bracos conduzia o thesouro unico que possuia no mundo—o filhinho estremecido. Encontrou os paes, de quem se separara logo depois do seu matrimonio, alquebrados de forças e em parca situação financeira.

Tomava uma nova phase a sua desventura. Não lhe falletia, poréin, a ceragem. Tinha a certeza de a encontrar sempre que, com enlevo, contemplava a alegria encantadora da creancinha que, ao despontar da existencia, não tinha outro arrimo que não fósse o seu. Assim se passou um anno. O sorriso que enflorava os labios do idolatrado filhinho e o amor dos velhos paes poetisavam, em parte, a aridez da existencia da pubre senhora e attenuavam-lhe os soffrimentos que o excesso de trabalho lhe provocava já evidentemente.

Mas quiz a Providencia que a sua sorte soffresse alteração. Ha ia entre os amigos de seu pae um mancebo que nutria e manifestára já, por vezes, verdadeira admiração pelos lidimos sentimentos da viuva. Interessava o profundamente o ver aquella mulher tão joven e tão bella, toda entregue a um trabalho ingrato, pois que mal provia às mais urgentes necessidades da familia, e encontral a sempre corajosa, quasi feliz, sem que a intimidassem sacrificios.

À viuva conhecera a impressão que causara no animo do amigo de seu pae e, mais d'uma vez, se sentira alvoroçada, sem mesmo saber a causa, na presença d'elle.

Um dia a pobre senhora apparecen mais pallida. Confiara demasiado nas suas forças quando, para terminar um trabalho de urgencia, perdera consecutivamente duas noites. Era tão evidente a fadiga que se lia no sen rosto, que o mancebo a censurou. E depois, aproveitando o cusejo, manifestou-lhe a immensa felicidade de que se possuiria se ella, acceitando o amor verdadeiro que lhe inspirára, consentisse em abandonar aquella vida de difficuldades, de sacrificios, a que a sua compleição delicada não poderia resistir por muito tempo. E fallou-lhe tambem na educação, no futuro do filhinho.

A estas palavras a pobresinha tremeu. Apertando a creança ao peito, sentiu duas tagrimas orvalharem lhe as faces. E o innocente, como se comprehendera a razão d'aquelle pranto, rodeiou o pescoço da mão com um bracito e, estendendo o outro para o mancebo, exclamou na sua encantadora linguagem:

— Mamã! Papá!

Parece que Deus fallara pelos labios d'um dos seus anjos : aquella união foi o iris de formosura celestial com que Ellepremiou a resignação da virtuosa senhora.

A narrativa "Mamã! Papá!" trazia vários elementos constitutivos da sociedade de então, notadamente no que tange ao papel da mulher. O casamento arranjado para uma jovem mulher fora um desastre, sofrendo as piores barbaridades nas mãos do marido. O matrimônio terminava de forma ainda mais trágica, com a morte do esposo, logo após o nascimento do primeiro filho. Ela, viúva, volta à terra natal e encontrava os pais empobrecidos, tendo de trabalhar arduamente para garantir o sustento familiar. A situação só seria contornada a partir um novo casamento, com um mancebo que se dispusera a reconstituir aquela família. Aparecia assim a referência à dicotomia entre o casamento por interesse e aquele motivado por razões sentimentais, mas também ficava demarcada uma inspiração religiosa, pois a mulher, trabalhadora, resignada e virtuosa, teria sido recompensada a partir da providência divina.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Mamã! Papá!

A sua vida de casada fora um prolongado gemido, um tormento de insuportáveis agonias, um martírio de atrocíssimo penar.

Extremamente jovem, e sem quase lhe darem tempo de consultar coração nem vir a si da surpresa que lhe causara o ouvir palavras de amor, entregaramna nos braços de um homem arrogante e ousado, para quem não tinham valor delicadezas de sentimentos, e que não punha dúvida em calcar as coisas mais

santas para a realização de um capricho. Tudo nele resfolegava soberba, crueza e imperiosidade. Pela mais somenos frioleira que lhe espicaçasse a arrogância, cometia verdadeiros excessos de barbárie. As lágrimas da mulher, a heroica dedicação com que ela esquecia as injúrias e afrontas com que ele lhe açoitava a existência, nada disso ecoava no peito daquele homem.

Um dia Deus amerceou-se da pobre e puniu o puniu o algoz, privando-o da vida, dois meses depois de o haver feito pai. Não quis Ele, em sua infinita misericórdia, que o tirano da mãe pudesse mais tarde empanar o brilho de inocente felicidade que rutila no olhar cândido das crianças.

Foi assim que teve uma morte cruel, uma agonia de condenado. Não parecia senão que o terrível anjo da vingança lhe disputava a alma enegrecida por tanta má ação para o sobraçar nas suas terríveis asas.

* *

Como a mal-aventurada Ruth, voltou a pobre senhora à pátria dos seus amores viúva e pobre. Nos braços conduzia o tesouro único que possuía no mundo – o filhinho estremecido. Encontrou os pais, de quem se separara logo depois do seu matrimônio, alquebrados de forças e em parca situação financeira.

Tomava uma nova fase a sua desventura. Não lhe falecia, porém, a coragem. Tinha a certeza de a encontrar sempre que, com enlevo, contemplava

a alegria encantadora da criancinha que, ao despontar da existência, não tinha outro arrimo que não fosse o seu. Assim se passou um ano. O sorriso que enflorava os lábios do idolatrado filhinho e o amor dos velhos pais poetizavam, em parte, a aridez da existência da pobre senhora e atenuavam-lhe os sofrimentos que o excesso de trabalho provocava já evidentemente.

* *

Mas quis a providência que a sua sorte sofresse alteração.

Havia entre os amigos de seu pai um mancebo que nutria e manifestara já, por vezes, verdadeira admiração pelos lídimos sentimentos da viúva. Interessava-o profundamente o ver aquela mulher tão jovem e tão bela, toda entregue a um trabalho ingrato, pois que mal provia às mais urgentes necessidades da família, e encontrá-la sempre corajosa, quase feliz, sem que a intimidassem sacrifícios.

A viúva conhecera a impressão que causara no ânimo do amigo de seu pai, e, mais de uma vez, se sentira alvoroçada, sem mesmo saber a causa, na presença dele.

Um dia a pobre senhora apareceu mais pálida. Confiara demasiado nas suas forças quando, para terminar um trabalho de urgência, perdera consecutivamente duas noites. Era tão evidente a fadiga que se lia no seu rosto, que o mancebo a censurou. E depois, aproveitando o ensejo, manifestou-lhe a

imensa felicidade de que se possuiria se ela, aceitando o amor verdadeiro que lhe inspirara, consentisse em abandonar aquela vida de dificuldades, de sacrifícios, a que a sua compleição delicada não poderia resistir por muito tempo. E falou-lhe também na educação, no futuro do filhinho.

A estas palavras a pobrezinha tremeu. Apertando a criança ao peito, sentiu duas lágrimas orvalharem-lhe as faces. E o inocente, como se compreendera a razão daquele pranto, rodeou o pescoço da mãe com um bracito e, estendendo o outro para o mancebo, exclamou na sua encantadora linguagem:

- Mamã! Papá!

* *

Parece que Deus falara pelos lábios de um dos seus anjos: aquela união foi o íris de formosura celestial com que Ele premiu a resignação da virtuosa senhora.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 26, 30 mar. 1895, p. 3)

TARDE!

Durante vinte e quatro horas o Jayme deu tratos à imaginação para resolver o grande problema da sua situação economica. Viu se grego e, por fim, não teve remedio senão concordar que nunca em sua vida fora tão portuguez como o

estava sendo n'aquella critica occasião. Portuguez dos quatro costados, portuguez na mais ampla accepção da palayra: com muita vida, com muito enthusiasmo e com muita mingua de cruzados.

N'este transe lembrou-se de tudo e de todos. Amigos, não

A este transe tembrou-se de tudo e de todos. Amigos, não os tibha. Tinham-lho sa fuçentado as primeiras saraivadas da adversidade. Familia, também não podia contar com ella. A mocidade do Jayme tinha sido muito tempestuosa. O pae vira-se mais d'uma vez na dora necessidade de o expulsar de casa onde não paravam as creadas nem havia visita que usasse saias, que se não queixasse dos seus intempestivos ga-

Postos de parte os expedientes de familia e de amigos, reslava-lhe tão sómente uma sahida airosa—um bom casamen-to. Sim, mas um casamento não se arranja assim do pé para a mão, sem correr uns certos tramites que, às vezes, se prolongam d'um modo extraordinario. E o Jayme precisava de dinheiro

urgentemente, inadiavelmente.

De subito, uma ideia feliz fuzila-lhe no cerebro! Varremse as nuvens e um bello sol de venturas brilha no céu da sua imginação!

Entre as mil mulheres atreladas ao carro dos seus triumphos, havia uma, rica como um nababo e que lhe fora em ex-tremo dedicada. Era simultaneamente o Cresus e a Julieta da sua famosa collecção.

sua famosa collecçao.

Assente que seria ella quem ia livral-o, para sempre, de difficuldades, occorren-lhe apenas uma ideia que podia arvorar-se em grande obstaculo para o seu plano. Se ella, resentida pelo esquecimento a que elle a volara, o uño quizosse? Ora, ore!... que fora amado por essa mulher, uño havia duvida. De coniseguinte, fallar-lhe era obter tudo. Nada mais facil do que convencer a mulher que ama, ainda que seja do maior dos

Posto isto, reflectiu no caminho a seguir. Perdera-a de vista ultimamente. Isso, porém, favorecia, não prejudicava, a sua ideia. Tratou de inventar o romance que tinha de fazer ouvir à sua quasi salvadora. Uma lembrança, uma affeição a que se nos prende a existencia, um amor que a ausencia transformou no martyrisante madeiro em que a nossa alma vive empalada — eis os dados que elle lhe glosa-ria. Depois, havia de fallar-lhe do remorso, tremenda explação, do que flæra soffrer áquella que só apparentemente esquecera. ·E chegou in mente à grande scena final e emocionante da reconciliação.

Satisfeito comsigo mesmo, o Jayme convencia-se de que, como comediante, levava a palma a todos os Coquelins presentes, preteritos e futuros.

Depois de haver feito rigorosa toilette, em que predominava o artistico desalinho de uma alma presa de ascelicas contemplações, o Jayme dirigiu-se para casa da sua amada.

Emquanto esperava na sala em que o haviam introduzido, passou em revista o arsenal de argumentos de que se munira para vencer a pouco possível resistencia da meiga Inlieta. Ella. porém, não se demorou. Vinha elegantissima, n'um deshabille de surah rosa, menos fresco comtudo do que o sorriso que lhe

Alluminava o rosto, peregrinamente hello.

Em tudo isto reparon o Jayme. Sentin-se mesmo mais animado. Ia já dirigir-lhe a palavra sobre as suas pretenções, quando a sua formosa interlocutora, depois dos primeiros cumprimentos e com uma encantadora volubilidade, o interrompeu e lhe pediu licença para fazer uma pequena surpreza. Dois momentos depois entrava de novo na sala e dirigin-

do-se ao Jayme, apresentava-lhe... o marido!

Um dom-joão era o personagem central de "Tarde!", na qual ele se via em maus lençóis em termos financeiros. Jaime era apresentado como um conquistador inveterado que, desde muito jovem, transformara-se no horror de criadas ou visitantes do sexo feminino, as quais frequentassem sua casa. O destino, entretanto, não lhe sorriu e as dificuldades passaram a apertar com mais intensidade. Jaime acabava por ser definido como um protótipo do próprio povo português, em alusão ao constante quadro de crise e endividamento que pesava sobre a nação lusa. Sem a possiblidade do apoio de amigos ou da família, ele iria buscar no casamento a solução para seus problemas, em evidente referência aos tantos matrimônios motivados por interesses de ordem econômica, tão comuns à época. Jaime se considerava um sedutor irresistível e passava a entabular a estratégia para reconquistar um de seus antigos casos, uma mulher que, segundo ele, reunia dois predicados fundamentais - riqueza e beleza. Após elaborado plano, ele procurava sua vítima, certo do sucesso de sua investida, mas a conclusão da narrativa não se mostrava tão exitosa, uma vez que era "tarde", pois a mulher pretendida agora já estava casada.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Tarde!

Durante vinte e quatro horas o Jaime deu tratos à imaginação para resolver o grande problema da sua situação econômica. Viu-se grego e, por fim, não teve remédio senão concordar que nunca em sua vida fora tão português

como o estava sendo naquela crítica ocasião. Português dos quatro costados, português na mais ampla acepção da palavra: com muita vida, com muito entusiasmo e com muita míngua de cruzados.

Neste transe lembrou-se de tudo e de todos. Amigos, não os tinha. Tinham-lhe afugentado as primeiras saraivadas da adversidade. Família, também não podia contar com ela.

A mocidade do Jaime tinha sido muito tempestuosa. O pai vira-se mais de uma vez na dura necessidade de o expulsar de casa onde não paravam as criadas nem havia visita que usasse saias, que se não queixasse dos seus intempestivos galanteios.

Postos de parte os expedientes da família e de amigos, restava-lhe tão somente uma saída airosa – um bom casamento. Sim, mas um casamento não se arranja assim do pé para a mão, sem correr uns certos trâmites que, às vezes, se prolongam de um modo extraordinário. E o Jaime precisa de dinheiro urgentemente, inadiavelmente.

De súbito, uma ideia feliz fuzila-lhe no cérebro! Varrem-se as nuvens e um belo sol de venturas brilha no céu da sua imaginação!

Entre as mil mulheres atreladas ao carro dos seus triunfos, havia uma, rica como um nababo e que lhe fora em extremo delicada. Era simultaneamente o Cresus e a Julieta da sua famosa coleção.

Assente que seria ela quem ia livrá-lo, para sempre, de dificuldades, ocorreu-lhe apenas uma ideia que podia arvorar-se em grande obstáculo para o

seu plano. Se ela, ressentida pelo esquecimento a que ele a votara, o não quisesse? Ora, ora!... que fora amado por essa mulher, não havia dúvida. De conseguinte, falar-lhe era obter tudo. Nada mais fácil do que convencer a mulher que ama, ainda que seja do maior dos absurdos.

Posto isto, refletiu no caminho a seguir.

Perdera-a de vista ultimamente. Isso, porém, favorecia, não prejudicava, a sua ideia. Tratou de inventar o romance que tinha de fazer ouvir a sua quase salvadora. Uma lembrança, uma afeição a que se nos prende a existência, um amor que a ausência transformou no martirizante madeiro em que a nossa alma vive empalada — eis os dados que ele lhe glosaria. Depois, havia de falar-lhe do remorso, tremenda expiação, do que fizera sofrer àquela que só aparentemente esquecera. E chegou *in mente* à grande cena final e emocionante da reconciliação.

Satisfeito consigo mesmo, o Jaime convencia-se de que, como comediante, levava a palma a todos os Coquelins presentes, pretéritos e futuros.

Depois de haver feito rigorosa toalete, em que predominava o artístico desalinho de uma alma presa de ascéticas contemplações, o Jaime dirigiu-se para casa da sua amada.

Enquanto esperava na sala em que o haviam introduzido, passou em revista o arsenal de argumentos de que se munira para vencer a pouco possível resistência da meiga Julieta. Ela, porém, não se demorou. Vinha elegantíssima,

num *deshabillé* de *surah* rosa, menos fresco contudo do que o sorriso que lhe iluminava o rosto, peregrinamente belo.

Em tudo isto reparou o Jaime. Sentiu-se mesmo mais animado. Ia já dirigir-lhe a palavra sobre as suas pretensões, quando a sua formosa interlocutora, depois dos primeiros cumprimentos e com uma encantadora volubilidade, o interrompeu e lhe pediu licença para fazer uma pequena surpresa.

Dois momentos depois, entrava de novo na sala e dirigindo-se ao Jaime, apresentava-lhe... o marido!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 27, 6 abr. 1895, p. 2-3)

O ETERNO POEMA

Podia dizer se de Judith que era a alma das reuniões do General. E, comtudo, não faltavam, entre as habitués d'essas festas, puramente intimas, raparigas gentilissimas, verdadeiras rainhas do bom tom.

Mas o que não havia em nenhuma era a graça natural e incomparavel de Judith.

Era alta, elegante, morena e de grandes olhos negros, fendidos em amendoa: uns olhos tão bellos como talvez nunca o sol do Occidente se houvesse mirado em outros, assim. Longos e recurvados cilios velavam-lhe quasi continuamente os ampejos de paixão que, por vezes, irradiavam d'elles. Era palida, da pallidez da perola, o que fazia sobresahir violentamente o nacar da bocca pequena e deliciosa. O sorriso, denunciando a nitente alvura dos dentes, illuminava-lhe a phisionomia. Tinha os cabellos castanhos, sedosos, de tons acobreados e em profusão admiravel.

Nascera Judith pobre de haveres, talvez, porque Deus a havia feito opulenta de perfeições e virtudes. Indifferentemente não podia ser olhada. No emtanto, mais d'uma vez notou ella que a inveja e a intriga se fomentavam em volta de si. Mulheres que se viam desthronadas pela modestia e pelas gracas de Judith, coaxavam como rãs, no charco da calumnia.

Mas a tudo era superior a candidez da joven. Nem mesmo as insidias das rivaes a faziam desmerecer no conceito dos seus admiradores. Um d'elles, especialmente, captivado pela extrema doçura do caracter de Judith e pela sua intelligencia superior, sentia-se enlevado e não occultava o seu enthusiasmo sempre que a donzella, ao piano, lhe arrebatava a alma para as magicas regiões do Bello.

Era allemão. Vindo, de creacça, da sua patria, nada o enlevava tanto como as melodiosas espiraes de harmonias que Judith arrancava do seu instrumento favorito e que lhe recordavam tanto o seu paiz, o paiz das lendas. Foi assim que, uma noite, depois de um trecho de Wagner, interpretado com divina rnaestria pela joven, o allemão, mais do que nunca impressionado, the fallou com arrebatamento da sua paixão favorita, da musica. Ella ouvia-o attentamente e protestava debilmente contra o enthusiasmo com que elle dizia ter adivinhado, atra vez d'aquella musica divioa, todas as cambiantes do sentimento, sentimento que ella traduzira em notas, ora veladas como uma confidencia d'amor, ora vivas, crystallinas, scintillantes, como o riso argentino d'uma creança.

E depois, como na alma de Judith havia toda a ternura d'uma alma fadada para amar, com um amor celestial, extraordinario, com um d'est es amores que ou conduzem ao fim de venturas incompensaveis ou nos acorrentam a um poste de soffrimentos cruciantissimos, a morte de todas as crenças, o allemão que assim o comprehendera e a amava ternamente, foi resvalando do primeiro assumpto e abriu-lhe toda a sua alma.

Tinham-se afastado na turalmente das salas e, no jardim, a sos, sellaram com um beijo de docara incommensuravel o pacto de eterno amor que ligrava as suas almas.

E nunca mais fallaram de musica...

"O eterno poema" criava certa discrepância quanto à maioria dos textos, pois não passava de uma puramente adocicada historieta romântica. A protagonista Judith era apresentada como a síntese da perfeição em forma de mulher, à qual eram atribuídos vários qualificativos positivos, com destaque para a "graça natural", a marcante beleza, descrita em minúcias, a "superior candidez", o domínio da música e a "ternura de uma alma fadada para amar". Apesar de todos esses predicados, Judith era pobre, como um revés em relação à sua opulência de "perfeições e virtudes". Além disso, ela tinha de enfrentar a inveja e a intriga de parte de suas rivais do sexo feminino que não aceitavam suas qualidades. Através da música, ela conquistava admiradores e o maior deles foi um alemão que acabava por declarar-se a ela, culminando com o desfecho romântico e as juras de amor diante daquele "eterno poema".

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O eterno poema

Podia dizer-se de Judite que era a alma das reuniões do general. E, contudo, não faltavam, entre as *habitués* dessas festas, puramente íntimas, raparigas gentilíssimas, verdadeiras rainhas do bom tom.

Mas o que não havia em nenhuma era a graça natural e incomparável de Judith.

Era alta, elegante, morena e de grandes olhos negros fendidos em amêndoa: uns olhos tão belos como talvez nunca o sol do Ocidente se houvesse mirado em outros, assim. Longos e recurvados cílios velavam-lhe quase continuamente os lampejos de paixão que, por vezes, irradiavam deles. Era pálida, da palidez da pérola, o que fazia sobressair violentamente o nácar da boca pequena e deliciosa. O sorriso, denunciando a nitente alvura dos dentes, iluminava-lhe a fisionomia. Tinha os cabelos castanhos, sedosos, de tons acobreados e em profusão admirável.

Nascera Judith pobre de haveres, talvez porque Deus a havia feito opulenta de feições e virtudes. Indiferentemente não podia ser olhada. No entanto, mais de uma vez notou ela que a inveja e a intriga se fomentavam em volta de si. Mulheres que se viam destronadas pela modéstia e pelas graças de Judith, coaxavam como rãs, no charco da calúnia.

Mas a tudo era superior a candidez da jovem. Nem mesmo as insídias das rivais a faziam desmerecer no conceito dos seus admiradores. Um deles, especialmente, cativado pela extrema doçura do caráter de Judith e pela sua inteligência superior, sentia-se enlevado e não ocultava o seu entusiasmo sempre que a donzela, ao piano, lhe arrebatava a alma para as mágicas regiões do belo.

Era alemão. Vindo, de criança, da sua pátria, nada o enlevava tanto como as melodiosas espirais de harmonias que Judith arrancava do seu instrumento favorito e que lhe recordavam tanto o seu país, o país das lendas.

Foi assim que, uma noite, depois de um trecho de Wagner, interpretado com divina maestria pela jovem, o alemão, mais do que nunca impressionado, lhe falou com arrebatamento da sua paixão favorita, da música. Ela ouvia-o atentamente e protestava debilmente contra o entusiasmo com que ele dizia ter adivinhado, através daquela música divina, todas as cambiantes do sentimento, sentimento que ela traduzira em notas, ora veladas como uma confidência de amor, ora vivas, cristalinas, cintilantes, como o riso argentino de uma criança.

E depois, como na alma de Judith havia toda a ternura de uma alma fadada para amar, com um amor celestial, extraordinário, com um destes amores que ou conduzem ao fim de venturas incompensáveis ou nos acorrentam a um poste de sofrimentos cruciantíssimos, à morte de todas as crenças, o alemão que assim o compreendera e amava ternamente, foi resvalando do primeiro assunto e abriu-lhe toda a sua alma.

Tinham-se afastado naturalmente das salas e, no jardim, a sós, selaram com um beijo de doçura incomensurável o pacto de eterno amor que ligava as suas almas.

E nunca mias falaram de música...

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 28, 13 abr. 1895, p. 2-3)

UMA AVENTURA GALANTE

O Seabra sahiu de casa, mpito aborrecido, muito atacado de splech. A gente de sua mulher fazia-lhe mal aos nervos. Não podia com as estulticies da sogra, nem com os arrebiques das cunhadas. Bem lhe bastavam a elle os caprichos e as pieguices de sua mulher!

N'aquelle dia tinham conjurado que o haviam de sohrecarregar com uma visita ao collegio da mana mais nova, aonde

a iam buscar para passar o dia com ellas.

Nas o Seabra reagiu com energia, valentemente; e, pretextando ter aprazado um encontro com um amigo, sahiu de casa muito depressa, com receio de novo assalto ou de outra estopada.

Depois dirigiu se para o Palacio. Oh! como tudo alli era bello! O sol tinha mais brilho, mais calor; a vegetação, toda em flor, pareceu-lhe mais viçosa; e as aguas, nas fontes, nos lagos e nas cascatas, iam murmurando de caricias e de mimos a sua melopeia de frescuras. Vivia bem alli, o Seabra, principalmente porque estava longe d'ellas, porque não tinha de atural-as. Uf! que já se não sentia com coragem para mais.

E ao contemplar as lindissimas mulheres que se cruzavam em todas as direcções, ao observar que as crianças, que hontem conhecera, desabotoavam hoje em plena primavera da vida e do amor, sentia-se velho, estiolado, gasto n'uma vida

de contrariedades ininterruptas.

Que sode não tinha elle de voltar a ser livre, garboso, conquistador, como o já fora! Que immensas saudades não sentia ao recordar os bons tempos em que, atravez do seu elegante monóculo, passava em revista os batalhões das suas conquistas, com o mesmo orgulho com que Napoleão observava as manobras dos seus exercitos, do alto da columna Vendôme!

E sentia, ao fazer reviver as suas lembranças d'amor, um remorso profundo, por se ter acorrentado a um viver de mes-

quinhas compensações.

Quando é que nunca a sua vida de casa lo, com uma mulher vaidosa e boçal, lhe valera um só dos sacrificios a que se obrigara?!

Precisamente, no momento em que todas estas considera-

ções mais lhe gritavam no espirito, o Seahra reconheceu que o exasperava agora o bello espectaculo a que assistia. Sahin do Palacio.

No entretano, ou fosse porque o desabafar comsigo mesmo lhe fizesse hem, ou porque a viração da tarde lhe refrescasse um pouco o cerebro escandescido, o certo é que vinha incontesta velmente menos lucubre.

Já a meio caminho de casa, reparou que, inconscientemente, vinha seguindo uma senhora que, pela ligeireza do andar, devia seraova. Observou-a attentamente, com othos de entendedor. Se fosse uma aventura que se lhe deparasse? E porque pão?

Ella tinha o porte airoso e sobretudo uns cabellos negros, uns cabellos luuriantes, esplendidos. Seguin-a mais de perto. Onizera ver-lhe o rosto. O andar não se lhe afigurava completamente desconhecido. Ella apressava o passo e elle apenas podia observar que a mão, finamente enluvada, devia ser pequena e aristocratica.

Anoitecia. Por nata do mundo deixaria elle escapar aquella occasião de fazer brilhar em si o galan. Dirigiu lhe a palavra. A dama continha, sem attentar no que elle diz. Audacioso, cheio de intimativa, o Seabra adianta-se e prosegue nosseus galanteios. Mas ella, ao som da sna voz, volta-se de chofre, encara-o, e elle; ao fital-a, solta uma alentada praga e foge apavorado, sem saber para onde, como se o perseguisse uma legião de demonios.

Vinha galeateiando a sogra que voltava de acompanhar a filha mais nova ao collegio.

O texto "Uma aventura galante" abordava as desventuras de Seabra, um homem completamente infeliz no casamento. Era referência recorrente junto à imprensa caricata os vários motivos que levavam ao desgaste do matrimônio e, naquele caso, os problemas maiores pareciam ser advindos da presença marcante da família da esposa a perturbar a casa. Além das cunhadas, Seabra tinha de enfrentar a sogra, clássico personagem alocado como um dos mais tenebrosos nos abalos ao himeneu. Ao passear, o triste esposo espairecia e lembrava saudoso dos tempos de solteirice, com liberdades e conquistas perdidas para todo o sempre. Encorajado pelas lembranças, um renovado Seabra resolvia, ao menos momentaneamente, retomar a carreira de sedutor, passando a admirar uma passante, perseguindo-a pelas ruas. A tirada humorística ficava para a conclusão da estória, na qual um espavorido Seabra fugia incontinente, de modo que parecia ser o fim do caminho do venturoso galanteador, pois ele observara que o alvo de sua admiração ninguém mais era do que a sua própria sogra.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Uma aventura galante

O Seabra saiu de casa, muito aborrecido, muito atacado de *splenn*. A gente de sua mulher fazia-lhe mal aos nervos. Não podia com as estultices da sogra, nem com os arrebiques das cunhadas. Bem lhe bastavam a ele os caprichos e as pieguices de sua mulher!

Naquele dia tinham conjurado que o haviam de sobrecarregar com uma visita ao colégio da mana mais nova, aonde a iam buscar para passar o dia com elas.

Mas o Seabra reagiu com energia, valentemente; e, pretextando ter aprazado um encontro com um amigo, saiu de casa muito depressa, com receio de novo assalto ou de outra estopada.

Depois dirigiu-se para o Palácio. Oh! como tudo ali era belo! O sol tinha mais brilho, mais calor; a vegetação, toda em flor, pareceu-lhe mais viçosa; e as águas, nas fontes, nos lagos e nas cascatas, iam murmurando de carícias e de mimos a sua melopeia de frescuras. Vivia bem ali, o Seabra, principalmente porque estava longe delas, porque não tinha de aturá-las. Uf! que já se não sentia com coragem para mais.

E ao contemplar as lindíssimas mulheres que se cruzavam em todas as direções, ao observar que as crianças, que ontem conhecera, desabotoavam hoje em plena primavera da vida e do amor, sentia-se velho, estiolado, gasto numa vida de contrariedades ininterruptas.

Que sede não tinha ele de voltar a ser livre, garboso, conquistador, como o já fora! Que imensas saudades não sentia ao recordar os bons tempos em que, através do seu elegante monóculo, passava em revista os batalhões das suas conquistas, com o mesmo orgulho com que Napoleão observava as manobras dos seus exércitos, do alto da Coluna Vendôme!

E sentia, ao fazer reviver as suas lembranças de amor, um remorso profundo, por se ter acorrentado a um viver de mesquinhas compensações.

Quando é que nunca a sua vida de casado, com uma mulher vaidosa e boçal, lhe valera um só dos sacrifícios a que se obrigara?!

Precisamente, no momento em que todas estas considerações mais lhe gritavam no espírito, Seabra reconheceu que o exasperava agora o belo espetáculo a que assistia. Saiu do Palácio.

No entretanto, ou fosse porque o desabafar consigo mesmo lhe fizesse bem, ou porque a viração da tarde lhe refrescasse um pouco o cérebro escandecido, o certo é que vinha incontestavelmente menos lúgubre.

Já a meio caminho de casa, reparou que, inconscientemente, vinha seguindo uma senhora que, pela ligeireza do andar, devia ser nova. Observou-a atentamente, com olhos de entendedor. Se fosse uma aventura que se lhe deparasse? E porque não?

Ela tinha o porte airoso e, sobretudo, uns cabelos negros, uns cabelos luxuriantes, esplêndidos. Seguiu-a mais de perto. Quisera ver-lhe o rosto. O andar não se lhe afigurava completamente desconhecido. Ela apressava o passo e ele apenas podia observar que a mão, finamente enluvada, devia ser pequena e aristocrática.

Anoitecia. Por nada do mundo deixaria ele escapar aquela ocasião de fazer brilhar em si o galã. Dirigiu-lhe a palavra. A dama continua, sem atentar no que ele diz. Audacioso, cheio de intimativa, o Seabra adianta-se e prossegue

nos seus galanteios. Mas ela, ao som da sua voz, volta-se de chofre, encara-o, e ele, ao fitá-la, solta uma alentada praga e foge apavorado, sem saber para onde, como se o perseguisse uma legião de demônios.

Vinha galanteando a sogra que voltava de acompanhar a filha mais nova ao colégio.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 29, 20 abr. 1895, p. 2-3)

O FILHO DO RENDEIRO

O José do Cravo era geralmente estimado. Os mesmos proprietarios das terras que elle arrendára tinham uma confança illimitada na sua probidade. Trabalhador às direitas, casára por simples inclinação com a sua Joanna, não tendo, por esse tempo, mais dote do que o muito amor que os ligava e uma grande fé de um dia chegarem, pelo seu trabalho, a viver mais desafogadamente.

D'essa união havia um filho, uma encantadora creança de tres annos, viva, alegre, roliça, que era todo o enlevo do rendeiro. Quando beijava o filho sentia-se com mais coragem, com mais enthusiasmo para as rudes lides do campo e tinha mais confiança de ver realisados os sonhos da Joanna, da sua meiga companheira.

E assim fóra.

Comtudo, não poucas fadigas lhe custara esta ambição.

Cinco annos de trabalhos, de privações, para accumular aquelles trezentos mil réis que por fim via realisados em bello papel-moeda.

Aquelle dinheiro symbolisava o complemento da felicidade da sua querida Joanna que, a par de esposa modello, era tambem uma filha disvellada.

Com essas economias desempenharia os bens que os pues d'ella haviam hypothecado ha tantos annos. Depois, e com o seu suor, fertilisaria aquellas terras, estereis por falta de bracos que as cultivassem, e viveriam todos d'uma felicidade com-

Uma alegria doida, communicativa, illuminava o rosto franco do rendeiro.

Sentado a uma tosca meza de pinho e apenas allumiado pela debil luz da candeia, o José do Cravo contava e recontava o dinheiro emquatto que a creança, do collo da mãe, estendia os bracitos e forcejava por subir para cima da meza.

A Joanna associava-se à alegria do marido e antegosava jà da felicidade e bem estar que contava proporcionar aos paes. Fazia os mais ridentes planos de futuro, quando um rouco latido chegou aos ouvidos do rendeiro.

A noite estava escura. Era no inverno.

Na herdade tudo repousava. Só lá fora a tempestade se desencadeiava furiosa.

O José do Cravo chegou a porta e chamou pelo cão. A' sua voz respondem latidos furisos. O rendeiro pousa o dinheiro em cima da meza e, lançando mão da espingarda, pendurada n'uma das paredes, sahe a dar uma volta pelos campos. A Joanna, assustada, pousa a creança no chão e, correndo à porta, pretende seguir o marido com a vista, atravez das trevas da noite.

O rendeiro volta breve. Ainda de longe, socega a mulher. Naturalmente os caes tinham-se assustado com a tormente.

A Joanna, então, já tranquilla, volta-se para dentro mas logo em seguida, soltando um gemido abafado, cahe desamparada por terra.

O rendeiro precipita-se para casa, mas o espectaculo que se lhe depara deixa-o immovel, petrificado de pavor e angus-

A creança, em cima da meza, acabava de queimar á luz da candeia, a ultima nota das economias do pae.

As condições de fragilidade social eram novamente o foco em "O filho do rendeiro", o qual desta vez se voltava ao homem do campo. O protagonista era José do Cravo, lavrador pobre, mas extremamente honesto, que arrendara um pedaço de terra para garantir a existência. A estória se completava com Joana, moça com quem o rendeiro se casara, com a indicação de que as motivações eram apenas de natureza romântica, uma vez que ela contava por dote apenas com "muito amor". Do contínuo e estafante trabalho, eles conseguiam fazer um pé-de-meia que serviria para garantir os destinos de José, Joana e filho, bem como da própria família dela, enrascada que se encontrava com suas terras hipotecadas. O futuro parecia mais sorridente e os planos eram muitos, entretanto a felicidade foi pouco duradoura, pois em um acidente provocado pela criança, todo o dinheiro era perdido. Tal tragédia constituía um dos retratos sobre as precariedades dos pobres lavradores no cenário rural lusitano.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O filho do rendeiro

O José do Cravo era geralmente estimado. Os mesmos proprietários das terras que ele arrendara tinham uma confiança ilimitada na sua probidade. Trabalhador às direitas, casara por simples inclinação com a sua Joana, não tendo, por esse tempo, mais dote do que o muito amor que os ligava e uma grande fé de um dia chegarem, pelo seu trabalho, a viver mais desafogadamente.

Dessa união havia um filho, uma encantadora criança de três anos, viva, alegre, roliça, que era todo o enlevo do rendeiro. Quando beijava o filho sentia-se com mais coragem, com mais entusiasmo para as rudes lides do campo e tinha mais confiança de ver realizados os sonhos da Joana, da sua meiga companheira.

E assim fora.

Contudo, não poucas fadigas lhe custara esta ambição. Cinco anos de trabalhos, de privações, para acumular aqueles trezentos mil réis que por fim via realizados em belo papel-moeda.

Aquele dinheiro simbolizava o complemento da felicidade da sua querida Joana que, a par de esposa modelo, era também uma filha desvelada.

Com essa economias desempenharia os bens que os pais dela havia hipotecado há tantos anos. Depois, e com o seu suor, fertilizaria aquelas terras, estéreis por falta de braços que as cultivassem, e viveriam todos de uma felicidade comum.

Uma alegria doida, comunicativa, iluminava o rosto franco do rendeiro.

Sentando a uma tosca mesa de pinho e apenas alumiado pela débil luz da candeia, o José do Cravo contava e recontava o dinheiro enquanto que a criança, do colo da mãe, estendia os bracitos e forcejava por subir par cima da mesa.

A Joana associava-se à alegria do marido e antegozava já da felicidade e bem estar que contava proporcionar aos pais. Fazia os mais ridentes planos de futuro, quando um ronco latido chegou aos ouvidos do rendeiro.

Na noite estava escura. Era no inverno.

Na herdade tudo repousava. Só lá fora a tempestade se desencadeava furiosa.

O José do Cravo chegou à porta e chamou pelo cão. À sua voz respondem latidos furiosos. O rendeiro pousa o dinheiro em cima da mesa e, lançando mão da espingarda, pendurada numa das paredes, saí a dar uma volta pelos campos. A Joana, assustada, pousa a criança no chão e, correndo à porta, pretende seguir o marido com a vista, através das trevas da noite.

O rendeiro volta breve. Ainda de longe, sossega a mulher. Naturalmente os cães tinham-se assustado com a tormenta.

A Joana, então, já tranquila, volta-se para dentro mas logo em seguida, soltando um gemido abafado, cai desamparada por terra.

O rendeiro precipita-se para casa, mas o espetáculo que se lhe depara deixa-o imóvel, petrificado de pavor e angústia:

A criança, em cima da mesa, acabava de queimar à luz da candeia, a última nota das economias do pai.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 30, 27 abr. 1895, p. 3)

UM MYSTERIO

Se viesse o dia!... Com que anciedade o pobre rapazito não espreitava a luz da madrugada! Na escuridão, os olhosrutilavam-lhe apavorados e os labios moviam-se-lhe, tremulos, como que a implorar a protecção do divino poder.

Sentiu uns ruidos estranhos; uma luz perpassava, ratida, pelo corredor e, depois, o ranger d'uma porta chegou lhe aos-

ouvidos.

O pequeno tremia convulsivamente e anhelava pelo dia para sahir d'aquelle enorme casarão. Ah! que se não tivesse tanto medo de aventurar-se pelos corredores sombrios, com

quanta vontade não fugiria elle!

Corriam uns boatos pouco animadores acerca d'aquella: lobrega habitação. Hivia ali quem affirmasse ter visto uns vultos, deslisando, acobertando-se com os muros, ao longo dos campos em que a casa ficava isolada, e penetrarem, por horas mortas, n'um casebre que ficava a pouca distancia.

O pequeno lembrava-se agora de tudo o que se dizia e

:arrepondia-se de ter obedecido ao pae, entrando ao serviço do velho.

Era tão feio e tão mau!... Barbudo como um leopardo, sinistro como uma ruina, nunca ninguem recebera d'elle semão injurias. Soltava constantemente dos labios as mais estranhas pragas e nunca o menor sentimento de generosidade floriu na sua alma de chacal.

Vivia miseravelmente. Durante o verão, usava um decrepito e immundo casaco de linho que lhe fluctuava em volta do corpo como a véta d'um navio, batida pelo vento que declina.

O pobre rapaz lembrara se mil vezes da mãe e, invocando a sua recordação, vinham lhe conjunctamente ao sentido as orações que ella lhe ensinara em pequenito. Disse as baixinho, como que a medo. Depois, deslisando da cama e co necando a rezar, em voz alta, como para abafar, com o som da sua debit voz, os ruidos que porventura podessem assustal-o, o pequenino il se vestindo, na intenção de fugir logo que despontassem os primeiros alvores da manhã.

Sentia-se com mais coragem. A crença electrisara he a alma. Abriu a porta da mansarda que o feroz patrão lhe de-

signara para quarto.

Na la. Tudo immerso n'uma insondavel escuridão. Tacteando as puredes, foi avançando, devagarinho. Depois, desceu as escadas. Ao chegar à porta, uma agradavel surpreza se lhe deparou: estava aberta. Sentiu se reanimado quando o ar fresco da note lhe bafej u a fonte escandecida pelos terrores soffridos.

Já livre de perigo, um sentimento de curiosidade fél-o parar, sem tentar por em pratica o seu plano de fuga. E, comtudo, para fugir, bastava-lhe tão so nente galgar um pequeno

muro. Mas não pensava n'isso....

O hando em torno de si, pareceu-lhe vislumbrar luz no casebre de que tanto se fallava. Approximon-se d'elle corajn-samente. Espreitou. Viu o amo, de costas, curvando-se para deante.

Já cão tinha med), visto que não era de phantasmas que se tractava.

A curiosidade empolgava-o agora. Il ivia de saber o que o velho fazia alli. Entron e, manso e manso, foi collocar-se por detraz d'elle.

Logo em seguida, um grito estridulo, um grito desnatural, grito que devia parecer-se com o que soltou Al-Baba ao penetrar na caverna dos ladrões, se soltou do peito da criança, cujos olhos fitavam fascinados a immensidade de peças d'oiro que o avarento contava pela milesima vez.

Este levanta-se, cresce para a creança, irado, apopletico, a voz suffoca-se-lhe na garganta e cahe logo em seguida, sobre o dinheiro amontoado a custa de tanta miseria, fulminado pela extraordinaria commoção que soffrera.

No dia segninte a povoação inteira teve a explicação do mysterio que tanto a preoccupara.

Calcado em certo suspense e terror, "Um mistério" trazia um ambiente inicial sufocante e carregado de medo, apresentando uma criança entregue ao pavor, por encontrar-se em uma casa estranha, na escuridão da noite. Cada sentido do menino parecia aguçado em torno de desvendar o desconhecido. Em seguida, vinha a explicação daquela situação, aparecendo mais uma vez a denúncia de cunho social, já que o jovem rapaz entrara naquela residência por motivo da necessidade de obter um trabalho. Além do local degradante, o menino tinha de servir a um patrão que constituía a personificação do mal. As preces ensinadas pela mãe serviam como lenitivo para vencer o pânico e, uma vez atingido tal intento, a criança encontrava forças para desvendar os mistérios que rondavam aquela casa. O fulcro da estória era a morte do velho patrão junto do dinheiro acumulado graças à miséria do povo, em mais uma incursão à crítica de cunho social.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Um mistério

Se viesse o dia!... Com que ansiedade pobre rapazito não espreitava a luz da madrugada! Na escuridão, os olhos rutilavam-lhe apavorados e os lábios moviam-se-lhe, trêmulos, como que a implorar a proteção do divino poder.

Sentiu uns ruídos estranhos; uma luz perpassava, rápida pelo corredor e, depois, o ranger de uma porta chegou-lhe aos ouvidos.

O pequeno tremia convulsivamente e anelava pelo dia para sair daquele enorme casarão. Ah! que se não tivesse tanto medo de aventurar-se pelos corredores sombrios, com quanta vontade não fugiria ele!

Corriam uns boates pouco animadores acerca daquela lobrega habitação. Havia ali quem afirmasse ter visto uns vultos, deslizando, acobertando-se com os muros, ao longo dos campos em que a casa ficava isolada, e penetrarem, por horas mortas, num casebre que ficava a pouca distância.

O pequeno lembrava agora de tudo o que se dizia e arrependia-se de ter obedecido ao pai, entrando ao serviço do velho.

Era tão feio e tão mau!... Barbudo como um leopardo, sinistro como uma ruína, nunca ninguém recebera dele senão injúrias. Soltava constantemente dos lábios as mais estranhas pragas e nunca o menor sentimento de generosidade floriu na sua alma de chacal.

Vivia miseravelmente. Durante o verão, usava um decrépito e imundo casaco de linho que lhe flutuava em volta do corpo como a vela de um navio, batida pelo vento que declina.

O pobre rapaz lembra-se mil vezes da mãe e, invocando a sua recordação, vinham-lhe conjuntamente ao sentido as orações que ela lhe ensinara em pequenito. Disse-as baixinho, como que a medo. Depois, deslizando da cama e começando a rezar, em voz alta, como para abafar, com o som da sua débil voz, os ruídos que porventura pudessem assustá-lo, o pequenino ia-se vestindo, na intenção de fugir logo que depositassem os primeiros alvores da manhã.

Sentia-se com mais coragem. A crença eletrizara-lhe a alma. Abriu a porta da mansarda que o feroz patrão lhe designara para quarto.

Nada. Tudo imerso numa insondável escuridão. Tateando as paredes, foi avançando, devagarinho. Depois, desceu as escadas. Ao chegar à porta, uma agradável surpresa se lhe deparou: estava aberta. Sentiu-se reanimado quando o ar fresco da noite lhe bafejou a fonte escandecida pelos terrores sofridos.

Já livre de perigo, um sentimento de curiosidade fê-lo parar, sem tentar pôr em prática o seu plano de fuga. E, contudo, para fugir, bastava-lhe tão somente galgar um pequeno muro. Mas não pensava nisso...

Olhando em torno de si, pareceu-lhe vislumbrar luz no casebre de que tanto se falava. Aproximou-se dele corajosamente. Espreitou. Viu o amo, de costas, curvando-se para diante.

Já não tinha medo, visto que não era de fantasmas que se tratava.

A curiosidade empolgava-o agora. Havia de saber o que o velho fazia ali. Entrou e, manso e manso, foi colocar-se por detrás dele.

Logo em seguida, um grito estrídulo, um grito desnatural, grito que devia parecer-se como que soltou Al-Baba ao penetrar na caverna dos ladrões, se soltou do peito da criança, cujos olhos fitavam fascinados a imensidade de peças de oiro que o avarento contava pela milésima vez.

Este levanta-se, cresce para a criança, irado, apoplético, a voz sufoca-selhe na garganta e cai logo em seguida, sobre o dinheiro amontoado à custa de tanta miséria, fulminado pela extraordinária comoção que sofrera.

No dia seguinte, a povoação inteira teve a explicação do mistério que tanto a preocupara.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 31, 4 maio 1895, p. 2-3)

FABULA

Ia um enorme alvoroço entre os vegetaes. Discutiam, esestimulavam-se, procuravam conciliar-se e, no fim de contas, não chegavam a uma conclusão. Mal saccudidos ainda do rocio com que a madrugada os aljofrára, já elles se preparavam para a magna sessão. Tratava-se, nada mais, nada menos, do que de eleger um rei, entre elles. Era necessario que aquelle, a favor de quem revertesse a escolha, reunisse as aptidões necessarias para governar os demais.

Era, portanto, esta a causa de tamanha agitação. Até as avesitas, assustadas, volitavam de ramo em ramo, preparando-se para por se em debandada até que serenasse toda aquella medonha confusão.

Quando o sol ia a toda a sua altura, reuniu-se a vegeta-

ção em conselho geral. Decretou-se que era ao pinheiro que estava destinada a honra de empunhar o sceptro da realeza.

Mas este, altivamente, declinou a distincção do convite e disse que preferia continuar, como até alli, livre e isento d'uma magnitude que repudiava. Mais lhe aprazia baloiçar os seus ramos na amplidão do espaço, mais o attrahia a magestade das grandes solidões em que se hasteiava, altaneiro, do que a corôa que o não fascinava, porque lhe parecia um insulto aos outros vegetaes. Todos tinham nascido d'uma vontade suprema, deveriam, portanto, viver como irmãos.

E, sem mais, o pinheiro retirou-se.

Convidaram então a oliveira, symbolo de paz. Como o seu antecessor, recusou tal honra, pedindo que a deixassem dedicar-se aos cuidados que os seus fructos lhe demandavam.

Depois d'ella, foi chamada a figueira que responde tambem com uma recusa formal. Ademais, os seus figos careciam tanto das suas attenções!... E, assumindo ella o cargo de rainha, ou teria de recusar-lh'as ou mal iriam os interesses dos vegetaes, seus irmãos.

Citam então a vinha. Que se devia toda aos seus preciosos cachos, respondeu. Como primeiro dever tinha ella a elaboração do seu generoso vinho. Offerecia sombra ás pequeninas plantas que d'ella carecessem e abraçava-se ás grandes para poder defender-se das intemperies. E, assim, lhe parecia ser mais util ao seu genero do que acceitando a alta posição que se lhe deparava.

Pairava já uma grande anciedade entre os que se propunham eleger um monarcha. Todas as arvores se recusaram peremptoriamente a governar, pretextando todas os cuidados pelos seus prodúctos mas, no fundo, movidas por um grande sentimento de egualdade.

Em tal transe, e quando um desanimo profundo se estendia já pelos apologistas da monarchia, o cardo soergue-se, arrogantemente, e exclama:

Eis-me aqui, prompto para vos governar! Não tenho fructos, para nada presto: sirvo para rei! Ninguem melhor do que eu, está nos casos de reinar. Além de que, tenho espinhos, posso fazer mal. A' minha passagem, as minhas garras dilacerarão as pequeninas plantas, que são o meu povo, e ellas darme-hão o seu licor, que é o seu sangue!—

Foi acclamado rei e nomeados ministros... os bogalhos.

Como indicava o título, o texto "Fábula" mantinha um tom fabular, no qual eram as plantas que adquiriam características humanas, ao pretenderem escolher um rei entre elas. Em meio a amplo debate, surgiam vários candidatos que eram aclamados pelos demais, mormente as árvores frondosas, ou as plantas mais úteis como as vinculadas aos frutos que levavam à confecção de azeite e vinho, produtos fundamentais da economia portuguesa. Nenhuma dessas, entretanto, aceitava a incumbência por considerar que suas respectivas missões eram mais nobres e/ou importantes. Perante tanta indecisão, a coroa acabaria por ficar para o cardo, que não teria outra função que não fosse reinar, e utilizando-se de seus espinhos para fazer o mal, dilacerar e arrancar o "sangue" do povo, vindo a ser auxiliado pelos bugalhos. A culminância do rei ser uma espécie de cactos e os ministros, excrescências, todos inúteis, revelava que a moral da fábula era uma visão plenamente antimonárquica, com destaque para a crítica ao papel dos soberanos.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Fábula

Ia um enorme alvoroço entre os vegetais. Discutiam, estimulavam-se, procuravam conciliar-se e, no fim de contas, não chegavam a uma conclusão. Mal sacudidos ainda do rocio com que a madrugada os aljofrara, já eles se preparavam para a magna sessão. Tratava-se, nas mais, nada menos, do que de

eleger um rei, entre eles. Era necessário que aquele, a favor de quem revertesse a escolha, reunisse as aptidões necessárias para governar os demais.

Era, portanto, esta a causa de tamanha agitação. Até as avezitas, assustadas, volitavam de ramo em ramo, preparando-se para pôr-se em debandada até que serenasse toda aquela medonha confusão.

Quando o sol ia a toda a sua altura, reuniu-se a vegetação em conselho geral. Decretou-se que era ao pinheiro que estava destinada a honra de empunhar o cetro da realeza.

Mas este, altivamente, declinou a distinção do convite e disse que preferia continuar, como até ali, livre e isento de uma magnitude que repudiava. Mais lhe aprazia baloiçar os seus ramos na amplidão do espaço, mais o atraía a majestade das grandes solidões em que se hasteava, altaneiro, do que a coroa que o não fascinava, porque lhe parecia um insulto aos outros vegetais. Todos tinham nascido de uma vontade suprema, deveriam, portanto, viver como irmãos.

E, sem mais, o pinheiro retirou-se.

Convidaram então a oliveira, símbolo da paz. Como o seu antecessor, recusou tal honra, pedindo que a deixassem dedicar-se aos cuidados que os seus frutos lhe demandavam.

Depois dela, foi chamada a figueira que responde também com uma recusa formal. Ademais os seus figos careciam tanto das suas atenções!... E, assumindo ela o cargo de rainha, ou teria de recusar-lhes ou mal iriam os interesses dos vegetais, seus irmãos.

Citam então a vinha. Que se devia toda aos seus preciosos cachos, respondeu. Como primeiro dever tinha ela a elaboração do seu generoso vinho. Oferecia sombra às pequeninas plantas que dela carecessem e abraçava-se às grandes para poder defender-se das intempéries. E, assim, lhe parecia ser mais útil ao seu gênero do que aceitando a alta posição que se lhe deparava.

*

Pairava já uma grande ansiedade entre os que se propunham eleger um monarca. Todas as árvores se recusaram peremptoriamente a governar, pretextando todas os cuidados pelos seus produtos mas, no fundo, movidas por um grande sentimento de igualdade.

Em tal transe, e quando um desânimo profundo se estendia já pelos apologistas da monarquia, o cardo soergue-se, arrogantemente, e exclama:

– Eis-me aqui, pronto para vos governar! Não tenho frutos, para nada presto: sirvo para rei! Ninguém melhor do que eu, está nos casos de reinar. Além de que, tenho espinhos, posso fazer mal. À minha passagem, as minhas garras dilacerarão as pequeninas plantas, que são o meu povo, e elas dar-me-ão o seu licor, que é o seu sangue! –

Foi aclamado rei e nomeados ministros... os bogalhos.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 32, 11 maio 1895, p. 2-3)

O ALMOÇO DE LOTHARIO

(Imitação)

A scena passa-se em Paris.

Lothario è estudante de medicina e habita n'uma agua-"furtada. Vive como um anachoreta. Perdido no meio dos seus livros, isola-se do mundo e avança e enleva-se e dessedenta-se na sciencia. (O seu espírito, ávido de a devassar, penetra-lhe . os mais intimos segredos, prescruta-the os mais inexpugnaveis . mysterios).

Tem o rosto pallido. Os olhos, em que transparecem vis vidamente as mais fugazes impressões da sua alma, illuminamse sempre que avança um passo. A ancia eterna do seu espirito insaciavel, aquella sua nunca satisfeita ambição, desperta-se, excita-se a cada maravilha, a cada um d'esses phenomeno-- que não raro se interpõem no caminho do medico.

E Lothario pensa em fazer subir o seu nome acima da -superficie raza em que vegetam tantos dos seus collegas. Lothario sonha com a gloria, a sublime chimera.

E' por isso que a fronte se lhe curva para o estudo, esperando encontrar n'elle a satisfação, do seu sonho d'oiro, os immarcessiveis louros da victoria.

Por um bello domingo de primavera, Lothario vae a entrar em casa, pensatico, alheiado, como quasi sempre. Ao as-"cender, um grupo alegre, chilreante, estonteador, interceptalhe a passagem. São umas costureiritas, visinhas do estudante. Nathalia é uma loira de cintura flexivel : - typo perfeito da grisette.

A emmoldurar-lhe o rosto fresco, brincam-lhe os anneis dos cabellos como, no coral dos labios. Ihe brinca, de continuo, um sorriso provocador. E' viva, alegre, espiritnosa e nunca lhe falta uma resposta picaresca com que retorquir ao mais . ousado cumprimento.

Lothario, para retribuir as expansivas saudações das suas gentis visinhas, poisara, distrabidamente, sobre a meza de trabalho das raparigas, um pequeno embrulho que levava. Ao subir para a sua hahitação, nem d'elle se lembrou.

Nathalia desfal-o immediatamente e, acto continuo, imagina uma partida para pregar ao visinho. Era figado o que elle trouxera: naturalmente destinava o para o almoço.

N'um momento está preparado e deliciosamente enfeitado com rodas de cebola. O menu das costureiras fôra inesperadamente accrescentado, graças à distracção de Lothario, e quando este, recordando-se do embrulho, volta por elle, já nem vestigios havia do famigerado petisco.

A's perguntas do estudante, responde um retinir incessante de gargalhadas. Lothario desespera-se com as negaças de Nathalia. Que precisava de estudar, protestava elle, que lhe désse o figado:

- O figado!... para estudar!... fez a rapariga, petu-· lante. Diga antes que quer almoçar.

-Não, Nathalia. Como sabe, Joanna Clyphon, a sua inditosa companheira, morreu d'uma cyrrose de figado. O caso é tão interessante que quero estudal-o.

- Jesus!..., griton Nathalia, segurando a cabeça.

E então as raparigas, empallidecendo excessivamente, contam a Lothario que haviam comido o figado da infeliz Joanna, julgando ser o almoço do estudante.

Uma retomada da abordagem calcada no humor negro ocorria em "O almoço de Lotário". O personagem central, Lotário, era estudante de medicina em Paris, e levava uma vida de isolamento, preocupado essencialmente com a ciência. O contraponto se dava com suas vizinhas, um conjunto de costureiras, alegres e barulhentas, com destaque para Natália, estereótipo da mulher da classe trabalhadora. As indicações pareciam levar a narrativa em direção a um romance, mas o rumo foi diferente, pois as mulheres acabariam por cozinhar um fígado que se encontrava em pacote esquecido pelo rapaz e, quando ele reclamou a devolução do embrulho, surgia a verdade pela qual a tal carne não era para o seu almoço e sim um órgão extirpado de uma morta. Para a estupefação de Lotário – naquele inusitado encontro entre dois mundos, um voltado à ciência e outro mais popular – sem querer, as costureiras tinham se transformado em antropófagas.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O almoço de Lotário

(Imitação)

A cena passa-se em Paris.

Lotário é estudante de medicina e habita uma água-furtada. Vive como um anacoreta. Perdido no meio dos seus livros, isola-se do mundo e avança e enleva-se e dessedenta-se na ciência. (O seu espírito, ávido de a devassar,

penetra-lhe os mais íntimos segredos, perscruta-lhe os mais inexpugnáveis mistérios).

Tem o rosto pálido. Os olhos, em que transparecem vividamente as mais fugazes impressões da sua alma, iluminam-se sempre que avança um passo. A ânsia eterna do seu espírito insaciável, aquela sua nunca satisfeita ambição, desperta-se, excita-se a cada maravilha, a cada um desses fenômenos que não raro se interpõe no caminho do médico.

E Lotário pensa em fazer subir o seu nome acima da superfície rasa em que vegetam tantos dos seus colegas. Lotário sonha com a glória, a sublime quimera.

É por isso que a fronte se lhe curva para o estudo, esperando encontrar nele a satisfação do seu sonho de oiro, os imarcescíveis louros da vitória.

Por um belo domingo de primavera, Lotário via a entrar em casa, pensativo, alheado, como quase sempre. Ao ascender, um grupo alegre, chilreante, estonteador, intercepta-lhe a passagem. São umas costureiras, vizinhas do estudante. Natália é uma loira de cintura flexível: – tipo perfeito da *grisette*.

A emoldurar-lhe o rosto fresco, brincam-lhe os anéis dos cabelos como, no coral dos lábios, lhe brinca, de contínuo, um sorriso provocador. É viva, alegre, espirituosa e nunca lhe falta uma resposta picaresca com que retorquir ao mais ousado cumprimento.

Lotário, para retribuir as expansivas saudações das suas gentis vizinhas, pousara, distraidamente, sobre a mesa de trabalho das raparigas, um pequeno embrulho que levava. Ao subir para a sua habitação, nem dele se lembrou.

Natália desfá-lo imediatamente e, ato contínuo, imagina uma partida para pregar ao vizinho. Era fígado o que ele trouxera: naturalmente destinava-o para o almoço.

Num momento está preparado e deliciosamente enfeitado com rodas de cebola. O menu das costureiras fora inesperadamente acrescentado, graças à distração de Lotário, e quando este, recordando-se do embrulho, volta por ele, já nem vestígios havia do famigerado petisco.

Às perguntas do estudante, responde um retinir incessante de gargalhadas. Lotário desespera-se com as negaças de Natália. Que precisava estudar, protestava ele, que lhe desse o fígado:

- O fígado!... para estudar!... fez a rapariga, petulante. Diga antes que quer almoçar.
- Não, Natália. Como sabe, Joana Clyphon, a sua inditosa companheira, morreu de uma cirrose de fígado. O caso é tão interessante que quero estudá-lo.
- Jesus!... gritou Natália, empalidecendo excessivamente, contam a Lotário que haviam comido o fígado da infeliz Joana, julgando ser o almoço do estudante.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 33, 18 maio 1895, p. 3)

A PUNICÃO

Fôra tenaz a lucia! Acima das considerações do pae, das suas ameaças, elevava-se, do fundo do coração da pobre creança, uma voz que a ensurdecia para os clamores de ambição do que, devendo ser-lhe amparo e guia contra as seducções davida, lhe impunha um enlace odioso, tendo por fimo elevar-se com ella à grandeza, 20 luxo, ás ephemeras vaidades da opulencia.

Mas a alma d'ella revoltava-se. Que lhe importava o ser rica, se teria de ver empallidecer, fenecer, para sempre, a esperança, esse incommensuravel sol da alma? Que lhe importavam sumptuosidades, se as scintillantes, as suas purissimas crencas haviam de ser calcadas por um vil sentimento de cubica?

Não, não! Insurgia-se com toda a energia porque já no seu coração resoara um sublime cantico d'amor. Tanto bastava para incutir-the coragem. Tentar coarctar a liberdade de sentimentos a uma mulher é tentar o impossível, é desafiar a colera de Deus. Só a liberdade de pensar dá à alma da creatura, como ao espirito dos povos, a serenidade imperturbavel da agua no seu equilibrio, a firme segurança do corpo no seu centro de gravidade.

Mas a nada attendia a ambição do tresloucado velho. As lagrimas, os protestos da desditosa, nada mais puderam do que apressar a maifadada união.

E digno genro buscára a ambição do verdugo!...

Homem de asselvajados instinctos, não tendo mais Deus que o ouro; não entendendo de compaixão, nem d'amor, mas de poder e de força; um semi-deus que se alcandorára ás culminancias da riqueza em virtude d'um d'esses caprichos da fortuna cujos furações revolvem a sociedade até o mais profundo das suas entranhas e lhe trazem á superficie entidades infimas, mephiticas. Aos seus desejos nunca se interpuzera obstaculo que elle não remo ésse.

Restava-lhe agora apoderar-se d'aquelle anjo de belleza e bondade para attingir o Sinai das suas ambições.

Contra a inabalavel resolução dos seus tyrannos, nada poude a douzella: o sacrificio realisou-se. Houve um momento em que ella julgou encontrar um meio de abafar os dolorimos gritos da sua alma — consolando os afflictos, resguardando, sob as azas da sua inexpotavel caridade, os desgraçados que consi-

derava os seus irmãos em Deus.

O dinheiro que devera empregar em adornos superfluos, empregava-o, distribuindo-o pelos seus pobres. Mas tinha de recatar-se porque o marido considerava como uma espoliação ao seu thesouro, as esmolas da esposa. O pae, souerbo como nunca, pensava como elle. Este viver de egoismo suffocava a desventurada creatura.

Porém, um dia, accendeu-se-lhe furtivamente o olhar, as faces coloriram-se-lhe. Presentira a morte.

Depois de alguns mezes de torturas, ella que se sacrificaru nas azas da ambição do pae, sentin fugir-lhe a vida e expiroa com os olhos postos no ceu para oude se evolava docemente a sua alma, incontaminada das baixezas que a haviam rodeado, pnrissima como a pomba que, depois da tempestade, volta para o seu ninho sem a minima macula na alvura das azas.

Desapparecer da terra aquelle anjo, foi o signal de discordia entre os dois carrascos.

Separaram-se. O pae da pobre martyr levava oiro as mãos cheias. Mas quiz Deus mostrar-lhe que nada ha de mais humide do que a soberba humana. Aquelle que negociara com o destino da filha, é empolgado pela doença e pouco depois apaga-se-lhe a luz dos olhos.

Cego, impotente para luctar, entregue aos instinctos tigrinos do que depois de cumplice se tornara seu inimigo, sente-se expohado por elle e tem de ir, de porta em porta, morto de miseria, pedindo esmola como um perdigueiro!

A crítica social e de costumes inspirada na censura ao casamento motivado por interesse era o cerne de "A punição". A estória contava a vida de uma moça que até tentara lutar contra a arbitrariedade paterna para impor-lhe um casamento arranjado. Sem condições de resistir aos costumes vigentes, ela acabaria por sucumbir diante da vontade do pai que lhe casaria com um homem rico e, mais uma vez, a personificação do mal. No casamento infeliz, a mulher só encontraria alguma consolação na prática da caridade, ainda assim completamente restringida pelo marido. A narrativa tomava ares trágicos, uma vez que aquela que fora forçada ao casamento só vai encontrar a redenção na morte, mas, em contrapartida, seus algozes também teriam um triste fim, com o pai igualmente perecendo e o marido, que tanta ojeriza tinha aos pobres, entregue à miséria e pedindo esmolas.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A punição

Fora tenaz a luta! Acima das considerações do pai, das suas ameaças, eleva-se, do fundo do coração da pobre criança, uma voz que a ensurdecia para os clamores de ambição do que, devendo ser-lhe amparo e guia contra as seduções da vida, lhe impunha um enlace odioso, tendo por fim o elevar-se com ela à grandeza, ao luxo, às efêmeras vaidades da opulência.

Mas alma dela revoltava-se. Que lhe importava o ser rica, se teria de ver empalidecer, fenecer, para sempre, a esperança, esse incomensurável sol da alma? Que lhe importavam suntuosidades, se as cintilantes, as suas puríssimas crenças haviam de ser calcadas por um vil sentimento de cobiça?

Não, não! Insurgia-se com toda a energia porque já no seu coração ressoara um sublime cântico de amor. Tanto bastava para incutir-lhe coragem. Tentar coactar a liberdade de sentimentos a uma mulher é tentar o impossível, é desafiar a cólera de Deus. Só a liberdade de pensar dá à alma da criatura, como ao espírito dos povos,, a serenidade imperturbável da água no seu equilíbrio, a firme segurança do corpo no seu centro de gravidade.

Mas a nada atendia a ambição do tresloucado velho. As lágrimas, os protestos da desditosa, nada mais puderam do que apressar a malfada união.

E digno genro buscara a ambição do verdugo!...

Homem de asselvajados instintos, não tendo mais Deus que o ouro; não entendendo de compaixão, nem de amor, mas de poder e de força; um semideus que se alcandorara às culminâncias da riqueza em virtude de um desses caprichos da fortuna cujos furacões revolvem a sociedade até o mais profundo das suas entranhas e lhe trazem à superfície entidades ínfimas, mefíticas. Aos seus desejos nunca se interpusera obstáculo que ele não removesse.

Restava-lhe agora apoderar-se daquele anjo de beleza e bondade para atingir o Sinai das suas ambições.

Contra a inabalável resolução dos seus tiranos, nada pode a donzela: o sacrifício realizou-se. Houve um momento em que ela julgou encontrar um meio de abafar os doloridos gritos da sua alma – consolando os aflitos, resguardando,

sob as asas da sua inesgotável caridade, os desgraçados que considerava os seus irmãos em Deus.

O dinheiro que devera empregar em adornos supérfluos, empregava-o, distribuindo-o pelos seus pobres. Mas tinha de recatar-se porque o marido considerava como uma espoliação ao seu tesouro, as esmolas da esposa. O pai, soberbo como nunca, pensava como ele. Este viver de egoísmo sufocava a desventurada criatura.

Porém, um dia, acendeu-se-lhe furtivamente o olhar, as faces coloriramse-lhe. Pressentira a morte.

Depois de alguns meses de torturas, ela que se sacrificara nas asas da ambição do pai, sentiu fugir-lhe a vida e expira com os olhos postos no céu para onde se evolava docemente a sua alma, incontaminada das baixezas que a haviam rodeado, puríssima como a pomba que, depois da tempestade, volta para o seu ninho sem a mínima mácula na alvura das asas.

Desaparecer da terra aquele anjo, foi o sinal de discórdia entre os dois carrascos.

Separaram-se. O pai da pobre mártir levava oiro às mãos cheias. Mas quis Deus mostrar-lhe que nada há de mais humilde do que a soberba humana. Aquele que negociara com o destino da filha, é empolgado pela doença e pouco depois apaga-se-lhe a luz dos olhos.

Cego, impotente para lutar, entregue aos instintos tigrinos do que depois de cúmplice se tornara seu inimigo, sente-se espoliado por ele e tem de ir, de porta em porta, morto de miséria, pedindo esmola como um perdigueiro!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 34, 25 maio 1895, p. 2-3)

AMBICIOSA

Foi um dia de lagrimas, o dia da partida de Julia para o collegio. Na aldeia, todos felicitavam a mãe pela fortuna da pequena que, a expensas do padrinho, um brazileiro riquissimo, chegado havia pouco, ia ser educada como uma fidalga.

A Julia, muito reservada, nem mostrava extraordinario sentimento pela separação, nem demasiada alegria. Só ás vezes, remirando o rico enxoval com que o seu protector a mismoseára, lhe ficava o olhar suspenso, como se o seu pensamento seguisse um flo mysterioso. Os seus treze annos, hem desenvolvidos, encaravam a situação a sangue frio. Só houve um momento em que os olhos se lhe toldaram de lagrimas. Foi quando, acompanhada da mãe e do padrinho, deu entrada no collegio. Nem um só rosto conhecido encontraria. É ia ficar alli!

Affigurou-se-lhe medonha a solidão, entre tanta gente. Foi então que pelo seu espirito esvoaçou uma saudade dedicada a sua ridente aldeia e ás amizades que lá lhe ficavam.

Chegou o momento das despedidas. A mão teve um grito desgarrador quando a porta d'aquella casa se fechou sobre a filha. Pareceu-lhe que a perdera para sempre.

Decorrem dois annos e Julia tem de deixar o collegio. Fal-o-sem o prazer, a incontrastavel alegria com que outras accolhem a perspectiva de voltar para o seio da familia. È que durante esse tempo uma transformação radical se déra no caracter d'aquella rapariga. A sua alegria de outr'ora fôra substituída por uma gravidade estudada, por uma compostura quasi solemne. Em vez das francas gargalhadas em que antes retinia a sua voz de crystal, havia um sorriso ironico, motejador, um sorriso que desconcertara aquelles que a tinham conhecido. Parece que um profundo desprezo lhe inspirava agora o que ná infancia tantos encantos tivera para ella.

E que differença entre o viver do collegio e o de casa!... Bem o presentira ella quando deixara aquella casa onde lhe ficara toda a simplicidade da sua alma. E que tinha sido tão feliz, alli! Quasi esquecera a humildade do seu berço. A recordação da mãe, lembrando-lh'a, tornara-se-lhe penosa e por isso tratava de a afastar do sentido para se convencer de que havia nascido para, como outras, menos formosas do que ella, gosar dos privilegios dos ricos.

Ema penetração de mãe teria palpitado estas propensões le conseguido, quicas destruir-lh'as. Mas no collegio, o luxo, la ostentação campelavam infrenes. As mães, á compita, cuidavam menos da educação das filhas do que de as fazer hombrear, em adornos, com as mais ricas herdeiras. As mestras, por seu turno, velavam muito pouco pelo aperfeiçoamento moral das creanças, entregues á sua vigilancia e deixavam solta redea ás suas tendencias de vaidade e coquettismo.

Julia não era de tão forte tempera moral que se não resentisse d'aquelle meio. Foi assim que, ás expansões da mãe, aos seus transportes, não correspondera senão com glaciaes carinhos e logo no seu rosto começou de transparecer o enfado que o não poder eximir-se ás suas caricias lhe provocava. Á penetração da mãe não escapou nada do que se ia passando no espirito da Julia. O seu instincto presentiu-lhe a frieza e logo a alma se lhe cobriu de lucto.

Julia aborrecia-se infinitamente em casa e nem sequer o dissimulava já. Como detestava o trabalho, entregava-se a perniciosas leituras, deixando imbnir-se-lhe o espirito de erroneas theorias de romances de que se julgava a heroina, sonhando-se sempre rodeiada de aduladores à sua belleza.

Tudo o que n'aquelle caracter havia de bom, tinha sido subornado por um torpe egoismo, por uma desmedida ambição de brilhar. Na sua alma, ha muito que estalara a ultima corda de sensibilidade. Um coração nobre pretende accordal-a para o amor. Mas Julia não tinha já coração que comprehendesse os immensos caudaes de ternura que traduzia a rusticidade com que aquelle homem se exprimira.

N'ella prevalecia e triumphava o calculo. Entregon a sua mão áquelle que por maior preço lh'a pagou.

Apenas realisados os seus sonhos, abandonou aquella execrada humildade e hoje arremessa do alto do seu poderio, as humilhantes e mesquinhas sobras do seu desordenado luxo a mão que sonhara fazer d'ella o anjo do seu lar.

Silvia da Vinha.

A historieta "Ambiciosa" versava acerca do amadurecer de uma menina, ressaltando a entrada no colégio como um momento de inflexão de sua vida. Após dois anos na instituição escolar, fora de sua localidade de nascimento, Júlia retornara para casa e passara por uma série de empecilhos em sua readaptação ao lar. O texto dava a entender que a pessoa que voltara era bastante díspar daquela que fora, deixando-se dominar por ostentação, vaidade e coquetismo. Nesse sentido, a menina de "bom caráter" que viajara, fora substituída por uma de outra índole, subordinada por "torpe egoísmo" e "desmedida ambição". Em síntese, o texto apresentava a transição de uma menina à adolescência, em um quadro pelo qual já havia drásticas mudanças e, naquele caso específico, o processo fora mais marcante, com a passagem do predomínio da humildade ao comando da ambição.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Ambiciosa

Foi um dia de lágrimas, o dia da partida de Júlia pra o colégio. Na aldeia, todos felicitavam a mãe pela fortuna da pequena que, a expensas do padrinho, um brasileiro riquíssimo, chegado havia pouco, ia ser educada como uma fidalga.

A Júlia, muito reservada, nem mostrava extraordinário sentimento pela separação, nem demasiada alegria. Só às vezes, remirando o rico enxoval com que o seu protetor a mimoseara, lhe ficava o olhar suspenso, como se o seu

pensamento seguisse um fio misterioso. Os seus treze anos, bem desenvolvidos, encaravam a situação a sangue frio. Só houve um momento em que os olhos se lhe toldaram de lágrimas. Foi quando, acompanhada da mãe e do padrinho, deu entrada no colégio. Nem um só rosto conhecido encontraria. E ia ficar ali!

Afigurou-se-lhe medonha a solidão, entre tanta gente. Foi então que pelo seu espírito esvoaçou uma saudade dedicada à sua ridente aldeia e às amizades que lá lhe ficavam.

Chegou o momento das despedidas. A mãe teve um grito desgarrador quando a porta daquela casa se fechou sobre a filha. Pareceu-lhe que a perdera para sempre.

*

Decorrem dois anos e Júlia tem de deixar o colégio. Fá-lo sem o prazer, a incontrastável alegria com que outras acolhem a perspectiva de voltar para o seio da família. é que durante esse tempo uma transformação radical se dera no caráter daquela rapariga. A sua alegria de outrora fora substituída por uma gravidade estudada, por uma compostura quase solene. Em vez das francas gargalhadas em que antes retinia a sua voz de cristal, havia um sorriso irônico, motejador, um sorriso que desconcertara aqueles que a tinham conhecido. Parece que um profundo desprezo lhe inspirava agora o que na infância tantos encantos tivera para ela.

E que diferença entre o viver do colégio e o de casa!... bem o pressentira ela quando deixara aquela casa onde lhe ficara toda a simplicidade da sua alma.

É que tinha sido tão feliz ali! Quase esquecera a humildade do seu berço. A recordação da mãe, lembrando-lhe, torna-se-lhe penosa e por isso tratava de a afastar do sentido para se convencer de que havia nascido para, como outras, menos formosas do que ela, gozar dos privilégios dos ricos.

Uma penetração de mãe teria palpitado estas propensões e conseguido, quiçá, destruí-las. Mas no colégio, o luxo, a ostentação campeavam infrenes. As mães, à compita, cuidavam menos da educação das filhas do que de as fazer ombrear em adornos, com as mais ricas herdeiras. As mestras, por seu turno, velavam muito pouco pelo aperfeiçoamento moral as crianças, entregues à sua vigilância e deixavam solta rédea às suas tendências de vaidade e coquetismo.

Júlia não era de tão forte tempera moral que se não ressentisse daquele meio. Foi assim que, às expansões da mãe, aos seus transportes, não correspondera senão com glaciais carinhos e logo no seu rosto começou de transparecer o enfado que o não poder eximir-se às suas carícias lhe provocava. À penetração da mãe não escapou nada do que se ia passando no espírito de Júlia. O seu instinto pressentiu-lhe a frieza e logo a alma se lhe cobriu de luto.

Júlia aborrecia-se infinitamente em casa e nem sequer o dissimulava já. Como detestava o trabalho, entregava-se a perniciosas leituras, deixando imbuir-se-lhe o espírito de erronias teorias de romances d que se julgava a heroína, sonhando-se sempre rodeada de aduladores à sua beleza.

Tudo o que naquele caráter havia de bom, tinha sido subornado por um torpe egoísmo, por uma desmedida ambição de brilhar. Mas Júlia não tinha

coração que compreendesse os imensos caudais da ternura que traduzia a rusticidade com que aquele homem se exprimira.

Nela prevalecia e triunfava o cálculo. Entregou a sua mão àquele que por maior preço a pagou.

Apenas realizados os seus sonhos, abandonou aquela execrada humildade e hoje arremessa do alto do seu poderio, as humilhantes e mesquinhas sobras do seu desordenado luxo à mãe que sonhara fazer dela o anjo do lar.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 36, 8 jun. 1895, p. 3)

Entre a cruz e a caldeirinha

N'uma aldeia dos arredores do Porto cujo nome pão recordo, nem o leitor me pergunta, fundou se ha annos uma irmandade, intitutada «Peregrinação ao Céo». Mediante uma
quantia estipulada e sujeitando se a um regolamento religioso
antecipadamente estabelecido, eram admittidas as devotas e
d'isso anferiam as indulgencias promettidas: Juiza, secretaria;
etc. eram eleitas por um processo extraordinariamente rendoso:
pela maioria dos beneficios dispensados á pequena egreja e affirmam, tambem que, pela prompta influencia que uns presentes, bem conchegadinhos, exerciam sobre o animo do snr. abbade que era quem procedia e presidia á eleição.

Ora, n'aquelle anno havia duas devotas, peregrinas do ceo, a quem as honras da terra e o cheiro da presidencia da irmandade traziam em frios e febres. Se uma offerecia uma dadiva, a outra empenhava se em presentear mais avantajadamente. Com isto lucrava a irmandade. E que modelos, que exemplarissimas cumpridoras dos seus deveres religiosos ellas não eram!...

Ainda mal apontava, ao fundo da egreja, a figura rachitica da D. Maria da Purificação, já por outro lado avultava a rotundidade embandeirada da D. Joanna Alvarenga. Impossivel de descrever o recolhimento, a presteza do rezar, aquella precisão maravilhosa com que accudiam aos pontos principaes das duas ou tres missas que ouviam simultaneamente, reverenciando para um altar, persignando-se para outro. E no fim, quando as duas se encontravam, era um nunca acabar de cumprimentos, de exhortações, elogiando-se mutuamente até à divinisação, elogios que rematavam por dizer uma desejar ser o que a outra era aos olhos de Deus. Do Deus que ellas insultavam, faxendo-o cumplice das suas asneiras. Não se faz uma viva ideia do que ellas eram.

Esqueceu-me mencionar que a D. Maria da Purticação era solteira e que, apesar dos cincoenta passados, se julgava já o forçado appendice ás onze mil virgens... Nunca a seduziram tentações da carne talvez porque a não tinha. A outra era vinva. Em tempos tinha sido uma mulheraça ás direitas. Depois, os annos começaram de pezar-lhe e, então, fez como se conta de certa dama franceza: converteu-se a devota depois que lhe constou que Deus se fizera homem...

Chegon o dia da efeição da meza da irmandade. Isto é, o dia ainda estava em casa de Dens verdadeiro, mas já as duas rivaes preparavam os aprestos para a solemnidade. A D. Joanna andava n'uma roda viva. O vestido de seda, o chapéu de fitas verde e rôxo, o laço de rendas brancas, para o pescoço, o broche com o retrato do sen defuntinho, o livro de missa envolto no lenço de rendas, tudo estava disposto em cima da cama. Depois, emergindo d'uma montanha rogidora de saias engonmadas, a pretendida juiza entregou-se aos cuidados da afilhada, que se esmerou por sujeitar-lhe, debaixo da rede, bordada a missanga, a farta trança preta que a recoveira lhe trouxera, na vespera, da cidade.

A solemnidade estava marcada para as onze.

A essa hora, as duas candidatas à presidencia entravam na Egreja, vestidas com o garridismo proprio de duas santas servas da sua estofa. O abbade acolhen-as com o mais seductor dos seus sorrisos e proceden à ceremonia.

Pelas duas mulheres passa um frémito de anciedade. Faz-se um carto silencio. O acto reveste-se d'um caracter solemne, imponente. A voz do abbade, grave e pausada, pondera os beneficios recebidos; entende do sen dever nomear como juiza, a snr.ª. D. Joanna Alv...

- Como? interroga, desrespeitosa, a outra.

O abbade fita-a, vê n'aquelle olhar que ella lhe dardeja a nitida recordação dos presentes com que fora agraciado, le n'um rapido relancear de vista o prejuizo que o isentar do juizato à furibunda senhora lhe pode acarretar; teme-se mais ainda da D. Joanna, se lhe recusa a honra já concedida. N'este risco, entre a cruz e a caldeirinha, o abbade tem uma inspiração subita e salvadora—nomeia duas juizas!!

Silvia da Vinha.

Um texto prenhe em manifestação anticlerical, como era recorrente ao jornalismo caricato aparecia em "Entre a cruz e a caldeirinha". Na narrativa havia significativa censura em relação ao fato do clérigo estar mais interessado nos bens materiais do que nas questões do espírito, aceitando presentes de suas paroquianas. Também aparecia uma sutil sugestão quanto ao abade não estar respeitando de todo o seu voto celibatário, interessado que estava em certas fiéis. O cerne da crítica se concentrava no carolismo exacerbado de duas frequentadoras da igreja, que confundiam sua fé com a ascensão política na irmandade a que pertenciam. Maria da Purificação e Joana Alvarenga disputavam o cargo de juíza da irmandade e o abade, se vendo indeciso em relação às duas, que tanto colaboravam com a igreja, com a certeza de que a nomeação de uma traria a ira da contendente, buscava adotar uma solução salomônica, nomeando ambas para o cargo ambicionado.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Entre a cruz e a caldeirinha

Numa aldeia nos arredores do Porto cujo nome não recordo, nem o leitor me pergunta, fundou-se há anos uma irmandade intitulada "Peregrinação ao Céu". Mediante uma quantia estipulada e sujeitando-se a um regulamento religioso antecipadamente estabelecido, eram admitidas as devotas e disso auferiam indulgências. Juíza, secretária, etc. eram eleitas por um processo extraordinariamente rendoso: pela maioria dos benefícios dispensados à

pequena igreja e afiram, também que, pela pronta influência que uns presentes, bem conchegadinhos, exerciam sobre o ânimo do senhor abade que era quem procedia e presidia à eleição.

Ora, naquele ano havia duas devotas, *peregrinas do céu*, a quem as honras da terra e o cheiro da presidência da irmandade traziam em frios e febres. Se uma oferecia uma dádiva, a outra empenhava-se em presentear mais avantajadamente. Com isto lucrava a irmandade. E que modelos, que exemplaríssimas cumpridoras dos seus deveres religiosos elas não eram!...

Ainda mail apontava, ao fundo da igreja, a figura raquítica da D. Maria da Purificação, já por outro lado avultava a rotundidade embandeirada da D. Joana Alvarenga. Impossível de descrever o recolhimento, a presteza do rezar, aquela precisão maravilhosa com que acudiam aos pontos principais das duas ou três missas que ouviam simultaneamente, reverenciando para um altar, persignando-se para outro. E no fim, quando as duas se encontravam, era um nunca acabar de cumprimentos, de exortações, elogiando-se mutuamente até a divinização, elogios que rematavam por dizer uma desejar ser o que a outra era aos olhos de Deus. do Deus que elas insultavam, fazendo-o cúmplice das suas asneiras. Não se faz uma viva ideia do que elas eram.

Esqueceu-me mencionar que a D. Maria da Purificação era solteira e que, apesar dos cinquenta passados, se julgava já o forçado apêndice às onze mil virgens... Nunca a seduziram tentações da carne talvez porque a não tinha. A outra era viúva. Em tempos tinha sido uma mulheraça às direitas. Depois, os anos começaram de pesar-lhe e, então, fez como se conta de certa dama

francesa: converteu-se à devota depois que lhe constou que Deus se fizera homem...

*

Chegou o dia da eleição da mesa da irmandade. Isto é, o dia ainda estava em casa de Deus verdadeiro, mas já as duas rivais preparavam os aprestos para a solenidade. A D. Joana andava numa roda viva. O vestido de seda, o chapéu de fitas verde e roxo, o laço de rendas brancas, para o pescoço, o broche com o retrato do seu defuntinho, o livro de missa envolto no lenço de rendas, tudo estava disposto em cima da cama. Depois, emergindo de uma montanha rugidora de saias da engomadas, a pretendida juíza entregou-se aos cuidados da afilhada, que se esmerou por sujeitar-lhe, debaixo da rede, bordada a missanga, a farta trança preta que a recoveira lhe trouxera, na véspera da cidade.

A solenidade estava marcada para as onze.

A essa hora, as duas candidatas à presidência entravam na igreja, vestidas com o garridismo próprio de duas santas servas da sua estofa. O abade recolheu-as com o mais sedutor dos seus sorrisos e procedeu à cerimônia.

Pelas duas mulheres passa um frêmito de ansiedade. Faz-se um curto silêncio. O ato reveste-se de um caráter solene, imponente. A voz do abade, grave e pausada, pondera os benefícios recebidos; entende do seu dever nomear como juíza a senhora D. Joana Alv...

- Como? interroga, desrespeitosa, a outra.

O abade fita-a, vê naquele olhar que ela lhe dardeja a nítida recordação dos presentes com que fora agraciado, lê num rápido relancear de vista o prejuízo que o isentar do juizado à furibunda senhora lhe pode acarretar; temese mais ainda da D. Joana, se lhe recusa a honra já concedida. Neste risco, entre a cruz e a caldeirinha, o abade tem uma inspiração súbita e salvadora – nomeia duas juízas!!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 37, 15 jun. 1895, p. 3)

A IRMÃ DE CARIDADE

Sob o severo habito que lhe cahia em austeras pregas, occultavam-se as formas esplendidas d'uma mulher perfeitissima. As mãos alvas e finas, de roseas e brilhantes unhas como que a illuminal-as, essas nem o grosseiro dos trabalhos a que se entregava, lhes alterára a forma irreprehensivel. O rosto fazia pensar na angelica belleza dos cherubins. Sublimava-a, mais do que tudo, um não sei quê de scismador que se lhe lia atravez dos limpidos olhos, duas estrellas desengastadas dos céus e que, a miudo, lh'os velava de lagrimas impetuosas.

E' que o coração de soror Thereza batia e sangrava ainda. Por isso, mil vezes, na penumbra da noite, ella impetrava de Deus a morte, que já se lhe exhauriam as forças, já lhe fallecia o animo de sacrificar-se por mais tempo perante um mundo egoista e vil. Irmã de caridade... ella... que irrisão!

Ainda ha bem pouco, era rainba onde apparecia. Tinha fascinações de belleza e, sobretudo, impunha-se pelo seu espirito scintillante!

Quando o recordava, quando reconstruia a sua infancia, embaliada de mimos e a juventude, que tão tranquilla e feliz lhe decorrera até ao momento fatal em que a sua alma ingenua e pura se entregára a quem th'a ferira mortalmente, sentia-se abalada por convulsões de dôr, regelava-lhe os membros um frio atroz e uma lagrima ia sumir-se-lhe nas faces, como uma gotta de orvalho por entre a areia esbraseada dos desertos!

Soror Thereza era tão perfeita de corpo como da alma. Deus puzera-lhe no coração divinissimos sentimentos : a mais sublime dedicação e o amor devotado das almas puras e sinceras.

Foi assim que ella amou. Tão cegamente, que nunca lhe occorreu que o futuro lhe reservasse desillusões. Havia as mais inebriantes delicias de fruição d'aquelle amor. O crystallino arroio da sua vida deslisava entre duas margens o fulgor da esperança n'um futuro melhor e o extasis em que a contemplação do objecto amado a mergulhava.

Um dia não o viu. Assustou-se. O coração presagiava-lhe desastre. Outro dia e outro—e muitos e nada.

Mais tarde soube que o seu pseudo apaixonado casara com uma rica herdeira.

Vacillou a razão de soror Thereza. Durante alguns dias quasi tocou os humbraes da eternidade. Mas, e para cumulo de infelicidade, viveu. Ao levantar-se do seu leito de agonia trazia os olhos enxutos e uma expressão fria no semblante. Era a desoladora estatua da amargura.

Entre os que haviam presenciado os triumphos da sua mocidade castissima não podia viver mais. Fez-se irmã de caridade.

Decorreram annos. As faces de soror Thereza eram mais pallidas, os olhos mais melancolicos. O sorrisó amargo dos seus labios fazia estremecer, O gélido contacto das suas mãos arripiava. Sabia ainda consolações, a desventura alheia ainda por vezes chamava lagrimas aos seus olhos. E' que o coração d'aquella mulher fôra um manancial de ternura.

Um dia foi chamada a velar um moribundo. Como a sua missão era essa, foi. Encontrou uma esposa debulhada em pranto e disse-lhe palavras de conforto, de religião. Levaram-n'a á cabeceira do enfermo. Ao vél-o, empallideceu ainda mais. O doente abriu os olhos, soergueu se n'um arranco, balbuciou um nome e cahiu logo exanime, morto finalmente. A irmã de caridade prostrou-se de joelhos e murmurou uma prece emquanto que o rosto se lhe inundava de lagrimas. Assistira á morte do seu algoz. De ha muito lhe perdoára. Chorou-o porque o tempo ha via-lhe prateado os cabellos, mas não lhe matara o coração.—Quando se levantou tinha no olhar um brilho estranho. Cerrou piedosamente os olhos do finado e foi-se com uma esperança celeste a amparar-lhe a alma.

No dia seguinte, soror Thereza appareceu morta.

Silvia da Vinha.

Carregado em cores dramáticas e embasado em profunda tristeza, "A irmã de caridade" trazia a estória de Tereza, que se tornara freira, ainda que a opção destoasse do estereótipo que se poderia imaginar para tal figura, uma vez que mantinha uma beleza ímpar. A soror, "perfeita de corpo e alma", seguia com devoção a sua obra, dedicando seu amor às "almas puras e sinceras". Na continuidade, aparecia o motivo que levara Tereza ao convento e, como parecia não poder ser diferente, as causas eram vinculadas a um coração partido. Seu amado, após roubar suas virtudes, como se convinha denominar a época, trocara-a por outra moça mais rica, ficando explícita mais uma vez a recorrente crítica ao casamento por interesse. Restara à Tereza o caminho da religião, embora suas mágoas não estivessem apagadas, chegando a pensar no suicídio. Por uma coincidência do destino - como comumente acontecia em tal tipo de drama – ela teve por missão velar por um moribundo, o qual não era mais ninguém do que o homem por quem ela fora apaixonada, ao qual ela assistia ao seu falecimento. A culminância dramática se dava quando, no dia seguinte, também a irmã de caridade aparecia morta.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A irmã de caridade

Sob o severo hábito que lhe caía em austeras pregas, ocultavam-se as formas esplêndidas de uma mulher perfeitíssima. As mãos alvas e finas, de róseas e brilhantes unhas como que a iluminá-las, essas nem o grosseiro dos

trabalhos a que se entregava, lhes alterara a forma irrepreensível. O rosto fazia pensar na angélica beleza dos querubins. Sublimava-a, mais do que tudo, um não sei quê de cismador que se lhe lia através dos límpidos olhos, duas estrelas desengastadas dos céus e que, a miúdo, lhes velava de lágrimas impetuosas.

É que o coração de soror Tereza batia e sangrava ainda, Por isso, mil vezes, na penumbra da noite, ela impetrava de Deus a morte, que já se lhe exauriam as forças, já lhe falecia o ânimo de sacrificar-se por mais tempo perante um mundo egoísta e vil. Irmã de caridade... ela... que irrisão!

Ainda há bem pouco, era rainha onde aparecia. Tinha fascinações de beleza e, sobretudo, impunha-se pelo seu espírito cintilante!

Quando o recordava, quando reconstruía a sua infância, embalada de mimos e a juventude, que tão tranquila e feliz lhe decorrera até ao momento fatal em que a sua alma ingênua e pura se entregara a quem lhe ferira mortalmente, sentia-se abalada por convulsões de dor, regelava-lhe os membros um frio atroz e uma lágrima ia sumir-se-lhe nas faces como uma gota de orvalho por entre a areia esbraseada dos desertos!

Soror Tereza era tão perfeita de corpo como da alma. Deus pusera-lhe no coração diviníssimos sentimentos: a mais sublime dedicação e o amor devotado das almas puras e sinceras.

Foi assim que ela amou. Tão cegamente, que nunca lhe ocorreu que o futuro lhe reservasse desilusões. Havia as mais inebriantes delícias de fruição daquele amor. O cristalino arroio da sua vida deslizava entre duas margens: o

fulgor da esperança num futuro melhor e o êxtase em que a contemplação do objeto amado a mergulhava.

*

Um dia não o viu. Assustou-se. O coração pressagiava-lhe desastre. Outro dia e outro – e muitos e nada.

Mais tarde soube que o seu pseudo-apaixonado casara com uma rica herdeira.

Vacilou a razão de soror Tereza. Durante alguns dias quase tocou os umbrais da eternidade. Mas, e para cúmulo de infelicidade, viveu. Ao levantarse do seu leito de agonia trazia os olhos enxutos e uma expressão fria no semblante. Era a desoladora estátua da amargura.

Entre os que haviam presenciado os triunfos da sua mocidade castíssima não podia viver mais. Fez-se irmã de caridade.

Decorreram anos. As faces de soror Tereza eram mais pálidas, os olhos mais melancólicos. O sorriso amargo dos seus lábios fazia estremecer. O gélido contato das suas mãos arrepiava. Sabia ainda consolações, a desventura alheia ainda por vezes chamava lágrimas aos seus olhos. é que o coração daquela mulher fora um manancial de ternura.

*

Um dia foi chamada foi chamada a velar um moribundo. Como a sua missão era essa, foi. Encontrou uma esposa debulhada em pranto e disse-lhe

palavras de conforto, de religião. Levaram-na à cabeceira do enfermo. Ao vê-lo, empalideceu ainda mais. O doente abriu os olhos, soergueu-se num arranco, balbuciou um nome e caiu logo exânime, morto finalmente. A irmã de caridade prostrou-se de joelhos e murmurou uma prece enquanto que o rosto se lhe inundava de lágrimas. Assistira à morte do seu algoz. De há muito lhe perdoara. Chorou-o porque o tempo havia-lhe prateado os cabelos, mas não lhe matara o coração. — Quando se levantou tinha no olhar um brilho estranho. Cerrou piedosamente os olhos do finado e foi-se com uma esperança celeste a ampararlhe a alma.

No dia seguinte, soror Teresa apareceu morta.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 38, 22 jun. 1895, p. 3 e 6)

DOLOROSA

¿Del hien perdido alcabo que nos queda, Sino pena, dolor, y pesadumbre?

ESCILLA Y ZUÑIGA.

Por penas de amor, suicidou-se um quartanista da Escola Medica.

Na cerração da sua desventura, o infeliz não teve para interpôr aos embates da desgraça, os esforços revibrantes d'uma alma energica. o animo seguro de uma vontade firme. Cegaram-n'o os fogachos da dór, apagando-se-lhe a serena e benefica luz da crença. E, morta a crença, esmoreceram-lhe as esperanças, falleceu lhe o amor que o vinculava á vida.

Depois, como se não fosse, de per si, hastante esta desgraça, uma outra se lhe prende fatalmente. E' a da infeliz que, inconscientemente, deu causa ao crudelissimo attentado.

Deante da voragem do tumulo, o seu espirito allucinado por iutraduzivel magua, perde a noção exacta das responsabilidades que the cabem, dá-lhes desmedida importancia e faz com que na sua consciencia avultem culpas que á luz da boa razão o não podem ser.

Como uma simples scentelha pode originar um pavoroso incendio, como n'uma atmosphera de immaculado azul surgem de repente bandos de nuvens que logo se desencadejam em temerosa tempestade, em medonho cataclismo; assim, uma du-

Reference to

vida que se forma no espírito, accossada pelo sopro inclemente de martyrisantes communicações, entenebrece a razão, endoida, armando de uma energia que, n'esta ebulição de ideias e sentimentos, leva infallivelmente á leviandade no julgar e ás falsas apparencias do sentir.

Foi, talvez, fundado n'ellas que o desditoso mancebo, alethargada toda a virilidade do seu caracter, se precipitou n'aquelle desespero em cujas horri las entranhas encontrou a morte triste, tristissimo fin!

No emtanto, à amante adorada e feliz de hontem, está condemnada a perpetuo lucto. O mundo, que podera ser o Eden as suas aspirações, transforma-se-lhe em frio e mudo se-pulcro; a voz da esperança em écho de plangente saudade; as illusões — purissima tunica da sua alma, em lugubre mortalha.

Perante os seus olhos doloridos insculpe-se a todo o momento a estremecida imagem do desventurado. Parece ouvirlhe ainda o ultimo e estertorado arranco. E redobra-lhe o fel das lagrimas a afflicção dos gemidos. Em meio de tão latentes soffrimentos, a pobre crava-se na propria dôr e sente uma estranha voluptuosi lade nas indiziveis amarguras por que está passando. Como se he retemperassem a alma e lhe adormentassem os escrupulos da sua consciencia!... Como se no incruento martyrio, à comburencia de tão ingentes dôres, se não houvesse já depurado completamente a sua alma, votada à mais ideal vinvez!

Silvia da Vinha.

"Dolorosa" foi um texto que, ao contrário da maioria, não chegava a constituir um enredo, ou seja, não contava uma determinada história, apresentando personagens, qualificando-os, expressando a ação e levando ao encerramento daquilo que se pretendia contar. A narrativa era plena de manifestações do sofrimento humano e permanecia fechada em torno de tais condicionantes. Havia uma informação inicial sobre o suicídio de um aluno da Escola Médica, cujo ato adveio de razões amorosas. Em seguida, sem chegar exatamente a expressar os acontecimentos, o texto reforçava a perspectiva das dores que levaram aquele à morte e das amarguras que marcaram a vida dos dois amantes. Mas não havia detalhes, apenas um conjunto de sensações que pareciam buscar um certo compartilhar do leitor em relação aos padecimentos e à melancolia. Tudo indica que era um escrito alusivo a um acontecimento real, pois o próprio hebdomadário anunciara que "um simpático rapaz, quartanista da Escola Médica" suicidara-se, atirando-se de uma ponte, levado, pelo que se ouvia falar, "por desgostos de amor" (PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 38, 22 jun. 1895, p. 2).

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Dolorosa

¿Del bien perdido alcabo qué nos queda, Sinó pena, dolor, y pesadumbre? ESCILLA Y ZUÑINGA Por penas de amor, suicidou-se um quartanista da Escola Médica.

Na cerração da sua desventura, o infeliz não teve para interpor aos embates da desgraça, os esforços revibrantes de uma alma enérgica, o ânimo seguro de uma vontade firme. Cegaram-no os fogachos da dor, apagando-se-lhe a serena e benéfica luz da crença. E , morta a crença, esmoreceram-lhe as esperanças, faleceu-lhe o amor que o vinculava à vida.

Depois, como se não fosse, de per si, bastante esta desgraça, uma outra se lhe prende fatalmente. É a da infeliz que, inconscientemente, deu causa ao crudelíssimo atentado.

Diante da voragem do túmulo, o seu espírito alucinado por intraduzível mágoa, perde a noção exta das responsabilidades que lhe cabem, dá-lhes desmedida importância e faz com que na sua consciência avultem culpas que à luz da boa razão o não podem ser.

Como uma simples centelha pode originar um pavoroso incêndio, como numa atmosfera de imaculado azul surgem de repente bandos de nuvens que logo se desencadeiam em temerosa tempestade, em medonho cataclismo; assim, uma dúvida que se forma no espírito, acossada pelo sopro inclemente de martirizantes comunicações, entenebrece a razão, endoida, armando de uma energia que, nesta ebulição de ideias e sentimentos, leva infalivelmente à leviandade no julgar e às falsas aparências do sentir.

Foi, talvez, fundado nelas que o desditoso mancebo aletargada toda a virilidade do seu caráter, se precipitou naquele desespero em cujas hórridas entranhas encontrou a morte triste, tristíssimo fim!

No entanto, a amante adorada e feliz de ontem, esta condenada a perpétuo luto. O mundo, que poderá ser o Éden das suas aspirações, transformara-se em frio e mudo sepulcro; a voz da esperança em eco de plangente saudade; as ilusões – puríssima túnica da sua alma, em lúgubre mortalha.

Perante os seus olhos doloridos insculpe-se a todo o momento a estremecida imagem do desventurado. Parece ouvir-lhe ainda o último e estertorado arranco. E redobra-lhe o fel das lágrimas a aflição dos gemidos. Em meio de tão latentes sofrimentos, a pobre crava-se na própria dor e sente uma estranha voluptuosidade nas indizíveis amarguras por que está passando. Como se lhe retemperassem a alma e lhe adormentassem os escrúpulos da sua consciência!... Como se no incruento martírio, à comburência de tão ingentes dores, se não houvesse já depurado completamente a sua alma, votada a mais ideal viuvez!

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 39, 29 jun. 1895, p. 6)

A RAPTADA

Depois combinaram o rapto.

Emquanto ella vivera na cidade, facil lhes fôra illudir a vigilancia do pae. Alli, não. Urgia terminar com a execravel timidez com que acatavam os horrores do presente.

Isto dizis lh'o elle n'um vehemente desabalar de amarguras. É foi então que aveniurou a ideia do rapto. Ella, a principio, assustou-se froixamente, mas não tardou que accedesse com verdadeiro euthusiasmo. Aconselhou, até, que se aproveitassem, para isso, d'uma circumstancia que se dava no dia seguinte e que, ruborisada, explicou ao ouvido do namorado. Elle sorriu e exultou de jubilo. Essa circumstancia simplificava extraordinariamente o caso: prescindia-se de arrombamento ou de escalada e ella sahiria naturalmente, sem que se expuzessem a vér frustrados os seus planos.

sem a vôr frustrados os seus planos. Ficou, pois, assente que a fuga se realisaria no dia seguinte, à meia noite. A' entrada da aldeia esperal-os-ia um trem e o resto a Deus pertencia.

Despediram-se. Não trocaram aquelles habituaes e doloridos olhares de quem não sabe quando tornará a vér-se. Déram-se um conflado—até âmanhã—que resumia todo um mundo de esperanças que já anteviam desabotoar-se em explendidas realifades.

Todos os pensamentos que podem assaltar uma cabeça leve, accudiram, durante aquella noite de insomnia, em tropel, a imaginação da enamorada Helena. Viu-se heroina on victima, conforme os paladares, fallada pela bocca immensa da aldeia, apregoada, na cidade, pelos vendedores de jornaes. E, entretanto, gosaria ella com o amante, de delicias que entrevia vagamente, n'um deleitoso extasis de sonhos paradisiacos, estonteadores.

De manhã, pensou nas mais pequeninas minucias de toilette. A's fartadelas foi dispondo tudo, com uma presença de espirito pouco em harmonia com a sua innocencia de rapariga casta. Pensava muito pouco nos paes e muito na lentidão com que o dia la passando.

A' noite lembrou-se de que era essa a ultima vez que, com a familia, tomava o classico chá e as archi-classicas torradinhas.

A breve trecho tudo estava recolhido. Na solidão do seu quarto, ouviu ella por fim bater as onze horas e passado pouco tempo, applicando o attento ouvido aos ruidos exteriores, sentiu o chiado e monstruoso rodar d'um carro de bois. Realisava-se a tal circumstancia que ella annunciára ao namorado. Este não tardaria, suppoz ella.

O carro parou e logo uma forte argolada na porta resoou por toda a casa. Em seguida o pesado descer da creada velha foz ranger os degraus da escada. Precedia-a um creadito que a allumiava.

Ao sentil-a avisinhar-se do quarto, a nossa apaixonada apagou a luz que accendera, e esperou, anciosa, o bater da meia noite, que era o signal convencionado.

No entretanto, um vulto passeiáva em frente da casa. Quando o carro de bois chegou, occultou-se a pouca distancia. Consultava a miudo o relogio. A' meia noite decidiu-se. Deante dos bois cabeceava um rapaz. Os dois homens que tinham vindo, acabavam de desapparecer nas trevas do portal, guiados por uma luz que se perdia para os lados do jardim.

Era-lhe propicia a sorie. Entrou. Na escuridão, parou um momento. Logo, porém, vê alvejar um vulto de mulher e ciarge-a nos braços possantes. Ella, solta um grito suffocado e desmaia. Era natural. A commoção... Com o precioso fardo nos braços o D. Juan precipita-se para o trem e manda bater a todo o galope para a cidade.

Rompe a madrugada. Ha muito que o celebre carro de bois abandonou a casa da aldeia, deixando em todo o seu percurso exhalações pouco odoriferas. A luz da aurora surprehende então dois quadros desoladores:

A inconsolavel amante chora amargamente no seu candido quarto de solteira. Parado o relogio ás onze e meia não pôde accudir á chamada do namorado. E ao mesmo tempo, este verifica com um horror que o endoidece que raptára... a creada velha da sua amada.

Silvia da Vinha.

O tema recorrente à época, pelo qual os amantes utilizavam-se do rapto como estratégia para permanecer juntos era abordado em "A raptada". Em geral, quando não havia a concordância dos pais em relação à proximidade dos dois, os enamorados combinavam que a donzela seria raptada e eles fugiriam para viver sua vida de amores. No caso deste texto, havia toda uma preocupação em apresentar a versão da moça que seria arrebatada. Além de ser ela mesma a autora do plano de fuga, aparecia uma descrição detalhada dos pensamentos e sensações que a moça teria na expectativa do ato. O projeto parecia ser coroado de êxito, mas como foi comum à maioria daquelas narrativas, havia a virada na estória, com a surpresa, no caso, desagradável para os amantes, pois a raptada permaneceu em casa e o namorado acabou por levar a criada. Era uma conclusão carregada de um sutil bom humor.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A raptada

Depois combinaram o rapto.

Enquanto ela vivera na cidade, fácil lhes fora iludir a vigilância do pai. Ali, não. Urgia terminar com a execrável timidez com que acatavam os horrores do presente. Isto dizia-lhe ele num veemente desabafar de amarguras. E foi então que aventurou a ideia do rapto. Ela, a princípio, assustou-se frouxamente, mas não tardou que acedesse com verdadeiro entusiasmo. Aconselhou, até, que se aproveitassem, para isso, de uma circunstância que se dava no dia seguinte e que, ruborizada, explicou ao ouvido do namorado. Ele sorriu e exultou de júbilo. Essa circunstância simplificava extraordinariamente o caso: prescindia-se de arrombamento ou de escalada e ela sairia naturalmente, sem que se expusessem a ver frustrados os seus planos.

Ficou, pois, assente que a fuga se realizaria no dia seguinte, à meia-noite. À entrada da aldeia espera-los-ia um trem e o resto a Deus pertencia.

Despediram-se. Não trocaram aqueles habituais e doloridos olhares de quem não sabe quando tornará a ver-se. Deram-se um confiado – até amanhã – que resumia todo um mundo de esperanças que já anteviam desabotoar-se em esplêndidas realidades.

*

Todos os pensamentos que podem assaltar uma cabeça leve acudiram, durante aquela noite de insônia, em tropel, à imaginação da enamorada Helena. Viu-se a heroína ou vítima, conforme os paladares, falada pela boca imensa da aldeia, apregoada, na cidade, pelos vendedores de jornais. E, entretanto, gozaria ela com o amante, de delícias que entrevia vagamente num deleitoso êxtase de sonhos paradisíacos, estonteadores.

De manhã, pensou nas mais pequeninas minúcias de toalete. Às furtadelas foi dispondo de tudo, com uma presença de espírito pouco em harmonia com a sua inocência de rapariga casta. Pensava muito pouco nos pais e muito na lentidão que o dia ia passando.

À noite lembrou-se de que era essa a última vez que, com a família, tomava o clássico chá e as arquiclássicas torradinhas.

A breve trecho tudo estava recolhido. Na solidão do seu quarto ouviu ela por fim bater as onze horas e passado pouco tempo, aplicando o atento ouvido aos ruídos exteriores, sentiu o chiado e monstruoso rodar de um carro de bois. Realizava-se a tal circunstância que ela anunciara ao namorado. Este não tardaria, supôs ela.

O carro parou e logo uma forte argolada na porta ressoou por toda a casa. Em seguida o pesado descer da criada velha fez ranger os degraus da escada. Precedia-se a um criadito que a alumiava.

Ao senti-la avizinhar-se do quarto, a nossa apaixonada apagou a luz que acendera, e esperou, ansiosa, o bater da meia-noite, que era o sinal convencionado.

*

No entanto, um vulto passeava em frente da casa. Quando o carro de bois chegou, ocultou-se a pouca distância. Consultava a miúdo o relógio. À meianoite decidiu-se. Diante dos bois cabeceava um rapaz. Os dois homens que

tinham vindo, acabavam de desaparecer nas trevas do portal, guiados por uma luza que se perdia para os lados do jardim.

Era-lhe propícia a sorte. Entrou. Na escuridão, parou um momento. Logo, porém, vê alvejar um vulto de mulher e cinge-a nos braços possantes. Ela solta um grito sufocado e desmaia. Era natural. A comoção... Com o *precioso* fardo nos braços o D. Juan precipita-se para o trem e manda bater a todo o galope para a cidade.

*

Rompe a madrugada. Há muito que o célebre carro de bois abandonou a casa da aldeia, deixando em todo o seu percurso exalações pouco odoríferas. A luz da aurora surpreende então dois quadros desoladores:

A inconsolável amante chora amargamente no seu cândido quarto de solteira. Parado o relógio às onze e meia não pode acudir à chamada do namorado. E, ao mesmo tempo, este verifica com um horror que o endoidece que raptara... a criada velha da sua amada.

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 40, 6 jul. 1895, p. 2-3)

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

Subordinado a esta ep graphe, insere a «Correspondencia do Norte» um artigo que se impoz grandemente á minha admiração, quando mais não fosse, pelo extraordinario retrocesso das suas ideias.

Aferida a mulher, em geral, pela cocotte do boulevard ou pela bailarina da Opera, o auctor compraz-se em entornar por uma suja tela as sombrias tintas d'uma pintura mentida, em espraiar-se por uma logica aviezada, que vem, inconscientemente, servir os interesses d'aquellas que ousam respirar um pouco acima do pantano em que as actuaes convenções sociaes-pretendem suffocar-lhes as legitimas aspirações de emancipação.

Foi com infinita dor, com uma commiseração sentidissima, que eu lamentei incomparavelmente mais a superioridade intellectual do supracitado auctor do artigo, do que a tão decantada inferioridade da mulher... Que pena eu tive d'esse ser superior, vendo-o, a elle, tão altivo! curvado, humilhado, vencido, perante esse bibelot caprichoso, perante esse galante

nullidade, rastejar pela adulação, conspurcar-se pela mentira, rojar-se em holocausto à «belleza sem alma, ou sée à licença sem belleza», à falta de comprehender um ideal melhorf... Quanto mais não admiro eu a mulher que eleva as ideias e os sentimentos acima do tremedal em que elle quizera afundar-lhe a alma!

Eu creio piamente, e n'isso encontro rasoavel justificação aos erros que li com profundo asco, que o auctor tem conhecido da mulher de hoje apenas a bogal e a rameira. Nem d'outro modo se comprehendem tão grosseiras como injustas apreciações.

E é de ver como o critico exagera e encarece os defeitos da mulher, fazendo a responsavel d'elles e esquecendo que esses defeitos são os do seu seculo e a consequencia immediata e fatal da má orientação d'uma educação sobrecarregada e aliás insufficientissima.

En que reconheço a inferioridade physica do meu sexo, não questiono que d'ella mesmo se resinta, em vigor, a intelligencia da mulhor. Mas não é d'isso que me occupo, não é essa a solução que procuro; a nada vem isso agora. Se eu tivesse muitos desejos de o profundar, não menos ambicionaria examinar anatomicamente o encephalo do escriptor de que me venho occupando...

Esse ser que elle amesquinha só tem, a seu ver, uma phase apreciavel—a maternidade. Ainda bem que me poupa a argumentos e vem incantamente provar que a mulher de quem elle se gloria de fugir, como o safio ao escapar da rêde, não é a futilidade que elle affirma. Ainda bem que reconhece, apesar de tardiamente, o sacerdocio que ella faz dos seus deveres, apenas iniciada n'elles.

Pois bem: arranque-se a mu her ao circulo esmagador do convencionalismo servil e estupido em que ella se debale; eduque-se; illustre-se; abram-se-lhe amplos horisontes à intelligencia; deixe-se que livremente ella allie aos seus dotes intellectuaes a superior percepção de que dispõe, a sua incontestavel e elevadissima intuição do grande; deem-se-lhe grandiosos fins que lhe polarisem as ideias e ver-se-ha a mulher cingida d'uma nova e maravithosa aureola.

E' aquelles que, com fumaças de eruditos, pretendem ridicularisal-a que en lembro como a mulher se exaltou, como attingin o sublime, na grande epopeia do martyrologio christão.

Companheira inseparavel de todos os desgraçados, elia que era debil para a lucia, foi forte e valorosa para o sofirimento. Comprehendia todas as dóres, adivinhava todos os perigos: era a imagem viva do conforto; a mysteriosa encarnação da Providencia. Nunca houve sacrificio que a fizesse recuar, nem penoso dever que a intimidasse. Era à cabeceira do enfermo, à porta da cabana do pobre, guardando os vasos sagrados, chupando os sangue das feridas dos martyres, dando-lhe piedosamente sepultura às cinzas que ella se encontrava.

E na hora da provação, quando os perseguidores da sua lei a conduziam a morte, ella sorria ao tormenio. No meio das chammas, relanceiava olhos compassivos pelos seus verdugos e orava por elles, pelos barbaros, que não sabiam o que faziam.

Eis um prisma porque talvez nunca o auctor do artigo encarasse a mulher. Foi-se pela ignorancia e colheu-lhe apenas a secreção da alma — os erros, os vicios. As virtudes, acalcanhou-lh'as.

Creio bem que d'esta superioridade de intellecto, d'este primor de observação não culpará elle tambem a mulher...

Silvia da Vinha.

Um caráter panfletário e combativo em nome dos interesses em torno da liberdade feminina eram a tônica de "A emancipação das mulheres", uma manifestação de ampla oposição a um artigo publicado em periódico editado no âmbito bracarense, ao qual eram imputados vários erros e inverdades ao tratar do feminino. O texto reconhecia na mulher apenas uma possível inferioridade física e em nenhum outro campo. A proposta central estava em torno de retirar a mulher do jogo do "convencionalismo servil e estúpido", dando-lhe chances de educar-se e ilustrar-se, abrindo os horizontes à sua inteligência e deixando que ela aliasse os seus dotes intelectuais à sua intuição. Havia também um esforço para demonstrar a coragem, o valor e a abnegação feminina, indo de encontro ao artigo analisado, o qual só teria buscado exaltar os seus erros e vícios, esquecendo todas as suas virtudes.

Quando em 1º de junho de 1895 Sílvia da Vinha vê publicado o seu texto "A emancipação das mulheres" no periódico no qual vinha colaborando como contista desde que *Pontos e Vírgulas* viera à luz, em 1894, sabia por certo que a forma, mais ainda do que o teor do que escrevera, se distanciava do que até ali fizera no jornal portuense.

"A emancipação das mulheres" não apresenta a forma clássica de um conto. Porém, poderia em última análise enquanto micronarrativa introduzir os tópicos presentes nesse gênero literário. Esse não é o foco essencial deste estudo, mas antes de deixa-lo passar despercebido, o seu registro permite que fique assinalada a "marca" de Sílvia da Vinha a partir deste livro que concatena a produção atribuída à "autora". Tal aspecto torna-se relevante em virtude de,

até à data, não ter sido ainda possível descartar a hipótese de se tratar de um nome que encobre um pseudônimo. Prática recorrente à época e ainda mais no quadro das características da imprensa caricata é, pois, plausível que assim o seja.

Esta questão não é de somenos na medida em que o texto que surge na 47ª posição em 52 reunidos no livro dedicado a Sílvia da Vinha é disruptivo em relação a todos os outros. O que o torna particularmente contrastante e, nesse sentido, individualizável é o modo como apesar de remeter para um universo em que existe tempo, ação, protagonista (em certa medida clímax) e consequência, introduz o leitor em um contexto muito particular de intertextualidade (o que aliás não é inédito entre os demais autores e colaboradores do e no periódico em epígrafe).

Sob o título "A emancipação das mulheres" que ocupa no jornal a mesma posição dos contos acompanhados pela sua assinatura, o leitor é surpreendido pela afirmação: "Subordinado a esta epígrafe, insere a *Correspondência do Norte* um artigo que se impôs grandemente à minha admiração, quando mais não fosse, pelo extraordinário retrocesso das suas ideias". Para logo em seguida explanar a razão da sua indignação. Pelo proêmio saberá desde logo o/a leitor/a ao que vai.

Comum era também a interlocução entre articulistas nos periódicos, sobretudo do século XIX. Autênticos debates se desenrolavam por vários números, alguns quase em modo folhetinesco.

O que diz em particular esta contenda aqui trazida a escrutínio?

Desde logo importa salientar que se trata de uma questão em grande medida intemporal e que, ao longo dos séculos, foi assumindo contornos naturalmente muito particulares acompanhados até de termos diferentes, adjetivados de modos distintos, consoante as épocas e as geografias alcançadas, desde emancipação, libertação, deveres e direitos, condição feminina, hoje igualdade de gênero, entre tantos outros. Todavia, em qualquer dos casos subjaz a enunciação de desigualdade entre sexos, centrada na sujeição ou não das mulheres a disposições legais, como, por exemplo, prós e contras, o direito ao voto, a poder ingressar em uma universidade, na escolha de um curso, de uma profissão, para nomear só algumas ou a questões de outro pendor mas ainda assim implicando diferentes lugares de poder como foi o caso de não poderem viajar as mulheres sem autorização do marido e/ou do pai para o estrangeiro até bastante tarde na sociedade portuquesa.

Em 1895, no caso vertente, o texto que fora publicado, logo na primeira página, em *A Correspondência do Norte*, em Braga, no dia 25 de maio, e contra o qual Vinha se insurgia, obriga antes de mais a uma clarificação. Segundo foi possível apurar a orientação e natureza dos dois jornais era diametralmente oposta, não será por isso de estranhar que o teor dos textos o deixe transparecer e esse fato seja importante. As/os leitora(e)s teriam perfis diferenciados também e audiências definidas.

Por fortuna na investigação, entretanto feita, resultou a identificação do autor com o qual Sílvia da Vinha "dialoga", mas cujo nome omite na sua

narrativa. Trata-se de Alfredo Gallis (1859-1910). Não será despiciendo, para a abordagem que aqui resumidamente é feita, aludir ao fato de que nessa época Gallis era um dos mais lidos autores, no Brasil, em um gênero que se afirmava como "Leitura para homens"³⁵, escritor profícuo de matéria licenciosa o que aliás o terá descredibilizado enquanto intelectual das Letras, apesar de assinar esses seus textos com o pseudônimo Rabelais.

Ora estes dados a que aludimos permitem antever um diálogo *sui generis* entre sujeitos com pontos de vista antagônicos.

Parte o texto de Gallis da reflexão elaborada em torno do resultado de pesquisas que reclama científicas do professor [Johan August] Strindberg (1849-1912), escritor e dramaturgo sueco³⁶, indicando ser aquele membro da "Sociedade Antropológica de Viena" e tendo publicado «um sábio artigo no qual demonstrou

³⁵ Veja-se a este respeito MOREIRA, Aline. "Alfredo Gallis (1859-1910), naturalismo e pornografia no final do século XIX". 2018. Acessado em Maio 2020 http://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547733354.pdf.; e VENTURA, António. «"Rabelais", isto é, Alfredo Gallis, o pornógrafo.» in: GALLIS, Alfredo. Aventuras galantes. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011. p. 167-174.

³⁶ Note-se a antecipação com que Gallis cita a tradução francesa do texto de Strindberg (publicada em *La Révue Blanche* a 7 de Janeiro de 1895) e como no século XIX os periódicos permitiam a circulação de ideias em uma atualização admirável, sobretudo pelo fato de que o texto fora publicado em inglês, em 1890, e é a versão francesa, retomada no artigo em português, cerca de 4 meses depois, corroborando também que a penetração de textos provenientes do estrangeiro era, regra geral, à época, mediada pela língua francesa.

A monumental obra de August Strindberg terá sido basicamente ignorada em Portugal, como oportunamente refere o *Observador* em artigo de Joana Emídio Marques, publicado em 2016, https://observador.pt/especiais/portugal140-anos-espera-august-strindberg/ Acessado em 30 Maio de 2020

até à saciedade que os recursos intelectuais das mulheres são muito inferiores aos dos homens». O artigo publicado antes surgiu com o título: *On the Inferiority of Women* traduzido³⁷ depois como *De l'inferiorité de la femme*.

Identificados os dados para a querela e citando Sílvia da Vinha, grassava a ameaça "pelo extraordinário retrocesso das suas ideias". Em campos opostos, Vinha e Gallis, respectivamente a primeira, pela emancipação das mulheres (negando a inferioridade) e o segundo, contra a emancipação delas. Não deixa de ser curioso uma vez que não foi ainda possível distinguir a *persona* de pessoa relativamente a S. Vinha afirmar-se neste artigo publicado num jornal menos "sério" mais próprio ao deleite, como advogada da causa de emancipação das mulheres assumindo-se como uma delas, uma vez mais fazendo crer sê-lo:

"Eu que reconheço a inferioridade física do meu sexo, não questiono que dela mesmo se ressinta, em vigor, a inteligência da mulher. Mas não é disso que me ocupo, não é essa a solução que procuro; a nada vem isso agora. Se eu tivesse muitos desejos de o profundar, não menos ambicionaria examinar anatomicamente o encéfalo do escritor de que me venho ocupando..." [grifos nossos]

Em contrapartida é em um jornal com uma existência já longeva, e considerável para a época em apreço³⁸, que um jornalista e escritor aponta como

³⁷ STRINDBERG, August. "De l'inferiorité de la femme [et comme corollaire de la justification de sa situation subordonnée selon des données dernières de la science]." In La Revue Blanche (Tome VIII, 1895, pp. 1-20). Genève: Slatkine Reprints, 1968. (Revue).

nefasta a emancipação das mulheres assumindo-se em um discurso misógino escudando-se nos ensaios de biólogos e antropólogos, mas baseando-se em argumentos tão falaciosos como costumeiros em desejar para a mulher o lugar ditado pelos manuais de civilidade, ou como, em *Carta de Guia de Casados*, no ano de 1650 afirmava D. Francisco Manuel de Melo:

"Nos cuidados e empregos dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também têm como nós entendimentos, e em que a alma não é macho, nem é fêmea, como alguma em seu favor alegava".³⁹

Já que afirma Gallis despudoradamente:

"Desgraçados dos homens e da sociedade, no momento em que se masculizassem as senhoras.

Ainda hoje recordo com indignação a noite em que ouvi uma senhora das minhas relações, discretear sobre política dizendo-se liberal da gema!!!

Felizmente que já era velha e feia, porque se fosse nova e bonita ter-me-ia lançado pela janela fora.

O verdadeiro encanto de uma senhora, é saber ser banal com graça e distinção".

³⁸ A CORRESPONDÊNCIA DO NORTE, Braga, a. 1, n, 1, 19 jun. 1880 - a. 27, n. 2335, 5 maio 1906 – proprietário Manuel Ribeiro de Carvalho; Director e Administrador Henrique Augusto Rouffe.

³⁹ MELO, Francisco Manuel de. *Carta de guia de casados*. Amadora: Ediclube, 1995. p. 73.

Retomando D. Francisco Manuel de Melo em tudo com ele concorda, em suma:

«Diz bem por isso o rifão: Do homem a praça, da mulher a casa.» 40

Sendo que 1650 (data da *Carta de Guia de Casados*) dista em muito da data em que o autor postula semelhantes princípios, sábado 25 de maio de 1895, dando por isso mesmo razão a Sílvia da Vinha ao insurgir-se contra o retrocesso das ideias que lera posicionando-se inequivocamente:

"Eu creio piamente, e nisso encontro razoável justificação aos erros que li com profundo asco, que o autor tem conhecido da mulher de hoje apenas a boçal e a rameira. Nem doutro modo se compreendem tão grosseiras como injustas apreciações.

E é de ver como o crítico exagera e encarece os defeitos da mulher, fazendo-a responsável deles e esquecendo que esses defeitos são os do seu século e a consequência imediata e fatal da má orientação de uma educação sobrecarregada e, aliás, insuficientíssima."

Muito mais haveria a discorrer, porém, noutra oportunidade será retomada a interlocução entre ambos os articulistas a propósito dos seus textos sobre "emancipação das mulheres" e da educação, já que são indissociáveis. Em modo de remate pode-se lembrar que quando se publica em maio o texto de

⁴⁰ MELO, 1995. p. 59.

Gallis, anunciava-se e promovia-se no mesmo periódico "A Arte de Viver em Sociedade", por Maria Amália Vaz de Carvalho, sendo que no mesmo número, e em pé de página, corria o folhetim *O Único Amor*, de Gilberto Vargas. Também aí se podia ler na página 2, em modo de anúncio:

"Liceu Nacional: Para os exames de instrução secundária entraram 363 requerimentos de alunos estranhos ao Liceu, sendo 336 do sexo masculino e 27 do sexo feminino."

Explícito, portanto, ao observado. Entre contos é só fazer acerto de contas.

O artigo de Alfredo Gallis, contra o qual Sílvia da Vinha se rebelou, foi publicado no periódico *A Correspondência do Norte*, um representante do jornalismo regional português, cuja edição bissemanal ocorreu entre 19 de junho de 1880 e 5 de maio de 1906⁴¹, na cidade de Braga, no distrito homônimo, na região do rio Cávado. Circulava, assim, ao norte de Portugal, região portanto próxima ao Porto, onde era editado o *Pontos e Vírgulas. A Correspondência do Norte* teve forte identificação partidária, chegando a apresentar-se como "folha progressista" e "órgão do centro progressista". Nesse sentido, fazia questão de confirmar "o credo professado", destacando "uma adesão constante aos princípios do partido sob a bandeira do qual" se alistara. Propunha-se à tarefa de pugnar pelos interesses de sua terra, concelho e distrito, "com a boa vontade que

⁴¹ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 2. p. 218.

sempre" dispensara "aos assuntos mais e menos importantes da sua administração, do seu engrandecimento, do seu progresso, da sua civilização, enfim"⁴². O texto de Gallis ocupou a primeira página do periódico braguês e tinha o seguinte conteúdo.

##########

Há poucos meses o professor Strindberg da Sociedade Antropológica de Viena publicou em uma revista francesa um erudito e sábio artigo no qual demonstrou até a saciedade que os recursos intelectuais das mulheres são muito inferiores aos dos homens, frisando que podendo aquelas atingir a uma assimilação perfeita das ciências e das artes, raras vezes evidencia o gênio criativo. E em reforço dos seus argumentos cita o caso de não existir uma única ópera composta por maestra, apesar de haver na Europa senhoras que conhecem a fundo a arte musical. O número de mulheres escritoras e poetisas é muito resumido em comparação com o dos homens, embora existam bastante mulheres de fortuna e ilustração que poderiam com mais vantagem do que os homens cultivarem as belas letras.

Citando os trabalhos dos mais notáveis biologistas e antropologistas modernos que todos são concordes em considerarem a mulher um ser inferior, intelectualmente falando, Strindberg pregou-lhes uma destas desandas científicas que deixam as orelhas a arder.

⁴² A CORRESPONDÊNCIA DO NORTE, Braga, a. 11, n. 938, 4 jan. 1890, p. 1.

Algumas senhoras não gostaram de tal qualidade de ciência e madame Chéliga Loevy⁴³, uma boa velhota polaca, muito ilustrada, e que reside em Paris há bastantes anos, realizou uma conferência destinada a rebater os argumentos do sábio austríaco. O seu discurso calorosamente aplaudido pelo numeroso auditório de saias que a escutava, não resolveu coisa alguma de útil e de apreciável, a não ser em igualdade de circunstâncias de trabalho, tanto se deve pagar ao trabalhador como à trabalhadora.

Alguns homens que assistiram à conferência, dispondo da mais fina e esmerada educação, aplaudiram a conferente dentro da sala, e riram dela a bandeiras despregadas nos clubes e no bulevar.

Paris, a terra onde a mulher é a primeira das atrações e o abismo mais sedutor aberto à fragilidade do homem, onde as "cocotes" estadeiam luxo de princesas e as bailarinas da ópera fazem dar volta ao miolo dos príncipes russos e dos milionários ingleses, não pode tomar a sério a conferência da simpática dama polaca.

⁴³ Marya-Chéliga (1854-1927), escritora, teatróloga, pacifista, livre pensadora, feminista e ativista francesa, de origem polonesa. Fundou e dirigiu o "Théâtre-Féministe", apoiou a criação do "ICW - International Council of Women". Atuou como Secretária-Geral da "Union Universelle des Femmes" de Janeiro de 1890 a 1891 e foi também, durante esse período, editora do boletim mensal, de título homônimo, publicado pela organização. Marya Chéliga, nascida Maria Mirecka ficou conhecida também por Maria Czarnowska-Loevy e Maria Loevy, sobrenomes que adotou respectivamente nos dois casamentos. Usou também o pseudônimo Marya Szeliga. www.jstor.org/stable/10.7829/j.ctt2jbmjm.142. acessado a 13 de maio de 2021.

Filosoficamente falando a mulher é a mais bela e deliciosa das futilidades que a natureza criou para tormento e alegria do homem.

Só ela reúne em si e ao mesmo tempo a expressão do agradável e do tedioso!!

No período platônico do amor, quantas asneiras, quantas banalidades, quantas ilusões e quantos desvarios se não praticam para conquistar a posse da mulher amada?

Realizado esse desejo ardente e intranquilo, quantos bocejos, quantos enfados, quanta nostalgia da vida de solteiro e quanto insipidez não possui o espírito do homem no afã nevrótico de ambicionar novas sensações e novos sentimentos?

Eu bem sei que há amorfos, mas esses são os banais que, seguindo apenas os impulsos da natureza, não têm ideais, nem aspirações, nem poesia, nem lirismo, nem coisa alguma de mais elevado e romântico dentro do cérebro e fora das chinelas de tapete do que o chá caseiro com as torradinhas de praxe.

Desgraçados dos homens e da sociedade, no momento em que se masculinizassem as senhoras.

Ainda hoje recordo com indignação a noite em que ouvi uma senhora das minhas relações, dissertar sobre política, dizendo-se liberal da gema!!

Felizmente que já era velha e feia, porque se fosse nova e bonita ter-me-ia lançado pela janela fora.

O verdadeiro encanto de uma senhora é saber ser banal com graça e distinção.

Enquanto a natureza não nos fornecer outra coisa que como ela nos atraia o coração, o espírito, as vistas, os desejos e a fantasia, a mulher há de ser sempre o mais inútil, perigoso e adorado bibelô da nossa existência, que sendo inferior a nós, é, no entanto, quem nos domina e por causa de quem praticamos as mais supinas e admiráveis tolices.

Como é que uma deputada regeneradora, bonita, elegante, de bela plástica e sadias cores, não conseguiria a mais sincera das reconciliações com o seu adversário progressista, se nos corredores das câmaras lhe dissesse duas palavras amáveis?

E no momento em que a mulher intervisse nos atos gerais da marcha social, o que nos restava para amenizar as horas de amargura que esses atos nos custam?

Diz a mitologia que Baco conquistou as Índias, apresentando ao inimigo a sua vanguarda composta de deliciosas bacantes em plena nudez, e com os cabelos soltos ao vento.

Os invadidos renderam-se todos com armas e bagagens.

E no século presente qual seria o coração desumano capaz de dar um tiro em uma gentil oficial de lábios de carmim e acetinada cútis?

Para que a mulher pudesse igualar-nos era preciso que a natureza resolvesse primeiro a modificar-lhe o aspecto.

Enquanto ela nos apresentar o cetinoso das suas depiladas carnes, a suavidade do seu olhar, as curvas sugestivas das suas formas, a pequenez do pé e da mão, as seduções do colo, o som mavioso da voz e a beleza angelical do rosto, ela permanecerá sempre, numa certa classe social, como sendo a boneca amada que o homem requesta, ama, enfeita, para seu tormento o mais cruel e para os seus prazeres mais belos.

Toda a arte e bom senso do homem deve consistir, porém, em não se deixar empolgar pelas douradas garras destes deliciosos abutres com formas de pomba, desde a mais casta que nos rouba a liberdade pelo casamento, até a mais impudica, que nos absorve o dinheiro, a tranquilidade do espírito, a saúde e, às vezes, a honra e a dignidade na teia sutil dos seus encantos e das suas seduções.

Livres destes traiçoeiros penhascos do mar da existência, a mulher é para nós o mais sublime dos encantos, e a mais fina e delicada joia para a qual são sempre poucas todas as frases amáveis, todas as distinções, todos os carinhos, todas as joias e flores, sedas e veludos, rendas e perfumes, contanto que ela não tenha direitos sobre nós nem nos caiba a restrita obrigação de a aturar por força durante a curta viagem da vida.

É assim que eu as considero, amo e respeito, tendo sempre tido o bom senso de lhes escapar por entre os dedos como um safio ao sair da rede... E como a coisa já lá vem de trás, como dizia o Mané Coco, a mulher é e há de ser sempre essa maravilhosa sereia encantadora e formosa, enquanto a sua vida se resume a pescar corações incautos do alto do terraço alabastrino do fantástico palácio das suas aspirações; e o ser mais respeitável da criação e mais digno do respeito dos homens, quando o santo nome de mãe a inclina no berço onde dorme o filho, tornando-se assim a mais zelosa e querida vigilante dos destinos da humanidade.

Alfredo Gallis



$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A emancipação das mulheres

Subordinado a esta epígrafe, insere a *Correspondência do Norte* um artigo que se impôs grandemente à minha admiração, quando mais não fosse, pelo extraordinário retrocesso das suas ideias.

Aferida à mulher, em geral, pela *cocote* do *boulevard* ou pela bailarina da ópera, o autor compraz-se em entornar por uma suja tela as sombrias tintas de uma pintura mentida, em espraiar-se por uma lógica aviesada, que vem, inconscientemente, servir os interesses daquelas que ousam respirar um pouco acima do pântano em que as atuais convenções sociais pretendem sufocar-lhes as legítimas aspirações de emancipação.

Foi com infinita dor, com uma comiseração sentidíssima, que eu lamentei incomparavelmente mais a superioridade intelectual do supracitado autor do artigo, do que a tão decantada inferioridade da mulher... Que pena eu tive desse ser superior, vendo-o, a ele, tão altivo! curvado, humilhado, vencido, perante esse bibelot caprichoso, perante essa galante nulidade, rastejar pela adulação, conspurcar-se pela mentira, rojar-se em holocausto à "beleza sem alma, ou até à licença sem beleza", à falta de compreender um ideal melhor!... Quanto mais não admiro eu a mulher que eleva as ideias e os sentimentos acima do tremedal em que ele quisera afundar-lhe a alma!

Eu creio piamente, e nisso encontro razoável justificação aos erros que li com profundo asco, que o autor tem conhecido da mulher de hoje apenas a boçal e a rameira. Nem doutro modo se compreendem tão grosseiras como injustas apreciações.

E é de ver como o crítico exagera e encarece os defeitos da mulher, fazendo-a responsável deles e esquecendo que esses defeitos são os do seu século e a consequência imediata e fatal da má orientação de uma educação sobrecarregada e, aliás, insuficientíssima.

Eu que reconheço a inferioridade física do meu sexo, não questiono que dela mesmo se ressinta, em vigor, a inteligência da mulher. Mas não é disso que me ocupo, não é essa a solução que procuro; a nada vem isso agora. Se eu tivesse muitos desejos de o profundar, não menos ambicionaria examinar anatomicamente o encéfalo do escritor de que me venho ocupando...

Esse ser que ele amesquinha só tem, a seu ver, uma fase apreciável – a maternidade. ainda bem que me poupa a argumentos e vem incautamente provar que a mulher de quem ele se gloria de fugir, como o safio ao escapar da rede, não é a futilidade que ele afirma. Ainda bem que reconhece, apesar de tardiamente, o sacerdócio que ela faz dos seus deveres, apenas iniciada neles.

Pois bem: arranque-se a mulher ao círculo esmagador do convencionalismo servil e estúpido em que ela se debate; eduque-se; ilustre-se; abram-se-lhe amplos horizontes à inteligência; deixe-se que livremente ela alie aos seus dotes intelectuais a superior percepção de que dispõe, a sua

incontestável e elevadíssima intuição do grande; deem-se-lhe grandiosos fins que lhe polarizem as ideias e ver-se-á a mulher cingida de uma nova e maravilhosa auréola.

É àqueles que, com fumaças de eruditos, pretendem ridicularizá-la que eu lembro como a mulher se exaltou, como atingiu o sublime, na grande epopeia do martirológio cristão. Companheira inseparável de todos os desgraçados, ela que era débil para a lua, foi forte e valorosa para o sofrimento. Compreendida todas as dores, adivinhava todos os perigos: era a imagem viva do conforto; a misteriosa encarnação da providência. Nunca houve sacrifício que a fizesse recuar, nem penoso dever que a intimidasse. Era à cabeceira do enfermo, à porta da cabana do pobre, guardando os vasos sagrados, chupando o sangue das feridas dos mártires, dando-lhe piedosamente sepultura às cinzas que ela se encontrava.

E na hora da provação, quando os perseguidores da sua lei a conduziam à morte, ela sorria ao tormento. No meio das chamas, relanceava olhos compassivos pelos seus verdugos e orava por eles, pelos bárbaros, que não sabiam o que faziam.

Eis um prisma porque talvez nunca o autor do artigo encarasse a mulher. Foi-se pela ignorância e colheu-lhe apenas a secreção da alma — os erros, os vícios. As virtudes, acalcanho-as.

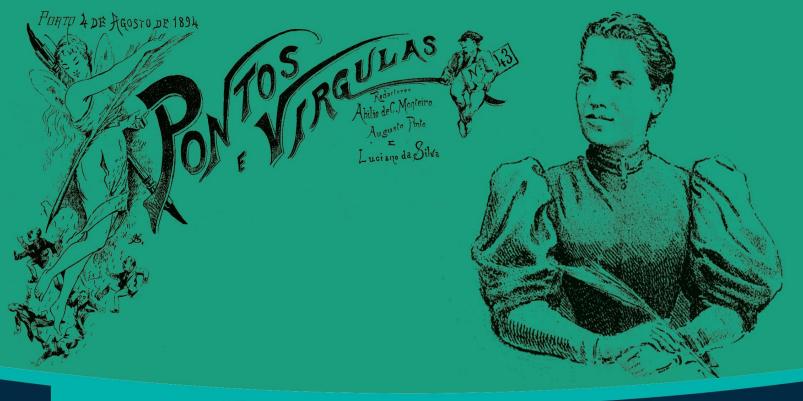
Creio bem que desta superioridade de intelecto, deste primor de observação não culpará ele também a mulher...

Sílvia da Vinha

(PONTOS E VÍRGULAS, Porto, a. 2, n. 35, 1º jun. 1895, p. 2-3)



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-89557-14-2